

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

EDUARDO HENRIQUE GOROBETS MARTINS

As histórias mexicas coloniais: concepções de tempo e espaço
(1530-1608)

Versão corrigida

São Paulo
2018

EDUARDO HENRIQUE GOROBETS MARTINS

As histórias mexicas coloniais: concepções de tempo e espaço
(1530-1608)

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Natalino dos Santos

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M379h Martins, Eduardo Henrique Gorobets
 As histórias mexicas coloniais: concepções de tempo
 e espaço (1530-1608) / Eduardo Henrique Gorobets
 Martins ; orientador Eduardo Natalino dos Santos. -
 São Paulo, 2018.
 201 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. História indígena. 2. História da América
colonial. 3. Códices Mexicas. 4. Calendário
mesoamericano. 5. Concepções de tempo e espaço. I.
Santos, Eduardo Natalino dos, orient. II. Título.

Dedico este trabalho ao meu pai e à minha mãe, Sérgio e Simara, e ao Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA/USP), com carinho e gratidão por tudo o que me ensinaram.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi escrita com base em aprendizados e apoios de diversos níveis, sem os quais este trabalho não teria sido realizado. Há várias instituições e pessoas que foram fundamentais para a construção e recorrente transformação do meu percurso enquanto historiador e ser humano durante estes anos de mestrado. A elas presto meus mais profundos agradecimentos.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Ao meu orientador, Eduardo Natalino dos Santos, por todo o aprendizado ao longo destes anos: pelas disciplinas, pelos grupos de pesquisa, pelas críticas e por todo o apoio na realização deste trabalho. Sem seus incentivos e sua dedicada orientação seria impossível ter feito essa pesquisa.

Aos professores Federico Navarrete Linares, Pedro Paulo Salles, Leila Maria França, Ana Guadalupe Díaz Álvarez e Camila Loureiro Dias pelas leituras atentas do meu trabalho nas bancas de qualificação e defesa e pelos comentários e sugestões que auxiliaram a escrita da dissertação.

Aos professores Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron, Fernanda Arêas Peixoto, Ana Guadalupe Díaz Álvarez, Benjamin D. Johnson, Leila Maria França e Manuel Hermann Lejarazu, agradeço pelas discussões promovidas ao longo das disciplinas e sugestões para esta pesquisa.

Aos coordenadores, pesquisadores e colegas do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA/USP), agradeço pelo compartilhamento de conhecimentos, tarefas, angústias, expectativas, tristezas e alegrias. Muito obrigado por trabalhar com vocês nesses anos: Eduardo Natalino dos Santos, Pedro Paulo Salles, Cristiana Bertazoni, Leila Maria França, Márcia Arcuri, Ana Cristina de Vasconcelos Lima, Carla de Jesus Carbone, Daniela La Chioma Silvestre, Daniel Pacheco, Fernando Pesce, Tonne de Andrade, Maria Luisa Vieira, Fernanda Bombardi, Julia Vieira, Charles Bosworth, Pedro Paulo Uras, Márcio Figueiredo e Raimundo Marques.

Aos organizadores e coordenadores de simpósios temáticos do *VIII Colóquio História e Arqueologia da América Indígena* (CEMA-USP, São Paulo, 2016) do *XXIX Seminário Nacional de História* (UNB, Brasília, 2017) e do *I Congresso de América Colonial* (UNICAMP, Campinas, 2017), pela oportunidade de apresentar trabalhos e discutir ideias que foram ocasionalmente incorporadas nesta dissertação.

A meus parentes, amigos e colegas com os quais dividi inúmeros momentos de felicidade, desabafos e experiências, que foram transformados pelo apoio, conselhos, conversas e momentos de decompressão: vó Telma, vô Joaquim, tia Suzy e primo Igor, João Victor Rosa, Matheus Augusto da Silva, Luis Henrique Ferreira Mello, André Porto, Priscila Marques, Renan Siqueira, Julio Barbosa, Renan Vicente de Andrade, Mariana Teixeira, Eduardo Morais Machado, Diego Campos Franco, Isabella Amatucci, Luiz Octávio Ancona, Gustavo Velloso e Luma Prado. Agradeço, ainda, a Letícia Costa pelo compartilhamento mais profundo das vivências de mestrado, pelas conversas e conselhos sinceros, pela empatia e pelas risadas.

Agradeço especialmente a Ana Cristina de Vasconcelos Lima, pela leitura, revisão e sugestões realizadas ao longo da finalização desta dissertação. Mais do que isso, sua parceria foi imprescindível para a realização dessa pesquisa, desde o início. Obrigado por estar sempre presente para dividir angústias, alegrias, realizações e planos. Agradeço pelo intercâmbio contínuo de conhecimentos e, de forma mais geral, por simplesmente fazer parte da minha vida ao longo desses anos de graduação e mestrado.

A Pedro Sávio Jobim, pelo carinho e parceria nessa reta final, por compreender e me apoiar nas dificuldades de finalização da dissertação. Agradeço pelos conselhos, pela paciência e pelos incentivos dados.

Agradeço aos santos, deuses e orixás dos panteões cristão, mesoamericano e umbandista, para os quais pedi proteção ao longo de todo este trabalho.

Por fim, agradeço aos meus pais, Sérgio Martins e Simara Gorobets, pelo amor e apoio incondicionais presentes ao longo da minha vida e, conseqüentemente, durante a realização deste trabalho. Agradeço pelos inúmeros conselhos e broncas, pelos diversos momentos de apoio e de carinho. Dedico este trabalho a vocês como ínfima parcela de retribuição a todo o amor e conhecimento que me foi e ainda é proporcionado.

Nican ycuihuhtica yn itlatollo y mexica.
Aqui está escrita a história dos mexicas.
(CÓDICE AUBIN, 1576-1608)

RESUMO

MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. **As histórias mexicas coloniais: concepções de tempo e espaço (1530-1608)**. 2018. 201 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

O objetivo desta dissertação é entender as concepções de tempo e espaço presentes nos códices mexicas produzidos no período colonial inicial, entendendo-as como parte das concepções de história desse povo. Para alcançar esse objetivo foram analisadas centralmente as representações de calendário e lugares políticos e de paisagem em cinco narrativas históricas contidas nos códices mexicas produzidos durante os séculos XVI e início do XVII: *Boturini*, *Mendoza*, *Aubin*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*, manuscritos compostos por textos pictográficos e alfabéticos, produzidos pelas elites mexicas e seus descendentes, a partir de demandas nativas, castelhanas e missionárias. As representações temporais e espaciais levantadas nas narrativas foram cotejadas com exemplos de origem pré-hispânica, contidos nos códices mixtecos e nos monumentos e gravados em pedra mexicas, com a finalidade de inferir possíveis relações com permanências e transformações das concepções de tempo e espaço dos mexicas durante o período colonial inicial. O entendimento desse conjunto de concepções, centrados nas representações de calendário e de lugares políticos e de paisagem contidas nas narrativas históricas mexicas, pode contribuir para compreender como as elites mexicas e seus descendentes concebiam sua própria história após a conquista castelhana.

Palavras-chave: História indígena. História da América colonial. Códices mexicas. Calendário mesoamericano. Concepções de tempo e de espaço.

ABSTRACT

MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. **The Colonial Mexica's Histories: Conceptions of Time and Space (1530-1608)**. 2018. 201 f. Thesis (M.A.) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This Master thesis aims to comprehend the conceptions of time and space in the colonial Mexica or Aztec codices, assuming them as part of the Mexica's conceptions of history. To achieve this objective, the representations of calendar signs, political and landscape places were centrally analyzed in five historical narratives from Mexica codices produced during the 16th and early 17th centuries: *Boturini*, *Mendoza*, *Aubin*, *Vaticano A* and *Manuscrito 40*. These manuscripts produced by the Mexica's elites and their descendants, based on native, Castilian and missionary demands were composed by pictographic and alphabetical texts. The time and space representations were analyzed and compared to pre-Hispanic samples at Mixtec codices and Mexica's stone monuments, for the purpose of infer the possible relations of persistence and transformation on the Mexica's conceptions of time and space during the early colonial period. The comprehension of this set of conceptions, centrally on the representations of calendar signs, political and landscape places, may contribute to understand how the Mexica's elites and their descendants conceived their own history after the Castilian conquest.

Keywords: Indigenous History. Colonial American History. Mexica's Codices. Mesoamerican Calendar. Conceptions of time and space.

RESUMEN

MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. **Las historias mexicas coloniales: concepciones de tiempo e espacio (1530-1608)**. 2018. 201 f. Tesis (Maestría) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

El objetivo de esta tesis es comprender las concepciones de tiempo y espacio en los códices mexicas producidos en el período colonial temprano, entendiéndolas como parte de las concepciones de historia de ese pueblo. Para alcanzarlo fueron analizadas las representaciones del calendario y de lugares políticos y de paisaje en cinco narrativas históricas de códices mexicas del siglo XVI y de principios del siglo XVII: *Boturini*, *Mendoza*, *Aubin*, *Vaticano A* y *Manuscrito 40*, manuscritos compuestos por textos pictográficos y alfabéticos, producidos por las élites mexicas y sus descendientes, desde demandas nativas, castellanas y misionarias. Las representaciones temporales y espaciales analizadas en las narrativas fueron cotejadas con ejemplos de origen prehispánico, presentes en los códices mixtecos y en los monumentos y grabados en piedra mexicas, a fin de inferir posibles relaciones con permanencias y transformaciones de las concepciones de tiempo y espacio de los mexicas durante el período colonial temprano. El entendimiento de ese conjunto de concepciones, centrado en las representaciones del calendario y de lugares políticos y de paisaje presentes en las narrativas históricas mexicas, puede contribuir para comprender cómo las élites mexicas y sus descendientes concebían su propia historia después de la conquista castellana.

Palabras-clave: Historia indígena. Historia de la América Colonial. Códices mexicas. Calendario mesoamericano. Concepciones de tiempo y espacio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.1 O início da migração mexicana com a saída de Aztlan. *Boturini*, fls. 1 e 2.....43
- Figura 1.2 Fólio com texto pictográfico e glosas em castelhano (à esquerda) e fólio com texto alfabético em castelhano (à direita), nos quais são representados o *tlatoani* mexicana Tizoc e os *altepeme* conquistados durante os cinco anos de seu governo, entre outras informações. *Mendoza*, fls. 12r e 12v.....44
- Figura 1.3 Fólios que apresentam, da esquerda para a direita, a) estadia dos mexicanos em vários lugares ao longo de sua migração, b) conquista de lugares, morte e ascensão de *tlatoque* mexicanos, e c) acontecimentos ocorridos após a conquista castelhana. *Manuscrito 40*, fls. 6r, 11v e 19r.....46
- Figura 1.4 Fólios que apresentam, da esquerda para a direita: a) trecho da migração mexicana, b) as conquistas mexicanas, ocorridas após a fundação de México-Tenochtitlan, e c) acontecimentos ocorridos após a conquista castelhana. *Vaticano A*, fls. 69r, 80v, 92r.....47
- Figura 1.5 Fólios com textos pictográficos e alfabéticos em nahuatl, retratando três momentos da narrativa, da esquerda para a direita: a) estadia dos mexicanos em Ecatepec por quatro anos, durante o período da migração; b) início do governo do *tlatoani* mexicana Huitzilhuitl, c) acontecimentos ocorridos após a conquista castelhana. *Aubin*, fls. 21, 56 e 98.....49
- Figura 2.1 Exemplos de representações pictográficas dos dias do *tonalpohualli* destacadas na cor vermelha nos códices mixtecos pré-hispânicos. Esquerda: dias 8 punhal de pedernal e 7 águia. Direita: dias 1 jacaré, 7 flor, 6 flor e 1 águia. *Vindobonensis*, p. I ou fl. 53. *Zouche Nuttall*, fl. 5r.54
- Figura 2.2 Trezena do *tonalpohualli*, representando os dias de 1 *cipactli* (1 jacaré) até 13 *acatl* (13 junco) por meio de glifos no códice *Vaticano A*. Os dias do *tonalpohualli* que configuram a sequência do Quadro 2.1 estão destacados na cor preta e são acompanhados por textos alfabéticos em italiano, abaixo das sequências de glifos. *Vaticano A*, fls. 13v-14r.....55
- Figura 2.3 Exemplos de dois fólios do códice *Vaticano A* que tratam de duas vintenas do *xiuhpohualli*, *Atlcahualo* e *Tlacaxipehualiztli*. *Vaticano A*, fls. 42v e 43r.58
- Figura 2.4 Exemplos de representações pictográficas dos anos do *xiuhmolpilli* destacadas na cor vermelha nos códices mixtecos pré-hispânicos. Esquerda: anos 7 punhal de pedernal 6 punhal de pedernal. Direita: anos 1 junco, 5 punhal de pedernal, 9 punhal de pedernal, 9 casa, 2 junco e 2 coelho. *Vindobonensis*, p. I ou fl. 53. *Zouche Nuttall*, fl. 5r.....60

Figura 2.5	Exemplos de representações pictográficas dos anos do <i>xiuhmolpilli</i> nos monumentos com gravados em pedra mexicas. Esquerda: representações dos anos 1 <i>tochtli</i> (1 coelho) e 2 <i>acatl</i> (2 junco) destacadas na cor vermelha. Direita: representação do ano 8 <i>acatl</i> (8 junco), localizada na parte centro-inferior. <i>Teocalli de la guerra sagrada</i> e <i>Estela comemorativa de dedicação do Templo Mayor</i> (MNA, México).....	61
Figura 2.6	Sequência de 52 anos do <i>xiuhmolpilli</i> . <i>Aubin</i> , fls. 16-23.....	63
Figura 2.7	Representações do ano 2 <i>acatl</i> (2 junco) do <i>xiuhmolpilli</i> em monumentos mexicas pré-hispânicos. <i>Xiuhmolpilli</i> (MNA, México) e <i>Altar do ciclo calendário de 52 anos</i> (Coleção Fundación Televisa).....	65
Figura 2.8	Exemplos do glifo de corda com nó representando o <i>xiuhmolpilli</i> em composição com o glifo <i>acatl</i> nas histórias mexicas. <i>Aubin</i> , fl. 17. <i>Boturini</i> , fl. 10. <i>Mendoza</i> , fl. 2r.....	66
Figura 2.9	Exemplos do glifo <i>xiuhmamalhuaztli</i> . <i>Boturini</i> , fl. 6. <i>Mendoza</i> , fl. 15v. <i>Vaticano A</i> , fl. 73r. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 14v. <i>Aubin</i> , fl. 11.....	66
Figura 2.10	Sentido de leitura em um par de fólhos do códice <i>Vindobonensis</i> . No esquema, localizado abaixo, as setas indicam o sentido de leitura. Foram destacadas as linhas vermelhas horizontais e os anos (por meio da letra “A”), representadas no par de fólhos. <i>Vindobonensis</i> , fls. I-II (ou 53-54).....	67
Figura 2.11	Exemplos de proporção aproximada entre os anos do <i>xiuhmolpilli</i> e outros tipos de representações nos códices mexicas coloniais. <i>Boturini</i> , fl. 11. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 17v.....	70
Figura 2.12	Exemplos de proporção menor dos anos do <i>xiuhmolpilli</i> em relação a outros tipos de representações nos códices mexicas coloniais. <i>Boturini</i> , fl. 1. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 8r.....	71
Figura 2.13	Exemplos de anos do <i>xiuhmolpilli</i> . À esquerda: <i>Boturini</i> , fl. 6; <i>Mendoza</i> , fl. 2r; <i>Vaticano A</i> , fl. 73v; <i>Aubin</i> , fl. 15. À direita: <i>Manuscrito 40</i> , fl. 5v.....	72
Figura 2.14	Exemplos do glifo <i>calli</i> (casa) nos anos do <i>xiuhmolpilli</i> . <i>Piedra del Sol</i> (MNA, México), códices <i>Boturini</i> , fl. 6. <i>Mendoza</i> , fl. 2r. <i>Aubin</i> , fl. 15. <i>Vaticano A</i> , fl. 73v. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 5v.....	74
Figura 2.15	Exemplos do glifo <i>tochtli</i> (coelho) nos anos do <i>xiuhmolpilli</i> . <i>Teocalli de la Guerra Sagrada</i> (MNA, México), códices <i>Boturini</i> , fl. 6. <i>Mendoza</i> , fl. 2r. <i>Aubin</i> , fl. 15. <i>Vaticano A</i> , fl. 73v. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 5v.....	75
Figura 2.16	Exemplos do glifo <i>tecpatl</i> (punhal de pedernal) nos anos do <i>xiuhmolpilli</i> . <i>Urna Funerária</i> (MNA, México), códices <i>Boturini</i> , fl. 6. <i>Mendoza</i> , fl. 2r. <i>Vaticano A</i> , fl. 73v. <i>Aubin</i> , fl. 15. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 5v.....	76

Figura 2.17	Exemplos do glifo <i>acatl</i> (junco) nos anos do <i>xiuhmolpilli</i> . <i>Teocalli de la Guerra Sagrada</i> (MNA, México), códices <i>Boturini</i> , fl. 6. <i>Mendoza</i> , fl. 2r. <i>Aubin</i> , fl. 15. <i>Vaticano A</i> , fl. 73v. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 5v.....	77
Figura 2.18	Glifo que marca o <i>xiuhmolpilli</i> por meio da representação de um feixe de juncos (destacados em vermelho). <i>Aubin</i> , fl. 57. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 10r.....	78
Figura 2.19	– Glifos de numerais, à esquerda (com laço) e centro (sem laço), e glifo de nó associado ao ano 2 <i>acatl</i> , à direita – todos os glifos estão destacados em vermelho. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 4r. <i>Aubin</i> , fl. 141. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 12r.....	79
Figura 2.20	Dia 1 <i>ehecatl</i> (1 vento) do <i>tonalpohualli</i> (destacado em preto). <i>Vaticano A</i> , fl. 89r.....	82
Figura 2.21	Representações de vintenas do <i>xiuhpohualli</i> nos fôlios 89r e 89v do códice <i>Vaticano A</i> (destacadas em preto). <i>Vaticano A</i> , fl. 89r e 89v.....	83
Figura 2.22	Representações dos cartuchos de ano com tamanhos diferentes durante os períodos da migração, imperial e colonial. <i>Manuscrito 40</i> , fls. 6r, 9r e 17v.....	95
Figura 2.23	Exemplo do bloco de 4 anos nos códices <i>Aubin</i> , <i>Manuscrito 40</i> e <i>Boturini</i> , destacando a estadia dos mexicas em Xaltocan (em vermelho no <i>Manuscrito 40</i> e <i>Boturini</i>). <i>Aubin</i> , fl. 19. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 6r. <i>Boturini</i> , fl. 11.....	96
Figura 2.24	Sentido de leitura em um códice de origem pré-hispânica. <i>Vindobonensis</i> , fls. I-VI (ou 53-58).....	97
Figura 2.25	Sentido de leitura em um códice colonial. <i>Boturini</i> , fls.6-11.....	97
Figura 2.26	Narrativa da migração no códice <i>Boturini</i> , com setas vermelhas indicando o sentido de leitura. <i>Boturini</i> , fls. 1-22.....	98
Figura 2.27	Interrupção da conta dos anos nos códices <i>Aubin</i> e <i>Manuscrito 40</i> para representar a fundação de México-Tenochtitlan. <i>Aubin</i> , fls. 46-48. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 8r.....	101
Figura 2.28	Continuidade da conta dos anos nos códices <i>Vaticano A</i> e <i>Mendoza</i> em relação à representação da fundação de México-Tenochtitlan. <i>Vaticano A</i> , fl. 73v. <i>Mendoza</i> , fl. 2r.....	101
Figura 2.29	Exemplo dos padrões de disposição das representações de anos durante a narrativa do período imperial. <i>Aubin</i> , fl. 72. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 13r. <i>Vaticano A</i> , fl. 87r.....	103
Figura 2.30	Narrativa do período imperial dividida pela duração dos governos dos <i>tlaoque</i> mexicas. <i>Mendoza</i> , fls. 1r-16v.....	104
Figura 2.31	Interrupção da conta dos anos nos códices <i>Aubin</i> e <i>Manuscrito 40</i> para representar a conquista castelhana. Códice <i>Aubin</i> , fls. 82-86. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 15r.....	106

Figura 2.32	Exemplo dos padrões de disposição das representações de anos durante a narrativa do período colonial nos códices <i>Aubin</i> , <i>Manuscrito 40</i> e <i>Vaticano A</i> . <i>Aubin</i> , fl. 100. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 16v. <i>Vaticano A</i> , fl. 92r.....	109
Figura 3.1	Representação dos quatro rumos do espaço horizontal mesoamericano e seus elementos e entes qualificadores. <i>Fejérváry-Mayer</i> , fl. 1.....	118
Figura 3.2	Exemplo de representação do quincunce em alto relevo no Palácio de Quetzalpapalotl, em Teotihuacan (México). Foto: Wolfgang Sauber (Wikicommons), 2008.....	121
Figura 3.3	Exemplo de glifo toponímico de México-Tenochtitlan com função etnômica. <i>Mendoza</i> , fl. 4v.....	124
Figura 3.4	Sequência de glifos toponímicos representando 31 conquistas do governante mixteco Oito Veado Garra de Jaguar (acima), com destaque para o primeiro glifo toponímico representado na sequência – localizado no fôlio mais à direita, no canto direito inferior (abaixo). <i>Zouche Nuttall</i> , fls. 71-73.	125
Figura 3.5	Comparação do tamanho dos lugares de conquista com a representação de Tilantongo. <i>Zouche Nuttall</i> , fls. 71 e 42.	126
Figura 3.6	<i>Pedra de Tizoc</i> , exemplo de monumento mexicana com representações toponímicas – destacadas em vermelho, abaixo (INAH – MNA)	127
Figura 3.7	Exemplo de representação toponímica com a função de lugar fundacional de México-Tenochtitlan em um monumento em pedra mexicana pré-hispânica. <i>Teocalli de la guerra sagrada</i> (MNA, México).	129
Figura 3.8	Representação de Chicomoztoc ou o <i>Lugar das Sete Cavernas</i> . <i>História Tolteca-Chichimeca</i> , fl 16r.	130
Figura 3.9	Representações de Chicomoztoc e Tula. <i>Vaticano A</i> , fl. 66v. <i>Boturini</i> , fl. 7..	131
Figura 3.10	Representação do <i>quincunce</i> na fundação de México-Tenochtitlan. <i>Mendoza</i> , fl. 2r.....	133
Figura 3.11	Representação do <i>quincunce</i> . <i>Aubin</i> , fl. 2.....	136
Figura 3.12	Representação de Aztlán. <i>Boturini</i> , fl. 1.....	144
Figura 3.13	Representação de Aztlán. <i>Aubin</i> , fl. 3.....	145
Figura 3.14	Representação de Chicomoztoc. <i>Vaticano A</i> , fl. 66v.....	146
Figura 3.15	Representação do encontro dos mexicanos com outros povos e de outros eventos após a passagem em Colhuacan. <i>Boturini</i> , fls. 1-4.....	149
Figura 3.16	Representações de Colhuacan sem grande destaque narrativo (em vermelho). <i>Manuscrito 40</i> , fl. . <i>Vaticano A</i> , fl. 67r.....	151

Figura 3.17	Representações de Tolpetlac, lugar de passagem na migração mexicana. <i>Boturini</i> , fl. 12. <i>Vaticano A</i> , fl. 69r.....	153
Figura 3.18	Representações de Tolpetlac, lugar de passagem na migração mexicana. <i>Aubin</i> , fl. 22. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 6r.....	154
Figura 3.19	O glifo toponímico de México-Tenochtitlan (destacado em preto). <i>Aubin</i> , fl. 48. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 8r. <i>Mendoza</i> , fl. 2r. <i>Vaticano A</i> , fl. 73v.....	158
Figura 3.20	Representação da fundação de México-Tenochtitlan, no códice <i>Aubin</i> . Ao lado, glifos toponímicos do <i>altepetl</i> mexicana nos códices <i>Manuscrito 40</i> , <i>Mendoza</i> e <i>Vaticano A</i> . <i>Aubin</i> , fl. 48. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 8r. <i>Mendoza</i> , fl. 2r. <i>Vaticano A</i> , fl. 73v.....	159
Figura 3.21	Representação da fundação de México-Tenochtitlan. <i>Mendoza</i> , fl. 2r.....	162
Figura 3.22	Representação de acontecimentos relacionados de maneira subsumida ou implícita a México-Tenochtitlan (destacados em vermelho). <i>Vaticano A</i> , fl. 82r. <i>Aubin</i> , fl. 67. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 11v.	166
Figura 3.23	Exemplos de glifos de conquista compostos com glifos toponímicos durante o período imperial nos códices <i>Mendoza</i> , <i>Manuscrito 40</i> , <i>Aubin</i> e <i>Vaticano A</i> , da esquerda para a direita. <i>Mendoza</i> (fl. 10r), <i>Manuscrito 40</i> (fl. 13r), <i>Aubin</i> (fl. 76) e <i>Vaticano A</i> (fl. 84v)..	167
Figura 3.24	Representação da conquista de México-Tlatelolco. <i>Mendoza</i> , fl. 10r.....	170
Figura 3.25	Representação da conquista de México-Tlatelolco. <i>Vaticano A</i> , fl. 80v.....	171
Figura 3.26	Representação do templo de México-Tenochtitlan, durante a conquista castelhana. <i>Aubin</i> , fl. 81. <i>Manuscrito 40</i> , fl. 15r. <i>Vaticano A</i> , fl. 89r.....	176
Figura 3.27	Representação de acontecimento relacionado de maneira subsumida ou implícita a México-Tenochtitlan (destacado em vermelho). <i>Manuscrito 40</i> , fl. 16r.....	176
Figura 3.28	Representação de trabalhadores indígenas retornando a México-Tenochtitlan. <i>Vaticano A</i> , fl. 93r.....	178

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 A Códices mexicas coloniais produzidos nos séculos XVI e início do XVII.....	38
Quadro 1.1 B Códices mexicas coloniais produzidos nos séculos XVI e início do XVII.....	39
Quadro 1.2 Grupos dos códices mexicas coloniais segundo suas principais características.....	40
Quadro 2.1 Exemplo de sequência dos dias no <i>tonalpohualli</i>	53
Quadro 2.2 As dezoito vintenas do <i>xiuhpohualli</i>	56
Quadro 2.3 Ciclo de 52 anos do <i>xiuhmolpilli</i>	59
Quadro 3.1 Nomes dos quatro ramos e do centro.....	120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADV/ADEVA	Akademische Druck-und Verlagsanstalt
CIESAS	Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social
COLMEX	El Colégio de México
CONACyT	Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (México)
Edusp	Editora da Universidade de São Paulo
FAMSI	Foundation for the Advancement of Mesoamerican Studies, Inc
FCE	Fondo de Cultura Económica
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)
FFyL	Facultad de Filosofía y Letras (UNAM)
FHA	Fideicomiso Historia de las Américas
IIA	Instituto de Investigaciones Antropológicas (UNAM)
IIE	Instituto de Investigaciones Estéticas (UNAM)
IIH	Instituto de Investigaciones Históricas (UNAM)
INAH	Instituto Nacional de Antropología e Historia (México)
MNA	Museo Nacional de Antropología (México)
SEQC	Sociedad Estatal Quinto Centenario
UNAM	Universidad Nacional Autónoma de México
UNESP	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
UTP	University of Texas Press

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 – OS CÓDICES COLONIAIS MEXICAS	31
1.1 Características gerais dos códices coloniais mexicas	31
1.2 Fontes centrais da dissertação	42
<i>1.2.1 Códice Boturini ou Tira de la Peregrinación</i>	42
<i>1.2.2 Xiuhamatl do códice Mendoza</i>	43
<i>1.2.3 Manuscrito 40</i>	45
<i>1.2.4 Xiuhamatl do códice Vaticano A</i>	46
<i>1.2.5 Códice Aubin</i>	48
CAPÍTULO 2 – AS REPRESENTAÇÕES DE TEMPO, SUAS CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES NAS HISTÓRIAS MEXICAS COLONIAIS	51
2.1 Características gerais dos ciclos do sistema calendário mesoamericano presentes nos <i>xiuhamatl</i> coloniais mexicas	52
2.2 Continuidades e transformações das representações de tempo nas histórias mexicas coloniais	69
<i>2.2.1 As representações do <i>xiuhmolpilli</i> nas histórias coloniais mexicas</i>	69
<i>2.2.2 As representações dos ciclos <i>tonalpohualli</i> e o <i>xiuhpohualli</i></i>	81
<i>2.2.3 As representações do calendário cristão nas histórias mexicas coloniais</i>	87
2.3 – As representações do <i>xiuhmolpilli</i> como indicador do sentido de leitura das histórias e da definição dos períodos históricos narrados	91
<i>2.3.1 O período da migração</i>	93
<i>2.3.2 O período imperial</i>	99
<i>2.3.3 O período colonial</i>	107
2.4 Conclusões	110
CAPÍTULO 3 – AS REPRESENTAÇÕES DE ESPAÇO, SUAS CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES DURANTE O PERÍODO COLONIAL INICIAL	115
3.1 Características gerais das representações de espaço em tempos pré-hispânicos e sua continuidade nos <i>xiuhamatl</i> coloniais mexicas	116
3.2 As representações de <i>quincunce</i> nas histórias mexicas coloniais	132

3.3 As representações dos topônimos de paisagem e de <i>altepetl</i> nas histórias mexicas	139
3.3.1 <i>O período da migração: os lugares de origem e os lugares de passagem</i>	140
3.3.1.1 Lugares de origem e os primeiros lugares de passagem: Aztlan e Chicomoztoc e Colhuacan	142
3.3.1.2 Lugares de passagem: o exemplo de Tolpetlac	152
3.3.2 <i>O período imperial: a fundação de México-Tenochtitlan e os lugares de conquista</i>	155
3.3.2.1 México-Tenochtitlan: a fundação do <i>altepetl</i> mexica	156
3.3.2.2 México-Tenochtitlan e seu espaço implícito durante o período imperial	165
3.3.2.3 Os lugares de conquista e México-Tlatelolco	167
3.3.3 <i>O período colonial: México-Tenochtitlan e os lugares exteriores à Mesoamérica</i>	173
3.3.3.1 México-Tenochtitlan: a continuidade do espaço implícito	175
3.3.3.2 Os lugares exteriores à Mesoamérica: Castela, Peru, China, Flórida e Roma	178
3.4 Conclusões	182
 CONCLUSÕES	 187
 REFERÊNCIAS	 193

INTRODUÇÃO

Localizada em uma ilha no lago Texcoco, México-Tenochtitlan foi uma cidade, ou *altepetl*, fundada por grupos de migrantes, tal como outras cidades do vale do México durante o fim do período pós-clássico (1200-1521)¹. Por meio de alianças com Tlacopan e Texcoco, México-Tenochtitlan se tornou a principal cabeceira política de um grande território durante os séculos XV e início XVI. Seus domínios militares e tributários se estenderam a diversas regiões da Mesoamérica² a partir de 1428, com base na estratificação social e divisão do trabalho³. Contudo, esse amplo domínio tributário-militar foi reorganizado após a conquista castelhana de México-Tenochtitlan, iniciada em 1519.

A conquista de Tenochtitlan pelos castelhanos e aliados indígenas foi bastante rápida no que diz respeito à implementação das instituições castelhanas⁴. Essa conquista iniciou um processo de modificação das organizações econômica, social e política de mexicas e de outros povos da Mesoamérica, com a gradual imposição do regime colonial. Entretanto, apesar das mudanças, a introdução do regime só foi viável porque se utilizou da organização política e tributária dos *altepeme*⁵ indígenas, e de alianças com suas elites dirigentes⁶.

¹ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: FCE, COLMEX e FHA, 2001 (2ª ed.), pp. 194-200.

² O termo Mesoamérica foi utilizado pela primeira vez em 1943 por Paul Kirchhoff, baseado em estudos iniciados no século XIX por outros autores, como Eduard Seler. Refere-se a uma região classificada com base nas características histórico-culturais dos povos que nela habitavam. Essa unidade é perceptível desde o chamado Período Clássico (200 a.C. - 800 d.C.) até, pelo menos o século XVII. Geograficamente, essa região não corresponde aos limites atuais do México e países da América Central, mas sim uma região que se monta desde o centro de Honduras e noroeste da Costa Rica até o México (nos Estados de Tamaulipas e Sinaloa, com os rios Soto de la Marina e Fuerte, respectivamente), além de da totalidade de Belize, noroeste e norte da Guatemala e do noroeste da Nicarágua. Cf: SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México indígena: estudo comparado entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, pp. 39-43. Vários estudiosos, dentre os quais estão Jaime Litvak King, Wigberto Jiménez Moreno, Eduardo Matos Moctezuma, Alfredo López-Austin e Leonardo López-Luján, deram continuidade à proposta de Kirchhoff, discutindo o conceito e destacando, contudo, as particularidades e a diversidade do cenário mesoamericano. Cf: FRANÇA, Leila Maria. “Cosmopolitismo, fluxo de bens e informação: o jade em Teotihuacan e as formas de interação na Mesoamérica” in: BERTAZONI, Cristiana; SANTOS, Eduardo Natalino dos; FRANÇA, Leila Maria (org.). *História e arqueologia da América Indígena. Tempos pré-colombianos e coloniais*. Florianópolis: Editora UFSC, 2017, pp. 149-151. Nesta dissertação utilizo o termo Mesoamérica como conceito instrumental, ligado a padrões de subsistência e de cultivo do milho além do compartilhamento de tradições e histórias sujeitas a formação e transformação, tal como defendem Alfredo López-Austin e Leonardo López-Luján. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *Op. cit.*, pp. 58-79.

³ CARRASCO, Pedro. *Estructura político-territorial del Imperio tenochca. La Triple Alianza de Tenochtitlan, Tetzaco y Tlacopan*. México: COLMEX y FCE, 1996, pp. 27-30.

⁴ GIBSON, Charles. “Tribus” e “Los pueblos” in: *Los aztecas bajo el dominio español, 1519-1810*, 11ª Ed. (1ª edição em inglês, 1964). México: Siglo XXI, 1991, pp. 13-62.

⁵ *Altepeme* é o plural de *altepetl*, em nahuatl. SULLIVAN, Thelma D. *Compendio de la Gramática Náhuatl*. México: UNAM-IIIH, 1998 (2ª ed., 2ª reimpressão), pp. 29-31. Na Mesoamérica há outras unidades políticas com características equivalentes às do *altepetl*: os *ñuu* entre os mixtecos, e os *cah* entre os maias iucatecos. Cf: RESTALL, Matthew, SOUSA, Lisa e TERRACIANO, Kevin (ed.). “Mesoamericans and Spaniards in the Sixteenth Century” in: *Mesoamerican Voices. Native-Language Writings from Colonial Mexico, Oaxaca,*

Os *altepeme* eram entidades políticas autônomas do vale do México durante o período pós-clássico tardio (1200/1300 – 1521 d.C.), e eram caracterizados por possuírem um deus patrono, uma identidade étnica comum e reconhecível entre seus pares, e um governante, ou *tlatoani*⁷. A cidade era formada, ainda, por parcialidades ou *calpulli*, ou seja, uma unidade territorial baseada no parentesco e em uma origem comum, e seus membros ocupavam variadas funções econômicas, políticas e cerimoniais. O termo *altepetl* pode designar, portanto, um centro cívico ou a totalidade territorial da cidade, incluindo seus *calpultin*⁸. Além disso, cada *altepetl* produzia uma tradição histórica própria⁹, registrada nas pinturas murais e nos relevos dos edifícios e monumentos, nas cerâmicas e em manuscritos pictográficos¹⁰, conhecidos como códices.

Tais cidades compartilhavam e estabeleciam entre si relações políticas e sociais, tais como alianças ou subordinação políticas e tributárias. As alianças entre os *altepeme* remontam a tempos pré-hispânicos, sobretudo durante o período Pós-Clássico, na região do lago Texcoco. Tais alianças eram realizadas com base nos parentescos étnicos das elites dirigentes dos *altepeme* e em pactos políticos caracterizados pela cobrança de tributos. Essas conformações definiam zonas de influência, cujos territórios variaram ao longo dos séculos XIII e XVI, conforme as cabeceiras políticas mudavam.

Durante a primeira metade do século XV foi estabelecida uma aliança entre Tlacopan, Texcoco e México-Tenochtitlan, sendo que este último *altepetl* tinha papel preponderante em relação às atividades militares. Os domínios da chamada *excan tlatoloyan*, ou Tríplice Aliança, iam do Vale do México até as costas pacífica e atlântica, abrangendo as regiões da Huasteca, Oaxaca e parte do Ocidente do México. Em contraposição ao crescente domínio territorial e tributário da *excan tlatoloyan*, tlaxcaltecas e purépechas se uniram, com o objetivo

Yucatan, and Guatemala. New York: Cambridge University Press, 2005, pp. 3-10. Os *altepeme* foram identificados pelos castelhanos como *pueblos*. CARRASCO, Pedro. *Op. cit.*

⁶ NAVARRETE LINARES, Federico. “La conquista europea y el régimen colonial”. In: MANZANILLA, Linda & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México*. V. III. 2a. edição, México: INAH & IIA – UNAM & Miguel Ángel Porrúa, 2001, pp. 371-399.

⁷ O plural de *tlatoani*, em nahuatl, é *tlatoanime*. Outro sinônimo de governante é *tlatoqui*, cujo plural é *tlatoque*. Seguindo a historiografia, utilizo nesse trabalho os termos *tlatoani* (singular) e *tlatoque* (plural). SIMEÓN, RÉMI. *Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana*. México: Siglo XXI, 1986 (1ª ed. em francês, 1885), p. 674 e 681.

⁸ Plural de *calpulli*. *Ibidem*, pp. 62-63.

⁹ Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos indígenas del valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM, 2011, pp. 24-28.

¹⁰ O termo *pictográfico* será utilizado para enfatizar suas principais características: a presença de glifos ideográficos, logográficos e fonéticos, além de elementos com função mais figurativa. O termo é utilizado por autores como Miguel León-Portilla e Eduardo Natalino dos Santos, a fim de dar ênfase ao caráter glífico presente no sistema de escrita mixteco-nahua. Cf. LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Literaturas indígenas de México*. Madrid, Editorial Mapfre: 1992; SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.

de resistir às conquistas capitaneadas pelos mexicas, ainda no início do século XVI¹¹, porém sem sucesso. Essas alianças e resistências contra as conquistas de México-Tenochtitlan também ajudam a explicar a conquista castelhana e de seus aliados.

Dessa forma, a chegada dos castelhanos na região trouxe novidades intensas ao ambiente político até então dominado pelos mexicas. Hernán Cortés formou e capitaneou uma coalizão composta por castelhanos e indígenas de vários *altepeme* subordinados à *excan tlatoloyan*, que estavam descontentes com as ostensivas cobranças de tributos dos mexicas. Essa coalizão culminou com a conquista de México-Tenochtitlan, em agosto de 1521¹². Com a destruição da cidade, Cortés deu início à construção da capital colonial sobre as ruínas de México-Tenochtitlan e deu continuidade às conquistas e alianças com outros *altepeme* ainda não submetidos ao domínio castelhano. Por meio das conquistas, houve reconhecimento da autoridade dos castelhanos frente aos indígenas e, a partir das próprias relações políticas de alianças entre os *altepeme*, constituiu-se o regime colonial¹³.

Essas mudanças forçaram as elites indígenas a um reposicionamento político que incluía a conversão ao cristianismo e, ao mesmo tempo, a tentativa de manutenção de suas posições na sociedade. Além disso, as guerras decorrentes da conquista castelhana e as epidemias agravaram esse contexto político ainda mais ao longo dos séculos XVI e início do XVII. Estima-se que cerca de três quartos da população indígena do altiplano central mexicano morreu durante esse período¹⁴.

Uma das consequências desse novo contexto político foi a criação de novas explicações históricas, com o propósito de recontar a história do *altepetl*, inclusive aquela da facção até então governante, e incorporar acontecimentos recentes, tais como a organização político-tributária pós-conquista e a implementação das instituições castelhanas e cristãs¹⁵.

Como mencionado anteriormente, a elaboração de narrativas históricas entre os mexicas não era uma novidade. Antes da chegada dos castelhanos, os nahuas¹⁶ e outros povos mesoamericanos produziram centenas de manuscritos utilizando-se da escrita pictográfica, que

¹¹ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *Op. cit.*, pp. 209-218.

¹² SANTOS, Eduardo Natalino dos. "Conquista do México ou queda de México-Tenochtitlan? Guerras e alianças entre castelhanos e *altepeme* mesoamericanos na primeira metade do século XVI." In: *Os índios na História do Brasil*. Direção John Manuel Monteiro. Disponível em: <http://www.usp.br/cema/images/stories/Conquista_do_Mexico.pdf> Acessado em 17/11/2014, 15:00.

¹³ NAVARRETE LINARES, Federico. "La conquista europea y el régimen colonial", pp. 380-382.

¹⁴ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo *Op. cit.*, p. 390. O colapso demográfico capitaneado pelas epidemias foi destacado em estudos surgidos a partir de 1960, tal como indica Douglas Ubelaker. Cf: UBELAKER, Douglas. "North American Indian Population Size: Changing Perspectives". In: VERANO, John W., e UBELAKER, Douglas H. *Disease and demography in the Americas*. Washington e Londres: Smithsonian Institution Press, 1992, pp. 169-176.

¹⁵ SANTOS, Eduardo Natalino dos. "Conquista do México...".

¹⁶ Povos do altiplano central mexicano que falavam a língua nahuatl, dentre os quais estão os mexicas.

combinava representações pictóricas ou figurativas com glifos calendários, numéricos, toponímicos, antroponímicos e fonéticos. Dentre os diversos tipos de livros produzidos pelos nahuas, havia os *xiuhamatl* (livro da conta dos anos), que registravam narrativas históricas¹⁷.

As elites indígenas provavelmente produziram muitos *xiuhamatl* durante o período pré-hispânico, narrando os acontecimentos relacionados ao *altepetl*, tais como as migrações que antecederam sua fundação, além de feitos de seus governantes, entre os quais se destacam as conquistas militares e alianças políticas e econômicas. As representações pictográficas contidas nos *xiuhamatl* eram manejadas pelas elites dos *altepeme* a partir de tradições de pensamento e escrita¹⁸ que compartilhavam, por exemplo, concepções de tempo e espaço, e se adaptavam às realidades e necessidades dos grupos humanos que as utilizavam, configurando historicidades próprias¹⁹ — dentre as quais está, portanto, a historicidade mexica.

No entanto, nenhum códice pré-hispânico mexica sobreviveu à conquista. As primeiras tentativas de evangelização empreendidas por conquistadores e missionários buscaram eliminar os manuscritos que tratavam, entre outras coisas, do que era chamado por eles de *idolatria*, ou seja, do culto às deidades pré-hispânicas. Além disso, muitos manuscritos foram destruídos ou escondidos pelos próprios povos que os haviam confeccionado e, posteriormente, substituídos por outros mais adequados às novas e distintas circunstâncias do regime colonial²⁰.

Outra estratégia missionária para o combate das *idolatrias* ocorreu com a fundação de escolas, tal como o Colégio de San José de los Naturales, na década de 1520, e o Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, no ano de 1536. O colégio de Tlatelolco, por exemplo, ensinava aos descendentes das elites dos *altepeme* os conhecimentos europeus, como gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e música²¹. Além disso, ambos os colégios contavam com bibliotecas com dezenas de livros sobre a religião cristã e, até mesmo, sobre

¹⁷ *Livros de conta* ou *dos anos*, em nahuatl, caracterizavam-se pela presença do ciclo calendário chamado *xiuhpohualli* ou *xiuhlapoualli*, formado pela conta de anos sazonais. Cf. LEÓN PORTILLA, Miguel. *Códices. Los antiguos libros del Nuevo Mundo*. México: Aguilar, 2003, pp. 13-15. De acordo com Federico Navarrete Linares, os *xiuhamatl* são um tipo geral de livros com conteúdos históricos, que abrangem gêneros tais como os *altepeamoxtli* (livros do *altepetl*), genealogias e mapas. Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 67-70.

¹⁸ Santos define *tradições de pensamento* como "um conjunto em funcionamento de organizações, grupos, instituições ou indivíduos que se dedicam de modo sistemático, mas não necessariamente exclusivo, à construção, manutenção, transformação, veiculação e, em muitos casos, perpetuação de explicações socialmente aceitas acerca das origens e funcionamento do Mundo". SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado...*

¹⁹ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, p. 33.

²⁰ *Idem*. "Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana", en Alberto Dallal, ed., *La abolición del arte. XXI Coloquio Internacional de Historia del Arte*. México: UNAM, IIE, 1998, p. 53-71.

²¹ LEÓN PORTILLA, Miguel. *Códices*, pp. 101-107.

história castelhana²². Nesse ambiente escolar, e mesmo fora dele, os missionários notaram que teriam de conhecer o funcionamento das tradições, costumes e crenças indígenas para, a partir desse conhecimento, identificar e combater as *idolatrias*.

Assim, não houve um ceticismo radical dos europeus em relação às tradições históricas indígenas, isto é, nem todas as informações contidas nas histórias eram tidas como inverossímeis ou idolátricas. Os missionários estavam dispostos a crer na veracidade fundamental das tradições indígenas, desde que elas suprimissem os conteúdos abertamente religiosos que eram, de acordo com sua perspectiva, invenção demoníaca²³.

Por isso, uma das principais ferramentas utilizadas pelos missionários para conhecer as tradições históricas e religiosas indígenas e, em seguida, converter e catequizar as populações ao cristianismo, foi o conhecimento das línguas nativas. Como parte desse empreendimento, as mais variadas línguas indígenas foram transcritas para o alfabeto latino e deram origem a dicionários, ou *vocabulários*, e gramáticas, ou *artes de la lengua*, na Nova Espanha durante os séculos XVI e XVII²⁴.

Esse esforço missionário também pode ser exemplificado na área nahua por meio do códice *Florentino* ou *Historia general de las cosas de la Nueva España*, concebida pelo frade franciscano Bernardino de Sahagún com a colaboração de informantes e estudantes indígenas. Dessa forma, ao mesmo tempo em que os missionários transcreviam as línguas, os mexicas e outros povos nahuas e mesoamericanos aprendiam a manejar os textos alfabéticos. Logo surgiram, por exemplo, uma série de textos em nahuatl combinados com a escrita pictográfica de origem pré-hispânica. Tais textos eram produzidos a mando ou com a participação de missionários, juntamente com os *tlatatinime* ou sábios, com os *tlacuiloque* ou pintores-escritores — antigos detentores das tradições de escrita pré-hispânicas, produtores dos *xiuhamatl*, entre outros tipos de livros — e com informantes *nahuatlato*s, que falavam a língua nahuatl.

²² MATHES, W. Michael. *The America's First Academic Library Santa Cruz de Tlatelolco*. Sacramento: California State Library Foundation, 1985.

²³ NAVARRETE LINARES, Federico. “Los libros quemados...”, p. 53-71.

²⁴ Dentre os estudiosos de nahuatl da época, podem ser citados o frei Andrés de Olmos, com sua *Arte de la lengua Mexicana* (1547), e o frei Alonso de Molina, com seu *Vocabulario en lengua castellana y mexicana* (1555). Além das obras produzidas por missionários, também haviam livros voltados para o comércio com os nahuas, tal como o *Vocabulario manual de las lenguas castellana y mexicana* (1611), escrito por Pedro de Arenas. O processo de transcrição das línguas faladas pelos povos mesoamericanos teve como base o repertório da língua castelhana e latina compilado por humanistas do século XV, como Antonio de Nebrija. Byron Ellsworth Hamann mostra que esse processo causou alguns mau-entendidos, sobretudo pela aproximação ou acomodação de conceitos mesoamericanos a conceitos do Mundo Antigo ou da Europa Moderna. Cf: HAMANN, Byron Ellsworth. *The translations of Nebrija: Language, culture, and circulation in the early modern world*. Amherst & Boston: University of Massachusetts Press, 2015.

Um dos tipos de textos que mais se multiplicaram durante o período colonial foram os manuscritos históricos, que se tornaram instrumentos das demandas sociais indígenas diante do novo regime. Assim, surgiram vários *xiuhamatl* compondo novas explicações históricas que narravam acontecimentos do período pré-hispânico e também do período colonial.

Apesar da inexistência de códices mexicas pré-hispânicos conhecidos, alguns estudiosos, como Donald Robertson, por exemplo, realizaram comparações entre os textos pictográficos das tradições históricas nahuas coloniais e mixtecas pré-hispânicas, identificando um parentesco entre ambos os estilos por meio da utilização de traços, cores e formas semelhantes entre os glifos²⁵. Assim, o autor pôde inferir continuidades e transformações da utilização da escrita pictográfica entre o estilo do período pré-hispânico mixteco e o estilo colonial nahua, sendo que, este último, está presente nas histórias mexicas do período colonial²⁶.

Entre as permanências observadas por Robertson e outros estudiosos, podem ser destacados os glifos do calendário, dos topônimos políticos e de paisagem, e dos nomes dos agentes, por exemplo, que sofreram pequenas alterações ou se conjugaram com a aparição de paisagens, elementos de perspectiva e novas formas de representação do corpo humano²⁷. Quanto às transformações, a principal foi a introdução dos textos alfabéticos, que preservavam informações provenientes da tradição oral²⁸, configurando leituras parciais²⁹ ou acrescentando outros dados além dos textos pictográficos registrados. Os textos alfabéticos estavam presentes por meio de glosas ou pequenos textos associados aos textos pictográficos e, em alguns casos, ocupavam fólios inteiros dos manuscritos.

Em suma, tanto nos textos pictográficos, quanto nos textos alfabéticos estavam presentes representações de tempo e espaço, de origem nahua ou cristã, que serviam para datar e localizar os acontecimentos narrados nas narrativas coloniais mexicas. Além disso, tais

²⁵ ROBERTSON, Donald. *Mexican manuscript painting of the early colonial period*. New Haven: Yale University Press, 1959, pp. 9-11. GONZALBO ESCALANTE, Pablo. *Los códices mesoamericanos antes y después de la conquista española. Historia de un lenguaje pictográfico*. FCE: México, 2010, pp. 61-101.

²⁶ De acordo com Eduardo Natalino dos Santos, ainda, a existência de pressupostos de leitura, seleções temáticas e estruturas narrativas permite que um manuscrito seja utilizado para se entender um similar, ainda que os dois procedam de épocas e locais relativamente distintos. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 35. Isso ocorre por conta da formação de um *corpo literário* mesoamericano – a categoria destacada em itálico é amplamente utilizada por Gordon Brotherston, segundo Santos. BROTHERTON, Gordon. *La América indígena em su literatura*. México: FCE: 1997.

²⁷ PASTRANA FLORES, Miguel. “Códices anotados de tradición náhuatl”. In: ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM, 2011, pp. 51-52. Apesar do termo parecer um pleonasma, utilizaremos a expressão “textos alfabéticos” para diferenciá-lo dos textos pictográficos, como fez Eduardo Natalino dos Santos em *Tempo, Espaço e Passado...*

²⁸ Em tempos pré-hispânicos, os códices eram frequentemente recitados em cerimônias e festas pelos *tlamatini*, que decodificavam os textos pictográficos para a população. Cf: LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices*, p. 117-143.

²⁹ *Ibidem*, p. 134.

representações se configuravam como estruturas narrativas das histórias, dando forma e sentido às novas explicações históricas dos mexicas.

Dentre as narrativas históricas mexicas produzidas durante o período colonial, foram selecionadas cinco exemplares para análise nesta dissertação, que estão contidas nos códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*. Tais manuscritos não representam a totalidade dos códices mexicas de conteúdo histórico produzidos ao longo dos séculos XVI e XVII e, algumas delas possuem, inclusive, outras seções, conforme os objetivos de seus produtores, como será explicado no primeiro capítulo desta dissertação. Mas, todas as narrativas selecionadas apresentam as características até então mencionadas nesta introdução, tais como a interação das elites indígenas, autoridades religiosas e castelhanas em sua produção; a recorrência de determinados períodos históricos, o que permite a realização de comparações entre as histórias; e, por fim, a presença de textos pictográficos e alfabéticos, cujas estruturas narrativas estão ancoradas nas representações de tempo e espaço.

Assim, o objetivo central dessa dissertação é compreender quais eram as concepções de tempo e espaço dos mexicas, bem como suas continuidades e transformações em suas narrativas produzidas durante o período colonial inicial, entendendo tempo e espaço como parte das concepções de história. Para isso, foram analisadas representações relativas a esses conceitos presentes nos textos pictográficos e alfabéticos em cinco histórias mexicas coloniais, contidas nos códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*.

Para atingir esse objetivo, foram definidos dois grandes eixos temáticos, formados pelas concepções de tempo e pelas concepções de espaço. As concepções de tempo podem ser entendidas por meio da análise central das representações de datas registradas segundo o calendário mesoamericano e, de forma mais escassa, segundo o calendário cristão. As concepções de espaço, por sua vez, podem ser compreendidas a partir da análise dos topônimos políticos e de paisagem, bem como por meio dos esquemas cosmográficos que introduzem algumas dessas histórias. Dessa forma, os conjuntos de representações de tempo e espaço analisados servirão como evidências para indicar características relacionadas a tempo e espaço, mas não necessariamente abarcarão essas concepções totalmente. É preciso destacar, ainda, que as representações de tempo e espaço estavam articuladas nas narrativas e, por isso mesmo, suas relações serão destacadas ao longo das análises, com a finalidade de demonstrar a relação de complementaridade entre as concepções de tempo e espaço nas histórias.

Além disso, tempo e espaço estão ligados a concepções mais amplas, que eram parte das tradições de pensamento e escrita indígenas. De acordo Eduardo Natalino dos Santos, as

concepções de tempo e espaço dos povos nahuas eram construções sociais articuladas entre si e compartilhadas desigualmente pelos diversos grupos que compunham sua hierarquizada sociedade. Dessa forma, as concepções presentes nos manuscritos não eram necessariamente as mesmas compartilhadas pela sociedade como um todo³⁰.

Em tempos coloniais, ainda segundo Santos, a produção de textos realizada por descendentes das antigas elites nahuas não garantiu de modo automático que as formas de pensamento e estruturas narrativas empregadas por seus antepassados fossem mantidas, pois isto dependia das posições hierárquicas e das alianças político-econômicas dos povos, grupos ou indivíduos envolvidos na produção dos textos. No entanto, as estruturas narrativas e seleções temáticas dos manuscritos indígenas coloniais não eram predominantemente ou tipicamente cristãs³¹.

Por isso, para entender as continuidades e transformações nas concepções de tempo e espaço nas narrativas mexicas coloniais, são apresentados exemplos pré-hispânicos de representações de calendário e de topônimos políticos e de paisagem, presentes nos códices mixtecos e em monumentos e gravados em pedra mexicas³². Esses exemplos têm a finalidade de compor panoramas pré-hispânicos, que serão acionados em seguida, ao longo das análises de tempo e espaço nas narrativas mexicas coloniais.

Ademais, como objetivo secundário desta dissertação, realizarei uma aproximação e mapeamento dos princípios de leitura, entendimento e interpretação das narrativas coloniais mexicas para, a partir daí, compreender as concepções de história dos mexicas por meio das representações de tempo e espaço e suas respectivas concepções. Em outras palavras, esses dois conjuntos de representações serão descritos e analisados detalhadamente com a finalidade de levantar características das concepções de temporais e espaciais, entendendo-as como parte imprescindível, mas não total, das concepções de história dos mexicas.

³⁰ *Ibidem*, pp. 45-48.

³¹ *Ibidem*, p. 33. Algumas estruturas narrativas que serão analisadas nas histórias mexicas coloniais podem ser aproximadas a produtos de códigos compartilhados, tal como são definidos por Paula Montero e outros estudiosos por meio da teoria da mediação cultural. A autora trata mais especificamente de compreender o modo como a ação missionária na América Portuguesa estimulou a ressignificação das tradições indígenas e não indígenas para adaptá-las aos novos contextos de intercomunicação cultural. No caso das histórias mexicas coloniais, deve ser destacada a primazia nativa na produção das histórias e de outros textos, bem como o envolvimento de autoridades castelhanas – para além da ação missionária. Assim, algumas características das concepções de tempo e espaço levantadas nos capítulos 2 e 3 poderão refletir o ambiente dos jogos de comunicação entre indígenas, missionários e autoridades castelhanas, o que não implicará necessariamente em concepções comuns entre mexicas e europeus. Cf. MONTERO, Paula. "Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural" in: *Idem* (org.). *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006, pp. 31-66.

³² Tais amostras foram selecionadas conforme a relação temática com as representações de tempo e espaço e a disponibilidade ao longo da bibliografia consultada.

A partir dos objetivos propostos, a dissertação está dividida em três capítulos. O Capítulo 1 trata das características gerais dos códices mexicas coloniais, tais como os materiais utilizados para sua produção, os tipos de livros produzidos em tempos pré-hispânicos e após a conquista, a utilização da escrita pictográfica e a introdução da escrita alfabética e, por fim, quais eram os autores e destinatários dos manuscritos. Em seguida, apresento os códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*, cujas narrativas históricas são analisadas nesta pesquisa. Nessa segunda parte são destacadas as características de composição, produção, usos sociopolíticos e o conteúdo de cada um desses manuscritos, que são retomadas nos capítulos seguintes, conforme se relacionam com as análises das representações de tempo e espaço nas histórias mexicas.

O Capítulo 2 é dedicado às análises das representações de tempo segundo o calendário mesoamericano. A partir de um panorama pré-hispânico definido por meio de exemplos de representações dos códices mixtecos e dos monumentos e gravados em pedra mexicas, serão analisadas as características formais desse calendário nas narrativas mexicas, bem como a introdução de representações do calendário cristão. Ainda neste capítulo, analiso a configuração e sentido de leitura dos anos segundo o ciclo *xiuhmolpilli*, predominantemente representado nas histórias mexicas coloniais, com o objetivo de entender a definição dos três períodos históricos que compõem as narrativas: o período da migração, o período imperial e o período colonial. Um dos principais resultados dessas análises é que, apesar da continuidade formal do calendário mesoamericano em relação aos padrões pré-hispânicos, as representações perdem gradualmente alguns de seus atributos, como, por exemplo, seu caráter precioso, e se tornam, cada vez mais, meros cálculos de quantificação de tempo. Ao mesmo tempo, as narrativas continuam sendo orientadas pelo sentido de leitura das representações calendárias, cuja organização varia conforme os períodos narrados nas histórias mexicas e também define marcos históricos, concebendo, portanto, diferentes temporalidades.

O Capítulo 3 trata das análises das representações de espaço, por meio dos topônimos políticos e de paisagem e dos esquemas cosmográficos. Assim como ocorre no Capítulo 2, apresento um panorama pré-hispânico com exemplos de representações de códices mixtecos e dos monumentos e gravados em pedra mexicas pré-coloniais, para, depois, analisar os esquemas cosmográficos conformados por quatro rumos e um centro, presentes nos códices *Mendoza* e *Aubin*. Em seguida, analiso as representações de topônimos políticos e de paisagem presentes nas narrativas mexicas, apresentando exemplos e agrupando-as em categorias definidas por meio de suas funções temáticas nas narrativas, relacionadas a personagens e acontecimentos. As representações de topônimos políticos e de paisagem das

narrativas mexicas seguem apresentado lugares de origem, de passagem, de fundação e de conquista, assim como ocorria em tempos pré-hispânicos. Como principal resultado, veremos que alguns lugares, tais como Aztlán, Chicomoztoc e México-Tenochtitlan, que são lugares de origem e o lugar fundacional dos mexicas, funcionam como marcos históricos, juntamente com os personagens e eventos a eles relacionados. Já os lugares de passagem e de conquista eram padronizados com o objetivo de produzir grupos coesos e temáticos conforme os contextos narrativos. Além disso, o capítulo demonstra que as histórias produzidas mais tardiamente também mencionavam lugares exteriores à Mesoamérica durante a narrativa dos relatos pós-conquista, tentando dar conta de introduzir o mundo cristão ou hispânico e, portanto, ampliando suas concepções de espaço.

Por fim, apresento as conclusões da dissertação, destacando as concepções de história dos mexicas. Para isso, retomo as análises e as conclusões dos capítulos anteriores sobre as concepções de tempo e espaço, suas continuidades e transformações nas narrativas mexicas produzidas durante os séculos XVI e início do XVII.

As novas histórias mexicas demonstram uma grande capacidade de adaptação das narrativas por parte de seus produtores em um novo contexto político, social e cultural, no qual o registro das estruturas nativas de tempo e espaço ainda eram imprescindíveis. Essas narrativas tinham como objetivo a validação dos registros históricos mexicas frente aos castelhanos e missionários e, por outro lado, também deveriam ser legitimada pelas próprias elites mexicas cristianizadas, que almejavam manter sua posição como grupo privilegiado dentro dos grupos indígenas ou, no caso de alguns manuscritos, salvaguardar informações de seu próprio grupo social. As elites mexicas e seus descendentes foram, portanto, agentes fundamentais de sua própria história, mesmo diante de uma situação política desfavorável, tal como foi a do século XVI³³.

Dessa forma, essa dissertação visa contribuir com o desenvolvimento da história indígena, evidenciando quais são as características ligadas às concepções de tempo e espaço que operam nos códices e que constituem parte fundamental da estrutura narrativa das histórias coloniais mexicas. Essa pesquisa busca, ainda, destacar que tais histórias são portadoras de historicidades próprias, que sofreram mudanças ao longo dos séculos XVI e XVII, tal como os próprios mexicas, que também se transformaram com a conquista e a imposição do regime colonial castelhano.

³³ PASTRANA FLORES, Miguel. “Códices anotados...”, p. 84. SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 102-104.

CAPÍTULO 1 - OS CÓDICES COLONIAIS MEXICAS

Neste capítulo apresentarei as características de composição, narrativa e usos sociopolíticos dos manuscritos coloniais mexicas, mais especificamente, os códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*, as fontes analisadas nesta dissertação. As características aqui apresentadas serão retomadas nos próximos capítulos, conforme se relacionarem com as representações temporais e espaciais, fundamentais para o entendimento das concepções de tempo e espaço dos mexicas, no período colonial.

Este capítulo está dividido em duas partes: primeiramente irei tratar das características gerais dos códices mexicas coloniais, tais como os materiais utilizados para sua produção, os tipos de livros que eram produzidos em tempos pré-hispânicos e após a conquista, a utilização da escrita pictográfica e a introdução da escrita alfabética e, por fim, quais eram os autores e destinatários dos manuscritos. Na segunda parte apresento os dados específicos de cada um dos cinco códices que compõem as fontes centrais da pesquisa, destacando a composição, produção, usos sociopolíticos e o conteúdo das histórias presentes nos manuscritos.

1.1 Características gerais dos códices coloniais mexicas

Como mencionado anteriormente, nenhum códice pré-hispânico mexica sobreviveu às décadas seguintes após a conquista, embora muitos manuscritos pictográficos tenham sido confeccionados durante o período colonial. Tais manuscritos foram produzidos conjuntamente por missionários, funcionários castelhanos ou membros e descendentes das elites dos *altepeme* e informantes indígenas. Os interesses desses grupos eram diversos e, portanto, cada manuscrito se relacionava tanto aos objetivos específicos de seus autores, quanto a quem eram seus destinatários, como será explicado adiante. Entretanto, os manuscritos produzidos ao longo do século XVI, com maior ou menor participação de membros das sociedades nativas, evidenciam um profundo interesse nas narrativas históricas.

Esses manuscritos coloniais dos mexicas foram, muito frequentemente associado ao termo *códices*. Tal termo genérico foi empregado com maior frequência a partir do século XIX por arqueólogos, historiadores e outros estudiosos de forma bastante difundida, também em relação a outros manuscritos de origem indígena, pré-hispânicos e coloniais. Esse nome vinha da associação aos *codex* medievais, com estrutura de anais e com formato de livro encadernado. O termo códice foi utilizado durante essa época no título de muitos manuscritos

que continham narrativas históricas e acabou, com o tempo, se tornando sinônimo dos manuscritos pictográficos produzidos pelos povos da macrorregião mesoamericana antes da conquista castelhana, e, pelo menos, durante os séculos XVI e XVII. Entretanto, há diversos tipos e formatos de códices, tanto pré-hispânicos quanto coloniais, produzidos em distintas regiões mesoamericanas e com diferentes suportes³⁴.

Os manuscritos pré-hispânicos eram confeccionados com peles de animais ou com papel *amatl* e *maguey*³⁵ e tinham formato de *tira* – faixa longa de pele de veado ou folhas de papel coladas, geralmente dobradas na forma de biombo, – ou de *rollo* – *tiras* enroladas³⁶. Durante o período colonial, alguns desses formatos continuaram a ser utilizados na produção de manuscritos nativos, porém com a introdução dos *lienzos* – uma única folha produzida com algodão ou fibra de *maguey*, de tamanho considerável – e dos livros encadernados à maneira europeia – com páginas individuais de papel *amate* ou europeu de linho, cânhamo ou algodão. Os pigmentos de procedência vegetal e animal que eram utilizados em tempos pré-hispânicos continuaram a ser utilizados e, muitas vezes, foram experimentadas misturas com pigmentos produzidos na Europa³⁷.

Além da diversidade de formato e material dos códices, também pode ser observada a diversidade de gênero nas narrativas desses manuscritos. Por exemplo, alguns dos gêneros de livros produzidos pelos povos nahuas³⁸ em tempos pré-hispânicos eram: o *tonalamatl* ou *livro da conta dos dias e do destino*; o *teoamatl* ou *livro divino*; o *tlalamatl* ou *livro de terras ou mapas*; o *tequiamatl* ou *livro dos tributos*; o *tlacamecayoamatl* ou *livro de linhagens*; e, por

³⁴ Muitos estudiosos dos códices descrevem tais manuscritos como livros. Ana Díaz Álvarez afirma que desde 1994 Walter Mignolo já alertava sobre o risco de se fazer analogias entre objetos que correspondem a universos culturais distintos e, mais recentemente, diversos autores revisaram a tradução automática dos códices como livros, tal como faz a própria autora, Ethelia Ruiz e Johannes Neurath. Cf: DÍAZ ÁLVAREZ, Ana. *Las formas del tiempo. Tradiciones cosmográficas en los documentos calendáricos indígenas del México Central*. Tese (Doutorado em História). México: FFyL-UNAM, 2011. RUIZ, Ethelia. *Mexico's indigenous communities: their lands and histories. 1500 to 2010*. Boulder: University Press of Colorado, 2011. NEURATH, Johannes. "Los libros de piel de venado" in: *Artes de México. Códices Prehispánicos*. N. 109, 2013, pp. 50-53.

³⁵ O papel *amatl* (ou *amate*, hispanizado) era feito com fibras da casca da figueira; o papel *maguey* utilizava fibras do agave. Havia ainda livros confeccionados com as fibras de uma palma chamada *iczoil*. Cf. SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 78. O uso do papel *amatl* não se restringia à elaboração de códices, mas também era usado na produção de objetos rituais e de valor estético. DÍAZ ÁLVAREZ, Ana. *El maíz se sienta para platicar. Códices y formas de conocimiento nahua, más allá del mundo de los libros*. México: Universidad Iberoamericana, 2016, p. 45.

³⁶ GLASS, John B. "A Survey of Native Middle American Pictorial Manuscripts". In: WAUCHOPE, Robert (ed. geral) & CLINE, Howard F. (ed. dos volumes). *Handbook of Middle American Indians*. V. 14. Austin e Londres: UTP, 1975, pp. 7-9.

³⁷ HERREN, Angela Marie. *Portraying the Mexica past: A comparison of sixteenth-century pictorial accounts of origin in Codex Azcatitlan, Codex Boturini, and Codex Aubin*. Tese (Doutorado em História da Arte). City University of New York, 2005, pp. 83-84.

³⁸ Povos que falavam a língua nahuatl, entre os quais estavam os mexicas.

fim, o *xiuhamatl* ou *livro da conta dos anos*, que registravam as narrativas históricas³⁹. Durante o período colonial alguns desses tipos de livros mencionados acima, ou partes deles, foram agrupados em um único manuscrito, conforme os interesses de seus produtores.

Nessa pesquisa, será dada atenção especial à análise dos manuscritos classificados como *xiuhamatl*. O *xiuhamatl* tem esse nome devido as representações do *xiuhmolpilli*, um ciclo integrante do sistema calendário mesoamericano, que estão presentes ao longo das narrativas históricas de todas essas obras. Além de cumprirem o papel de marcação temporal, as representações do *xiuhmolpilli* se relacionam ao sentido de leitura dos manuscritos, e foram comparadas pelos castelhanos aos anais históricos europeus existentes à época⁴⁰.

Além dos gêneros e formatos discutidos, os manuscritos coloniais ainda podiam ser escritos por meio da escrita pictográfica e alfabética⁴¹. A escrita pictográfica combinava representações pictóricas ou figurativas com glifos calendários, numéricos, toponímicos, antroponímicos e fonéticos, dando origem a registros com organização e lógicas próprias⁴². Os mexicas utilizavam o sistema mixteco-nahua, também chamado de *tlacuillo*⁴³, que tinha predominância de glifos ideográficos em comparação com a quantidade de glifos fonéticos e logográficos, compostos ainda a elementos figurativos. No caso da escrita pictográfica, apesar de sua manutenção no período colonial, ocorreram transformações no manejo das representações, com a introdução da perspectiva e das formas de figuras humanas, que ganharam características fenotípicas europeias⁴⁴.

Já a escrita alfabética foi introduzida nos códices coloniais por meio de textos em castelhano, italiano e nahuatl. A língua nahuatl, assim como outras línguas ameríndias, foi transcrita para o alfabeto latino, durante os séculos XVI e XVII, por missionários e indígenas com o objetivo de facilitar o processo de conversão ao cristianismo e catequização.

³⁹ Havia ainda outros tipos de livros, dos quais há referências, embora não tenha sobrevivido nenhum exemplar, como o *cuicamatl* (livro dos cantares) e o *temicamatl* (livro dos sonhos). Cf: SANTOS, Eduardo N. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 79-80.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 141.

⁴¹ Para além dos códices, feitos com peles de animais ou papel, a escrita pictográfica também estava presente em outros suportes, tais como estelas, cerâmicas e ossos, produzidos principalmente em tempos pré-hispânicos. Cf: LEÓN PORTILLA, Miguel. *Códices*, pp. 11-16.

⁴² Cf: SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 84-105. No trecho indicado, Eduardo Natalino dos Santos aponta os motivos de tomarmos os registros dos códices como parte de um sistema de escrita — motivos os quais tomo como resumido pressuposto, isto é, de que os registros pictográficos são parte de um sistema de escrita.

⁴³ O termo, que significa *escrita-pintura* em nahuatl, foi cunhado por Karl Anton Nowotny no ano de 1961 em *Tlacuilolli: Style and contents of the mexican pictorial manuscripts with a catalog of the Borgia group* e também é utilizado por Gordon Brotherston em sua obra *La América indígena em su literatura: Los libros del cuarto mundo*.

⁴⁴ VALLE, Perla. “Códices coloniales” in: *Arqueología Mexicana: Códices Prehispânicos*. N. 23. México: Editorial Raíces, Janeiro-Feveireiro de 1997, pp. 64-65.

O processo de transcrição da língua ocorreu em paralelo à fundação de escolas, como a de San José de los Naturales, em 1527, nas quais os castelhanos ensinavam ofícios, a ler e escrever em castelhano, e também a pintar, desenhar e cantar⁴⁵. Em 1536, ainda, foi criado o Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, que ensinava estudos superiores, como gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e música às elites indígenas pré-hispânicas e seus descendentes⁴⁶. Este ambiente das escolas criadas por missionários com fins religiosos de conversão foi propício para que novos códices fossem confeccionados durante o período colonial, com mudanças nas representações pictográficas e com a introdução de textos alfabéticos.

A introdução da escrita alfabética nos códices coloniais foi feita por meio de pequenas glosas ou longos textos. As glosas, em geral, indicavam nomes de lugar ou de agentes, ou faziam uma leitura de um fólio por meio de uma frase, por exemplo. Alguns estudiosos afirmam, no entanto, que os textos alfabéticos são leituras parciais⁴⁷ ou transcrições⁴⁸ dos textos pictográficos, indicando, portanto, que há disparidades suficientes que tornam os textos pictográfico e alfabético independentes um do outro⁴⁹. Quando se tratavam de longos textos, estes poderiam narrar até mesmo diálogos oriundos das tradições orais — fundamentais em tempos pré-hispânicos, nos momentos em que os manuscritos eram exibidos em cerimônias e festas⁵⁰. Nos códices em que foram registrados textos alfabéticos em abundância, os textos pictográficos se tornaram mais escassos, e passaram a ter função ilustrativa, segundo alguns autores⁵¹.

Contudo, as representações pictográficas do calendário e de lugares ainda estiveram presentes nos códices produzidos ao longo do século XVI e início do século XVII, conformando as estruturas narrativas temporais e espaciais que compunham as histórias, ainda que coexistissem com elementos da pictografia europeia e com a escrita alfabética. Os códices

⁴⁵ ESCALANTE GONZALBO, Pablo. *Op. cit.*, pp. 135-151.

⁴⁶ LEÓN PORTILLA, Miguel. *Códices*, pp. 101-107.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 134.

⁴⁸ LIMÓN OLVERA, Silvia; PASTRANA FLORES, Miguel. “Códices transcritos com pictografias”. In: ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM, 2011, 115-132.

⁴⁹ MORENO DE LOS ARCOS, Roberto. “El Códice Aubin: una revisión necesaria.” In: *Primer Coloquio de Documentos Pictográficos de Tradición Náhuatl*. México: UNAM-IIIH, 1989. Nesse artigo, Roberto Moreno cita exemplos de fólhos do códice *Aubin* em que não há transcrição do texto pictográfico para o texto alfabético. Tais inferências foram apontadas com apoio na tradução alemã do códice, realizada por Gerdt Kutscher, Walter Lehmann e Günter Vollmer. Cf: KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Geschichte der azteken. Codex Aubin und verwandte Dokumente*. Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1981.

⁵⁰ MARTÍNEZ MARÍN, Carlos. “El registro de la historia”. In: ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM, 2011, p. 39.

⁵¹ Cf: LIMÓN OLVERA, Silvia; PASTRANA FLORES, Miguel. *Op. cit.* Cf: ROBERTSON, Donald. *Mexican manuscript painting of the early colonial period*. New Haven: Yale University Press, 1959.

tiveram a capacidade de sofrer modificações ao longo do tempo sem que isso rompesse com seu valor original. Tais obras eram maleáveis e possibilitaram a integração de novos conteúdos e materiais, ampliando suas possibilidades de uso segundo os requisitos e interesses dos novos usuários, fossem castelhanos ou indígenas⁵².

Ainda sobre a produção desses manuscritos, é preciso destacar que sua confecção era produto de grupos de pessoas, sem possuir, portanto, caráter autoral. Em tempos pré-hispânicos, os *tlacuiloque*⁵³ eram destinados a terem essa ocupação de acordo com sua data de nascimento, que poderia ser 1 *ozomatli* (1 Macaco) ou 7 *xochitl* (7 Flor), segundo o ciclo do *tonalpohualli*, integrante do sistema calendário⁵⁴. Durante sua vida, meninos, sobretudo, e meninas, eram preparados para trabalhar nos palácios dos *tlatoque* ou nas escolas, denominadas *calmecac* e *telpochcalli*⁵⁵ dos *altepeme*. Embora os *tlacuiloque* estivessem presentes nessas três instituições, era nos *calmecac* que eles, em conjunto com os *tlataminime* ou sábios, produziam livros relacionados aos calendários e livros de história, por exemplo. Os *tlacuiloque* que produziam as narrativas históricas em tempos pré-hispânicos eram, portanto, parte integrante das elites dirigentes do *altepetl* e estavam a serviço do poder político estabelecido e dos privilégios sociais que lhes eram conferidos⁵⁶. Após a conquista castelhana, a estrutura social na qual os *tlacuiloque* estavam inseridos foi irreversivelmente alterada, pois eles passaram a viver sob certas exigências das novas autoridades castelhanas, o que incluía, por exemplo, se converter ao cristianismo e ser bilíngüe, isto é, falar castelhano e a língua nativa⁵⁷.

Muitos estudos identificam a quantidade de “mãos” que escreveram os textos pictográficos em um mesmo manuscrito, isto é, a quantidade de *tlacuiloque* que participaram da confecção de um mesmo códice⁵⁸. Além disso, os textos alfabéticos nem sempre eram elaborados pelas mesmas pessoas que registravam os glifos. Os textos alfabéticos, ainda, podiam ser posteriores à confecção do códice e nem sempre eram feitas por indígenas⁵⁹. Os manuscritos produzidos durante o século XVI e início do XVII são classificados muitas vezes

⁵² DÍAZ ÁLVAREZ, Ana. *El maíz se sienta...*, p. 64.

⁵³ Pintores-escritas (sing. *tlacuilo*).

⁵⁴ HERREN, Angela Marie. *Op. cit.*, pp. 46-54.

⁵⁵ Os *calmecac* eram as escolas dos *pilli* (pl. *pipiltin*), elites dirigentes; já os *telpochcalli* eram as escolas dos *macehualli* (pl. *macehualtin*), pessoas comuns. Cf. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 58 e 81.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 82.

⁵⁷ ROBERTSON, Donald. *Op. cit.*, pp. 38-40.

⁵⁸ Por exemplo: KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Op. cit.*; e PASTRANA FLORES, Miguel. “Códices anotados de tradición náhuatl”. In: ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM, 2011.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 55.

sob autoria anônima, uma vez que dificilmente era indicado o nome do autor ou de seus informantes⁶⁰. Dessa forma, os manuscritos assumiam os pontos de vista de um grupo ou *altepetl* a respeito de seu passado em um novo contexto político social e cultural, no qual, apesar das mudanças políticas, sociais e mesmo de confecção das narrativas, os códices mantinham a função social de registro da memória coletiva⁶¹.

Os destinatários também condicionavam o conteúdo e estrutura das novas histórias. Miguel Pastrana Flores identifica três grupos para os quais os códices eram destinados: a) a própria comunidade, que poderia registrar e guardar as informações para uso interno; b) as autoridades castelhanas locais, ante quem, por esse meio, as elites buscavam o apoio em petições com diversos objetivos, tal como a obtenção de cargos e a posse de terras; e c) as autoridades castelhanas da península ibérica e, até mesmo, o rei⁶². Tais destinatários implicavam em uma seleção de acontecimentos ou partes da história a ser registrada, e também na articulação entre os textos pictográficos e alfabéticos. Em alguns códices destinados ao rei, por exemplo, interessava somente conhecer a rede de domínios que os mexicas fizeram durante o período entre a fundação de México-Tenochtitlan até a conquista castelhana. Enquanto isso, em manuscritos destinados à própria comunidade ou às autoridades locais, era importante registrar os acontecimentos anteriores à fundação do *altepetl* e posteriores à conquista castelhana, destacando a importância das migrações e a origem do *altepetl* desde tempos antigos, e reforçando que a história de tais elites continuava após 1521, mesmo que os mexicas estivessem submetidos aos novos governantes.

Por mais que os destinatários e a finalidade dessas histórias fossem bastante distintas entre si, seus produtores mantiveram a utilização da escrita pictográfica ao longo dos séculos XVI e início do XVII, registrando sequências de acontecimentos relacionados a datas e locais⁶³. As representações temporais e espaciais presentes ao longo dos manuscritos lhes conferiam uma historicidade própria. Isso não significa, todavia, que todas as histórias de um mesmo *altepetl* eram iguais, mas que tinham uma historicidade na qual o *altepetl* era o centro do devir histórico e temporal da narrativa⁶⁴.

A produção de histórias durante o regime colonial continuou sendo um instrumento fundamental para a defesa dos interesses, direitos e privilégios dos *altepeme* e de suas elites

⁶⁰ GALARZA, Joaquín. “Los códices mexicanos”. In: *Arqueología Mexicana: Códices Prehispánicos*. N. 23. México: Editorial Raíces, jan.-fev. 1997, p. 8. KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Op. cit.*, p. XI.

⁶¹ VALLE, Perla. *Op. cit.*, pp. 64-65.

⁶² PASTRANA FLORES, Miguel. “Códices anotados de tradición náhuatl”, p. 55.

⁶³ *Ibidem*, p. 52.

⁶⁴ Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 33-35.

governantes⁶⁵. A adaptação dos livros segundo modelos europeus por parte dos intelectuais indígenas não foi um simples processo de substituição por imposição, mas um ato sofisticado e criativo no qual as autoridades indígenas participaram ativamente para definir o novo rumo de sua história⁶⁶. Embora estas histórias fossem confeccionadas dentro de certas normas tradicionais pré-hispânicas, elas também contavam com inovações de influência europeia e se tornaram, ao mesmo tempo, próprias da cultura indígena e aceitáveis e compreensíveis em termos legais para os castelhanos⁶⁷.

As novas histórias mexicas produzidas entre os séculos XVI e início do XVII estão contidas nos códices *Boturini*, *Mendoza*, *Azcatitlan*, *Telleriano-Remensis*, *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Manuscrito 85* e *Mexicanus*, contendo registros pictográficos combinados com glosas ou longos textos alfabéticos. As transformações das histórias não ocorreram de forma linear e unívoca ao longo do século XVI e início do XVII. Por um lado, cada uma das histórias apresenta características que poderiam ser tomadas como resultados de soluções específicas quanto à utilização dos materiais, adaptação de formato, em conjunto com o registro pictográfico e alfabético, e seleção de conteúdo de acordo com os destinatários. Por outro, todas as histórias poderiam ser agrupadas pelo foco nos agentes, os mexicas, e por terem sido produzidas em um período específico, o colonial. É possível, no entanto, identificar grupos de manuscritos que deem conta das transformações sem cair nas peculiaridades que tornam cada história única ou na oposta ampla generalização dos manuscritos. Alguns desses códices coloniais mexicas foram agrupados por estudiosos por meio da identificação de semelhanças de conteúdo e, até mesmo, possível parentesco, pois suas histórias estariam relacionadas a narrativas de manuscritos provavelmente produzidos anteriormente. Dois desses casos são: o grupo Huitzilopochtli, formado pelos códices *Telleriano-Remensis* e *Vaticano A*⁶⁸; e o grupo Aubin, composto pelos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Manuscrito 85*⁶⁹. Trata-se de, portanto, uma grande quantidade de manuscritos que, em alguns casos, como foi dito anteriormente, também incluíam outros tipos de livros além das narrativas históricas. O Quadro 1.1 A e B, a seguir, sintetiza as características principais de produção e usos destes manuscritos.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 522.

⁶⁶ DÍAZ ÁLVAREZ, Ana. *El maíz se sienta...*, p. 45.

⁶⁷ PASTRANA FLORES, Miguel. “Códices anotados de tradición náhuatl”, p. 51.

⁶⁸ *Ibidem*, pp. 74-77.

⁶⁹ KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Op. cit.*, pp. IX-XXVIII.

Quadro 1.1 A - Códices mexicas coloniais produzidos nos séculos XVI e início do XVII

Códice	Tipo de papel	Formato	Escrita
<i>Boturini</i>	<i>Amatl</i>	<i>Tira</i>	pictográfica com glosas em nahuatl
<i>Mendoza</i>	Europeu	Fólios sem encadernação	pictográfica e alfabética em castelhano com poucas palavras em nahuatl
<i>Telleriano-Remensis</i>	Europeu	Fólios dobrados sem encadernação	pictográfica e alfabética em castelhano com poucas palavras em nahuatl
<i>Azcatitlan</i>	Europeu	Fólios dobrados na metade e sem encadernação	pictográfica com glosas em nahuatl
<i>Vaticano A</i>	Europeu	Fólios dobrados sem encadernação	pictográfica com poucas glosas em italiano
<i>Mexicanus</i>	<i>Maguey</i>	Fólios encadenados em formato de álbum	pictográfica com poucas glosas em nahuatl, castelhano e francês
<i>Manuscrito 40</i>	Europeu	Fólios sem encadernação	pictográfica e alfabética em nahuatl
<i>Aubin</i>	Europeu	Fólios encadernados	pictográfica e alfabética em nahuatl
<i>Manuscrito 85</i>	Europeu	Fólios sem encadernação	pictográfica e alfabética em nahuatl com poucas palavras em castelhano

Quadro 1.1 B - Códices mexicas coloniais produzidos nos séculos XVI e início do XVII

Códice	Outras seções	Períodos narrados na história	Data de produção
<i>Boturini</i>	Não	Migração	1530- 1540?
<i>Mendoza</i>	Sim, duas	Governo de México-Tenochtitlan	1541
<i>Telleriano-Remensis</i>	Sim, duas	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1563
<i>Azcatitlan</i>	Não	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1566-1600?
<i>Vaticano A</i>	Sim, cinco	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1589
<i>Mexicanus</i>	Sim, duas	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1590
<i>Manuscrito 40</i>	Não	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1596
<i>Aubin</i>	Não	Migração, governo de México-Tenochtitlan e período colonial	1608
<i>Manuscrito 85</i>	Não	Migração e governo de México-Tenochtitlan	1590-1620?

Com base nos dados apresentados no Quadro 1⁷⁰, proponho no Quadro 2, a seguir, a definição de três grupos de histórias mexicas coloniais, com base nas informações sobre

⁷⁰ O Quadro 1.1 A e B foi produzida com consulta às obras de diversos estudiosos: KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Op. cit.*. PASTRANA FLORES, Miguel. “Códices anotados de tradición náhuatl”. SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado...* ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religião, costumes e história de los antiguos mexicanos. Libro explicativo del llamado Códice Vaticano A.* (e Facsimile). Espanha: SEQC & Áustria: ADEVA & México: FCE, 1996. BERDAN, Frances F. e ANAWALT, Patricia Rielf (ed.). *The Codex Mendoza* (V. 3 - Facsimilar). Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, 1992. CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. *Conflictos y alianzas en tiempos de cambio: Azcapotzalco, Tlacopan, Tenochtitlan y Tlatelolco (siglos XII-XVI)*. México: IIA-UNAM, 2013. COLIN Miranda, Minerva. *Un tiempo, un espacio, un pueblo: los mexicas - Análisis del Códice Aubin*. Trabalho de conclusão de curso em História. México: UNAM, 2007. GRAULICH, Michel & BARLOW, Robert H.

produção e usos anteriormente apresentados. Essa classificação em grupos tem dois objetivos: 1) sugerir a utilização destes grupos como ponto de partida para o entendimento das representações pictográficas e alfabéticas presentes nas narrativas, e 2) compreender as transformações das histórias de forma heterogênea e não unívoca, a partir de características fundamentais, como o formato e a datação do manuscrito, seus prováveis destinatários, a presença de outras seções no manuscrito – para além da narrativa histórica – e pelo tipo de escrita utilizado.

Quadro 1.2 – Grupos dos códices mexicanos coloniais segundo suas principais características

Grupo 1	<i>Boturini</i>	Formato: <i>Tira</i> ; datação: 1530-1540; escrita: pictográfica
Grupo 2	<i>Mendoza</i>	Destinatário: Carlos V; possui mais duas seções
	<i>Telleriano-Remensis</i>	Destinatário: Europeus; possui mais duas seções
	<i>Vaticano A</i>	Destinatário: Europeus; possui mais cinco seções
	<i>Mexicanus</i>	Glosas em castelhano e francês; possui mais duas seções
Grupo 3	<i>Azcatitlan</i>	Poucas glosas; Narra os três períodos da história mexicana
	<i>Manuscrito 40</i>	Escrita: pictográfica com longos textos em nahuatl
	<i>Aubin</i>	Escrita: pictográfica com longos textos em nahuatl
	<i>Manuscrito 85</i>	Escrita: pictográfica com longos textos em nahuatl

(Introdução e comentários) *Códice Azcatitlan*. (trad. espanhol Leonardo López Luján). Paris: Société de Americanistes, 1995. JOHANSSON K., Patrick. *La palabra, la imagen y el manuscrito: lecturas indígenas de un texto pictórico en el siglo XVI*. México: UNAM, 2007 (2ª ed.). KEBER, Eloise Quiñones. *Codex Telleriano-Remensis: ritual, divination and history in a pictorial Aztec manuscript*. Austin e Hong Kong: UTP, 1995. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Histoire mexicaine depuis 1221 jusqu'en 1594. Manuscrito núm. 40 del Fondo de Manuscritos Mexicanos, Biblioteca de Francia*. México: INAH, 1998. MENGIN, Ernest. "Commentaire du Codex Mexicanus n° 23-24 de la Bibliothèque Nationale de Paris" in: *Journal de la Société des Américanistes*. T. 41, n. 2. Paris, 1952. MONTORO, Gláucia Cristiani. *Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis. Estudo codicológico* Tese (Doutorado em História). Campinas: UNICAMP, 2008. TENA, Rafael. "La cronología de la 'Tira de la Peregrinación'." in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. V. 40. México: UNAM-IIIH, 2009.

Há outras informações utilizadas, ainda, que estão presentes em obras de referência: GLASS, John B. *Idem*. GLASS, John B. & ROBERTSON, Donald. "A Census of Native Middle American Pictorial Manuscripts". In: WAUCHOPE, Robert & CLINE, Howard F. *Handbook of Middle American Indians*. V. 14. Austin e Londres: UTP, 1975. ALCINA FRANCH. *Códices Mexicanos*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

A proposta de agrupamento⁷¹ realizada acima tem como objetivo servir como ponto de partida para o entendimento das transformações que a conquista castelhana trouxe para a produção das histórias mexicas, com a incorporação de características pictóricas europeias e a introdução do alfabeto, além das mudanças que ocorreram na própria sociedade mexicana, que foi integrada às instituições castelhanas e cristãs ao longo dos séculos XVI e início do XVII, durante o chamado período colonial inicial.

As histórias mexicas produzidas no período colonial inicial atenderam tanto às demandas dos castelhanos – como instrumentos para o entendimento da história, religiosidade e das relações políticas e econômicas entabuladas entre os mexicas e os povos por eles submetidos em tempos pré-hispânicos – quanto às das elites mexicas e seus descendentes – como objetos de manutenção das tradições históricas e das posições políticas de seus produtores, – ainda que sua produção fosse resultado de empreendimentos conjuntos entre missionários, funcionários castelhanos, escribas e informantes indígenas, cujas relações entabuladas nem sempre foram horizontais.

Com base na proposta acima, foram selecionadas cinco histórias mexicas que contemplam os três grupos de manuscritos mencionados. Tais narrativas históricas estão presentes nos códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*, pois estas apresentam representações de tempo e espaço que podem ser tomadas como amostras para uma análise sobre os códices pictográficos coloniais mexicas. Apesar das diferenças levantadas anteriormente, as cinco histórias foram produzidas em contextos semelhantes, com a interação das elites indígenas, autoridades religiosas e castelhanas, ao longo do século XVI e início do XVII e apresentam textos pictográficos e alfabéticos, com a narração de períodos históricos que permitem comparações entre os códices⁷².

Com base no que foi exposto acima sobre as características gerais dos códices mexicas coloniais, apresento a seguir algumas características específicas sobre cada uma das cinco histórias mexicas coloniais que serão analisadas nesta dissertação, tais como sua composição, produção, usos sociopolíticos e o conteúdo de suas narrativas.

⁷¹ Em outra oportunidade, pude aprofundar a proposta de agrupamento mencionada. Cf: MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. “Produção, usos e transformações das histórias coloniais mexicas (séculos XVI e início do XVII)” in: *XXIX Simpósio Nacional de História. Anais eletrônicos*. Brasília: ANPUH, 2017, pp. 1-18. Disponível em: <[http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1506011583_ARQUIVO_EduardoHenriqueGorobetsMartin s-Producao,usosetransformacoesdashistoriascoloniaismexicas.pdf](http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1506011583_ARQUIVO_EduardoHenriqueGorobetsMartin%20s-Producao,usosetransformacoesdashistoriascoloniaismexicas.pdf)>. Acessado em 08/11/2017, 16:30.

⁷² Tal escolha não impedirá, no entanto, que comentários pontuais sobre os códices *Azcatitlan*, *Telleriano-Remensis*, *Manuscrito 85* e *Mexicanus* sejam eventualmente adicionados às análises.

1.2 Fontes centrais da dissertação

As fontes centrais dessa dissertação são os códices *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40* e *Aubin*. Como alguns desses manuscritos contém outras seções além das narrativas históricas, reitero que nessa dissertação foram analisadas as seções dos *xiuhamatl* presentes nesses códices coloniais.

1.2.1 Códice *Boturini* ou *Tira de la Peregrinación*

O Códice *Boturini* (também conhecido como *Tira de La Peregrinación* ou *Tira Del Museo*) é alvo de debate no que se refere à datação. Produzido em meados dos século XVI, vários estudiosos discutiram se o códice é pré-hispânico (devido à sua proximidade estrutural com códices pré-hispânicos provenientes de outras regiões, como os da Mixteca) ou se foi produzido no período imediatamente após a conquista pelos castelhanos (por conta de alguns detalhes pictográficos que sugerem influência europeia)⁷³. Rafael Tena atribuiu a produção do códice às décadas de 1530-1540⁷⁴. Já Pablo Escalante Gonzalbo propõe que a *Tira de la Peregrinación* foi confeccionada até mesmo na segunda metade do século XVI, quando foi consolidado um estilo simplificado para a produção de manuscritos com caráter legal⁷⁵. O códice *Boturini* é composto por uma longa tira de papel *amatl* (de 19,8 x 549 cm), dobrada à maneira de biombo, dividida em 22 fôlios por meio das dobras da *tira*⁷⁶. A escrita do códice é essencialmente pictográfica, mas possui também algumas poucas glosas em castelhano, que provavelmente foram adicionadas após a confecção do documento. Está atualmente no Museu Nacional de Antropologia de México.

O conteúdo desse códice narra a migração dos mexicas, com início em Aztlán, e sua passagem por vários locais (todos nomeados e datados segundo o *xiuhpohualli*) até a chegada às proximidades de Colhuacan, onde encontram problemas para se assentar⁷⁷.

Apesar de não constar a fundação de México-Tenochtitlan nesse manuscrito, o códice *Boturini* é atribuído aos mexicas, sendo possivelmente uma espécie de versão pictórica a

⁷³ JOHANSSON K., Patrick. *Arqueología Mexicana: Tira de la Peregrinación* (Códice Boturini). Ed. especial n. 26. México: Editorial Raíces, dez. 2007, pp. 6-16.

⁷⁴ TENA, Rafael. "La cronología...", p. 121.

⁷⁵ GONZALBO ESCALANTE, Pablo. *Op. cit.*, pp. 61-101.

⁷⁶ Acredita-se que o manuscrito foi rasgado ou que sua produção foi interrompida. JOHANSSON K., Patrick. *Arqueología Mexicana...*

⁷⁷ ALCINA FRANCH, José. *Op. cit.*, pp. 120-122.

partir da qual teriam sido produzidos outros manuscritos, tais como o *Manuscrito 85*, o *Manuscrito 40* e o códice *Aubin* – os dois últimos também são fontes desta dissertação⁷⁸.

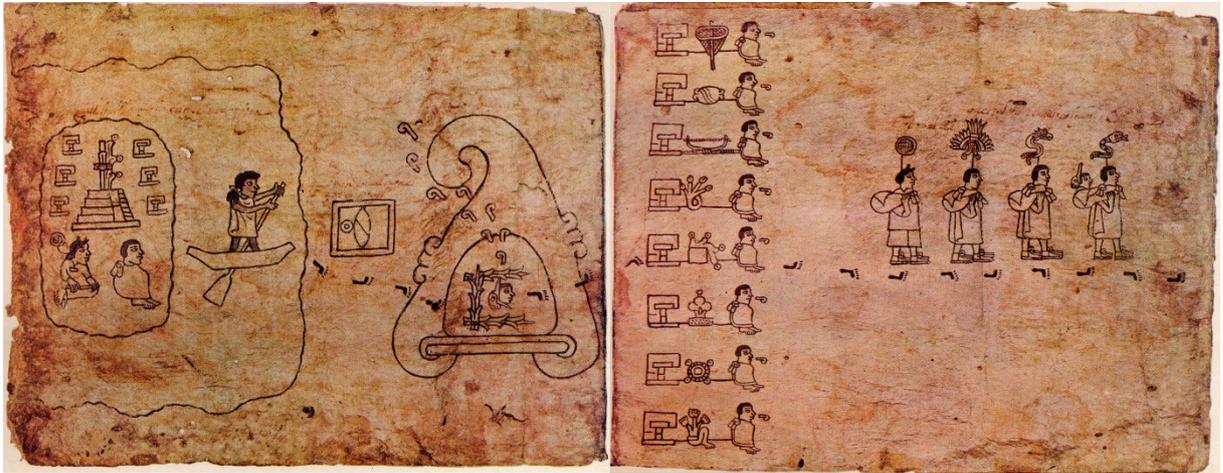


Figura 1.1 – O início da migração mexica com a saída de Aztlan. *Boturini*, fls. 1 e 2.

1.2.2 *Xiuhamatl* do códice *Mendoza*

O *Códice Mendoza* também é conhecido como *Códice Mendocino* e de *La colección Mendoza*. Produzido em 1541, trata-se de um manuscrito de 71 fólios (com 142 páginas numeradas — de 32,7 x 22,9 cm) feito com papel europeu e encadernado como um livro à maneira europeia da época. Acredita-se que o códice *Mendoza* tenha sido produzido a pedido do vice-rei Antonio de Mendoza para ser enviado ao imperador Carlos V. No entanto, sabe-se que o documento foi roubado no meio da viagem por corsários franceses, chegou às mãos do cosmógrafo real francês André Thevet, e passou, depois, pelas mãos de diversos colecionadores e estudiosos até chegar na Bodleian Library, em Oxford, Reino Unido, onde se encontra atualmente⁷⁹.

Quanto à escrita, o códice alterna fólios com glifos glosados em castelhano ou nahuatl, além de páginas inteiras com comentários em castelhano. Federico Gómez de Orozco propôs, em 1941, que o autor dos textos pictográficos seria o indígena Francisco Gualpuyagualcal, por pedido expresso do vice-rei. Já os textos alfabéticos em castelhano teriam sido escritos pelo *nahuatlato*⁸⁰ Juan González da Catedral de México⁸¹.

⁷⁸ JOHANSSON K., Patrick. *La palabra, la imagen y el manuscrito: lecturas indígenas de un texto pictórico en el siglo XVI*. México : UNAM, 2007 (2ª ed.).

⁷⁹ ALCINA FRANCH, José. *Op. cit.*, p. 108.

⁸⁰ *Nahuatlato* é um adjetivo que significa *aquele que fala nahuatl*. Também é usado para designar os tradutores coloniais que falavam nahuatl e castelhano.

⁸¹ ROBERTSON, Donald. *Op. cit.*, pp. 95-96.



Figura 1.2 – Fólho com texto pictográfico e glosas em castelhano (à esquerda) e fólho com texto alfabético em castelhano (à direita), nos quais são representados o *tlatoani* mexica Tizoc e os *altepeme* conquistados durante os cinco anos de seu governo, entre outras informações. *Mendoza*, fls. 12r e 12v.

O códice *Mendoza* está dividido em três seções. A primeira é considerada histórica por narrar as conquistas realizadas pelos mexicas desde a fundação do *altepetl* de México-Tenochtitlan, em 1325, até a conquista castelhana, ocorrida em 1521. A primeira seção é dividida, ainda, pelos períodos em que cada um dos nove governantes mexicas esteve no poder. A segunda seção, conhecida como tributária ou econômica, apresenta uma lista dos povos submetidos aos mexicas, separados em províncias, e os tributos que cada um deles pagava a México-Tenochtitlan. Por fim, a terceira seção, é chamada de etnográfica por conter descrições da vida cotidiana mexica em tempos pré-hispânicos⁸². A primeira seção, que alterna o formato de *xiuhamatl* com o de crônica, é a que será analisada nessa dissertação (fls. 1r – 16v).

⁸² BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Riel (ed.). *The Essential Codex Mendoza*. Los Angeles: University of California Press, 1997, pp. XI-XIII.

1.2.3 *Manuscrito 40*

O *Manuscrito 40* também tem o nome *Histoire mexicaine depuis 1221 jusqu'en 1594*. O *Manuscrito 40* tem esse nome devido ao número de registro que possui no Fundo de Manuscritos Mexicanos da Biblioteca Nacional da França (FMM-BNF). Deve ter sido confeccionado entre os anos 1573 e 1596, segundo Xóchitl Medina González. O manuscrito passou pela mão de diversos colecionadores, como Joseph Marius Alexis Aubin, Eugènes Goupil e Eugène Boban. Foi produzido em papel europeu e possui 24 folhas escritas em frente e verso (com exceção de alguns fôlios em branco), que medem 21 x 16cm⁸³. Contém textos pictográficos e textos alfabéticos em nahuatl e uma nota preliminar.

O conteúdo do *Manuscrito 40* narra a migração dos mexicas, desde sua saída de Aztlan até a fundação de México-Tenochtitlan, sucedida pela listagem sucessiva dos *tlatoque* mexicas-tenochcas e dos acontecimentos de seus governos. Também relata a conquista castelhana e, finalmente, narra os acontecimentos ocorridos posteriormente, até o ano de 1573⁸⁴.

Medina González aponta, tal como Walter Lehmann e John Glass, que o *Manuscrito 40* possui vínculos formais e literários com o *Manuscrito 85*, o *Manuscrito 217* (FMM-BNF) e, principalmente, com o códice *Aubin*⁸⁵; o *Manuscrito 89-1* (FMM-BNF) seria uma possível cópia do *Manuscrito 40*. Medina acredita que o *Manuscrito 40* se originou de outro “códice-mãe” de inspiração pré-hispânica⁸⁶.

⁸³ De acordo com a versão microfilmada do projeto *Amoxcalli* do CIESAS, traduzida e introduzida por Elia Rocío Hernández Andón, o *Manuscrito 40* contém 24 folhas, ao invés de 19, como consta no trabalho de Medina González apoiada na obra de Walter Lehmann. Cf. *Manuscrito 40 - Historia Mexicana desde 1221 hasta 1594*. Paleografia, tradução do nahuatl ao espanhol, introdução e notas por Elia Rocío Hernández Andón. In: *Proyecto Amoxcalli – CIESAS/CONACyT*. Projeto de microfilmagem, paleografia, tradução e estudo dos manuscritos do Fundo de Manuscritos Mexicanos da Biblioteca Nacional da França (2000-2010). Disponível em: <<http://amoxcalli.org.mx/>>. Acessado em: 08 de dezembro de 2016.

⁸⁴ MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*, pp. 13-35.

⁸⁵ KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Op. cit.*; GLASS, John B. *Op. cit.*

⁸⁶ MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*, pp. 17-27.

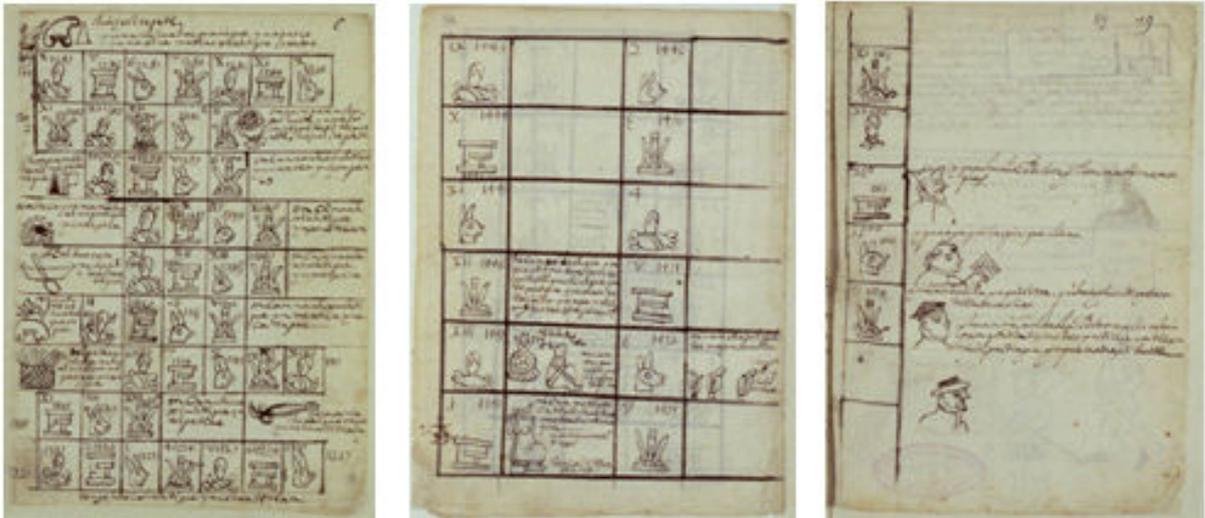


Figura 1.3 – Fólios que apresentam, da esquerda para a direita, a) estadia dos mexicas em vários lugares ao longo de sua migração, b) conquista de lugares, morte e ascensão de *tlatoque* mexicas, e c) acontecimentos ocorridos após a conquista castelhana. *Manuscrito 40*, fls. 6r, 11v e 19r.

1.2.4 *Xiuhamatl* do *códice Vaticano A*

Conservado na Biblioteca Apostólica Vaticana, na Cidade do Vaticano, o *Códice Vaticano A* também é chamado de *Codex Vaticanus 3738* e *Códice Ríos*. O nome de *Códice Ríos* existe devido a sua provável vinculação com o frei Pedro de los Ríos, a quem é atribuída a compilação do documento⁸⁷. O código foi elaborado provavelmente entre 1566 e 1589 no Vale do México⁸⁸, com papel europeu de 46 x 29 cm e timbrado com marca d'água, na qual se representa um *Agnus Dei* e uma âncora. Possui 101 fólhos divididos em sete seções, sendo que, suas últimas seções, a sexta e a sétima (fls. 66v a 96v⁸⁹), são um *xiuhamatl*, que será utilizado para as análises.

O *xiuhamatl* do *Vaticano A* narra os acontecimentos relacionados aos mexicas entre os anos de 1195 a 1562 em texto pictográfico — nessa seção, há apenas 3 páginas que contém anotações em texto alfabético⁹⁰. Ao longo desse período, é narrada a saída dos mexicas de Chicomoztoc, sua migração até a fundação de México-Tenochtitlan e a sucessão dos *tlatoque* mexicas e suas conquistas. Sua narrativa representa a conquista castelhana e acontecimentos posteriores.

⁸⁷ ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religión, costumbres e historia...*, p. 18.

⁸⁸ GLASS, John B. & ROBERTSON, Donald. *Op. cit.*, p. 186.

⁸⁹ Não há nenhum texto pictográfico ou alfabético nos fólhos 94v e 95r.

⁹⁰ ALCINA FRANCH, José. *Op. cit.*, pp. 88-90.

O nome do códice *Vaticano A* no catálogo vaticano é *Indorum cultus, idolatria et mores* (culto, idolatria e costumes dos índios)⁹¹. De acordo com Ana Guadalupe Díaz Álvarez, tal nome se relaciona com o objetivo de produção desse manuscrito: trata-se de um projeto levado a cabo por dominicanos e destinado a um funcionário da Igreja, que tinha a intenção de explicar o funcionamento de certos aspectos da realidade indígena aos "olhos estrangeiros". De acordo com a autora, surge no manuscrito um novo discurso, fruto do diálogo entre conceitos filosóficos europeus integrados com a tradição dos antepassados indígenas. Mas, esse manuscrito não se trataria apenas de uma cópia ou simples hibridização de conceitos, mas de uma reelaboração complexa, na qual os códigos foram reformulados e se abriram a novas alternativas discursivas com influência de modelos renascentistas e da tradição pré-hispânica na composição do manuscrito⁹².

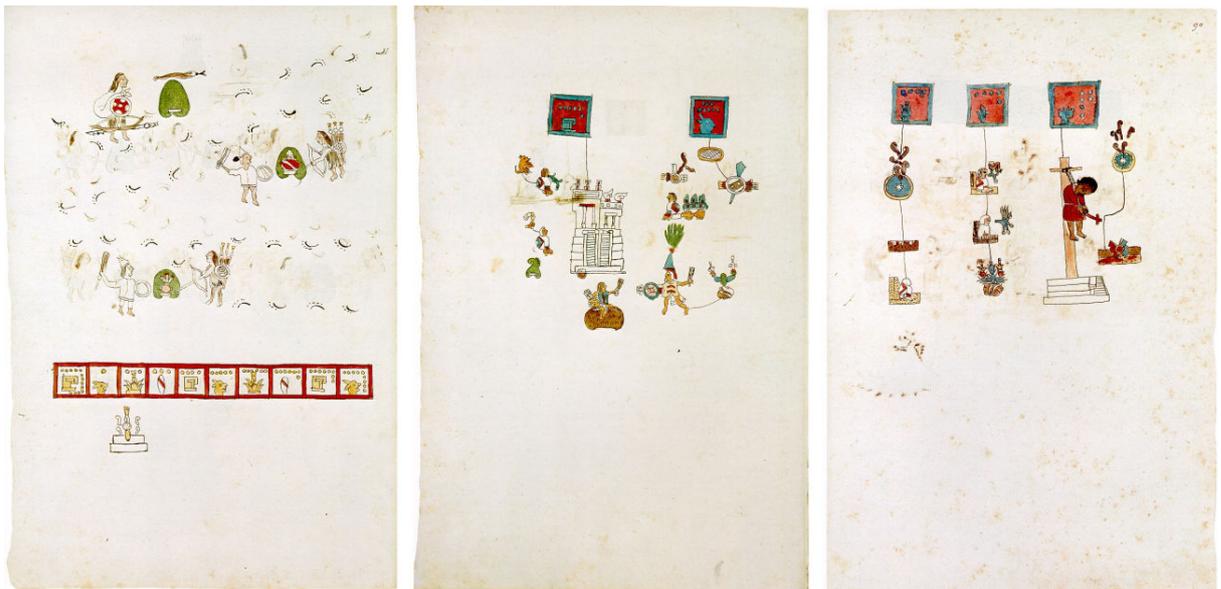


Figura 1.4 – Fólios que apresentam, da esquerda para a direita: a) trecho da migração mexicana, b) as conquistas mexicanas, ocorridas após a fundação de México-Tenochtitlan, e c) acontecimentos ocorridos após a conquista castelhana. *Vaticano A*, fls. 69r, 80v, 92r.

O códice Vaticano A faz parte, ainda, juntamente com o códice *Telleriano-Remensis*, do chamado Grupo Huitzilipochtli. Tal grupo foi proposto por Robert H. Barlow por conta das grandes e evidentes semelhanças entre os dois manuscritos. De acordo com Barlow, ambos os códices seriam derivados de um manuscrito anterior hipotético que foi nomeado

⁹¹ ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religión, costumbres e historia...*, p. 11.

⁹² DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. “La primera lámina del códice Vaticano A. ¿Un modelo para justificar la topografía celestial de la antigüedad pagana indígena?” *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas*, v. XXXI, n. 95. México: UNAM-IIE, 2009, pp. 39-43.

como *Códice Huitzilopochtli*⁹³. Para Donald Robertson, o códice que gerou os dois do grupo seria uma síntese de vários documentos⁹⁴. Mais recentemente, em 1995, Eloise Quiñones Keber questionou essa hipótese afirmando que, na verdade, o códice *Vaticano A* seria uma cópia do *Telleriano-Remensis*⁹⁵. No entanto, faltam algumas páginas do códice *Telleriano-Remensis* cujos conteúdos estão presentes somente no códice *Vaticano A*⁹⁶.

1.2.5 Códice Aubin

Também é chamado de *Codex de 1576*, de *Histoire de La Nation Mexicaine depuis le départ d’Aztlan jusqu’à l’arivée des Conquérents Espagnols* e de *Anales Mexicanos n° 1*. Data de 1596 (primeira parte) e 1608 (segunda parte) — as quais incluem os períodos de elaboração de 1576-1596 e 1597-1608, respectivamente – e foi produzido em papel europeu, sendo encadernado como um livro à maneira européia. Possui 81 folhas (com 158 páginas enumeradas) de 15 x 11 cm. Possui textos pictográficos e textos alfabéticos em nahuatl. Pertenceu à coleção de Lorenzo Boturini Benaduci, passando pelas mãos de várias pessoas até as de Joseph Marius Alexis Aubin, do qual herda o nome, e está atualmente no British Museum, em Londres.

O códice *Aubin* trata da migração dos mexicas de Aztlan até a fundação de México-Tenochtitlan em uma ilha no Lago Texcoco (onde hoje se localiza a Cidade do México), seguida pela sucessão dos *tlatoque* ou governantes mexicas-tenochcas e de alguns acontecimentos em seus governos. Sua narrativa relata a conquista castelhana e, por fim, narra os acontecimentos do período colonial até o ano de 1608⁹⁷.

María Castañeda de la Paz afirma que os códices *Aubin*, *Boturini*, *Manuscrito 40* e o *Manuscrito 85* foram baseados em um outro códice, hipotético, nomeado como *Códice Y*⁹⁸.

⁹³ PASTRANA FLORES, Miguel. “Códices anotados de tradición náhuatl”, pp. 74- 77.

⁹⁴ ROBERTSON, Donald. *Op. cit.*

⁹⁵ KEBER, Eloise Quiñones. *Op. cit.* Em um estudo codicológico do códice *Telleriano-Remensis*, Gláucia Cristiani Montoro confirmou as hipóteses de Quiñones Keber no que diz respeito às filiações daquele manuscrito e do *Vaticano A*. MONTORO, Gláucia Cristiani. *Op. cit.*

⁹⁶ *Ibidem*, p 338; DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *Las formas del tiempo...*, p. 269-270.

⁹⁷ ALCINA FRANCH. *Op. cit.*, pp. 115-116. Além disso, os últimos dezenove fólios do códice *Aubin* compõem-se como complemento ou adição à narrativa histórica, diferenciando-se daquela por apresentar um resumo no qual há uma lista dos governantes pré-hispânicos e coloniais de México-Tenochtitlan com a indicação da duração de seus governos. Essa seção não foi analisada de forma central nessa dissertação.

⁹⁸ A pesquisadora levanta vários argumentos para tal hipótese, tal como a definição de Aztlan como local de origem da migração mexica. Tal proposta se opõe à hipotética *Crónica X*, assim nomeada por Robert Barlow, em 1945, que teria originado a *Crónica Mexicana* e a *Crónica Mexicayotl* de Tezozomoc e teria sido utilizada por outros autores como Durán – nestas fontes o local de origem da migração mexica, por exemplo, era Chicomoztoc. CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. *Op. cit.*, 2013, pp. 19-22.

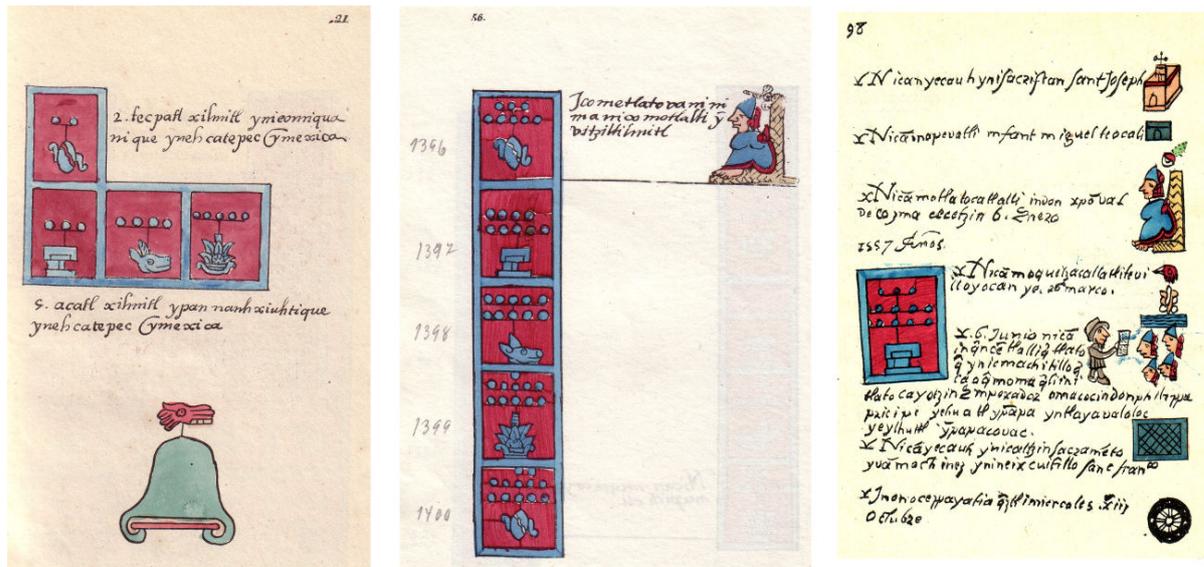


Figura 1.5 – Fólios com textos pictográficos e alfabéticos em nahuatl, retratando três momentos da narrativa, da esquerda para a direita: a) estadia dos mexicas em Ecatepec por quatro anos, durante o período da migração; b) início do governo do *tlatoani* mexica Huitzilhuítl, c) acontecimentos ocorridos após a conquista castelhana.

Aubin, fls. 21, 56 e 98.

*

Com base na temática das sequências de eventos presentes nas histórias dos códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*, o conteúdo das narrativas é dividido em três períodos por alguns estudiosos⁹⁹. O primeiro período é o da migração dos mexicas, desde um lugar de origem, passando por vários lugares, até a fundação de seu *altepetl*, México-Tenochtitlan. O segundo período é chamado de imperial, porque narra sucessão de governantes do *altepetl* e suas conquistas político-tributárias, cujo final pode ser marcado pelo relato da conquista castelhana¹⁰⁰. O terceiro e último período narrado nas histórias é o período colonial, com seus eventos e novidades políticas, sociais e religiosas. Em relação aos códices analisados nessa pesquisa, os três períodos mencionados são contemplados nas histórias dos códices *Aubin*, *Vaticano A* e no *Manuscrito 40*. Entretanto, os outros dois códices, *Boturini* e *Mendoza*, tratam apenas de alguns deles. O códice *Boturini* narra de grande parte do período

⁹⁹ Trata-se de uma avaliação contemporânea de diversos estudiosos. Os mexicas não dividiam suas histórias em três partes claras, tais como capítulos, ou as nomeavam conforme os nomes mencionados. Apesar disso, a configuração das representações de tempo e espaço ao longo dos fólios das histórias ajuda a balizar a divisão em três períodos – o que não significa, contudo, que as concepções de tempo e espaço empregadas mudem radicalmente em uma mesma narrativa. BOONE, Elizabeth Hill. *Stories in red and black: pictorial histories of the aztecs and mixtecs*. Austin: UTP, 2000, pp. 213-214.

¹⁰⁰ Esse período é nomeado dessa maneira, embora os mexicas não utilizassem o conceito de império e sua ascensão tributária e militar só tivesse se iniciado cerca de cem anos após a fundação de México-Tenochtitlan. *Ibidem*.

da migração¹⁰¹, enquanto a seção histórica do códice *Mendoza* narra apenas o período imperial.

Ao longo dos três períodos narrados nas histórias, há representações de tempo e espaço presentes de forma mais recorrente, como, por exemplo, as representações do calendário mesoamericano e dos topônimos de paisagem e *altepetl*. Essas e outras representações temporais e espaciais registradas nos manuscritos, tanto por meio de textos pictográficos, quanto de textos alfabéticos, serão analisadas nos próximos capítulos, bem como suas continuidades e transformações em relações ao padrão pré-hispânico. As análises terão como objetivo evidenciar as concepções de tempo e espaço dos mexicas durante o período de 1530 a 1608, entendendo-as como parte das concepções de história plasmadas nos registros dos códices mexicas coloniais.

¹⁰¹ Como dito anteriormente, este manuscrito não narra a fundação de México-Tenochtitlan.

CAPÍTULO 2 – AS REPRESENTAÇÕES DE TEMPO, SUAS CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES NAS HISTÓRIAS MEXICAS COLONIAIS

O objetivo deste capítulo é analisar as representações de tempo presentes nas histórias mexicas coloniais, explicitando a função estruturante que tais representações ocupam nestas narrativas. As análises se dedicarão a entender a configuração da contagem do tempo nas narrativas, com base na utilização dos sistemas calendários mesoamericano e cristão. Além disso, apontarei diferenças das representações de tempo presentes nas cinco narrativas mexicas coloniais analisadas, e suas possíveis relações com continuidades e transformações nas concepções de história dos mexicas durante os séculos XVI e início do XVII. Nesse sentido, as análises realizadas apontam para uma preponderância de representações pictográficas de um dos ciclos do calendário mesoamericano nas narrativas históricas, o *xiuhmolpilli*¹⁰², em comparação às representações do calendário cristão e a outros ciclos calendários utilizados pelos mexicas. Ao mesmo tempo, surgiram novas formas de organização das narrativas, originando novas historicidades, acompanhadas, por exemplo, da transformação do sentido de leitura protagonizado pelas representações de tempo, em função dos objetivos e destinatários das histórias.

O segundo capítulo está dividido em três partes e as conclusões. Primeiramente, apresento as características gerais dos ciclos *tonalpohualli*, *xiuhpohualli* e *xiuhmolpilli*, integrantes do sistema calendário mesoamericano, e presentes em gravados de pedra mexicas e nos códices mixtecos pré-hispânicos¹⁰³. Tais ciclos estão registrados por meio de representações pictográficas e alfabéticas nos cinco *xiuhamatl* mexicas coloniais estudados. Essa primeira parte tem como objetivo apresentar um panorama das representações do calendário pré-hispânico mesoamericano, que servirá de ponto de partida para as análises nas duas partes seguintes do capítulo.

Na segunda parte, serão analisadas as das representações pictográficas e alfabéticas de tempo – ou a elas intimamente relacionadas – nos manuscritos por meio de três seções: a) o *xiuhmolpilli*, apresentando as características formais dos glifos e suas relações com as tradições de escrita pictográfica pré-hispânicas, além da proporção que os anos *xihuitl* ocupam nas histórias em comparação a outros tipos de representações, como topônimos e agentes; b)

¹⁰² Ciclo de 52 anos sazonais que fazia parte do sistema calendário compartilhado por diversos povos mesoamericanos, entre os quais estavam os mexicas.

¹⁰³ Como mencionado na Introdução, foram selecionadas amostras de gravados em pedra mexicas e de códices mixtecos pré-hispânicos conforme a relação temática com as representações de tempo e espaço e a disponibilidade ao longo da bibliografia consultada.

as representações do *xiuhpohualli* e *tonalpohualli* nas histórias; e c) as representações do calendário cristão nas narrativas. Com isso, pretendo entender quais foram as continuidades e transformações das representações de tempo nas histórias mexicas coloniais.

Na terceira parte do capítulo, irei comparar os dados levantados quanto ao número de anos do ciclo *xiuhmolpilli* por fólio, configuração dos anos e sentido de leitura com o objetivo de entender a definição de períodos históricos e historicidades que cada uma das cinco histórias constrói com base nesses dados.

Por fim, apresentarei as conclusões deste capítulo, retomando as análises realizadas sobre as representações de tempo nas histórias contidas nos *xiuhamatl* dos códices, com o objetivo de elencar possíveis continuidades e transformações nas concepções de tempo que podem ser inferidas quanto à produção das histórias mexicas entre 1530 e 1608.

2.1 Características gerais dos ciclos do sistema calendário mesoamericano presentes nos *xiuhamatl* coloniais mexicas

As representações de tempo nas histórias mexicas coloniais são apresentadas fundamentalmente por meio de representações de datas advindas tanto do sistema calendário mesoamericano, quando do cristão. Adiante irei apresentar brevemente os ciclos calendários que foram utilizados pelos mexicas nas cinco histórias analisadas e que compunham o sistema calendário mesoamericano: o *tonalpohualli*, o *xiuhpohualli* e o *xiuhmolpilli*. Também detalharei alguns elementos destes ciclos que estão presentes nas cinco histórias analisadas, bem como a relação dos ciclos com os sentidos de leitura dos manuscritos. Deve ser destacado que há outros ciclos e séries associadas a eles¹⁰⁴ que compunham o sistema calendário mesoamericano e que estão presentes em outros gêneros produzidos em tempos pré-hispânicos e que integraram os manuscritos coloniais¹⁰⁵.

O primeiro desses ciclos era o *tonalpohualli*, ou o ciclo calendário que contava os dias. O nome de cada dia era composto por um numeral e um *tonalli*¹⁰⁶. Um numeral do conjunto

¹⁰⁴ Outros povos, como os maias, por exemplo, utilizavam o ciclo de 360 dias dos anos *tun* e o sistema de datação por meio da *conta longa*. Além disso, os nahuas também utilizavam séries em conjunto com os ciclos citados, tais como as séries dos Senhores da Noite, dos Senhores dos Dias e dos Voadores, que serviam para contar e qualificar os dias ou parte deles. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 130-137 e 196.

¹⁰⁵ O códice *Vaticano A*, por exemplo, cujo *xiuhamatl* é analisado nesta dissertação, possui outras seções em que há explicações mais detalhadas sobre o funcionamento do *tonalpohualli* e das séries que acompanham tal ciclo calendário, por exemplo.

¹⁰⁶ Traduzido como *ardor, calor do sol, verão, alma, espírito, signo de nascimento*. SIMEÓN, RÉMI. *Diccionario de la lengua náhuatl...*, p. 716.

de 1 a 13 era combinado com um *tonalli*, por sua vez, de um conjunto de vinte signos. Os numerais eram grafados por meio de pequenos círculos, representando contas¹⁰⁷, enquanto os vinte *tonalli* eram representados por animais, plantas, artefatos humanos, fenômenos naturais e conceitos abstratos. Os vinte *tonalli* eram: *cipactli* (jacaré), *ehecatl* (vento), *calli* (casa), *cuetzpallin* (lagarto), *coatl* (serpente), *miquiztli* (morte), *mazatl* (veado), *tochtli* (coelho), *atl* (água), *izcuintli* (cachorro), *ozomatli* (macaco), *malinalli* (erva), *acatl* (junco ou cana), *ocelotl* (jaguar), *cuauhtli* (águia), *cozcacuauhtli* (urubu), *ollin* (movimento), *tecpatl* (punhal de pedernal), *quiahuatl* (chuva) e *xochitl* (flor). A combinação dos treze numerais com os vinte *tonalli* totalizava 260 dias (20x13). Esses 260 dias eram, ainda, subdivididos em vinte trezenas nomeadas de acordo com o primeiro dia da sequência de treze¹⁰⁸. O Quadro 2.1 apresenta um exemplo de sequência dos dias no *tonalpohualli*.

Quadro 2.1 – Exemplo de sequência dos dias no *tonalpohualli*

1 <i>cipactli</i>	9 <i>atl</i>	4 <i>ollin</i>
2 <i>ehecatl</i>	10 <i>izcuintli</i>	5 <i>tecpatl</i>
3 <i>calli</i>	11 <i>ozomatli</i>	6 <i>quiahuatl</i>
4 <i>cuetzpallin</i>	12 <i>malinalli</i>	7 <i>xochitl</i>
5 <i>coatl</i>	13 <i>acatl</i>	8 <i>cipactli</i>
6 <i>miquiztli</i>	1 <i>ocelotl</i>	E assim por diante até
7 <i>mazatl</i>	2 <i>cuauhtli</i>	serem completados os 260
8 <i>tochtli</i>	3 <i>cozcacuauhtli</i>	dias do ciclo

Apesar das histórias analisadas nesta dissertação serem mexicas e coloniais, as representações pictográficas dos dias do *tonalpohualli* eram frequentes em manuscritos pré-hispânicos de outras regiões da Mesoamérica. Por exemplo, nos códices mixtecos, tais como o *Vindobonensis*¹⁰⁹ e o *Zouche-Nuttall*¹¹⁰, os eventos eram organizados nas histórias por meio

¹⁰⁷ A palavra *conta* será utilizada nesse trabalho com duas principais conotações: 1) a representação de uma pequena esfera com um furo por onde pode ser enfiado um fio, e 2) o ato de enumerar e, ao mesmo tempo, narrar algo – como é o caso da *conta dos anos*, por exemplo.

¹⁰⁸ O período de 260 dias do *tonalpohualli* não corresponde precisamente a nenhum ciclo astronômico conhecido. Entretanto, alguns pesquisadores associam a duração do *tonalpohualli* ao período gravidez humana ou ao ciclo completo de plantio e colheita do milho. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 130-137.

¹⁰⁹ O códice *Vindobonensis Mexicanus 1*, também conhecido como *Vindobonense* ou *Viena*, foi produzido com peles de veado e dobrado em forma de biombo. É composto por duas faces distintas, verso e reverso ou lados 1 e 2. No primeiro lado, há uma narrativa cosmogônica sobre o início do mundo centrada principalmente no senhorio de Apoala; esse lado teria sido produzido no início do século XVI. O lado 2, ou verso, narra em 13 fôlios as dinastias de Tilantongo (ou Ñuu Tnoo) de forma incompleta e teria sido produzido entre 1519 e 1520.

de datas, compostas por dias e também por anos – como veremos adiante. A Figura 2.1 exemplifica a utilização das representações pictográficas do *tonalpohualli* nos dois códices mixtecos desde tempos pré-hispânicos¹¹¹.



Figura 2.1 – Exemplos de representações pictográficas dos dias do *tonalpohualli* destacadas na cor vermelha nos códices mixtecos pré-hispânicos. Esquerda: dias 8 punhal de pedernal e 7 águia. Direita: dias 1 jacaré, 7 flor, 6 flor e 1 águia. *Vindobonensis*, p. I ou fl. 53. *Zouche Nuttall*, fl. 5r.

Os dias do *tonalpohualli* também eram utilizados para nomear pessoas e deidades, configurando nomes calendários. Dessa forma, por exemplo, os nomes calendários das deidades Huitzilopochtli e Quetzalcoatl eram, respectivamente, 1 *tecpatl* (1 punhal de

ANDERS, Ferdinand, JANSEN, Maarten e REYES GARCÍA, Luis. *Origen e historia de los reyes mixtecos. Libro explicativo del llamado códice Vindobonensis*. Graz: ADEVA & Madrid: SEQC & México: FCE, 1992. LIMA, Ana Cristina de Vasconcelos. *Os agentes nas histórias mixtecas pré-hispânicas e coloniais*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo, FFLCH-USP, 2017, p. 28.

¹¹⁰ O códice *Zouche Nuttall* também foi confeccionado com peles de veado e dobrado em forma de biombo e é composto por duas faces distintas, verso e reverso ou lados 1 e 2. No primeiro lado, é representada a vida de um importante senhor mixteco, Oito Veado Garra de Jaguar (1063-1115 d.C), fundador do senhorio de Tututepec – este lado é datado de fins do século XIV. O outro lado do códice, lado 2 ou verso, é composto por seções que relatam a fundação e história de diversas dinastias mixtecas, tais como as dos senhorios de Tilantongo, Teozacualco (locais prováveis de confecção do códice) e Zaachila – a data de produção deste lado é provavelmente o início do século XV. ANDERS, Ferdinand, JANSEN, Maarten e REYES GARCÍA, Luis. *Crónica mixteca: El rey 8 venado, Garra de Jaguar, y la dinastía de Teozacualco-Zaachila. Libro explicativo del llamado códice Zouche-Nuttall*. Graz: ADEVA & Madrid: SEQC & México: FCE, 1992. LIMA, Ana Cristina de Vasconcelos. *Op. cit.*, p. 27.

¹¹¹ O sentido de leitura dos manuscritos pré-hispânicos é da direita para a esquerda e é direcionado, ainda, pelas linhas vermelhas contidas nos fôlios. Além disso, os nomes dos dias foram traduzidos para o português, uma vez que a língua mixteca apresenta outros nomes para os signos mencionados em nahuatl. A identificação das representações foi realizada com o auxílio de obras específicas sobre ambos os códices. ANDERS, Ferdinand et alli.. *Origen e historia...*, pp. 189-191; e ANDERS, Ferdinand et alli.. *Crónica mixteca...*, pp. 95-97. As imagens de ambos os fôlios foram adaptadas de: FAMSI – ADEVA. *Codex Vindobonensis Mexicanus 1*, p. 53. Disponível em < http://www.famsi.org/research/graz/vindobonensis/img_page53.html> e acessado em 23/08/2017; FAMSI – ADEVA. *Codex Zouche-Nuttall*, p. 05. Disponível em < http://www.famsi.org/research/graz/zouche_nuttall/img_page05.html> e acessado em 23/08/2017.

pedernal) e 1 *acatl* (1 junco)¹¹². Nos monumentos mexicas, as representações pictográficas dos dias do *tonalpohualli* eram geralmente associadas aos nomes calendários de deidades ou governantes. Entretanto, é importante ressaltar que, nesses casos, o *tonalpohualli* não tinha a função de datar acontecimentos, como ocorria nos códices mixtecos pré-hispânicos.

Nas histórias mexicas coloniais, os dias do *tonalpohualli* não costumam ser mencionados de forma recorrente. A exceção ocorre em uma representação no códice *Vaticano A*, que será analisada na próxima seção deste capítulo. No entanto, este mesmo manuscrito mexica apresenta uma seção temática do *tonalamatl* inspirada ou copiada de códices pré-hispânicos deste gênero. De forma exemplar, apresento dois fólios que representam pictograficamente os dias do *tonalpohualli* e a associação de cada um deles a um Senhor da Noite (Figura 2.2). Os fólios apresentam uma trezena do *tonalpohualli*, sendo que, abaixo dela, é representada uma deidade. Essa trezena integra o conjunto de vinte, que, como mencionado anteriormente, totaliza os 260 dias que formavam o ciclo *tonalpohualli*.



Figura 2.2 – Trezena do *tonalpohualli*, representando os dias de 1 *cipactli* (1 jacaré) até 13 *acatl* (13 junco) por meio de glifos no códice *Vaticano A*. Os dias do *tonalpohualli* que configuram a sequência do Quadro 2.1 estão destacados na cor preta e são acompanhados por textos alfabéticos em italiano, abaixo das sequências de glifos.

Vaticano A, fls. 13v-14r.

¹¹² UMBERGER, Emily. *Aztec Sculptures, Hieroglyphs and History*. Tese (Doutorado em História da Arte). New York: Columbia University: 1981, p. 56.

O segundo ciclo que compunha o calendário mesoamericano era o *xiuhpohualli* (ou a *conta do ano*), que, por sua vez, era um ciclo de 365 dias¹¹³, chamado de *xihuitl*¹¹⁴ (ano). Este ciclo é identificado pelos estudiosos como um período de tempo ligado às estações do ano, isto é, um ano sazonal. Enquanto o *tonalpohualli* se dividia em vinte trezenas, o *xiuhpohualli* era dividido em dezoito vintenas, ou *tlapohualtin*, e cinco dias restantes¹¹⁵. As vintenas de cada *xihuitl*, diferentemente das trezenas do *tonalpohualli*, não tinham um nome calendário, mas nomes próprios e celebravam deidades ou entes específicos. Os cinco dias que completavam o ano *xihuitl* para além das 18 vintenas eram chamados de *nemontemi* e eram considerados vazios, ocos ou inúteis¹¹⁶. A lista dos nomes das 18 vintenas do *xiuhpohualli* está no Quadro 2.2, com a respectiva tradução em português.

Quadro 2.2 – As dezoito vintenas do *xiuhpohualli*

Em nahuatl	Em português ¹¹⁷
1 – <i>Atlcahualo / Xilomaniliztli</i>	<i>Se Deixa a Água / Oferenda de Espigas</i>
2 – <i>Tlacaxipehualiztli</i>	<i>Esfolamento de Gente</i>
3 – <i>Tozoztontli</i>	<i>Pequena Festa de Nosso Auto-sacrifício</i>
4 – <i>Huey Tozoztli</i>	<i>Grande Festa de Nosso Auto-sacrifício</i>
5 – <i>Toxcatl</i>	<i>Nosso Assado ou Milho Tostado</i>
6 – <i>Etzalcualiztli</i>	<i>Comida de Milho e Feijão Cozidos</i>
7 – <i>Tecuilhuitontli</i>	<i>Pequena Festa dos Senhores</i>
8 – <i>Huey Tecuilhuitl</i>	<i>Grande Festa dos Senhores</i>
9 – <i>Tlaxochimaco / Miccailhuitontli</i>	<i>Oferenda de Flores / Pequena Festa dos Mortos</i>
10 – <i>Xocotl Huetzi / Huey Miccailhuitl</i>	<i>A Fruta Cai / Grande Festa dos Mortos</i>
11 – <i>Ochpaniztli</i>	<i>Varrer Caminhos</i>
12 – <i>Teotleco / Pachtontli</i>	<i>Advento dos Deuses / Pequena Festa do Pachtle</i> ¹¹⁸

¹¹³ Há algumas discussões entre os estudiosos sobre a existência dos anos bissextos e possíveis ajustes em relação ao calendário. Entretanto, nas fontes analisadas nesta dissertação não há referências desses ajustes. Cf. TENA, Rafael. *El calendario mexica y la cronografía*. México: INAH, 1992 (1ª ed. em 1987). Baseada nos escritos de Bernardino de Sahagún, Ana Guadalupe Díaz Álvarez afirma que o *xiuhpohualli* é um sinônimo de *xiuhmolpilli*, isto é, trata-se da conta de vários anos e não da conta interna de um ano. DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *Las formas del tiempo...*, p. 96.

¹¹⁴ SIMEÓN, Remi. *Op. cit.*, p. 770-771. Traduzido como *ano, cometa, turquesa, erva e folha*.

¹¹⁵ *Tlapohualtin* é o plural de *tlapohualli*, ou seja, vintena. Segundo Ana Guadalupe Díaz Álvarez, o conjunto de dezoito vintenas era chamado de *cecemilhuitlapohualli* ou *cecempoalapoalli*. Esse conjunto totalizava 360 dias e, por isso, não equivalem a um ano *xihuitl*, que continha 365 dias. DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *Las formas del tiempo...*, pp. 246-254.

¹¹⁶ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 140.

¹¹⁷ Tradução realizada por Eduardo Natalino dos Santos. *Ibidem*, pp. 188-189. O autor também indica, em seu texto, os entes e as deidades que eram celebrados em cada uma das vintenas.

13 – <i>Tepeilhuitl / Huey Pachtli</i>	<i>Festa dos Montes / Grande Festa do Pachtle</i>
14 – <i>Quecholli</i>	<i>Flamingo ou Flecha Arrojada</i>
15 – <i>Panquetzaliztli</i>	<i>Hasteamento de Bandeiras</i>
16 – <i>Atemoztli</i>	<i>Abaixamento das Águas</i>
17 – <i>Tititl</i>	<i>Encolhimento</i>
18 – <i>Izcalli</i>	<i>Crescimento</i>

Em tempos pré-hispânicos as representações das vintenas do *xiuhpohualli* e dos dias do *tonalpohualli* eram raras nos gravados de pedra e monumentos dos mexicas. No caso das vintenas do *xiuhpohualli*, alguns estudiosos afirmam até mesmo que estas tratavam-se de uma invenção colonial, que teria como objetivo organizar a administração tributária¹¹⁹. Ana Guadalupe Díaz Álvarez, por sua vez, defende que o ciclo das vintenas fazem parte de um repertório pré-hispânico, que sofreu várias modificações a partir da introdução do calendário cristão e foi adaptado ao ciclo dos meses europeus¹²⁰. Dessa forma, as demandas cristãs do período colonial tentaram associar as vintenas aos meses cristãos, com o objetivo de transformar as datas em números, suprimindo as celebrações e qualidades que estavam associadas ao ciclo calendário indígena.

Nas histórias mexicas coloniais as vintenas que compunham o *xiuhpohualli* também não eram frequentemente mencionadas, de maneira semelhante ao que ocorria com os dias do *tonalpohualli*. Algumas exceções são as representações pictográficas ou alfabéticas nas narrativas do códice *Vaticano A* e *Aubin*, que serão objeto de análise na próxima seção. O códice *Vaticano A* contém uma seção temática para explicar as 18 vintenas por meio de representações pictográficas de entes ou deidades celebrados em cada vintena, seguidos por explicações em texto alfabético em italiano. A seguir, apresento dois fôlios que representam, respectivamente, *Atlcahualo* e *Tlacaxipehualiztli*, integrantes do conjunto de 18 vintenas do *xiuhpohualli* (Figura 2.3).

¹¹⁸ Planta trepadeira que cresce sobre as árvores.

¹¹⁹ Como Betty Ann Brown, George Kubler e Charles Gibson. Cf. BROWN, Betty Ann. *European Influences in Early Colonial Descriptions and Illustrations of the Mexican Monthly Calendar*. Dissertação (Doutorado em História da Arte). Albuquerque: University of New Mexico, 1977. KUBLER, George & GIBSON, Charles. "The Tovar Calendar" in: *Memoires of the Connecticut Academy of Arts & Sciences*. V. XI. New Haven: Yale University Press, 1951. Apud: DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *Las formas del tiempo...*

¹²⁰ *Ibidem*. Além disso, a autora afirma que as vintenas estavam relacionadas à celebração de festas móveis que, ao se articularem com a dinâmica festiva, rompiam a estrutura mensal de matriz econômica. De acordo com Ana Díaz, as vintenas estavam incluídas no *tonalpohualli*, uma vez que a estrutura do ciclo dos dias permitia a divisão em múltiplos de 13 e 20. Apesar de não existir nenhum manuscrito pré-hispânico conhecido que sistematize o ciclo das vintenas, tal como ocorre com o *tonalpohualli*, há alguns raros exemplos de utilização desse ciclo pré-hispânica em gravados de pedra mexicas, o que invalida a proposta de que as vintenas teriam sido criadas no período colonial.



Figura 2.3 – Exemplos de dois fólhos do códice Vaticano A que tratam de duas vintenatas do *xihpohualli*, *Atlahualo* e *Tlacaxipehualiztli*. Vaticano A, fls. 42v e 43r.

A conta dos 260 dias do *tonalpohualli* era utilizada de forma concatenada ao ciclo dos anos *xihuitl* de 365 dias, com o acréscimo, portanto, de 105 dias do *tonalpohualli* seguinte ($260 + 105 = 365$). O ciclo completo de 365 dias de cada *xihpohualli* recebia, tal como as trezenas do *tonalpohualli*, um nome obtido de seu primeiro dia, formado por um numeral e um signo. Se esse ano se iniciasse pelo dia 1 *calli*, então o nome desse ciclo de 365 dias seria também 1 *calli*.

Apenas quatro dos vinte *tonalli* eram utilizados pelos mexicas para nomear os anos *xihuitl*: *calli* (casa), *tecpatl* (punhal de pedernal), *acatl* (junco) e *tochtli* (coelho)¹²¹. Se o primeiro dia de um ano fosse 1 *calli* (1 casa), o primeiro dia do ano seguinte seria 2 *tecpatl* (punhal de pedernal), e assim por diante, até que se formasse as 52 combinações possíveis

¹²¹ Os quatro signos utilizados nos anos do *xihmolpilli* são chamados de carregadores ou portadores dos anos e tinham, ainda, uma dimensão espacial, sendo associados aos quatro rumos do Mundo de acordo com o sistema cosmográfico mesoamericano: *calli* (casa) é associado à direção ocidente ou poente; *tecpatl* (punhal de pedernal) ao norte; *acatl* (junco) ao oriente ou nascente; e *tochtli* (coelho) ao sul. Outros povos mesoamericanos que compartilhavam este sistema calendário poderiam utilizar outros signos como portadores dos anos. BROTHERSTON, Gordon. *Painted books from Mexico*. Londres: British Museum Press, 1995. Essa associação entre tempo e espaço será explorada no Capítulo 3, por ser representada em fólhos à maneira de prefácio das histórias presentes nos códices *Mendoza* e *Aubin*.

entre os 4 signos e os 13 numerais. Dessa forma, por exemplo, o ano 1 *calli* se repetiria a cada 52 anos (Quadro 2.3).

Por fim, a sequência desses 52 anos sazonais configurava, então, um terceiro e mais amplo ciclo, chamado *xiuhmolpilli* – o termo se refere, também, à data de início coincidente dos ciclos de 365 dias (*xihuitl*) e 260 dias (*tonalpohualli*), que ocorria somente a cada 52 anos ou 18.980 dias. Isso porque o ciclo de 52 *xihuitl* contém 18.980 dias (52x365), mesma quantidade de dias contidos em 73 ciclos do *tonalpohualli* (73x260)¹²².

Quadro 2.3 – Ciclo de 52 anos do *xiuhmolpilli*

1 <i>calli</i>	1 <i>tochtli</i>	1 <i>acatl</i>	1 <i>tecpatl</i>
2 <i>tochtli</i>	2 <i>acatl</i>	2 <i>tecpatl</i>	2 <i>calli</i>
3 <i>acatl</i>	3 <i>tecpatl</i>	3 <i>calli</i>	3 <i>tochtli</i>
4 <i>tecpatl</i>	4 <i>calli</i>	4 <i>tochtli</i>	4 <i>acatl</i>
5 <i>calli</i>	5 <i>tochtli</i>	5 <i>acatl</i>	5 <i>tecpatl</i>
6 <i>tochtli</i>	6 <i>acatl</i>	6 <i>tecpatl</i>	6 <i>calli</i>
7 <i>acatl</i>	7 <i>tecpatl</i>	7 <i>calli</i>	7 <i>tochtli</i>
8 <i>tecpatl</i>	8 <i>calli</i>	8 <i>tochtli</i>	8 <i>acatl</i>
9 <i>calli</i>	9 <i>tochtli</i>	9 <i>acatl</i>	9 <i>tecpatl</i>
10 <i>tochtli</i>	10 <i>acatl</i>	10 <i>tecpatl</i>	10 <i>calli</i>
11 <i>acatl</i>	11 <i>tecpatl</i>	11 <i>calli</i>	11 <i>tochtli</i>
12 <i>tecpatl</i>	12 <i>calli</i>	12 <i>tochtli</i>	12 <i>acatl</i>
13 <i>calli</i>	13 <i>tochtli</i>	13 <i>acatl</i>	13 <i>tecpatl</i>

O *xiuhmolpilli* era utilizado desde tempos pré-hispânicos pelos mexicas, em gravados de pedra e monumentos, e também por outros povos mesoamericanos, como os mixtecas, em códices de conteúdo histórico. As representações dos anos do *xiuhmolpilli* datavam acontecimentos relacionados aos governantes e/ou qualificando o tempo de acordo com ritos dedicados a deidades.

¹²² *Ibidem*, p. 13. Alfredo López-Austin também indica outros dois termos utilizados para tal fenômeno: *toxiuh molpilia* (se atam nossos anos) e *xiuhtzitzquilo* (entra-se no ano). Cf. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *Hombre-dios: religión y política en el mundo náhuatl*. México: UNAM-IIIH, 1973, p. 99. *Xiuhmolpilli* também pode ser traduzido simplesmente como *enlace dos anos*. SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 138. Marc Thouvenot e Celia Villejuif, por sua vez, afirmam que o termo para o enlace dos anos seria *xiuhtlalpilli*. THOUVENOT, Marc; VILLEJUIF, Celia. “Escrituras y lecturas del xiuhtlalpilli o ligadura de los años” in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. V. 34. México: UNAM-IIIH, 2003.

Nas narrativas históricas e cosmológicas pré-hispânicas mixtecas, tal como as que estão nos códices *Vindobonensis* e *Zouche-Nuttall*, a utilização das representações pictográficas do *xiuhmolpilli* era frequente. Os anos eram representados por meio de um dos glifos portadores dos anos (casa, punhal de pedernal, junco e coelho) e glifos de numerais formados por círculos, representado contas. Esses dois tipos de glifos eram somados, ainda, a um glifo marcador dos anos¹²³ “A-O”, chamado assim pelos estudiosos porque se assemelha às letras “A” e “O” sobrepostas¹²⁴. Os fólios de diferentes códices mixtecos pré-hispânicos acima exemplificam, ainda, a proporção que as representações de anos têm em relação às outras representações registradas. Em ambos os casos, os anos apresentam um tamanho semelhante ao dos agentes representados. A Figura 2.4, adiante, exemplifica a utilização das representações pictográficas do *xiuhmolpilli* nos dois códices mixtecos citados¹²⁵.



Figura 2.4 – Exemplos de representações pictográficas dos anos do *xiuhmolpilli* destacadas na cor vermelha nos códices mixtecos pré-hispânicos. Esquerda: anos 7 punhal de pedernal 6 punhal de pedernal. Direita: anos 1 junco, 5 punhal de pedernal, 9 punhal de pedernal, 9 casa, 2 junco e 2 coelho. *Vindobonensis*, p. I ou fl. 53. *Zouche Nuttall*, fl. 5r.

Já entre as diversas representações de anos do *xiuhmolpilli* contidas nos monumentos mexicas pré-hispânicos, podem ser destacadas as que estão no *Teocalli de la guerra sagrada*,

¹²³ BROTHERSTON, Gordon. *Painted books from Mexico*, p. 15.

¹²⁴ SMITH, Mary Elizabeth. *Picture writing from ancient southern Mexico. Mixtec place signs and maps*. Norman: University of Oklahoma Press, 1973, p. 22. Gordon Brotherston, por sua vez, nomeia esse glifo como *looped 'A'*. BROTHERSTON, Gordon. *loc. cit.*

¹²⁵ A identificação das representações foi realizada com o auxílio de obras específicas sobre ambos os códices. ANDERS, Ferdinand et alli.. *Origen e historia...*, pp. 189-191; e ANDERS, Ferdinand et alli.. *Crónica mixteca...*, pp. 95-97. As imagens de ambos os fólios foram adaptadas de: FAMSI – ADEVA. *Codex Vindobonensis Mexicanus 1*, p. 53. Disponível em <http://www.famsi.org/research/graz/vindobonensis/img_page53.html> e acessado em 23/08/2017; FAMSI – ADEVA. *Codex Zouche-Nuttall*, p. 05. Disponível em <http://www.famsi.org/research/graz/zouche_nuttall/img_page05.html> e acessado em 23/08/2017.

monólito em forma de templo produzido durante o governo do *tlatoani* mexica Moctezuma Xocoyotzin. Neste monumento em forma de templo há relevos que celebram o poder militar dos mexicas após a fundação de sua cidade, representada na parte posterior do monumento por meio do topônimo de México-Tenochtitlan. Na parte frontal, a deidade patrona dos mexicas, Huitzilopochtli, e o *tlatoani* Moctezuma Xocoyotzin são representados ao lado do Quinto Sol, representação da quinta era que os mexicas viviam de acordo com sua cosmogonia (Figura 2.5, à esquerda). Ao lado das escadarias há dois cartuchos com os glifos calendários de anos do *xiuhmolpilli*, 1 *tochtli* (1 coelho) e 2 *acatl* (2 junco), sendo que este último é um ano de encerramento e início do *xiuhmolpilli* que teria ocorrido no ano de 1507¹²⁶.



Figura 2.5 – Exemplos de representações pictográficas dos anos do *xiuhmolpilli* nos monumentos com gravados em pedra mexicas. Esquerda: representações dos anos 1 *tochtli* (1 coelho) e 2 *acatl* (2 junco) destacadas na cor vermelha. Direita: representação do ano 8 *acatl* (8 junco), localizada na parte centro-inferior. *Teocalli de la guerra sagrada* e *Estela comemorativa de dedicação do Templo Mayor* (MNA, México).

Outro exemplo de representação dos anos do *xiuhmolpilli* ocorre em uma estela comemorativa de dedicação do Templo Mayor, na qual os *tlatoque* mexicas Tizoc e Ahuitzotl

¹²⁶ O *Teocalli de la guerra sagrada* foi encontrado nas proximidades do Templo Mayor, em 1926, e pertence ao acervo do Museu Nacional de Antropología do México (MNA). VELA, Enrique. *Arqueología Mexicana. Los Tlatoanis Mexicas*. Ed. especial n. 40. México: Editorial Raíces, out. 2011, p. 68.

são representados realizando um sacrifício no ano 8 *acatl* (8 junco), também representado dentro de um cartucho e correspondente ao ano de 1487¹²⁷ (Figura 2.5, à direita).

Em ambos os exemplos apresentados é possível notar qual a proporção que os anos ocupam em relação às outras representações registradas nos monumentos, assim como vimos no caso dos anos registrados nos códices mixtecos. No *Teocalli de la guerra sagrada*, os cartuchos de anos apresentam um tamanho ligeiramente menor que a representação do Quinto Sol, localizada na parte frontal superior. Já na *Estela comemorativa de dedicação do Templo Mayor*, o cartucho de ano é a representação que possui maior tamanho, ocupando mais da metade da área com registros pictográficos. Esses exemplos demonstram que os cartuchos de anos representados nos monumentos mexicas pré-hispânicos tinham o mesmo tamanho ou eram, até mesmo, maiores que outros tipos de representações, como as de topônimos e de agentes.

As representações de anos nos monumentos em pedra mexicas apresentam semelhanças e diferenças em relação aos exemplos dos códices mixtecos. Os glifos portadores dos anos (*calli*, *tecpatl*, *acatl* e *tochtli*) utilizados são os mesmos, embora as representações mexicas do glifo portador de ano *acatl* (junco) adicionem folhas e uma pluma ao junco. Além disso, o marcador dos anos é formado por um cartucho ou caixa de forma quadrangular, de forma que os glifos de numerais, compostos por dois círculos concêntricos, são representados dentro do cartucho¹²⁸. Apesar das diferenças formais apontadas, o ciclo *xiuhmolpilli* era utilizado pelos mexicas com funções semelhantes de datar e contar o tempo.

Como mencionado no Capítulo 1, as narrativas mexicas que tinham como base a conta do *xiuhmolpilli* faziam parte do gênero chamado *xiuhamatl*. Os mexicas também estabeleceram datas do *xiuhmolpilli* que eram fundamentais à narrativa dos acontecimentos relacionados a México-Tenochtitlan e se relacionavam a ritos em homenagem a diversas deidades, entre as quais está Huitzilopochtli, deidade patrona dos mexicas.

As histórias mexicas coloniais, à exemplo das tradições pré-hispânicas exemplificadas acima, continuaram representando pictograficamente os anos do *xiuhmolpilli* em suas narrativas, mesmo naquelas que houve maior introdução de textos alfabéticos. No entanto, enquanto as representações pictográficas dos anos nos códices mixtecos acionavam somente as

¹²⁷ Essa estela ou placa comemorativa foi encontrada no séc. XIX nas imediações do Templo Mayor e também pertence ao acervo do MNA. MATOS MOCTEZUMA, Eduardo e SOLIS OLGUIN, Felipe (org.). *Aztecs: exhibition catalogue*. London: Royal Academy of Arts, 2002, p. 455. LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Historia de México*. T. 4. México: Salvat Mexicana de Ediciones, 1978, p. 801.

¹²⁸ Adicionalmente, as esculturas mexicas eram originalmente pintadas e é possível que a cor fosse parte indispensável das inscrições. Contudo, há poucos exemplos com datas preenchidas. UMBERGER, Emily. *Op. cit.*, pp. 53-63.

datas relacionadas aos eventos narrados, as histórias mexicas coloniais representavam todos os anos incluídos no lapso de tempo narrado, mesmo aqueles nos quais nenhum acontecimento estava associado¹²⁹. A sequência de 52 anos do *xiuhmolpilli* pode ser exemplificada em oito fólios no códice *Aubin*, por meio da representação pictográfica dos anos em cartuchos preenchidos na cor vermelha com contorno em azul (Figura 2.6).

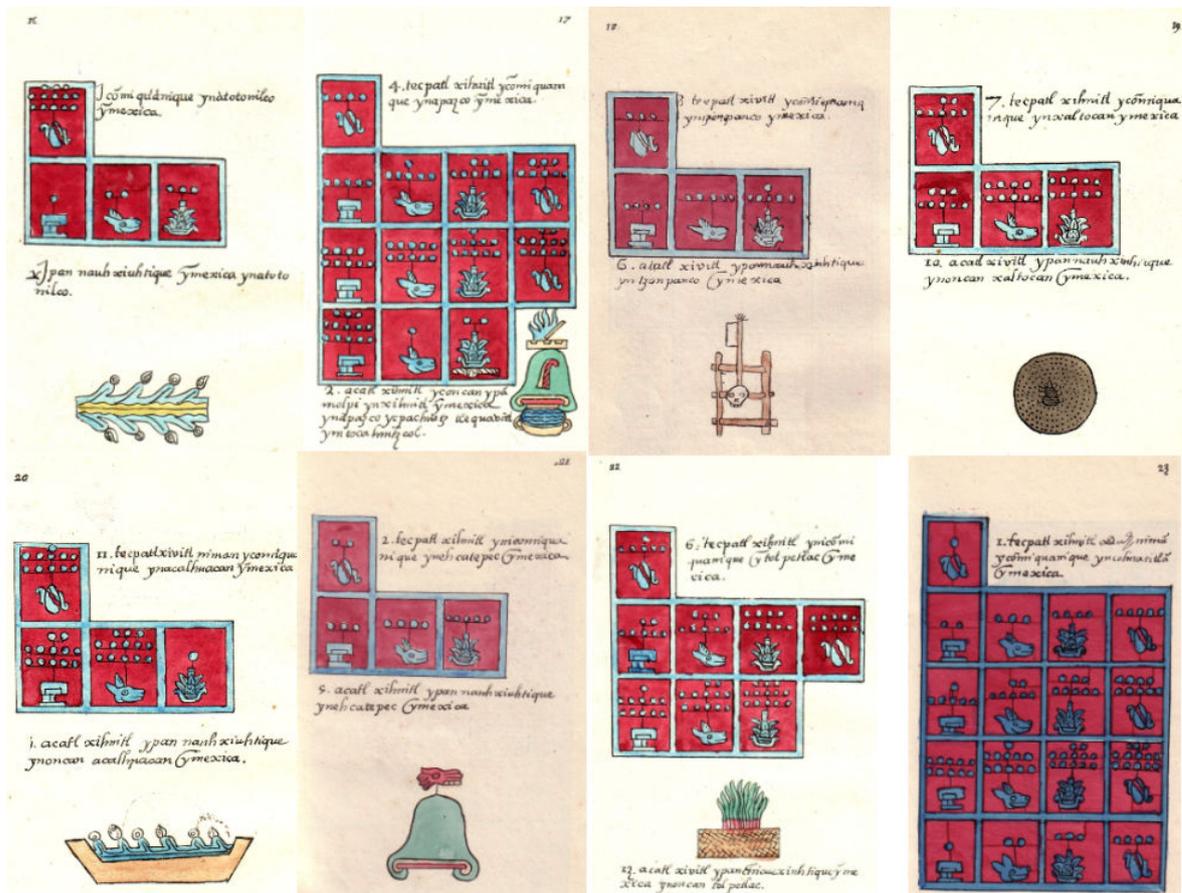


Figura 2.6 – Sequência de 52 anos do *xiuhmolpilli*. *Aubin*, fls. 16-23.

Nas histórias mexicas coloniais, as sequências de anos do *xiuhmolpilli* poderiam ter somente contornos em preto ou serem preenchidas com cores específicas. No códice *Boturini* e no *Manuscrito 40* elas não têm preenchimento, isto é, elas são registradas apenas por meio dos contornos na cor preta. A história do códice *Aubin*, por sua vez, apresenta o perímetro do cartucho, os glifos do portador de ano e de numeral preenchidos na cor azul-turquesa e o fundo do cartucho em vermelho. No *xiuhamatl* do códice *Mendoza*, tudo que se encontra dentro dos contornos pretos do cartucho, incluindo os glifos do ano e de conta, foi preenchido

¹²⁹ Exceto o códice *Azcatitlan*, não analisado centralmente nessa dissertação, que interrompe a sequência de anos do *xiuhmolpilli* no início da narrativa dos períodos de governo dos *tlatoani* mexicas.

com a cor azul turquesa¹³⁰. Já a história narrada no códice *Vaticano A* apresenta preenchimento com duas maneiras: uma com o perímetro do cartucho em vermelho, sem preenchimento do fundo, com glifos do ano e de conta na cor amarela (fls. 66v a 71r)¹³¹; e a outra com o perímetro do cartucho, glifos do ano e de conta em azul-turquesa e fundo do cartucho em vermelho (fls. 71v a 96v). De acordo com Ana Guadalupe Díaz Álvarez, as cores utilizadas são parte de um mesmo modelo cromático, formado pelas cores vermelho, azul (ou verde) e amarelo. Segundo a autora, ainda que a distribuição possa variar, trata-se das cores básicas do cronotopo indígena mesoamericano¹³². A utilização de azul-turquesa, ainda, está associada à palavra *xihuitl* que, além de *ano*, também significa *turquesa*¹³³. Dessa forma, as representações do *xiuhmolpilli* são enfatizadas com o duplo significado dos cartuchos compostos com signos e glifos de conta, e o preenchimento na cor turquesa nas histórias dos códices *Aubin*, *Mendoza* e *Vaticano A*.

Como dito anteriormente, o *xiuhmolpilli* poderia se referir ao ciclo de 52 anos ou ao momento da passagem de um ciclo para o outro, marcado pela cerimônia do Fogo Novo¹³⁴. Tal cerimônia era importante para os povos do centro do México “pois acreditava-se que a duração das idades do Mundo era regida por esses ciclos de 52 anos e que, portanto, ao final de um deles, o Mundo voltaria a sofrer cataclismos, que marcariam o término da era atual¹³⁵”. O *xiuhmolpilli* era, ainda, um momento essencial às concepções de tempo e de história plasmadas nos códices mixteco-nahuas, pois cada *altepetl* iniciava sua conta dos anos em um ano diferente de seus vizinhos, o que fazia da conta dos anos um elemento de autonomia política¹³⁶. Dessa forma, as concepções de tempo estavam intimamente associadas ao poder político que as elites mexicas detinham. Para os mexicas, mais especificamente, o *xiuhmolpilli* ocorria no ano 2 *acatl* (2 junco). Em tempos pré-hispânicos, os mexicas produziram monumentos nos quais registravam o ano 2 *acatl* (2 junco) e que representavam um feixe de juncos queimado durante a cerimônia do Fogo Novo e aludiam à renovação da idade atual do mundo.

¹³⁰ Exceto os últimos três anos do fólio 15v, que têm apenas os contornos na cor preta.

¹³¹ Ana Guadalupe Díaz Álvarez possivelmente se equivocou ao afirmar que a primeira variação ocorre entre os fls. 66v-70v e também no fólio 81r e a segunda entre os fls. 71r-94r (descartando três fólhos do manuscrito que apresentam cartuchos dos anos, fl. 95v, 96r e 96v). DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *Las formas del tiempo...*, p. 147 e Apéndice I (p. 458).

¹³² A autora cita várias obras de Diana Magaloni tratando do cromatismo na arqueologia da região maia e em manuscritos coloniais. DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *Ibidem*.

¹³³ SIMEÓN, Remi. *Op. cit.*, p. 770-771.

¹³⁴ Como mencionado anteriormente, outros termos utilizados para se referir à passagem de um ciclo de 52 para outro eram *toxiuh molpilia*, *xiuhtzitzquilo* e *xiuhtlalpilli*. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *Op. cit.*, p. 99. THOUVENOT, Marc; VILLEJUIF, Celia. *Op. cit.*

¹³⁵ SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 138.

¹³⁶ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, p. 165.

Dentre os exemplos de representações pré-hispânicas da data 2 *acatl* ligadas à cerimônia do Fogo Novo e ao *xiuhmolpilli*, podem ser destacados dois monumentos em pedra mexicas. O primeiro deles é o *Xiuhmolpilli*, cilindro que representa a data 2 *acatl* juntamente com duas outras datas nas laterais do feixe de juncos: 1 *miquiztli* e 1 *tecpatl*. Essas duas datas estão associadas respectivamente às deidades Tezcatlipoca e Huitzilopochtli (Figura 2.7, à esquerda). Outro exemplo é o *Altar do ciclo calendário de 52 anos*, que tem a forma de bloco retangular e representa a data 2 *acatl* na lateral e a data 4 *ollin* (4 movimento) na parte superior. Essa segunda data nomeava a idade atual dos mexicas, chamada de quinta idade ou Quinto Sol¹³⁷ (Figura 2.7, à direita).



Figura 2.7 – Representações do ano 2 *acatl* (2 junco) do *xiuhmolpilli* em monumentos mexicas pré-hispânicos. *Xiuhmolpilli* (MNA, México) e *Altar do ciclo calendário de 52 anos* (Coleção Fundación Televisa).

Nos códices mexicas coloniais, o *xiuhmolpilli* como ano da cerimônia do Fogo Novo era geralmente representado pelo glifo com forma de corda com um nó junto ao glifo *acatl* (junco) – como a Figura 2.8 exemplifica adiante, nos códices *Aubin*, *Boturini* e *Mendoza*, respectivamente, da esquerda para a direita.

¹³⁷ De acordo com diversos povos mesoamericanos, o mundo havia passado por diversas eras ou idades, nomeadas como Sóis. Exemplos de representação dessas idades anteriores estão registrados nos monumentos em pedra mexicas, como a famosa *Pedra do Sol*, que está no Museo Nacional de Antropología (MNA), no México. Quanto à procedência dessas duas peças, sabe-se pouco. O *Xiuhmolpilli* foi produzido por volta de 1500 e encontrado somente no século XIX, provavelmente na Cidade do México. Já o *Altar do ciclo calendário de 52* foi produzido também por volta de 1500, porém o local e a data de procedência dessa peça são desconhecidas até a aquisição do arquiteto e colecionador Manuel Reyero, no fim da década de 1960. MATOS MOCTEZUMA, Eduardo e SOLIS OLGUIN, Felipe (org.). *Op. cit.*, pp. 240-241 e 440-441.

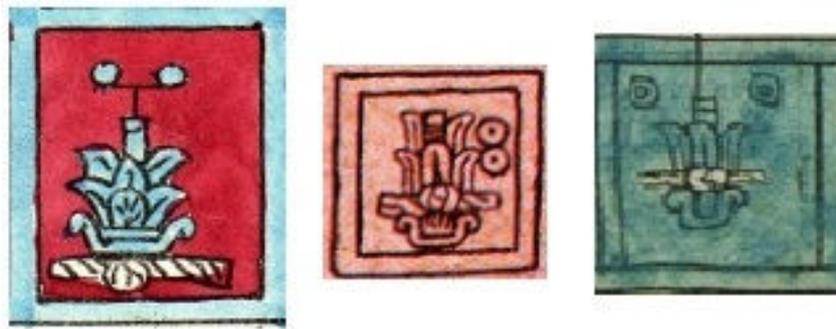


Figura 2.8 – Exemplos do glifo de corda com nó representando o *xihmolpilli* em composição com o glifo *acatl* nas histórias mexicas. *Aubin*, fl. 17. *Boturini*, fl. 10. *Mendoza*, fl. 2r.

Fora do cartucho do ano, havia outros glifos ainda, que faziam referência à cerimônia do Fogo Novo. O mais recorrente nos manuscritos era o glifo identificado como *mamalhuaztli*¹³⁸ ou *xihmamalhuaztli*¹³⁹, registrado ao lado dos anos 2 *acatl* nas cinco histórias analisadas nessa pesquisa. Tal glifo é composto de um retângulo vertical com ou sem plumas, centralizado e acima de um retângulo maior na posição horizontal. Podia estar representado com ou sem pontos ou círculos, além de *volutas* ou *vírgulas* (Figura 2.9). Esse glifo representava a ação de se fazer fogo por meio da utilização de dois paus, e registra ainda a fumaça por meio de *volutas* de fumaça. No códice *Aubin* (Figura 2.9, última à direita), esse glifo se compõe a glifos toponímicos, enfatizando o local onde as cerimônias foram realizadas, como é o caso do exemplo abaixo, que representa a montanha Cohuatepetl.

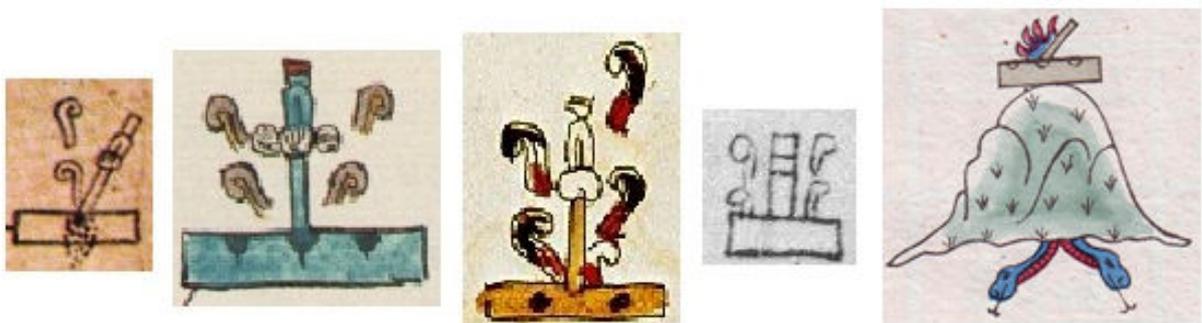


Figura 2.9 – Exemplos do glifo *xihmamalhuaztli*. *Boturini*, fl. 6. *Mendoza*, fl. 15v. *Vaticano A*, fl. 73r. *Manuscrito 40*, fl. 14v. *Aubin*, fl. 11.

Por fim, é preciso destacar que as representações dos dias do *tonalpohualli* e, sobretudo, dos anos do *xihmolpilli* também têm a função de orientar o sentido de leitura das histórias, além de datar e contabilizar e qualificar o tempo. Dessa forma, a sucessão das

¹³⁸ CORONA NÚÑEZ, José. “Códice Boturini” in: *Antigüedades de México basadas en la recopilación de Lord Kingsborough*. V. 2. México: Secretaría de Hacienda y Crédito Público, 1964-67, p. 12.

¹³⁹ GALARZA, Joaquín & LIBURA, Krystyna M. *Para leer: La tira de la Peregrinación*. México: Ediciones Tecolote, 1999.

representações de tempo permitia entender o percurso dos acontecimentos narrados, em conjunto com as representações de lugares e personagens.

Além da utilização de ciclos com os mesmos fundamentos do *tonalpohualli* e do *xiuhmolpilli*, os códices mixtecos pré-hispânicos apresentam, ainda, outro elemento fundamental para a definição do sentido de leitura. Trata-se da representação de linhas vermelhas não contínuas, dispostas na posição vertical ou horizontal nos fôlios dos manuscritos¹⁴⁰. Essas linhas são utilizadas para dividir a área dos fôlios, com o objetivo de compartimentar as sequências de representações pictográficas, de maneira a ordenar e dar sentido de leitura à narrativa. Ainda, as linhas vermelhas poderiam ser representadas de uma margem à outra do fôlio, indicando o fim de uma seção do manuscrito ou de um período da narrativa¹⁴¹. O reverso do códice *Vindobonensis*, por exemplo, apresenta o sentido de leitura dos fôlios em pares, da direita para a esquerda, por meio dos anos e das linhas vermelhas horizontais, configurando uma espécie de ziguezague (Figura 2.10).

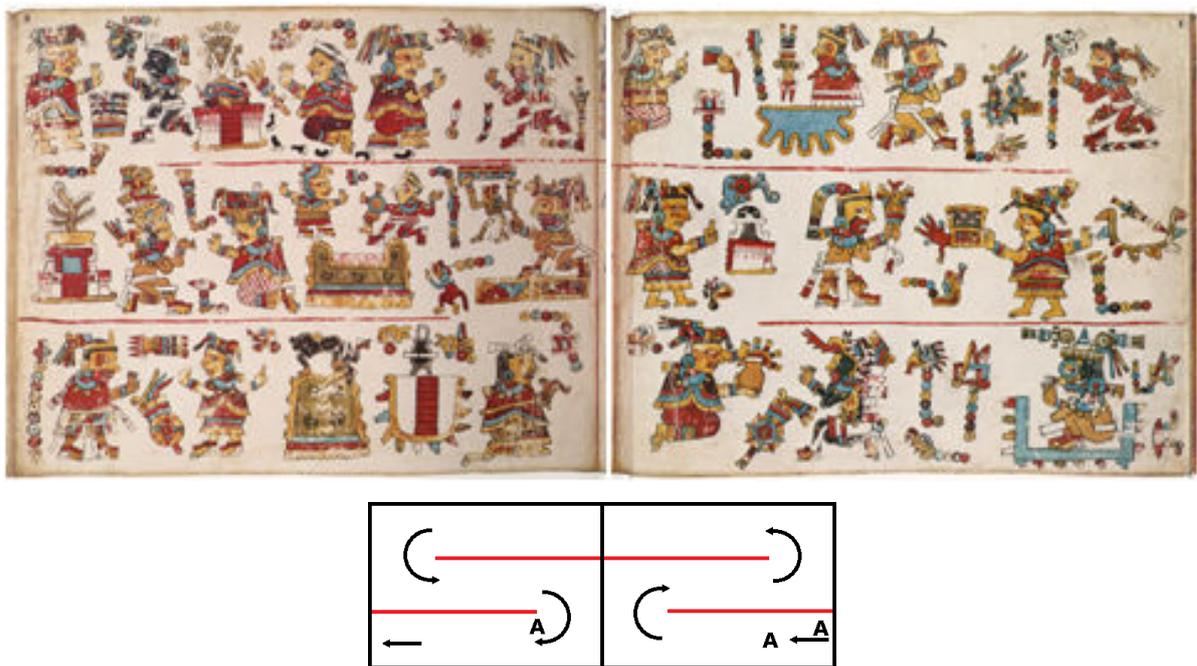


Figura 2.10 – Sentido de leitura em um par de fôlios do códice *Vindobonensis*. No esquema, localizado abaixo, as setas indicam o sentido de leitura. Foram destacadas as linhas vermelhas horizontais e os anos (por meio da letra “A”), representadas no par de fôlios. *Vindobonensis*, fls. I-II (ou 53-54).

¹⁴⁰ Cf. HERMANN LEJARAZU, Manuel A. *Arqueología Mexicana. Códice Nuttall*. Ed. especial n. 23. México: Editorial Raíces, 2007.

¹⁴¹ Como ocorre no códice *Borgia*, no qual diferentes seções são definidas por meio de linhas vermelhas que vão de uma margem à outra dos fôlios. O códice *Borgia* é um manuscrito pré-hispânico com escrita mixteco-nahua produzido na região de Cholula ou Tlaxcala, com datação incerta, cujo conteúdo seria mântico ou divinatório. ANDERS, Ferdinand, JANSEN, Maarten e REYES GARCÍA, Luis. *Los templos del cielo y de la oscuridad - Oráculos y liturgia: libro explicativo del llamado Códice Borgia*. México: FCE, Graz: ADEVA, 1993. NOWOTNY, Karl Anton. *Tlacuilolli: Style and contents...*

A ordenação das representações em ziguezague, exemplificada no códice *Vindobonensis*, foi nomeada pelos estudiosos dos códices como sentido de leitura *bustrofédon*. O termo *bustrofédon*, de origem grega, remete à ação agrícola de semear ou arar a terra com auxílio de um boi, e é empregado para descrever a leitura em ziguezague percorrido pelos fólhos durante a leitura¹⁴². Dessa forma, os códices mixtecos pré-hispânicos tinham sentidos de leitura gerais orientados da direita para a esquerda, como é o caso do códice *Vindobonensis*, mas também poderiam de cima para baixo, de baixo para cima e da esquerda para a direita¹⁴³, o que mostra a flexibilização na ordenação da leitura nesses manuscritos.

As histórias mexicas coloniais, por sua vez, não apresentam linhas vermelhas com essa função nos fólhos dos códices, mas contém, como mencionado anteriormente, sequências de anos do *xiuhmolpilli* representados de maneira ininterrupta. Assim, as representações dos anos também são utilizadas como indicadores do sentido de leitura nas narrativas mexicas coloniais, tal como ocorre nos códices mixtecos pré-hispânicos. Dessa maneira, são as representações das sequências do *xiuhmolpilli*, e não sua composição com as linhas vermelhas, a exemplo dos códices mixtecos, que determina o sentido de leitura nos códices mexicas coloniais, demonstrando a centralidade desse ciclo para a organização dessas narrativas.

De forma geral, o sentido de leitura das histórias mexicas coloniais é sempre ocidental, isto é, da esquerda para a direita, de cima para baixo, diferentemente da flexibilidade no sentido de leitura que os códices mixtecos tinham, como é o caso do códice *Vindobonensis*, cujo orientação era da direita para a esquerda. Ademais, a delimitação de partes nas histórias não ocorre por meio da representação de uma linha vermelha ao final de uma seção, como ocorria ocasionalmente em manuscritos produzidos em tempos pré-hispânicos de outras regiões, mas é dada pela disposição das grandes quantidades de representações de anos segundo determinados padrões. Os aspectos enunciados acima, quanto ao sentido de leitura e disposição das representações dos anos, serão retomados de maneira mais aprofundada na terceira seção desse capítulo.

Em suma, nas explicações acima procurei apresentar os ciclos do *tonalpohualli*, *xiuhpohualli* e *xiuhmolpilli*, integrantes do sistema calendário mesoamericano, e suas formas

¹⁴² Em inglês, *meander-fashion*. O termo *bustrofédon* é utilizado por Gordon Brotherston, John B. Glass, Patrick Johansson, Maarten Jansen, Ferdinand Anders, Eduardo Natalino dos Santos, e outros pesquisadores ao longo das obras mencionadas neste capítulo.

¹⁴³ BOONE, Elizabeth Hill. *Stories in red and black...*, pp. 61-63.

de representação. Tais ciclos, como vimos, eram utilizados desde tempos pré-hispânicos em monumentos mexicas e códices mixtecos com o objetivo de datar, qualificar e contar períodos de tempo, estruturando as narrativas ao organizar as representações de eventos de maneira diacrônica e, em alguns casos, simbólica. Além disso, as representações das unidades de dias do *tonalpohualli*, as vintenas do *xiuhpohualli* e anos do *xiuhmolpilli*, provenientes dos três ciclos calendários apresentados, constituem predominantemente as representações de tempo que permanecem nas histórias coloniais, as quais, inclusive, mantiveram a função de conduzir o sentido da leitura das narrativas. O panorama apresentado, portanto, é o ponto de partida para entender as transformações das representações de tempo nas narrativas mexicas produzidas ao longo dos séculos XVI e início do XVII, uma vez que a introdução do calendário cristão e dos textos alfabéticos, por exemplo, não implicaram na supressão das representações do calendário mesoamericano nas histórias mexicas coloniais.

2.2 Continuidades e transformações das representações de tempo nas histórias mexicas coloniais

Nesta segunda parte, irei analisar as continuidades e transformações das representações de tempo nas histórias mexicas, com o objetivo de enfatizar a utilização estrutural do sistema calendário mesoamericano e a introdução gradual do sistema calendário cristão. Primeiramente serão analisadas as representações do *xiuhmolpilli*, ciclo que está presente de forma predominante e estrutural nas histórias mexicas do período colonial inicial. Em segundo lugar, analiso as representações do *tonalpohualli* e do *xiuhpohualli*, que continuam a ser representadas no período colonial, embora sua presença seja gradualmente mais pontual nas narrativas, em relação às representações do *xiuhmolpilli*. Ao final desta parte, analiso as representações do calendário cristão, que é introduzido de forma gradual nas histórias mexicas coloniais.

2.2.1 As representações do xiuhmolpilli nas histórias coloniais mexicas

Como mencionado anteriormente, os ciclos *tonalpohualli*, *xiuhpohualli* e *xiuhmolpilli* não eram utilizados de maneira equitativa nas histórias dos códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*. Estas cinco histórias são chamadas de *xiuhamatl* justamente por apresentarem de forma predominante e estrutural a conta dos anos sazonais do *xiuhmolpilli*. A seguir, serão analisadas as continuidades e transformações que as representações dos anos

desse ciclo sofreram nas histórias coloniais mexicas no que se refere a quatro aspectos: 1) proporção que os anos *xihuitl* ocupam nas histórias em comparação a outros tipos de representações, como topônimos e agentes, 2) os glifos de numerais, 3) os glifos portadores dos anos, e 4) os glifos relacionados ao *xiuhmolpilli*.

O primeiro aspecto a ser analisado quanto às representações do *xiuhmolpilli* é a proporção que os anos *xihuitl* ocupam nas histórias mexicas coloniais em comparação a outros tipos de representações, como topônimos e agentes. Em tempos pré-hispânicos, os anos tinham um tamanho semelhante ao de outras representações, tais como agentes e topônimos, como vimos nos códices mixtecos e nos monumentos em pedra mexicas – sendo que, nestes últimos casos, os anos poderiam, até mesmo, ser o tipo de representação de maior tamanho registrado. Já nas narrativas mexicas coloniais, essa proporção muda gradualmente, de forma que as representações de topônimos e agentes passam a ter tamanhos maiores do que as representações dos anos.

De forma exemplar, os fôlios 11 do códice *Boturini* e 17v do *Manuscrito 40* mostram que os cartuchos de anos do *xiuhmolpilli* têm o mesmo tamanho que as representações de agentes e de topônimos. Tanto no fôlio 11 do códice *Boturini*, quanto no fôlio 17v do *Manuscrito 40*, os cartuchos dos anos apresentam tamanho proporcional em relação às outras representações, tal como ocorria em tempos pré-hispânicos nos códices mixtecos e nos monumentos em pedra mexicas (Figura 2.11).

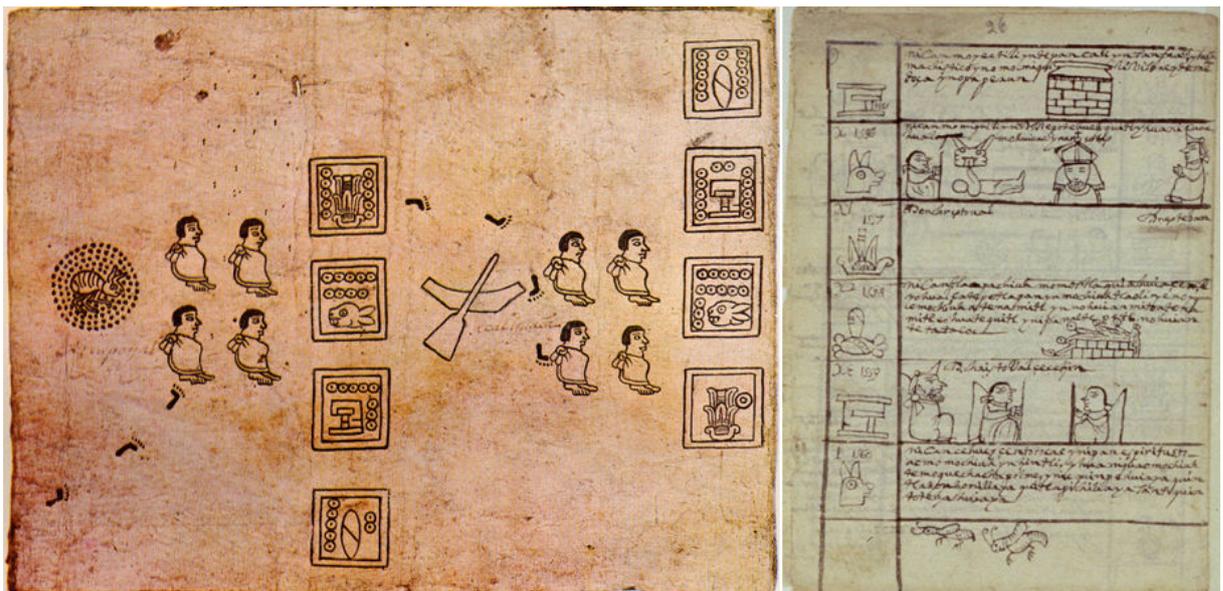


Figura 2.11 - Exemplos de proporção aproximada entre os anos do *xiuhmolpilli* e outros tipos de representações nos códices mexicas coloniais. *Boturini*, fl. 11. *Manuscrito 40*, fl. 17v.

Contudo, em algumas partes das mesmas duas narrativas analisadas, os cartuchos de anos do *xiuhmolpilli* são menores que as representações de agentes e de topônimos. No fólio 1 do *Boturini* (Figura 2.12, à esquerda), são representados eventos que dão início à migração mexica, isto é, a saída dos mexicas de Aztlan e sua passagem por Colhuacan. Nesse primeiro fólio do códice *Boturini*, o cartucho do ano 1 *tecpatl* (1 punhal de pedernal) apresenta tamanho semelhante ao dos agentes posicionados à esquerda, porém é menor do que o agente representado sobre uma canoa, ou, até mesmo, do topônimo Colhuacan, localizado na parte direita do fólio. Outro exemplo ocorre no fólio 8r do *Manuscrito 40* (Figura 2.12, à direita), que representa a fundação de México-Tenochtitlan. No fólio 8r, o cartucho do ano 2 *acatl* (2 junco) está localizado no canto direito superior e apresenta tamanho aproximado ao dos agentes dispostos do lado esquerdo inferior. Entretanto, o tamanho do cartucho do ano é bem menor do que o glifo toponímico de Tenochtitlan, localizado do lado esquerdo superior, ou do que o agente localizado do lado direito inferior.

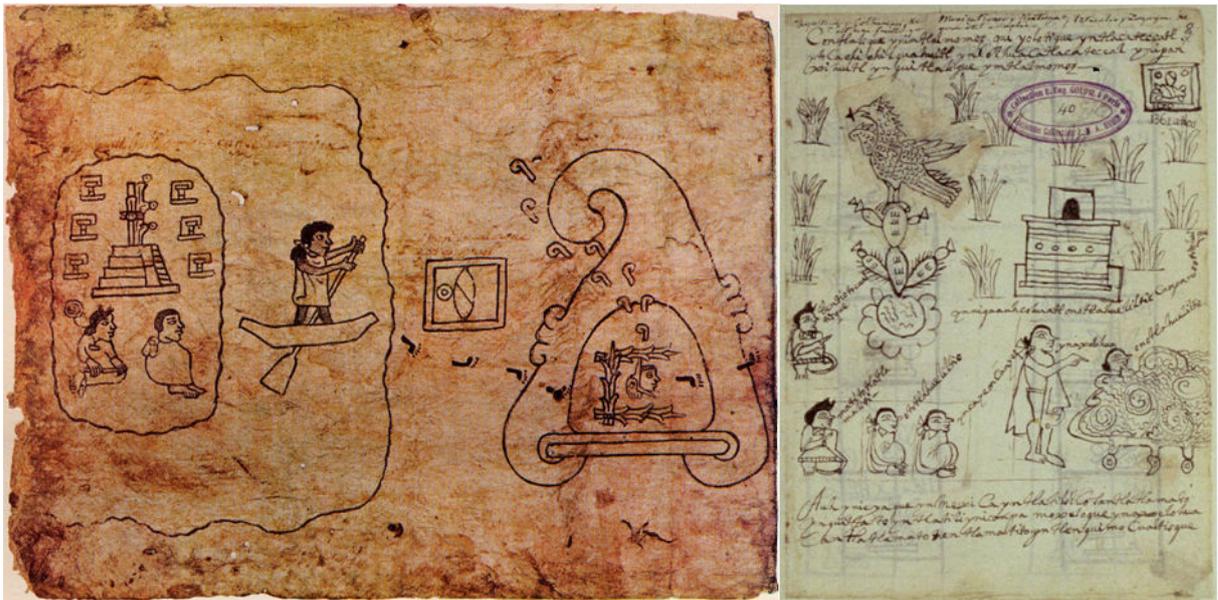


Figura 2.12 - Exemplos de proporção menor dos anos do *xiuhmolpilli* em relação a outros tipos de representações nos códices mexicas coloniais. *Boturini*, fl. 1. *Manuscrito 40*, fl. 8r.

Os exemplos acima demonstram que, em comparação com as representações pré-hispânicas, os anos do *xiuhmolpilli* apresentam variações de tamanho em partes específicas da narrativa. Nos casos apresentados, a proporção do ano é menor em eventos que têm maior importância para a narrativa. Dessa forma, a saída de Aztlan no fólio 1 do códice *Boturini* e a fundação de México-Tenochtitlan no fólio 8r do *Manuscrito 40*, funcionam como marcos históricos no relato mexica e, por isso, apresentam um único ano, pelo qual a marcação

temporal da narrativa se desdobra, dando maior ênfase aos eventos. Esse é o primeiro indício de que os mexicas concebiam a marcação temporal de maneira desdobrável ou compressível conforme os eventos narrados. Em outras palavras, algumas representações de anos podem indicar apenas a passagem do tempo, como é o caso dos anos aos quais nenhum acontecimento é relacionado, enquanto há outras representações de anos que associam-se a muitos eventos, para além da função de contar do tempo. Essa característica está presente em outras partes das narrativas e será retomada adiante, por meio de outros exemplos.

O segundo aspecto a ser analisado são os glifos de numerais. Na primeira seção desse capítulo vimos que, em tempos pré-hispânicos, as representações pictográficas de anos do *xiuhmolpilli* eram compostas por meio de um glifo de numeral e um glifo portador do ano. Os glifos de numerais eram compostos por um círculo simples ou dois círculos concêntricos, com o objetivo de representar quantidades de contas que iam de 1 a 13. Os glifos de numerais continuam a ser utilizados nas representações pictográficas de anos do *xiuhmolpilli* nos códices mexicas coloniais. Contudo, no *Manuscrito 40* os glifos de numerais são substituídos em grande parte de suas representações de anos por algarismos romanos ou arábicos (Figura 2.13).



Figura 2.13 – Exemplos de anos do *xiuhmolpilli*. À esquerda: *Boturini*, fl. 6; *Mendoza*, fl. 2r; *Vaticano A*, fl. 73v; *Aubin*, fl. 15. À direita: *Manuscrito 40*, fl. 5v.

Dessa forma, o glifo de numeral, como o que aparece no códice *Boturini*, o manuscrito mais antigo dentre os códices analisados, torna-se um círculo ou um ponto nas narrativas produzidas posteriormente. De maneira que, no *Manuscrito 40*, o glifo de numeral é substituído por algarismos arábicos ou romanos. Esse processo, que ocorre de maneira gradual ao longo dos séculos XVI e XVII, mostra que o glifo de numeral perde, aos poucos, o referencial das contas e torna-se uma quantidade abstrata, ou seja, os anos deixam de ser qualificados por uma conta preciosa e tornam-se uma quantidade que introduz o formato dos algarismos romanos e arábicos¹⁴⁴.

Contudo, a transformação das representações de numerais, ocorrida nas representações dos anos do *xiuhmolpilli* no *Manuscrito 40* não impede a manutenção dos glifos portadores dos anos. Apesar de eventuais erros na sequência dos algarismos arábicos ou romanos, a sequência dos glifos portadores de ano é mantida ao longo de todas as representações dos anos¹⁴⁵. Isso é um indício de que os glifos portadores dos anos são provavelmente as representações que sofreram menos modificações. Assim, embora a função estrutural dos anos *xiuhmolpilli* seja mantida na história do *Manuscrito 40*, assim como ocorre em outras histórias mexicas coloniais, as representações dos numerais dos anos sofreram modificações que destituíram sua qualidade preciosa, mantendo apenas sua característica de quantificar os anos.

O terceiro aspecto a ser analisado quanto ao *xiuhmolpilli* são as representações dos glifos portadores dos anos. Embora as histórias mexicas coloniais utilizem exclusivamente os quatro glifos *calli* (casa), *tochtli* (coelho), *tecpatl* (punhal de pedernal) e *acatl* (junco) em suas representações dos anos, suas formas nem sempre são semelhantes. Portanto, a seguir, analiso as formas como são representados cada um dos quatro glifos portadores dos anos nas narrativas com o objetivo de mostrar que, apesar das diferenças existentes entre as representações de cada um dos glifos, seus traços elementares são mantidos ao longo dos séculos XVI e início do XVII, em comparação com representações pré-hispânicas mexicas contidas nos monumentos em pedra.

O primeiro glifo portador dos anos a ser analisado é o glifo *calli* (casa). Sua representação é composta por uma construção arquitetônica, vista em perfil, tal como o

¹⁴⁴ Isso porque o termo *xihuitl*, que significa *ano*, também é traduzido como *turquesa*, que era uma pedra preciosa para os mexicas.

¹⁴⁵ A substituição dos glifos de numerais também ocorre no códice mexica colonial *Azcatitlan*, dessa vez por algarismos arábicos. Já na história mexica contida no *Manuscrito 85* não estão presentes os glifos de numerais nem algarismos arábicos ou romanos; a sequência do *xiuhmolpilli* é mantida apenas pelos signos de ano dentro dos cartuchos.

exemplo da *Piedra del Sol*¹⁴⁶. Nas histórias coloniais esse glifo apresenta duas formas relacionadas à orientação da fachada com teto sobressalente. No códice *Boturini* a fachada é orientada para a esquerda¹⁴⁷. Já nas histórias dos códices *Mendoza*, *Aubin*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40* a fachada é orientada para a direita¹⁴⁸ (Figura 2.14). Assim, as representações desse glifo apresentam poucas diferenças formais nos códices e em relação ao exemplar pré-hispânico da *Piedra del Sol*.

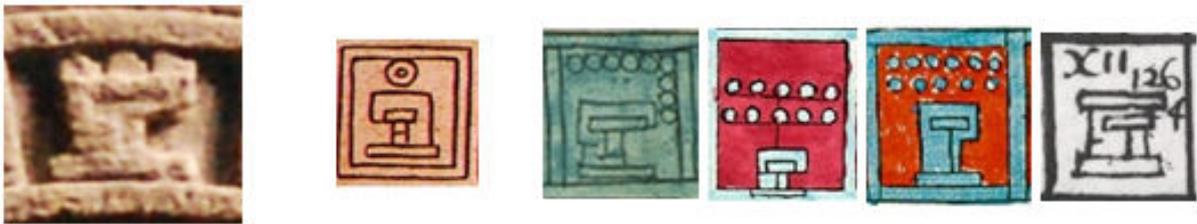


Figura 2.14 – Exemplos do glifo *calli* (casa) nos anos do *xiuhmolpilli*. *Piedra del Sol* (MNA, México), códices *Boturini*, fl. 6. *Mendoza*, fl. 2r. *Aubin*, fl. 15. *Vaticano A*, fl. 73v. *Manuscrito 40*, fl. 5v.

O segundo glifo portador dos anos analisado é o glifo *tochtli* (coelho), exemplificado pela data 1 *tochtli* no *Teocalli de la Guerra Sagrada*, monumento mexica produzido em tempos pré-hispânicos. Esse glifo apresenta diferentes formas nas histórias mexicas coloniais relacionadas à representação dos dentes do coelho e à orientação de seu focinho (Figura 2.15). Nos códices *Boturini* e *Mendoza* os dentes do coelho são representados. Por sua vez, as histórias do *Aubin*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40* não os representam. Quanto à orientação do focinho, apenas o códice *Boturini* representa o glifo *tochtli* voltado para a esquerda, enquanto as outras quatro narrativas representam o focinho do coelho voltado para a direita. Dessa forma, o glifo *tochtli* apresenta poucas diferenças formais que, portanto, não alteram os traços elementares desse glifo portador de anos do *xiuhmolpilli*, tal como ocorre com o glifo *calli*.

¹⁴⁶ Nesse monumento mexica em pedra, o glifo *calli* é representado juntamente com os outros 19 signos dos *tonalli*. A *Piedra del Sol*, conhecida como *Calendário Azteca*, é, provavelmente, uma enorme pedra sacrificial que representa os Sóis ou eras anteriores pelas quais os mexicas passaram, além da quinta era, que englobava todas as quatro anteriores, e era nomeada como 4 *ollin* (4 movimento). MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. “El decir de las piedras. Discurso de ingreso a la Academia Mexicana de la Lengua” in: *Arqueología Mexicana*. N. 134. México: Editorial Raíces, 2015, pp. 22-23. Imagem disponível em: < http://lugares.inah.gob.mx/zonas-arqueologicas/zonas/piezas/7431-7431-10-1123-piedra-del-sol.html?lugar_id=1699> Acessado em 22/11/2017, 14:30.

¹⁴⁷ Quando o glifo *calli* é utilizado com outras funções, a fachada da construção arquitetônica é voltada para a direita.

¹⁴⁸ No códice *Mendoza* a orientação de *calli* em um dos glifos de ano é alterada para a esquerda, para evidenciar o sentido de leitura do fôlio 2r.

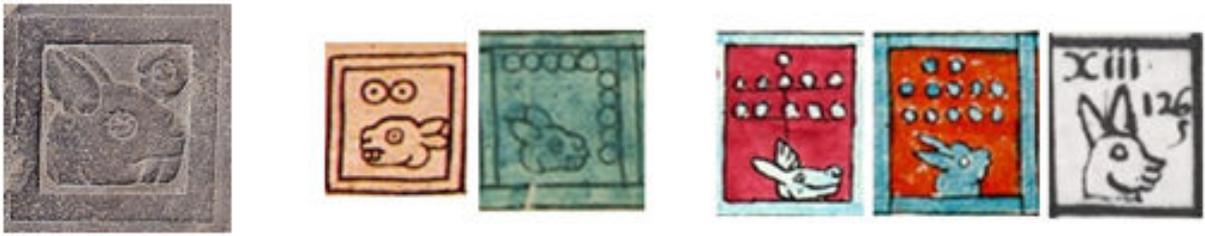


Figura 2.15 – Exemplos do glifo *tochtli* (coelho) nos anos do *xiuhmolpilli*. *Teocalli de la Guerra Sagrada* (MNA, México), códices *Boturini*, fl. 6. *Mendoza*, fl. 2r. *Aubin*, fl. 15. *Vaticano A*, fl. 73v. *Manuscrito 40*, fl. 5v.

O terceiro glifo portador dos anos a ser analisado é o glifo *tecpatl* (punhal de pedernal), presente na parte superior de uma urna funerária mexicana produzida em tempos pré-hispânicos¹⁴⁹. No exemplar pré-hispânico o glifo é composto por um arco ogival espelhado, sendo que em seu lado direito é representado um olho e uma mandíbula. Essa representação do glifo *tecpatl* mostra que os objetos que faziam parte dos signos do calendário possuíam vida ou eram entes que tinham algum tipo de animação. Contudo, essa qualidade é suprimida nas representações desse glifo nas narrativas coloniais, isto é, o olho e a mandíbula se tornam riscos que atravessam a forma do punhal de pedernal. Assim, as representações de *tecpatl* nas histórias mexicanas coloniais ocorrem de três formas diferentes (Figura 2.16). A primeira forma é composta por um arco ogival espelhado na posição vertical com uma linha ou faixa transversal do centro superior esquerdo para o centro inferior direito. Essa primeira forma é representada nas histórias dos códices *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A*¹⁵⁰. A segunda é uma forma oval na posição vertical com uma faixa transversal em formato semelhante à letra “S” do centro superior esquerdo para o centro inferior direito. Lateralmente, a forma oval é acompanhada de duas formas menores semelhantes à letra “L”, sendo que a forma esquerda está invertida horizontal e verticalmente, enquanto a forma direita não apresenta inversões. Essa segunda forma é representada no códice *Aubin*. Por fim, a terceira forma se compõe por um arco ogival espelhado na posição vertical com uma linha transversal do centro superior esquerdo para o centro inferior direito. Dentro dessa forma há, ainda, dois pequenos retângulos congruentes internos localizados no centro do arco esquerdo, que são substituídos por dois ou três traços simples em alguns casos. Essa forma é representada sobre um glifo *tetl*

¹⁴⁹ Produzida por volta de 1500, essa urna funerária tem a forma de um cubo. Alguns pesquisadores acreditam que ela teria sido o destino dos restos mortais de Moctezuma Xocoyotzin, pois seu glifo onomástico é representado na parte interna da urna. Já Antonio Peñafiel defendia que a urna teria sido produzida para Nezahuapilli, de Texcoco, cuja morte ocorreu em um dia 11 *tecpatl* (11 punhal de pedernal). Por fim, Emily Umberger propôs que esse objeto foi dado de presente por Moctezuma quando o senhor acolhua (de Texcoco) morreu. Cf. MATOS MOCTEZUMA, Eduardo e SOLIS OLGUIN, Felipe (org.), *Op. cit.*, pp. 449-450.

¹⁵⁰ De forma excepcional, essa é a forma utilizada como base das representações do glifo *tecpatl* no fólio 135 do códice *Aubin*.

(pedra). A terceira forma está representada no *Manuscrito 40*. Assim, embora o glifo *tecpatl* apresente três formas nas histórias mexicas, sua qualidade de possuir vida ou agência é reduzida à representação de um objeto.



Figura 2.16 – Exemplos do glifo *tecpatl* (punhal de pedernal) nos anos do *xiuhmolpilli*. *Urna Funerária* (MNA, México), códices *Boturini*, fl. 6. *Mendoza*, fl. 2r. *Vaticano A*, fl. 73v. *Aubin*, fl. 15. *Manuscrito 40*, fl. 5v.

O quarto e último glifo portador dos anos é o glifo *acatl* (junco), cujo exemplo também foi destacado do *Teocalli de la Guerra Sagrada*, com a data 2 *acatl*. Suas representações também ocorrem de três formas diferentes nas histórias (Figura 2.17). A primeira forma é composta, de cima para baixo, por quatro elementos. Primeiramente, há um retângulo vertical com uma ou duas linhas horizontais, que provavelmente representa o caule do junco, localizado na região centro superior do glifo. Em segundo lugar, o junco é adornado por uma forma semelhante a uma pluma, localizada no centro do glifo. Em terceiro lugar, as laterais do junco são acompanhadas por formas semelhantes a folhas, posicionando-se duas de cada lado. Por fim, o quarto elemento é uma representação em corte baseada no glifo *atl* (água)¹⁵¹. Essa primeira forma está representada nas histórias dos códices *Boturini*, *Mendoza* e *Aubin*¹⁵², assim como no *Teocalli de la Guerra Sagrada*. A segunda forma é composta pelos mesmos três primeiros elementos analisados, mas não contém representação em corte baseada no glifo *atl*, e está presente no códice *Vaticano A*. A terceira forma também apresenta os três primeiros elementos da primeira forma, mas representa o quarto elemento por meio de um retângulo horizontal. Essa terceira forma é representada de forma recorrente no *Manuscrito 40*¹⁵³. Dessa forma, o glifo *acatl* apresenta diferentes formas que têm, contudo, três elementos

¹⁵¹ A vista em corte é uma das soluções figurativas presentes nos códices mexicas, tal como afirma Eduardo Natalino dos Santos. Nesse caso, o glifo *atl* compõe-se de um canal de irrigação ou transporte de água seccionado transversalmente, sem as contas ou caracóis que usualmente compõem tal glifo. Cf: SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Os códices mexicas: soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica”. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: Editora 14, 2004, p. 253.

¹⁵² Essa forma também é representada no *Manuscrito 40*, a partir do fólio 16r. Essa forma é menos recorrente nos anos *acatl* nessa história do que a terceira forma.

¹⁵³ Entre os fólhos 9v e 16r do *Manuscrito 40*, o glifo *acatl* é representado com três plumas ao invés de uma.

em comum compostos pelo caule do junco e suas folhas, além de uma pluma que o adorna, presente nas representações produzidas desde os tempos pré-hispânicos.



Figura 2.17 – Exemplos do glifo *acatl* (junco) nos anos do *xiuhmolpilli*. *Teocalli de la Guerra Sagrada* (MNA, México), códices *Boturini*, fl. 6. *Mendoza*, fl. 2r. *Aubin*, fl. 15. *Vaticano A*, fl. 73v. *Manuscrito 40*, fl. 5v.

Em síntese, as análises mostram que, apesar das diferenças existentes nas formas de cada um dos glifos portadores dos anos, é possível inferir que os traços elementares foram mantidos nas representações dos anos do *xiuhmolpilli* ao longo da produção das histórias mexicas nos séculos XVI e início do XVII. A gradual introdução da escrita alfabética e das convenções pictóricas europeias após a conquista castelhana não implicou na supressão ou substituição das representações dos glifos portadores dos anos do *xiuhmolpilli*, que compunham os manuscritos produzidos no final do século XVI, como afirmam alguns autores¹⁵⁴. Entretanto, apesar das poucas mudanças formais verificadas, o glifo *tecpatl* é uma exceção, uma vez que as representações que lhe conferiam vida ou animação foram transformadas em simples traços. Isso pode ser um indício de que, da mesma forma que os glifos numerais tornaram-se apenas quantificadores para os anos, os glifos portadores de anos tornaram-se meros símbolos que serviam para contar o tempo, sem qualificá-los como seres animados, como ocorria em tempos pré-hispânicos.

Continuando as análises, por fim, o quarto aspecto a ser analisado quanto às representações do *xiuhmolpilli* é o do próprio glifo de *xiuhmolpilli*. Como mencionado na primeira seção deste capítulo, o *xiuhmolpilli* poderia se referir ao ciclo de 52 anos ou ao momento da passagem de um ciclo para o outro, marcado pela cerimônia do Fogo Novo. Vimos também que, nas histórias mexicas coloniais, o momento de passagem de um ciclo para o outro era representado por meio da adição de um glifo de corda com nó adicionado ao glifo portador dos anos 2 *acatl* (2 junco). Além disso, o *xiuhmolpilli* poderia ser representado externamente ao cartucho de ano por meio do glifo *xiuhmamalhuaztli*, que representava dois

¹⁵⁴ GRUZINSKI, Serge. “A pintura e a escrita - as transformações da expressão pictográfica” in: *A colonização do Imaginário*. (Trad. Beatriz Perrone-Moisés; original publicado em francês, 1988). São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 59-85. JOHANSSON K., Patrick. *La palabra, la imagen y el manuscrito...*, p. 203.

paus de madeiras e volutas de fumaça, como resultado da ação de fazer fogo. Para além desses glifos representados de forma recorrente nas histórias, os códices *Aubin* e *Manuscrito 40* apresentam outros três glifos relacionados aos 2 *acatl* e que marcam o *xiuhmolpilli*, que serão analisados a seguir.

O primeiro glifo que marca o *xiuhmolpilli* nos anos 2 *acatl* é formado por um feixe de ervas¹⁵⁵ ou juncos e é representado nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40* (Figura 2.18). Este glifo tem semelhanças com as esculturas mexicas relacionadas ao *xiuhmolpilli*, apresentadas na primeira seção do capítulo, cuja função era a de representar um feixe de juncos que eram queimados na ocasião da cerimônia do Fogo Novo. No códice *Aubin* o glifo do feixe de juncos substitui o glifo *xiuhmamalhuaztli* e é representado em quatro ocasiões, juntamente com o glifo de corda amarrada, que é composto ao glifo *acatl*, como vimos anteriormente. Já no *Manuscrito 40*, o glifo do feixe de juncos é utilizado em três ocasiões, sendo que, apenas em uma delas o glifo *xiuhmamalhuaztli* também é representado. Dessa forma, o glifo do feixe de juncos era representado geralmente com a função de enfatizar o *xiuhmolpilli*, juntamente com outros glifos que marcavam a cerimônia do Fogo Novo ou a passagem de um ciclo de 52 anos para outro¹⁵⁶.

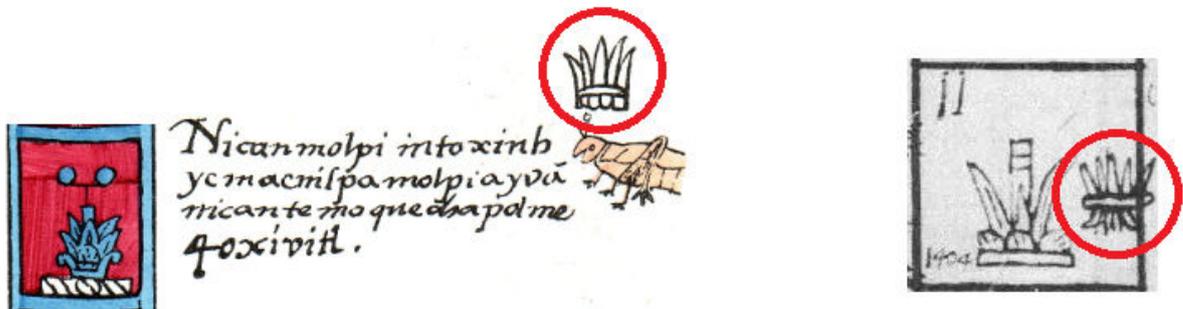


Figura 2.18 – Glifo que marca o *xiuhmolpilli* por meio da representação de um feixe de juncos (destacados em vermelho). *Aubin*, fl. 57. *Manuscrito 40*, fl. 10r.

Os outros dois glifos que marcam o *xiuhmolpilli* no ano 2 *acatl* são representados apenas no *Manuscrito 40*. O primeiro glifo é um glifo de numeral (um), composto a uma corda com um laço (Figura 2.19, à esquerda). Esse glifo de numeral é assim identificado por

¹⁵⁵ Outro significado de *xihuitl* seria *erva*. SIMEÓN, Remi. *Op. cit.*, p. 770-771. Dessa forma, um *feixe de ervas* poderia corresponder foneticamente a um *feixe de anos*.

¹⁵⁶ A utilização do glifo do feixe de ervas ou juncos está relacionada a determinados períodos narrados nas histórias dos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*. Esse glifo é utilizado no códice *Aubin* nos anos 2 *acatl* representados ao longo dos períodos imperial e colonial, mas não no período da migração. Já no *Manuscrito 40*, o glifo é utilizado em três ocasiões nos anos 2 *acatl*, sendo uma delas no período da migração e as outras duas no período imperial.

sua semelhança com as representações de numerais recorrentes nos últimos 22 fólios do códice *Aubin*, como as que estão relacionadas à duração do governo do *tlatoani* Huitzilihuitl (Figura 2.19, no centro). Com base nas semelhanças apresentadas, essa representação expressa o *enlace dos anos*, o significado literal de *xiuhmolpilli*. O glifo do numeral com laço é representado em duas ocasiões no *Manuscrito 40*, nos fólios 4r e 6r¹⁵⁷. O segundo glifo associado ao ano 2 *acatl* no *Manuscrito 40* representaria apenas um nó¹⁵⁸ (Figura 2.19, à direita).

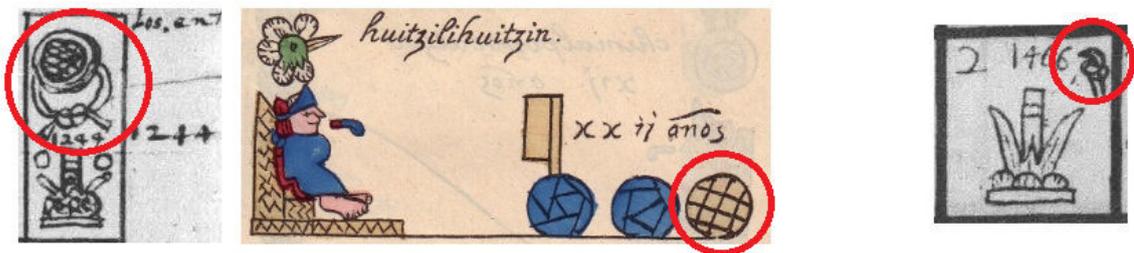


Figura 2.19 – Glifos de numerais, à esquerda (com laço) e centro (sem laço), e glifo de nó associado ao ano 2 *acatl*, à direita – todos os glifos estão destacados em vermelho. *Manuscrito 40*, fl. 4r. *Aubin*, fl. 141. *Manuscrito 40*, fl. 12r.

As análises dos três glifos relacionados aos anos 2 *acatl* nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40* mostram que haviam diferentes formas de representar o *xiuhmolpilli*, além dos glifos mais usuais, mencionados na primeira parte deste capítulo. Dessa forma, durante o período colonial, surgiram novas representações do *xiuhmolpilli*, como a que está presente no *Manuscrito 40*, formada por glifo do numeral com laço ou apenas por um nó. Essa mudança, contudo, não modifica o sentido do evento, nem destitui suas qualidades. Por isso, os três glifos analisados acionam elementos relacionados à cerimônia do Fogo Novo e à passagem de um ciclo de 52 anos para outro, evidenciando o processo de reelaboração das representações de tempo ao mesmo tempo em que o ciclo calendário é mantido nas histórias mexicas coloniais.

Além disso, as representações dos glifos de feixe de juncos, de laço e de nó dos exemplos dos anos 2 *acatl* dos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*, juntamente com as representações de corda com um nó junto ao glifo *acatl* (junco) – descritas anteriormente nos códices *Aubin*, *Boturini* e *Mendoza*, – remetem sempre à ação de atar os anos, isto é, de unilos. Dessa forma, é possível pensar que os anos do *xiuhmolpilli* eram concebidos como

¹⁵⁷ JOHANSSON K., Patrick. *La palabra, la imagen y el manuscrito...*, p. 379.

¹⁵⁸ THOUVENOT, Marc; VILLEJUIF, Celia. “Escrituras y lecturas del *xiuhmolpilli* o ligadura de los años” in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. V. 34. México: UNAM-IIH, 2003, pp. 102-109.

entidades soltas que, ao formar um conjunto de 52, precisavam ser unidas por meio de um fio ou corda.

A manutenção do *xiuhmolpilli*, associado às representações de atadura dos anos ou cerimônias do Fogo Novo, remetem a concepções de tempo mexicas que vão além da mera contagem do tempo. O ciclo do *xiuhmolpilli*, portanto, indica que, mesmo no período colonial, a passagem de um ciclo de 52 anos para outro poderia ser considerada um momento incerto, no qual diversos cataclismos poderiam ocorrer. De forma adicional, a manutenção das representações de *xiuhmolpilli* nos anos 2 *acatl* poderia também estar relacionada à função identitária que essa data tinha para os mexicas e que, por isso mesmo, continuou sendo convencionalmente representada pelos *tlacuiloque* nas histórias produzidas durante os séculos XVI e XVII.

Em suma, as análises desse item procuraram dar conta de quatro aspectos das representações de anos do *xiuhmolpilli* nas histórias mexicas coloniais, que são 1) a proporção que os anos *xihuitl* ocupam nas histórias em comparação a outros tipos de representações, 2) os glifos de numerais, 3) os glifos portadores dos anos e 4) os glifos relacionados ao *xiuhmolpilli*. Primeiramente, vimos que, diferentemente dos exemplos pré-hispânicos dos códices mixtecos ou dos monumentos em pedra mexicas, o tamanho dos cartuchos de anos é igual ou menor do que os outros tipos de representações nas narrativas mexicas coloniais. As análises mostraram que a variação entre os tamanhos das representações está relacionada à maneira que os mexicas concebiam e representavam a passagem do tempo nas narrativas, que poderia se comprimir ou desdobrar de acordo com os eventos relatados. Em segundo lugar, os glifos de numerais, glifos portadores dos anos e glifos relacionados ao *xiuhmolpilli* apresentam uma série de diferenças formais que as representações pictográficas dos anos sofreram ao longo da produção das histórias durante os séculos XVI e início do XVII. Apesar do surgimento de modificações, como a introdução de novos glifos de *xiuhmolpilli* nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*, as representações do ciclo calendário de 52 anos continuaram sendo utilizadas nas histórias mexicas como uma estrutura fundamental. Ao mesmo tempo, vimos que o calendário foi destituído de algumas de suas qualidades, isto é, por um lado, os glifos numerais perderam sua preciosidade e, por outro, os glifos portadores dos anos perderam sua animação, ou, até mesmo, seu caráter agencial. Por isso mesmo, pode-se afirmar que as concepções de tempo dos mexicas continuaram baseadas na representação do ciclo *xiuhmolpilli*, que foi, porém, destituído de algumas de suas qualidades, relegando-se à quantificação do tempo. Além disso, a concepção de tempo empregada nos códices mostra

que a marcação temporal poderia ser comprimida ou desdobrada nas narrativas, conforme a quantidade de eventos relacionados aos anos.

2.2.2 As representações dos ciclos *tonalpohualli* e o *xiuhpohualli*

Apesar do *xiuhmolpilli* ser o ciclo do calendário mesoamericano mais utilizado nas histórias, algumas datas dos ciclos *tonalpohualli* e *xiuhpohualli* também são representadas, especialmente durante a narrativa dos acontecimentos relacionados à conquista castelhana nos códices *Vaticano A* e *Aubin*. Portanto, nesse item, as análises serão centradas nas narrativas desses dois manuscritos. Diante de uma série de eventos em um curto lapso temporal, o tempo dos anos do *xiuhmolpilli* foi fracionado e, em casos, representações de unidades dos três ciclos calendários foram representadas em um mesmo fólio. A seguir, analiso as representações do *tonalpohualli* na história do códice *Vaticano A* e, em seguida, as representações do *xiuhpohualli* nos códices *Vaticano A* e *Aubin*.

Na história do códice *Vaticano A*, a conquista castelhana é narrada por meio de representações pictográficas nos fólios 89r e 89v. Esses dois fólios narram os acontecimentos ocorridos ao longo de quatro anos, entre o ano 1 *acatl* (1 junco) e 4 *tochtli* (4 coelho), que correspondem ao período entre 1519 e 1522. Nesses fólios são representados personagens e lugares relacionados aos eventos da conquista, que ocorre entre os anos 1 *acatl* e 3 *calli*. Dentre as representações que estão no fólio 89r, há um conjunto de glifos formado por uma representação antropomorfa em perfil com adornos e ligada a um círculo com preenchimento – tal como as contas que compõem os anos do *xiuhmolpilli* nesta mesma história.

Segundo Ferdinand Anders e Maarten Jansen, esse conjunto de glifos presente no fólio 89r seria a data do *tonalpohualli* identificada como 1 *ehecatl* (1 vento), que marcaria provavelmente o início da conquista, relacionada ao ano 1 *acatl*¹⁵⁹ (Figura 2.20). Contudo, de acordo com Ana Díaz Guadalupe Álvarez, a história do códice *Vaticano A* não utiliza os dias do *tonalpohualli* em sua narrativa, de maneira que esse conjunto de glifos representaria a vintena *Toxcatl* e estaria associada às demais vintenas representadas mais abaixo no mesmo fólio 89r e no seguinte, 89v¹⁶⁰.

¹⁵⁹ ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religión, costumbres e historia...*, pp. 354-358. De acordo com Ferdinand Anders e Maarten Jansen, outra data do *tonalpohualli* é representada no fólio seguinte. Os autores acreditam que o glifo *coatl*, localizado acima da representação de um conquistador castelhano, dentro de uma forma quadrangular ondulada e preenchida na cor verde, seria o dia 1 *coatl* (1 serpente). Contudo, trata-se de uma proposta polêmica, já que o glifo *coatl* não está composto a glifos numerais, nem algarismos arábicos ou romanos.

¹⁶⁰ DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. Comunicação pessoal em 20 de março de 2018.



Figura 2.20 – Dia 1 *ehecatl* (1 vento) do *tonalpohualli* ou vintena *Toxcatl* (destacado em preto). *Vaticano A*, fl. 89r.

Independente de ser um dia ou uma vintena, a representação tem a função de datar acontecimentos de tempo mais curto ou, ao menos, insere na narrativa do códice *Vaticano A* tipos de glifos que não se encontram em outras histórias mexicas coloniais. Além disso, a representação desse glifo relacionada justamente aos episódios da conquista castelhana deve ser destacada. Isso porque, se a função do glifo é de cômputo calendário, a presença de um dia ou uma vintena mostraria que a contagem do tempo na narrativa é elástica e regulada por meio dos acontecimentos. Em outras palavras, tratar-se-ia de mais um indício de que a marcação temporal poderia se desdobrar em determinados momentos da narrativa, como vimos em outros momentos das análises das representações de tempo presentes nos códices mexicas coloniais.

Dando continuidade às análises, outro ciclo do sistema calendário mesoamericano representado nas histórias mexicas coloniais é o *xiuhpohualli*. Apesar de escassas, as representações do *xiuhpohualli* são representadas nas histórias dos códices *Vaticano A* e *Aubin*, novamente durante o relato da conquista castelhana.

Na história do códice *Vaticano A*, as vintenas do *xiuhpohualli* são representadas por meio de glifos, entre os fólhos 89r e 89v que contém, respectivamente, glifos de 13 e 5 vintenas – excetuando-se a possível 14ª vintena, cuja análise foi realizada acima. Segundo Ferdinand Anders e Maarten Jansen, esses dois conjuntos de vintenas têm como função contar períodos de tempo relacionados a acontecimentos narrados durante conquista castelhana¹⁶¹. Adiante, analiso esses dois conjuntos de vintenas.

¹⁶¹ Para Ana Guadalupe Díaz Álvarez, os dois conjuntos de vintenas não podem ser considerados cômputos de calendário pois não são acompanhadas de numerais. Apesar disso, a estudiosa afirma que a representação das vintenas nesses dois fólhos corrobora a existência de um programa glífico próprio das vintenas e permite designar cada uma delas por meio de signos padronizados. Dessa forma e como mencionado no início do capítulo, Díaz contrapõe a hipótese de outros autores de que as vintenas teriam sido inventadas em tempos coloniais. *Idem. Las formas del tiempo...*, pp. 272-276.

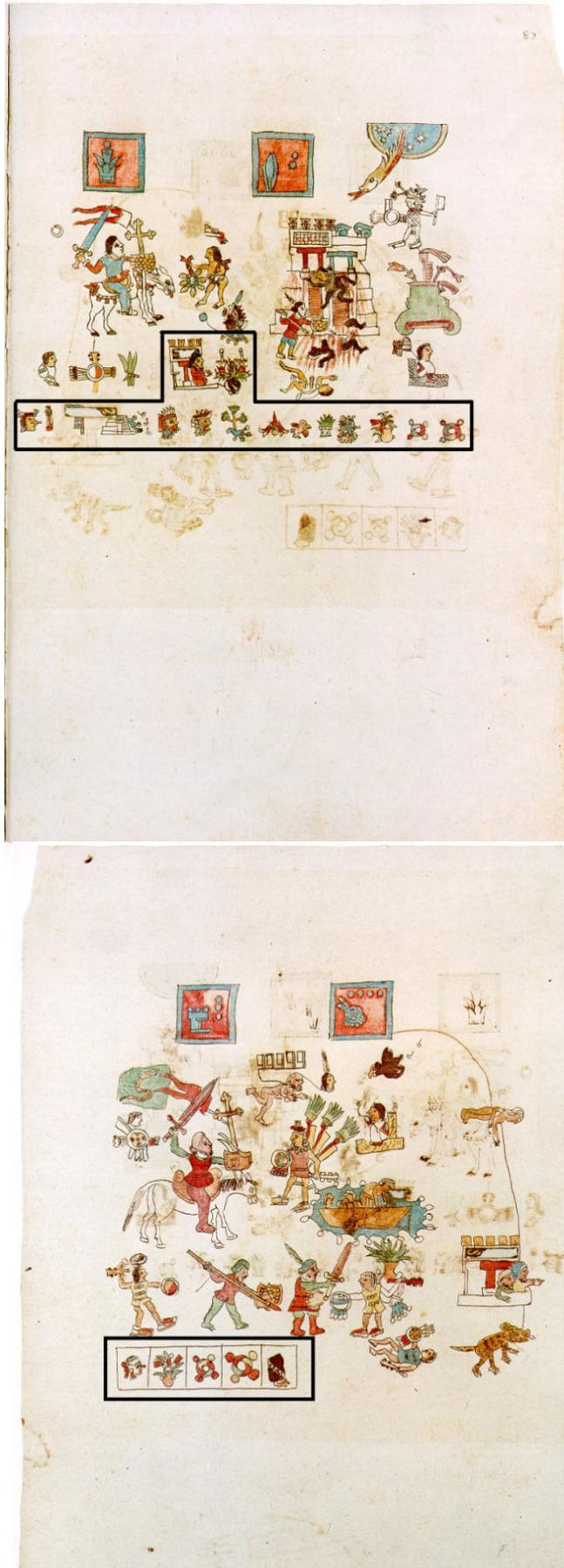


Figura 2.21 – Representações de vintenas do *xiuhpohualli* nos fôlios 89r e 89v do códice *Vaticano A* (destacadas em preto). *Vaticano A*, fl. 89r e 89v.

As 13 vintenas são representadas no fôlio 89r por meio de glifos dispostos em linha, abaixo de todas as outras representações pictográficas do fôlio. De acordo com Ferdinand Anders e Maarten Jansen, as vintenas são *Quecholli*, *Panquetzaliztli*, *Atemoztli*, *Tititl*, *Izcalli*, *Cuauitleua-Atlcaualo*, *Tlacaxipehualiztli*, *Tozoztontli*, *Huey Tozoztli*, *Toxcatl*, *Etzalcualiztli*, *Tecuilhuitontli* e *Huey Tecuilhuitl*. Dessa forma, as vintenas poderiam estar relacionadas a acontecimentos dos dois anos representados no fôlio, isto é, os anos 1 *acatl* e 2 *tecpatl* do *xiuhmolpilli*. Anders e Jansen afirmam que a presença das 13 vintenas nesse fôlio está relacionada à estadia dos castelhanos em México-Tenochtitlan, dentro de um palácio¹⁶². Esse acontecimento é representado abaixo do encontro de Cortés e Moctezuma por meio da representação de uma casa ou templo, dentro da qual está uma representação antropomorfa, vestida de vermelho e ligada ao glifo toponímico de México-Tenochtitlan (Figura 2.21, acima). Dessa forma, as vintenas do fôlio 89r têm como função contar o tempo em

¹⁶² ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Loc. cit.*

que os castelhanos ficaram em México-Tenochtitlan. Esse período, que se inicia no ano 1 *acatl* e vai até o ano 2 *tecpatl*, é especificado por meio da representação de 13 vintenas.

O outro conjunto de vintenas do *xiuhpohualli* está presente no fólio seguinte do códice *Vaticano A*. No fólio 89v são representadas 5 vintenas, localizadas abaixo e à esquerda de todas as outras representações pictográficas do fólio. Segundo Anders e Jansen trata-se das vintenas *Toxcatl*, *Etzalcualiztli*, *Tecuilhuitontli*, *Huey Tecuilhuitl* e *Miccailhuitontli*. Esses estudiosos afirmam que as lutas entre castelhanos e mexicas ocorreram durante essas 5 vintenas¹⁶³. Isso porque as representações localizadas entre os glifos das vintenas e o glifo do ano 3 *calli* (3 casa) são compostas de representações antropomorfas de castelhanos e mexicas lutando entre si (Figura 2.21, abaixo). Dessa forma, as vintenas do fólio 89v têm como função contar o tempo em que mexicas e castelhanos batalharam em México-Tenochtitlan. Esse período teria ocorrido, portanto, no ano 3 *calli*, no qual ocorre a derrota mexica para os castelhanos.

Em suma, as representações de vintenas do *xiuhpohualli* nos fólios 89r e 89v do códice *Vaticano A* têm como função marcar períodos de tempo que ocorrem dentro de um ou dois anos durante o relato da conquista castelhana. Não se trata, portanto, de representar as festas e cerimônias realizadas em cada uma das vintenas, tal como ocorre em uma seção anterior do manuscrito. Assim, o *xiuhpohualli* é acionado para dar conta de acontecimentos ocorridos em curtos períodos de tempo, que estão dentro de uma conta mais longa, isto é, o ciclo *xiuhmolpilli*. Portanto, a marcação temporal era desdobrada em determinados momentos da narrativa, tal como ocorre com a representação da vintena ou *tonalpohualli*, analisada anteriormente.

Por fim, as vintenas do *xiuhpohualli* também são representadas ao longo da narrativa do códice *Aubin*, no trecho que narra os acontecimentos referentes à conquista castelhana. Neste manuscrito as vintenas são mencionadas em diversas ocasiões em textos alfabéticos no trecho entre os fólios 82 e 86. Em alguns casos, as vintenas são mencionadas de forma conjugada com meses cristãos ou, até mesmo, com datas cristãs formadas por dia, mês e ano. A seguir, analiso dois exemplos presentes no fólio 82.

O primeiro exemplo está no fólio 82 e é a primeira referência às vintenas do *xiuhpohualli* no códice *Aubin*. Trata-se da menção à vintena *Quecholli*, após uma data cristã formada por dia e mês. Essas datas são relacionadas à chegada dos castelhanos em México-Tenochtitlan: “in ipan açico castillan tlaca ye cepovalli omacuilli de nouiembre ypan

¹⁶³ *Ibidem*, loc. cit.

quecholli”¹⁶⁴. Dessa forma, a vintena *Quecholli* é representada com a função de datar um acontecimento ao longo do ano cristão ou indígena que, neste caso, é 1 *acatl* ou 1519, respectivamente.

Mais adiante, no mesmo fôlio 82, há um segundo exemplo de representação do *xiuhpohualli*. Desta vez, 8 vintenas são citadas em referência à estadia dos castelhanos em México-Tenochtitlan: “niman ic valmoma in deziembre .v. [pantli] atemoztli, tititl. [acatl] yzcalli .v. quavitleva, xilopevaliztli tonçoztontli. veytoçoztli. toxcatl.”¹⁶⁵. Nesse exemplo, o início da estadia castelhana é relacionado ao mês cristão de dezembro, a partir do qual há uma sequência de vintenas do *xiuhpohualli*. Além disso, entre o mês cristão e a primeira vintena do *xiuhpohualli*, há o numeral romano V e um glifo de *pantli* (bandeira), que é associado pelos estudiosos ao numeral 20 e, conseqüentemente, formaria a data 25 de dezembro¹⁶⁶. Finalmente, o numeral romano V, localizado entre as vintenas *Izcalli* e *Quauitleua*, seriam os cinco dias chamados *nemontemi*, ou *dias vazios*, que completavam o ano sazonal, sem estarem vinculados a uma vintena específica. A representação do glifo *acatl* entre as vintenas *Tititl* e *Izcalli* é outro indício de que trata-se da passagem do ano 1 *acatl* (1 junco) para 2 *tecpatl* (2 punhal de pedernal). Dessa forma, a sequência de vintenas é representada com o objetivo de marcar um período de tempo que ocorre dentro de um ou dois anos durante o relato da conquista castelhana, demonstrando o desdobramento da marcação do tempo nos anos do *xiuhmolpilli* na narrativa. Esse exemplo também mostra que os produtores do códice *Aubin* tinham uma preocupação em relacionar as datas do sistema calendário mesoamericano com o calendário cristão, diferentemente do que ocorre nas representações do *xiuhpohualli* na história do códice *Vaticano A*, na qual não há correlações com o calendário cristão. Nesse sentido, as vintenas foram associadas aos meses cristãos com o objetivo de transformar as datas em números, suprimindo as celebrações a deidades e as qualidades que estavam associadas ao calendário indígena. Contudo, as menções do *xiuhpohualli* no códice *Aubin* mostram que as representações do calendário cristão ainda são incorporadas de maneira pontual e submetida à contagem de tempo indígena.

As análises dos dois exemplos de representações do *xiuhpohualli* presentes no fôlio 82 do códice *Aubin* mostram que as vintenas têm como função relacionar um acontecimento a

¹⁶⁴ “Neste chegaram os homens de Castela, em 25 de novembro, em Quecholli”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol de Charles E. Dibble. DIBBLE, Charles E. *Codex Aubin. Historia de la nación mexicana. Reproducción a todo color del Códice de 1576*. Colección Chimalistac, v. 16. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, 1963, p. 53.

¹⁶⁵ “Em seguida veio a se instalar em 25 de dezembro. Atemoztli, Tititl, Izcalli, 5 [días do *nemontemi*], Quauitleua, Xipehualiztli, Tozoztontli, Huey Tozoztli, Toxcatl.” Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol de Charles E. Dibble. *Ibidem*, loc. cit.

¹⁶⁶ *Ibidem*, loc. cit.

um período de tempo, tal como ocorre no códice *Vaticano A*. Além disso, as vintenas podiam ser acionadas de forma individual para datar acontecimentos específicos. Assim, o *xiuhpohualli* é acionado com para dar conta de acontecimentos ocorridos em uma fração de tempo contida no ciclo *xiuhmolpilli*, isto é, como o desdobramento da marcação do tempo em relação aos eventos narrados.

Em síntese, as análises das representações do *xiuhpohualli* e, possivelmente, do *tonalpohualli*, mostram que esses ciclos são utilizados nas histórias mexicas coloniais, de forma pontual e em eventos específicos, como é o caso da conquista castelhana. A utilização desses dois ciclos não tem paralelo nas representações pré-hispânicas dos monumentos mexicas, ainda que os dias fossem representados nos códices mixtecos. Dessa forma, tanto as vintenas do *xiuhpohualli*, quanto o hipotético dia do *tonalpohualli*, são utilizados com as funções de datar e quantificar o tempo dentro da estrutura mais ampla e preponderante dos anos do *xiuhmolpilli*. A primeira função era desempenhada pelas menções de uma única vintena do *xiuhpohualli*, como ocorre no códice *Aubin*. Já a segunda função ocorre nos conjuntos de vintenas do *xiuhpohualli* que são acionadas tanto no códice *Vaticano A*, quanto no *Aubin*, com o objetivo de relacionar acontecimentos a um período de tempo curto. Essas duas funções evidenciam, portanto, que o tempo primordialmente contado pelos anos do *xiuhmolpilli* não era mecânico e regular nas histórias, mas poderia ser desdobrado em quantidades menores ou comprimido nos momentos, de acordo com os acontecimentos narrados.

Assim, embora as histórias mexicas coloniais fossem estruturadas pelo ciclo *xiuhmolpilli*, outros ciclos, tais como o *tonalpohualli* e o *xiuhpohualli* poderiam ser acionados conforme a necessidades de inclusão de trechos mais específicos nessas histórias. Ainda que esses outros dois ciclos estejam presentes apenas nas narrativas do *Vaticano A* e do *Aubin*, sua utilização mostra que os mexicas possivelmente tinham grande preocupação em datar e quantificar o tempo em suas narrativas, sobretudo em partes nas quais se destacavam determinados acontecimentos, como é o caso exemplar da conquista castelhana. Essa preocupação com a quantificação é semelhante, portanto, à função dos glifos numerais dos anos, que, como vimos anteriormente, são destituídos de suas qualidades para transformar gradualmente as datas em números.

2.2.3 As representações do calendário cristão nas histórias mexicas coloniais

Ao mesmo tempo em que textos alfabéticos foram introduzidos nas histórias mexicas, e resultaram até mesmo em explicações do *xiuhmolpilli*, também foram introduzidas datas do calendário cristão ao longo das narrativas. O calendário cristão é representado nas cinco histórias de duas maneiras. A primeira maneira de representação ocorre por meio das menções a datas cristãs inseridas ao longo dos textos alfabéticos das histórias. Essa primeira maneira está presente nos códices *Mendoza*, *Manuscrito 40* e *Aubin*. A segunda maneira de representação de datas cristãs são as correlações, isto é, as datas adicionadas posteriormente nos manuscritos, na forma de glosas. A segunda maneira ocorre nos códices *Vaticano A*, *Manuscrito 40* e *Aubin*. A seguir, analiso essas duas maneiras que as datas cristãs são representadas nas histórias mexicas coloniais, com o objetivo de entender as transformações que a introdução do calendário cristão traz para as concepções de tempo mexicas.

Primeiramente, analiso as menções de datas cristãs ao longo dos textos alfabéticos, que estão presentes nas histórias dos códices *Mendoza*, *Manuscrito 40* e *Aubin*.

No códice *Mendoza*, as datas cristãs mencionadas se referem à fundação de México-Tenochtitlan e ao início do governo de cada um dos nove *tlatoani* mexicas. Essas datas estão presentes nos fólios que contém textos em castelhano, e correspondem ao primeiro ano do *xiuhmolpilli* que é representado nos fólios que contém predominantemente textos pictográficos. Um exemplo é a data de início do governo do *tlatoani* Tizoc, no fólio 11v, cujo ano do *xiuhmolpilli* correspondente é 3 *tochtli* (3 coelho), presente no fólio seguinte, 12r: “En el año de myll y quatroçientos y ochenta y Dos años en el dicho señorío de mexico por fin y muerte de axayacaçi susçedio en el dicho señorío tiçoçicatzin [...] conquysto [...] catorze pueblos segun que susçesiamente estan figurados y nonbrados”¹⁶⁷. Dessa forma, as datas cristãs representadas no códice *Mendoza* correspondem a apenas alguns anos do *xiuhmolpilli*, sendo que ambos os calendários representados são intercalados nos fólios¹⁶⁸. Portanto, as sequências de representações pictográficas dos anos do *xiuhmolpilli* no códice *Mendoza* têm como função quantificar o período de governo de cada *tlatoani*, sendo que, desse conjunto de anos, somente o primeiro ano é relacionado ao seu correspondente cristão nos textos em

¹⁶⁷ “No ano de mil quatrocentos e oitenta e dois no dito senhorio de México, por fim e morte de Axayacatl, sucedeu no dito senhorio Tizoc [...] conquistou [...] catorze *pueblos* que sucessivamente estão figurados e nomeados.” Tradução minha com base na paleografia feita ao inglês por Frances Berdan e Patricia Anawalt. BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Riel (ed.). *The Essential Codex Mendoza*, pp. 28-35.

¹⁶⁸ As datas cristãs são representadas nos fólios que contém texto alfabético em castelhano, enquanto as sequências de datas do *xiuhmolpilli* estão presentes nos fólios que contém representações pictográficas de forma predominante.

castelhano¹⁶⁹. Por isso, embora haja predominância de datas do *xiuhmolpilli* em relação aos anos cristãos, o calendário indígena é representado com função ilustrativa e relegada à quantificação do tempo.

Já o *Manuscrito 40* apresenta poucas datas cristãs ao longo dos textos em nahuatl. A maioria dessas datas são compostas por dia e mês, sem mencionar o ano cristão que, por sua vez, é representado por algarismos arábicos dentro dos cartuchos dos anos *xiuhmolpilli*. Um exemplo de data composto por dia e mês ocorre quando houve o assentamento dos *alcaldes*, no ano de 1566 ou 9 *tochtli* (9 coelho), mencionada no fôlio 18r. Esse acontecimento é relacionado somente à data 25 de setembro, cujo número é representado em algarismos romanos: “ça tlalihui Alacaldesme ypan metztli de Cetiembre XXV mani.”¹⁷⁰. Apenas uma das datas de ano não foi provavelmente adicionada posteriormente no manuscrito. Trata-se da data 1573, adicionada após a descrição de um auto de fé: “onpa quimacique 1573 años”¹⁷¹. Assim, no *Manuscrito 40* as datas cristãs são geralmente representadas como frações do ano *xiuhmolpilli* e, por isso, os calendários cristão e indígena são integrados, demonstrando a preocupação com a quantificação do tempo. Diferentemente do que ocorre no códice *Mendoza*, as escassas datas cristãs são conjugadas às representações dos anos do *xiuhmolpilli*.

No códice *Aubin*, por sua vez, há mais de uma dezena de referências que incluem até mesmo o formato de dia, dia da semana e mês durante a narrativa do período colonial. Tais referências são escritas por meio de textos alfabéticos em nahuatl e estão presentes nos mesmos fôlios que registram um ano do *xiuhmolpilli* no qual determinado acontecimento teria ocorrido. O trecho a seguir, por exemplo, está localizado ao lado direito da representação pictográfica do ano 7 *calli* (7 casa), no fôlio 118: “Yn otemoc quauhtli y capilla sant josph axcan martes a viii dias del mes de octubre de 1577 años.”¹⁷². Dessa forma, as representações de datas cristãs no códice *Aubin* são conjugadas aos anos do *xiuhmolpilli*, sendo que estes se tornam apenas referenciais de quantidade. Assim como ocorre no *Manuscrito 40*, os calendários são integrados ao longo da história, sobretudo na narrativa do período colonial.

¹⁶⁹ Além disso, as conquistas representadas nos fôlios predominantemente pictográficos não estão ligadas a anos específicos, mas ao período completo que cada *tlatonani* governou.

¹⁷⁰ “Somente assentou os *alcaldes* no mês de Setembro, 25”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol de Xochitl Medina González. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Histoire mexicaine depuis...*, p. 110.

¹⁷¹ “Lá chegaram os 1573 anos”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol de Xochitl Medina González. *Ibidem*, p. 112.

¹⁷² “Baixou uma águia na capela de São José hoje, terça-feira, a 8 de outubro de 1577.” Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol de Charles E. Dibble. DIBBLE, Charles E. *Op. cit.*, p. 86.

Em suma, as análises das datas cristãs mencionadas ao longo dos textos alfabéticos mostram que sua introdução não significou na supressão dos anos do *xiuhmolpilli*. As representações de datas cristãs são incluídas nas narrativas de duas maneiras distintas, mas integradas ao calendário mesoamericano. Na história do códice *Mendoza* as datas cristãs são representadas de forma paralela aos anos do *xiuhmolpilli*. Já nos códices *Manuscrito 40* e *Aubin*, as diversas datas cristãs são adicionadas nos textos alfabéticos das narrativas de forma integrada e, até mesmo, como uma fragmentação de tempo do *xiuhmolpilli*, como se os dias e meses do calendário cristão fossem frações dos anos sazonais mesoamericanos. Ou seja, os anos do *xiuhmolpilli* são destituídos de suas qualidades e se tornam gradualmente referenciais de quantidade.

Dando continuidade às análises, passo para a segunda maneira na qual as representações do calendário cristão ocorre nas histórias, isto é, as correlações realizadas por meio de glosas adicionadas posteriormente à produção das histórias. As correlações entre os anos do calendário mesoamericano e os anos do calendário cristão ocorriam por meio do registro de algarismos arábicos ao lado dos cartuchos de anos representados nos códices *Aubin*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*.

Apesar da presença ininterrupta dos anos do *xiuhmolpilli*, as datas cristãs correlatas nem sempre estão presentes ao longo de toda a narrativa. Na narrativa do *Aubin*, por exemplo, a correlação inicia-se no fólio 29. Por sua vez, no *Vaticano A*, a correlação ocorre somente nos fólios 66v e 67r. Já no *Manuscrito 40*, a correlação está presente em todos os anos do *xiuhmolpilli* registrados, embora com trocas de algarismos. Por mais que ocorram imprecisões ou confusões em relação aos anos cristãos indicados nos manuscritos, a ordem dos glifos portadores de anos do *xiuhmolpilli* é mantida ininterruptamente. Isso mostra que, por mais que os dois calendários — indígena e cristão — estivessem presentes nas narrativas coloniais mexicas, havia uma preponderância do sistema calendário mesoamericano em relação ao sistema calendário cristão recém-adotado, ou seja, que as concepções mexicas de tempo presentes nesses manuscritos estavam centralizadas no uso do *xiuhmolpilli*, embora também representassem o calendário cristão. Ao mesmo tempo, a introdução do calendário cristão significou a transformação gradual do *xiuhmolpilli* em referenciais de quantidade, tais como os números que compunham as datas cristãs.

Em suma, as análises sobre as representações do calendário cristão nas histórias mexicas mostram que sua introdução era submetida ao sistema calendário mesoamericano, presente de maneira ininterrupta nas narrativas produzidas durante os séculos XVI e XVII. As datas cristãs, representadas ao longo dos textos alfabéticos nos códices *Mendoza*, *Manuscrito*

40 e *Aubin*, foram adicionadas de forma paralela ou integrada ao *xiuhmolpilli*, representado sem interrupções ao longo de todas as narrativas. Os anos cristãos, como correlações dos anos do *xiuhmolpilli*, são representados por meio de glosas, o que, por sua vez, também demonstra a preponderância do calendário indígena nas histórias dos códices *Aubin*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*. Isso porque as datas cristãs inseridas nos manuscritos são imprecisas ou ocorrem apenas em parte das histórias, enquanto o *xiuhmolpilli* é representado de maneira ininterrupta. Entretanto, ainda que o *xiuhmolpilli* estivesse presente de forma mais preponderante, sua função se torna cada vez mais semelhante às datas cristãs. De acordo com James Lockhart entre 1540-50 e 1640-50, uma série de substantivos relacionados ao calendário cristão foram emprestados do castelhano para o nahuatl sem modificações, e, rapidamente, se converteram em parte fundamental do vocabulário nahuatl¹⁷³. Em outras palavras, é possível afirmar que o pensamento cristão foi, aos poucos, moldando a gramática das narrativas mexicas coloniais, ao mesmo tempo em que os anos do *xiuhmolpilli* são representados com formas ancoradas nas tradições pré-hispânicas¹⁷⁴.

À guisa de conclusão, sintetizo as análises realizadas sobre as representações de tempo nas histórias, evidenciando suas relações com continuidades e transformações nas concepções de tempo dos mexicas durante os séculos XVI e início do XVII.

Em primeiro lugar, vimos que as representações dos anos do *xiuhmolpilli* continuaram sendo utilizados nas histórias mexicas como uma estrutura fundamental e preponderante. Ao mesmo tempo, vimos que o ciclo dos 52 anos foi destituído de algumas de suas qualidades, relegando-se à quantificação do tempo, tal como as análises do *xiuhpohualli* e o *tonalpohualli* mostraram. As menções e correlações com o calendário cristão, por fim, demonstram a introdução gradual de uma concepção de tempo cristã nas narrativas.

Em segundo lugar, vimos que, embora as histórias mexicas coloniais fossem estruturadas pelo ciclo *xiuhmolpilli*, o *tonalpohualli* e o *xiuhpohualli* poderiam ser acionados

¹⁷³ Trata-se de uma das características do que Lockhart nomeia como Etapa 2, de um conjunto de três etapas da evolução geral dos nahuas depois da conquista. Nessa segunda etapa, os elementos castelhanos chegam a penetrar em todos os aspectos da vida nahua, mas com limitações. Esse processo ocorreu de forma distinta do período entre 1519 e 1540-1550, na Etapa 1, quando, segundo o autor, os textos nahuas faziam poucas inclusões de palavras castelhanas, incluindo, ao invés disso, uma série de palavras em nahuatl que procuravam descrever novidades de origem hispânica. Por fim, na terceira etapa, de 1640-50 até, pelo menos, 1800, os nahuas adotaram mais elementos castelhanos, de forma que se criou, em alguns casos, um amálgama entre as duas tradições. LOCKHART, James. *Los nahuas después de la Conquista. Historia social y cultural de los indios del México central, del siglo XVI al XVIII*. México: FCE, 1999 [1ª ed. em inglês, 1992], pp. 378-468 e 605-637.

¹⁷⁴ Outro indício para essa transformação paulatina está na introdução de textos explicativos sobre o *xiuhmolpilli* no início das histórias dos códices *Mendoza* e *Aubin*. Tais textos mostram que as histórias mexicas passam a atender demandas de leitores castelhanos, que desconheciam o sistema calendário mesoamericano, ou, até mesmo, de leitores indígenas, que se distanciavam das tradições históricas mexicas pré-hispânicas

conforme a necessidade nas histórias. Esses dois ciclos são representados nos relatos da conquista dos códices *Vaticano A* e *Aubin* com as funções de datar acontecimentos dentro de uma unidade de tempo maior, o ano *xihuitl*, ou de relacionar acontecimentos a um período de tempo curto, que não corresponde a um ano *xihuitl*. Portanto, essas análises demonstraram que os mexicas tinham grande preocupação em desdobrar e comprimir a marcação do tempo nas narrativas, de acordo com os eventos narrados, tal como ocorre durante o relato da conquista castelhana.

2.3 – As representações do *xiuhmolpilli* como indicador do sentido de leitura das histórias e da definição dos períodos históricos narrados

O objetivo desta terceira e última seção é analisar as representações do *xiuhmolpilli* nas histórias mexicas coloniais. Como mencionado ao longo deste capítulo, as representações dos anos do ciclo *xiuhmolpilli* seguem uma sequência ininterrupta ao longo das histórias mexicas coloniais, datando acontecimentos ou calculando períodos relacionados a eles. Nas histórias mexicas, esses anos são representados até mesmo quando não há nenhum evento representado. Dessa maneira, as análises demonstraram que o *xiuhmolpilli* funcionava como indicador do sentido de leitura das histórias e da definição dos períodos históricos narrados.

Na seção anterior vimos que grande parte das representações dos anos continuaram sendo representadas nas histórias mexicas coloniais com formas semelhantes às que são encontradas em gravados em pedra e monumentos mexicas pré-hispânicos, ainda que suas qualidades tenham sido relegadas à função de quantificar o tempo. Apesar das poucas mudanças nos traços das representações, o ciclo *xiuhmolpilli* permanece como estrutura fundamental das histórias. No entanto, a continuidade do registro de representações do *xiuhmolpilli* no período colonial contrasta com a transformação do formato das histórias mexicas com a introdução dos livros europeus. Como vimos no Capítulo 1, em tempos pré-hispânicos as histórias eram produzidas em longas *tiras* de papel *amate* ou em peles de veado, geralmente dobradas na forma de biombo, sendo que cada dobra desse biombo não implicava necessariamente na delimitação de uma unidade representacional.

Já no período colonial, as narrativas passam a ser escritas no formato de livro europeu, com folhas costuradas, tal como nossos livros atuais, estabelecendo outros limites para as unidades representacionais. De acordo com Donald Robertson, surgiu um novo tipo de unidade nos manuscritos, que implicou na redistribuição das representações pictográficas nos fólios, entre as quais estavam as sequências de anos do *xiuhmolpilli*, e na tensão com os textos

alfabéticos, adicionados durante a produção dos manuscritos ou posteriormente¹⁷⁵. Contudo, a mudança não impediu que as histórias mexicas coloniais continuassem representando o *xiuhmolpilli* por meio dos glifos dos anos. Isso pode ser notado nas narrativas por meio da representação de grandes lapsos temporais, que contemplam três períodos históricos, nomeados pelos pesquisadores como período da migração, período imperial e período colonial¹⁷⁶. Entretanto, nem todos períodos são narrados em todas as histórias, uma vez que cada uma delas foi produzida com objetivos e destinatários distintos. Dessa forma, o códice *Boturini* narra apenas a migração mexica ao longo de 187 anos. Já a história do códice *Mendoza* narra o período imperial durante 196 anos. As outras três históricas, contidas nos códices *Vaticano A*, *Manuscrito 40* e *Aubin*, narram os três períodos mencionados, mas suas quantidades variam de acordo com os anos narrados durante o período colonial. Dessa forma, as histórias dos códices *Vaticano A*, *Manuscrito 40* e *Aubin* contemplam 368, 405 e 440 anos, respectivamente.

Do mesmo modo, a presença de grandes lapsos temporais também ocorria nas histórias dos códices mixtecos pré-hispânicos, como o *Zouche-Nuttall* e o *Vindobonensis*. Nesses dois manuscritos, no entanto, são representados apenas os anos em que ocorrem acontecimentos, e nem sempre há uma sequência cronológica linear¹⁷⁷. Nos códices mexicas coloniais, por sua vez, a representação dos anos ocorre até mesmo quando não há eventos relacionados a eles, e estas histórias seguem uma sequência cronológica linear. Essas diferenças fazem com que os anos do ciclo *xiuhmolpilli* sejam representados por meio uma sequência ininterrupta ao longo das histórias mexicas coloniais.

A introdução do formato europeu de livro também significou a transformação do sentido de leitura das representações pictográficas e dos textos em alfabeto latino nos fólios em relação ao padrão pré-hispânico. Como mencionado na primeira parte do capítulo, os códices mixtecos, produzidos em longas *tiras*, tinham certa flexibilidade quanto à sua orientação, que poderia ser da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, de baixo para cima ou de cima para baixo. Além disso, dentro dos fólios definidos pelas dobras da *tira* era utilizado o sentido de leitura *bustrofedon*, que dispunha e orientava as representações em uma espécie de zig-zague. Assim, o padrão pré-hispânico pode ser definido como um sentido de leitura geral do manuscrito, que é ligeiramente flexível, e por um sentido de leitura

¹⁷⁵ ROBERTSON, Donald. *Mexican manuscript painting...*, p. 59.

¹⁷⁶ BOONE, Elizabeth Hill. *Op. cit.*, p. 213. De acordo com a autora, ainda que os anos coloniais sigam a sequência dos anos do período pré-hispânico de forma contínua, as histórias da migração e do período imperial conformam contas de anos distintas, com diferentes formatos e tipos diferentes de eventos. Por isso, Boone considera que tratam-se de três tipos de narrativas.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 86.

dos fôlios, que é o *bustrofedon*. Já nas narrativas mexicas coloniais, o sentido de leitura geral dos manuscritos se modifica, e passa a seguir o padrão ocidental de maneira mais fixa, isto é, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Por fim, o sentido de leitura dos fôlios apresenta uma série de maneiras empregadas para adequar a redistribuição das representações pictográficas e a introdução dos textos alfabéticos que, por isso mesmo, são um dos aspectos aqui analisados, por meio da sucessão das representações do *xiuhmolpilli*.

Dessa forma, na terceira seção desse capítulo analiso as representações do *xiuhmolpilli* nas histórias mexicas coloniais por meio da quantidade e da disposição dos anos nos fôlios, com o objetivo de entender a formação de grupos e padrões de representações que podem corresponder a períodos e sub-períodos que compõem as narrativas. Para isso, destaco, também, em cada narrativa, o sentido de leitura geral e o sentido de leitura dos fôlios, cujas funções são desempenhadas e conduzidas pelas sequências de representações dos anos do *xiuhmolpilli*. As análises serão ordenadas de acordo com os períodos narrados nas histórias, sendo que primeiramente tratarei do período da migração, para, depois, analisar o período imperial e, por fim, tratar do período colonial. Os três períodos são contemplados pelas narrativas dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A* que, por isso mesmo, conduzem boa parte das análises realizadas nas subseções seguintes. As análises dos códices *Boturini* e *Mendoza* serão incluídas nas partes correspondentes aos períodos que narram, isto é, o período da migração e o período imperial, respectivamente. A partir dessas análises da configuração do *xiuhmolpilli* irei inferir possíveis continuidades e transformações nas concepções de história dos mexicas durante os séculos XVI e início do XVII.

2.3.1 O período da migração

O primeiro período narrado nas histórias mexicas é o da migração, cuja narrativa está presente nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Boturini* e *Vaticano A*. Esse período é iniciado pela saída dos mexicas de Aztlan ou Chicomoztoc e termina com a fundação de México-Tenochtitlan¹⁷⁸. A seguir, serão realizadas as análises das quantidades e disposição dos anos

¹⁷⁸ As narrativas dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Boturini* iniciam a migração mexica no ano 1 *tecpatl* (1 punhal de pedernal). As duas primeiras narrativas têm como ano final o ano 1 *acatl* (1 junco), enquanto o códice *Boturini* termina no ano 6 *acatl* (6 junco). Essa diferença da data final do período ocorre porque que o códice *Boturini* não narra a migração até a fundação de México-Tenochtitlan. Dessa forma, as histórias da migração dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Boturini* narram um período total de 196, 144 e 187, respectivamente.

Contudo, de acordo com os estudiosos do *Manuscrito 40*, há um ou mais fôlios perdidos que deveriam estar entre os fôlios 7v e 8r, justamente entre o último fôlio que narra a migração e o fôlio que representa fundação de México-Tenochtitlan. Por isso, se comparada ao códice *Aubin*, essa história apresenta 52 anos a menos, isto é, um ciclo completo do *xiuhmolpilli*. Xóchitl Medina González indica a falta desses fôlios, tal como faz Günter

do *xiuhmolpilli* nos fólhos, assim como de seu sentido de leitura nas narrativas dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Boturini* durante o período da migração.

Ao longo dos fólhos que narram o período da migração nessas histórias, as representações de anos são geralmente organizadas de acordo com as estadias dos mexicas em uma série de lugares políticos e da paisagem. As representações de anos são agrupadas em blocos, destacados de acordo com cada lugar de parada da migração. Dessa maneira, o primeiro ano da sequência do bloco é o ano em que os mexicas chegam em um lugar, enquanto o último ano da sequência assinala o ano em que a migração é retomada, em direção a outro lugar. As histórias da migração analisadas podem representar uma ou mais paradas dos mexicas por fólho.

O códice *Aubin*, por exemplo, representa geralmente uma parada e, portanto, um bloco de anos por fólho. Já o *Manuscrito 40* representa várias paradas ao longo de um único fólho, resultando em fólhos que chegam a ter 43 anos representados ao longo de seus blocos. A grande quantidade de anos por fólho no *Manuscrito 40* ao longo da narrativa da migração está relacionada ao tamanho das representações, que apresentam cerca de metade do tamanho que os cartuchos de anos do *xiuhmolpilli* têm no período imperial e colonial (Figura 2.22). Por isso, penso que os anos do período da migração no *Manuscrito 40* foram provavelmente condensados a fim de sintetizar e sumarizar a parte mais antiga da história mexicana, permitindo um detalhamento maior dos dois períodos seguintes, imperial e colonial. Essa característica demonstra que a marcação do tempo poderia se desdobrar ou comprimir, de acordo com os eventos narrados, tal como vimos a partir de outros indícios ao longo do capítulo.

Vollmer, afirmando que elas se perderam ou foram subtraídas antes que Joseph Marius Alexis Aubin obtivesse o manuscrito. Cf: MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*; KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Geschichte der azteken...*

Quanto à história de migração do códice *Vaticano A*, é possível identificar o ano de seu início, que é 2 *acatl* (2 junco), mas não é possível apontar o ano em que esse período termina. Isso porque a representação pictográfica da fundação de México-Tenochtitlan, que marca o término da migração e início do período imperial, não está ligada por uma linha a nenhum ano representado no fólho 73v.

Dessa forma, o códice *Vaticano A* não apresenta uma interrupção clara entre os períodos da migração e imperial, como ocorre nas histórias do códice *Aubin* e *Manuscrito 40*. É possível, ainda assim, sugerir três datas para o término da migração. A primeira delas seria o ano 1 *tecpatl* (1 punhal de pedernal) do fólho 73v, que é o ano anterior a 2 *calli* (2 casa), no qual México-Tenochtitlan é fundada no códice *Mendoza*. A segunda possibilidade seria o ano 1 *acatl* (1 junco) do fólho 73r, que é o anterior ao ano 2 *tecpatl*, no qual o *altepetl* mexicana é fundado de acordo com o códice *Aubin* e *Manuscrito 40*. Por fim, a terceira sugestão é o ano 3 *calli* (3 casa), que é o último a ser representado no fólho 73r – este fólho é o último antes do qual se representa a fundação de México-Tenochtitlan. Dessa forma, o período da migração somaria, de acordo com as três sugestões acima, 183, 170 ou 172 anos, respectivamente.

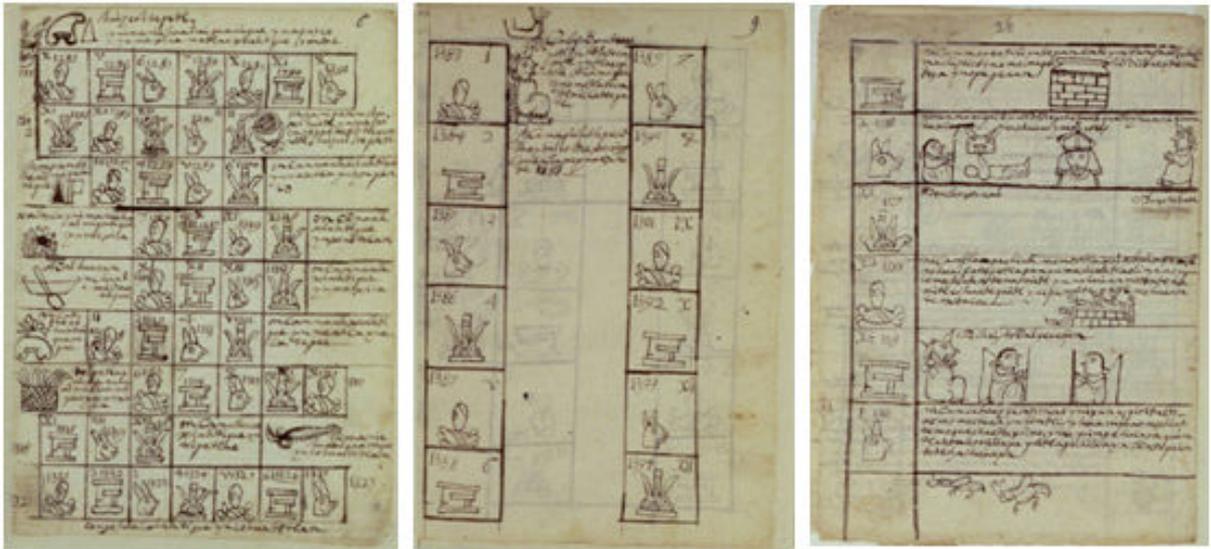


Figura 2.22 - Representações dos cartuchos de ano com tamanhos diferentes durante os períodos da migração, imperial e colonial. *Manuscrito 40*, fls. 6r, 9r e 17v.

Apesar das diferenças de quantidade de anos por fôlio, as histórias dos códices *Boturini*, *Aubin* e *Manuscrito 40* apresentam um padrão de blocos de 4 e 8 anos durante a narrativa da migração (Figura 2.23). O bloco de 4 anos é repetido em 12, 15 e 8 ocasiões ao longo dos fôlios dos códices *Boturini*, *Aubin* e *Manuscrito 40*, respectivamente. Já o bloco de 8 anos é representado 4 vezes no códice *Boturini*, e é recorrente em 2 ocasiões nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*. Tais blocos de 4 e 8 anos parecem compor uma espécie de modelo utilizado para narrar os eventos do período da migração, uma vez que esse padrão não é representado em nas outras partes das histórias do códice *Aubin* e *Manuscrito 40*. Talvez por isso, esse padrão de agrupamento dos anos poderia ter se originado do códice *Boturini*, cuja produção data provavelmente das décadas de 1530 e 1540, como mencionado no Capítulo 1. De acordo com Carlos Martínez Marín, os blocos de 4 e 8 anos compõem um arranjo cronológico excessivamente formal durante a narrativa da migração, na qual os mexicas chegam a lugares de parada em anos *acatl* e saem em anos *tecpatl*¹⁷⁹.

¹⁷⁹ De acordo com o autor, esse arranjo cronológico está presente nos códices *Boturini* e *Aubin*. MARTÍNEZ MARÍN, Carlos. "Historiografía de la migración mexicana" in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. V. 12. México: UNAM-IIIH, 1976, p. 132. Este arranjo cronológico também foi estudado por Alfredo López Austin, que observa características simbólicas ligadas aos anos que estão associados aos blocos de 4 anos. Cf. LÓPEZ-AUSTIN, Alfredo. *Hombre-dios: religión y política...*, pp. 99-106.

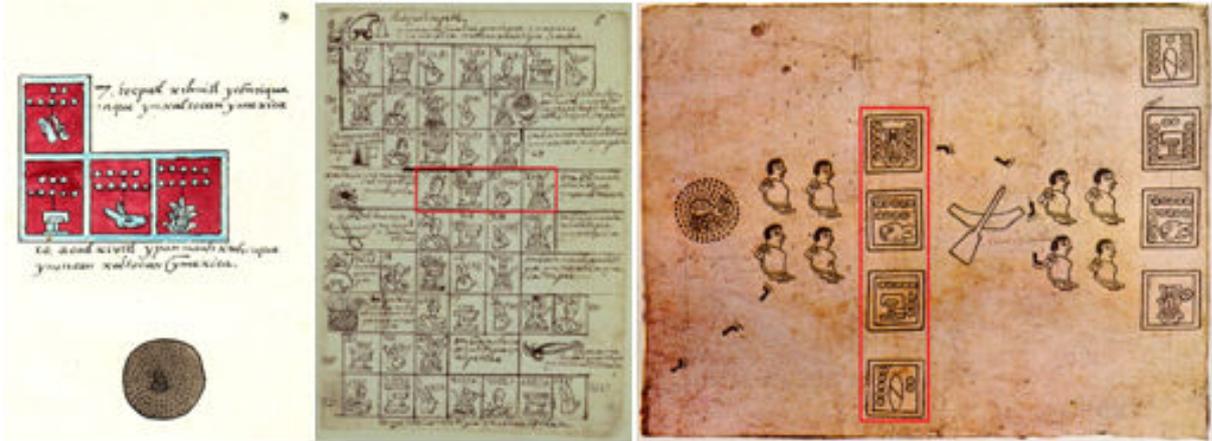


Figura 2.23 – Exemplo do bloco de 4 anos nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Boturini*, destacando a estadia dos mexicas em Xaltocan (em vermelho no *Manuscrito 40* e *Boturini*). *Aubin*, fl. 19. *Manuscrito 40*, fl. 6r. *Boturini*, fl. 11.

Já a história do códice *Vaticano A* apresenta um modelo diferente de organização da narrativa da migração quanto à representação dos anos. Nessa narrativa os anos não são distribuídos nos fólios de acordo com as estadias dos mexicas, mas de acordo com uma espécie de linha do tempo contínua, cuja disposição varia, e é interrompida pelas margens dos fólios. O padrão mais recorrente na representação dos anos durante o período da migração no códice *Vaticano A* é o de 10 anos por fólio. Apesar da aparente padronização da conta dos anos nesses fólios, os outros fólios apresentam quantidades de anos bastante distintas e não há ligação dos acontecimentos a anos específicos¹⁸⁰. Assim, as diferenças do agrupamento dos anos em relação às outras três histórias de migração analisadas mostram que tempo e espaço não atuam em conjunto na narrativa da migração no códice *Vaticano A*.

Outro aspecto fundamental para a análise do tempo nos códices é o sentido de leitura dos manuscritos. Nas histórias da migração mexica aqui analisadas, o sentido de leitura geral dos códices é ocidental, isto é, da esquerda para a direita, de cima para baixo. O sentido de leitura dos fólios no códice *Aubin* e *Manuscrito 40*, por sua vez, é conduzido por meio de faixas e colunas de anos, também ordenadas da esquerda para a direita e de cima para baixo, respectivamente. Dessa forma, as representações dos blocos de anos são intercaladas a outras representações pictográficas e textos alfabéticos nas histórias dos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*.

¹⁸⁰ De acordo com Donald Robertson, a migração representada nessa história foi provavelmente baseada em mapas da região de Texcoco. ROBERTSON, *Op. cit.*, pp. 109-110. Outros pesquisadores, como María Castañeda de La Paz, acreditam que a história de migração do códice *Vaticano A* corresponde a uma versão distinta da história mexica narrada nos códices *Boturini*, *Aubin* e *Manuscrito 40*. CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. *Conflictos y alianzas en tiempos de cambio...*

Já na narrativa da migração do códice *Boturini*, por exemplo, e nos fólhos 72v e 73r do *Vaticano A*, o sentido de leitura dos fólhos é em *bustrofédon*, mesmo sentido utilizado em manuscritos pré-hispânicos de origem mixteco-nahua. Como vimos, o sentido *bustrofédon* era utilizado nos códices pré-hispânicos de forma flexível, sendo que a orientação dos fólhos poderia ser, até mesmo, da direita para a esquerda, como é caso do códice *Vindobonensis*, exemplificado (Figura 2.24). Já no códice *Boturini*, no entanto, o sentido *bustrofédon* dos fólhos conduz as representações da esquerda para a direita, isto é, sob o sentido de leitura ocidental, presente ao longo de todo o manuscrito (Figura 2.25). Embora a orientação da esquerda para a direita fosse utilizada em códices mixtecos pré-hispânicos, sua utilização é menos frequente do que a orientação da direita para a esquerda, que é encontrada no códice *Vindobonensis* e em outros códices mixtecos. Por isso, é possível identificar uma mudança de orientação do sentido *bustrofédon* no códice *Boturini*, o que sinalizaria, portanto, que essa narrativa foi produzida em um ambiente no qual o pensamento cristão e ocidental, estava gradualmente moldando as tradições históricas indígenas.

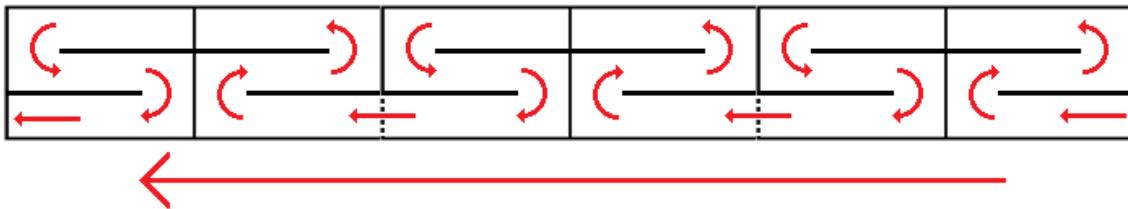


Figura 2.24– Sentido de leitura em um códice de origem pré-hispânica. *Vindobonensis*, fls. I-VI (ou 53-58).

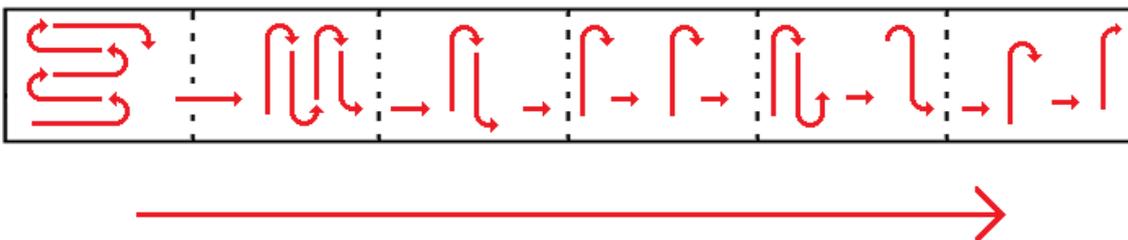


Figura 2.25 – Sentido de leitura em um códice colonial. *Boturini*, fls.6-11.

Além disso, o sentido de leitura em *bustrofédon* é empregado de duas maneiras nos fólhos do códice *Boturini*, que podem ser nomeadas como *bustrofédon* em faixas e *bustrofédon* em colunas. A primeira delas ocorre por meio de faixas em ziguezague, de baixo para cima, no fólho 6. A segunda maneira é realizada por meio de colunas em ziguezague, da esquerda para a direita, cujo início ocorre nos últimos três anos do fólho 6 e segue até o fim do manuscrito (Figura 2.26).



Figura 2.26 – Narrativa da migração no códice *Boturini*, com setas vermelhas indicando o sentido de leitura. *Boturini*, fls. 1-22.

A mudança do sentido *bustrofédon* em faixas para o *bustrofédon* em colunas no códice *Boturini* coincide com o conjunto de eventos que marcaria a mudança do gentílico asteca para mexica. Isso porque entre os fólhos 2 e 5 é representada uma série de acontecimentos ordenados por Huitzilopochtli, sua deidade patrona, que ocorrem em Colhuacan ou após a passagem por esse lugar. Alguns desses eventos são: a separação dos mexicas de outros povos ao longo da migração, o recebimento de armas e insígnias de poder, e a representação da primeira cerimônia do Fogo Novo, no ano 2 *acatl*¹⁸¹. Assim, entre os fólhos 2 e 5 não há representações do *xiuhmolpilli* de forma que a marcação do tempo se desdobra ao longo de quatro fólhos para tratar de eventos que ocorreram em apenas um ano, representado no fólho 1. No códice *Boturini* esse desdobramento é acompanhado, ainda, de diferenças de tamanho entre os anos e outros tipos de representações pictográficas. Isso mostra que a marcação do

¹⁸¹ Tal cerimônia é representada por meio de um glifo ao lado do ano 2 *acatl*, já no fólho 6. Como vimos anteriormente, segundo os mexicas, a utilização do ano 2 *acatl* como data para a realização da cerimônia do Fogo Novo estabelecia um tempo propriamente mexica.

tempo poderia ser comprimido ou desdobrado nos fólhos, tal como um biombo, e que isso poderia ser feito de maneira desigual ao longo da narrativa.

O relato dos acontecimentos que detalham o tempo entre os fólhos 2 e 5 do códice *Boturini* também é narrado nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*. Nessas duas narrativas, contudo, não ocorrem diferenças no sentido de leitura dos fólhos, mas são introduzidos longos textos alfabéticos em nahuatl, ocupando fólhos inteiros, nos quais nenhum ano é representado.

Em suma, as análises realizadas sobre a quantidade, disposição e sentido de leitura dos anos do *xiuhmolpilli* durante o período da migração nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Boturini* mostram que o tempo era articulado nesse período com o objetivo de compor uma narrativa coesa, na qual, de maneira geral, as estadias dos mexicas nos lugares de passagem são agrupadas por meio de blocos de 4 e 8 anos, representados nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Boturini*. Ao mesmo tempo, as histórias também evidenciam o desdobramento da marcação do tempo no início de cada narrativa, que tinha como objetivo destacar e pormenorizar os acontecimentos ocorridos nos lugares de origem, e a compressão do tempo após essa parte inicial, que tinha a finalidade de indicar a passagem do tempo nos lugares de passagem. No códice *Boturini* o desdobramento da marcação do tempo na parte inicial é acompanhado, ainda, da mudança do sentido *bustrofédon* nos fólhos. Vimos também que a representação dos anos é conduzida pelo sentido de leitura *bustrofédon* nos fólhos dos códices *Boturini* e *Vaticano A*, demonstrando certa continuidade em relação aos manuscritos pré-hispânicos, embora, nas histórias mexicas, esse sentido de leitura seja conduzido da esquerda para a direita, isto é, segundo o sentido de leitura geral dos manuscritos, que é ocidental. Dessa forma, é possível inferir que as concepções de tempo dos mexicas durante o período colonial continuaram a ser baseadas na utilização do ciclo *xiuhmolpilli*, o qual marcava um tempo elástico, desdobrável ou compressível nas narrativas, que, por sua vez, foi gradualmente adaptado às tradições históricas ocidentais, por meio do sentido de leitura geral dos manuscritos da esquerda para a direita, mesmo nos casos em que houve a manutenção do sentido de leitura *bustrofédon* nos fólhos.

2.3.2 O período imperial

O segundo período narrado nas narrativas mexicas é o imperial, cuja narrativa está presente nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Mendoza*. Esse período é iniciado pela fundação de México-Tenochtitlan, como se, a partir desse momento, os mexicas

estivessem destinados a subjugar uma série de povos¹⁸². O término dessa parte da narrativa ocorre com o relato da conquista do *altepetl* mexicana pelos castelhanos¹⁸³. A seguir, serão realizadas as análises das quantidades e disposição dos anos do *xiuhmolpilli* nos fólhos, assim como de seu sentido de leitura nas narrativas dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Mendoza* durante o período imperial.

Como mencionado, a fundação de México-Tenochtitlan marca o início desse período nas narrativas mexicas. A relação entre a representação desse acontecimento e as representações dos anos nas narrativas ocorre de três maneiras diferentes. A primeira delas está presente nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*, os quais interrompem a sequência dos anos para descrever a fundação do *altepetl* mexicana por meio de representações pictográficas e textos em nahuatl. Assim, no códice *Aubin*, há 3 fólhos sem representações do *xiuhmolpilli* (Figura 2.27, à esquerda), enquanto no *Manuscrito 40* a fundação de México-Tenochtitlan é relatada em um fólho que representa apenas o ano em que esse evento ocorreu¹⁸⁴ (Figura 2.27, à direita). Em ambos os casos, as representações de calendário permitem o detalhamento das ações para representar a fundação de México-Tenochtitlan, instituindo-a como um marco na narrativa.

¹⁸² Esse período é chamado de imperial por diversos autores, como Elizabeth Hill Boone e Federico Navarrete Linares. BOONE, Elizabeth Hill. *Op. cit.* NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...* Contudo, quando fundaram seu *altepetl*, os mexicas pagavam tributos e guerreavam por Azcapotzalco, *altepetl* ao qual estavam submetidos. Os mexicas só passaram a ter um poderio imperial a partir de 1427, por meio da aliança com os *altepeme* Texcoco e Tlacopan, e após uma série de guerras e alianças com outros povos. GIBSON, Charles. *Los aztecas bajo el dominio español...*, pp. 23-24.

¹⁸³ Nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*, o ano inicial é 2 *tecpatl* (2 punhal de pedernal), enquanto no códice *Mendoza* o ano inicial é 2 *calli* (2 casa). Já a data final do período nessas três histórias é 3 *calli* (3 casa). Dessa forma, as histórias imperiais dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Mendoza* narram um período total de 158, 158 e 196 anos, respectivamente. Quanto à história imperial do códice *Vaticano A*, é possível identificar o ano de seu término, que é 3 *calli* (3 casa), mas não é possível apontar o ano em que esse período se inicia nessa narrativa, pois, como mencionado anteriormente, há dificuldade de se identificar a data em que México-Tenochtitlan foi fundada nessa história. Por fim, a conquista castelhana é mencionada de forma bastante sucinta no códice *Mendoza* e apenas por meio de textos em castelhano.

¹⁸⁴ No *Manuscrito 40* os fólhos anterior e posterior ao que é representada a fundação de México-Tenochtitlan contêm, respectivamente, 33 e 12 anos.



Figura 2.27 - Interrupção da conta dos anos nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40* para representar a fundação de México-Tenochtitlan. *Aubin*, fls. 46-48. *Manuscrito 40*, fl. 8r.

A segunda maneira está presente na história do códice *Vaticano A*, na qual a fundação do *altepetl* mexica é representada no centro de uma sequência de cartuchos dos anos, sem que a conta seja interrompida para destacar esse evento em um ano específico (Figura 2.28, à esquerda). Por fim, o códice *Mendoza* inicia sua narrativa por meio da fundação de México-Tenochtitlan, cujo relato é detalhado por meio dos textos em castelhano que antecedem a representação pictográfica desse acontecimento e, até mesmo, da conta dos anos. Contudo, a representação pictográfica do evento é disposta da mesma forma que ocorre no códice *Vaticano A*, isto é, no centro de uma sequência de cartuchos de anos (Figura 2.28, à direita).



Figura 2.28 - Continuidade da conta dos anos nos códices *Vaticano A* e *Mendoza* em relação à representação da fundação de México-Tenochtitlan. *Vaticano A*, fl. 73v. *Mendoza*, fl. 2r.

Em suma, a fundação de México-Tenochtitlan exemplifica como a conta dos anos desempenhada pelas representações do *xiuhmolpilli* é elástica e pode se desdobrar ou se comprimir de acordo com um acontecimento narrado nas histórias coloniais mexicas. Trata-se, portanto, do mesmo fenômeno que ocorre nas páginas iniciais do códice *Boturini*, analisadas anteriormente, no qual vimos que a sequência dos anos foi interrompida para dar conta dos acontecimentos ocorridos em Colhuacan.

Após a fundação de México-Tenochtitlan, são narrados os eventos ocorridos nesse *altepetl* durante os anos que cada um dos *tlatoque* mexicas governaram. Além disso, as conquistas de outros *altepeme* são um dos tipos de eventos que estão presentes de forma mais recorrente durante esse período. As representações de anos são agrupadas de duas maneiras nos fôlios dos manuscritos. A primeira maneira organiza blocos de anos com uma mesma quantidade ao longo dos fôlios em que esse período é narrado nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*. A segunda maneira, por sua vez, configura-se por meio de blocos com a quantidade de anos que corresponde ao período em que cada *tlatoani* governou México-Tenochtitlan, e ocorre no códice *Mendoza*.

A representação de blocos uniformes ao longo dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A* mostra que essas histórias organizavam o tempo do período imperial de forma contínua, como uma espécie de linha do tempo, formada por meio de colunas ou faixas de anos nos fôlios que compunham as narrativas. Assim, o códice *Aubin* apresenta 5 anos por fôlio, agrupados em uma coluna única. Já o *Manuscrito 40* representa 12 anos distribuídos em duas colunas de 6 anos cada. E a história do códice *Aubin* apresenta faixas formadas por 2 ou 3 anos em cada fôlio. Nesse sentido, deve ser destacada, em primeiro lugar, a mudança da disposição dos anos nos códices *Aubin* e *Boturini* em relação ao período da migração. Durante aquela parte da história os blocos de anos destacavam acontecimentos ao longo da narrativa, que eram, em sua maioria, as estadias dos mexicas em diversos locais de paisagem ou políticos. Já no período imperial, a disposição dos anos ocorre de forma homogênea, com uma quantidade fixa de anos por fôlio, e, por isso, não destaca eventos e tampouco o governo dos *tlatoque* de México-Tenochtitlan, que são os principais personagens dessa parte da história mexica. Isso mostra que, após a fundação de México-Tenochtitlan, a marcação do tempo não se comprime ou se desdobra, mas é disposta como uma espécie de linha do tempo, dividida em segmentos nos fôlios dos manuscritos. Em segundo lugar, é possível notar que a conta dos anos da narrativa do códice *Vaticano A* permanece representando blocos de anos de maneira independente das outras representações pictográficas, assim como ocorre ao longo do período

da migração, como demonstrado anteriormente¹⁸⁵. A Figura 2.29 exemplifica os padrões de disposição das representações dos anos durante a narrativa do período imperial nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*.



Figura 2.29 – Exemplo dos padrões de disposição das representações de anos durante a narrativa do período imperial. *Aubin*, fl. 72. *Manuscrito 40*, fl. 13r. *Vaticano A*, fl. 87r.

A narrativa do códice *Mendoza*, por sua vez, representa os anos do *xiuhmolpilli* por meio de sequências divididas de acordo com o período de governo de cada *tlatoani* mexica. Tais sequências, com duração de 5 a 51 anos¹⁸⁶, tinham o objetivo de enfatizar as conquistas mexicas. A estrutura dos fôlios ao longo dessa história também destaca o agrupamento das representações dos anos e dos lugares conquistados por cada *tlatoani* mexica, já que os fôlios com representações pictográficas são intercalados a fôlios com textos alfabéticos em castelhano¹⁸⁷. Durante esse período, os anos são dispostos nas margens dos fôlios de três

¹⁸⁵ Apesar disso, os anos representados no início do período imperial do códice *Vaticano A* são marcados pela utilização do sentido de leitura em *bustrofedon* de duas maneiras, tal como ocorre em alguns fôlios durante o período da migração nesse mesmo manuscrito. A primeira delas é composta por duas colunas e uma faixa com forma semelhante à letra “U”, presente nos fôlios 73v, 74r e 75v. A segunda maneira, presente apenas no fôlio 74v, é configurada por meio uma coluna com faixa, com forma semelhante à letra “L”, representando um ano no lado direito da ponta inferior da coluna. Essas duas maneiras formam um conjunto de 6 fôlios, entre o 73v e o 76r. Além disso, o fôlio 75v apresenta 9 anos (de 6 *acatl* a 1 *acatl*) com as bases dos glifos portadores dos anos voltadas para cima, ao invés de estarem para baixo. Essa inversão poderia ter como objetivo reforçar o sentido de leitura da sequência de anos, isto é, de cima para baixo.

¹⁸⁶ Embora a história do códice *Mendoza* mencione no fôlio 1v que Tenoch governou durante 51 anos, outras histórias mexicas afirmam que o primeiro *tlatoani* mexica foi Acamapichtli. BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Rief (ed.). *Op. cit.*, p. 1-4. Além disso, a sequência de 29 anos, referente ao governo de Huehue Moctezuma (ou Moctezuma Ilhuicamina), é a única que está presente em dois fôlios, 7v e 8r, sendo que somente o último ano da sequência, 3 *calli* (3 casa) está representado no fôlio 8r.

¹⁸⁷ Trata-se de uma provável demanda das autoridades castelhanas que procuraram criar uma divisão do período imperial que associasse uma quantidade de anos a um governante e às suas respectivas conquistas. Em outra oportunidade pude desenvolver de forma mais aprofundada a relação entre os fôlios com representações pictográficas e textos alfabéticos em castelhano que compõem a estrutura da seção histórica do códice *Mendoza*. Cf. MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. “Conquistas mexicas, conquistas castelhanas: a construção de uma

maneiras. A primeira ocorre apenas no fôlio 2r, e é disposta como uma espécie de moldura do fôlio, com sentido de leitura anti-horário¹⁸⁸. A segunda maneira é formada por uma coluna de anos, ordenados de cima para baixo. Por fim, a terceira maneira é configurada também por uma coluna de anos, lidos de cima para baixo, sendo que uma faixa de anos continua a conta dos anos a partir da parte inferior da coluna, resultando em uma forma semelhante à letra “L”, de cima para baixo e da esquerda para a direita (Figura 2.30). Assim, o sentido de leitura do manuscrito é ocidental, isto é, da direita para esquerda e de cima para baixo, de maneira que o sentido de leitura dos fôlios varia conforme a disposição dos anos, que conduzem a leitura por meio de colunas e faixas, ou, até mesmo, por uma moldura de anos no sentido anti-horário, tal como ocorre no fôlio 2r.



Figura 2.30 – Narrativa do período imperial dividida pela duração dos governos dos *tlatoque* mexicas. *Mendoza*, fls. 1r-16v.

crônica castelhana alternada com textos pictoglíficos indígenas na seção histórica do códice *Mendoza*” in: *I Congresso de História Colonial. Anais Eletrônicos*. UNICAMP: Campinas, 2017. Disponível em: <<https://leunicamp.files.wordpress.com/2017/12/eduardo-henrique-gorobets-martins.pdf>>. Acessado em 23/04/2018, 17:00.

¹⁸⁸ No fôlio 2r alguns glifos de anos apresentam inversões do glifo portador dos anos quando ocorrem mudanças de sentido, na faixa superior à direita. O glifo *calli* (casa) é grafado com a abertura/telhado voltado para a direita na em todo o manuscrito, mas no fôlio 2r a abertura/telhado se volta para a esquerda. O mesmo ocorre com o glifo *tochtli* (coelho), que tem o focinho voltado para o lado esquerdo em dois casos na faixa superior direita do mesmo fôlio. A princípio, acredito que essas inversões dos glifos tem como objetivo reforçar o sentido de leitura da sequência de anos ali presente, tal como Eduardo Natalino dos Santos e Patrick Johansson assinalam. SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 157; JOHANSSON K., Patrick. *La palabra, la imagen y el manuscrito...*, pp. 146-147.

Dessa forma, apesar das diferenças apontadas entre a disposição dos blocos de representações dos anos ao longo do período imperial nos fólhos das histórias, a orientação do sentido de leitura nos manuscritos segue o modelo ocidental. Ainda que a parte inicial desse período apresente os anos dispostos de acordo com o sentido de leitura em *bustrofedon* no códice *Vaticano A*, e que o fólho 2r do códice *Mendoza* disponha os anos em sentido de leitura anti-horário, ambos os casos mostram que essa ordenação era, ainda assim, submetida ao sentido de leitura dos manuscritos, que era ocidental, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Por fim, o período imperial termina com a conquista castelhana, que é representada nos códices *Vaticano A*, *Aubin* e *Manuscrito 40*. A relação entre a representação desse acontecimento e as representações dos anos nas narrativas ocorre de duas maneiras diferentes. A primeira delas está presente na história do códice *Vaticano A*, na qual a conquista castelhana é representada sem que a conta dos anos seja interrompida. Contudo, nesse caso, como vimos na segunda seção do capítulo, a marcação do tempo é desdobrada por meio das representações de dias do *tonalpohualli* e das vintenas do *xiuhpohualli*. A segunda maneira, por sua vez, está presente nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*, os quais interrompem a sequência dos anos para descrever a conquista castelhana por meio de representações pictográficas e textos em nahuatl. Assim, no códice *Aubin* há seis fólhos (Figura 2.31, à esquerda) descrevendo esse evento, sendo que somente no sexto fólho os anos do *xiuhmolpilli* voltam a ser representados¹⁸⁹. Já no *Manuscrito 40* a fundação de México-Tenochtitlan é relatada em um fólho que representa apenas o ano em que esse evento ocorreu (Figura 2.31, à direita). Portanto, assim como a fundação de México-Tenochtitlan, a conquista castelhana também faz com que a marcação do tempo se desdobre nessas narrativas, instituindo esse evento como um marco histórico.

¹⁸⁹ À semelhança das representações da conquista castelhana no códice *Vaticano A*, o códice *Aubin* também menciona as vintenas do *xiuhpohualli*, como vimos na segunda parte deste capítulo.



Figura 2.31 - Interrupção da conta dos anos nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40* para representar a conquista castelhana. Códice *Aubin*, fls. 82-86. *Manuscrito 40*, fl. 15r.

Em suma, as análises realizadas sobre a quantidade, disposição e sentido de leitura dos anos do *xiuhmolpilli* durante o período imperial nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Mendoza* mostraram que o período imperial passa a estruturar o tempo de forma distinta de como ocorria durante a narrativa do período da migração. Enquanto no período da migração a marcação do tempo era representada de forma desdobrada ou comprimida, o período imperial apresenta uma maior homogeneidade por meio da disposição de uma espécie de linha do tempo, que é fragmentada em sequências de anos nos fólhos dos manuscritos. Por um lado, o códice *Mendoza* representa os anos em sequências relacionadas aos períodos de governo de cada *tlatoani* mexica. Por outro lado, as outras três histórias passam a representar blocos de anos padronizados sem agrupá-los da mesma forma que ocorre na história do códice *Mendoza*. Além disso, somente a fundação de México-Tenochtitlan e a conquista castelhana fazem com que a marcação do tempo se desdobre, e que a narrativa desse período se pormenorize, detalhando os acontecimentos, e, no caso dos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*, interrompendo a conta dos anos. Também é nesse período que as histórias passam a utilizar o sentido de leitura ocidental de forma mais ampla na ordenação dos anos nos fólhos. Por isso, as análises das representações de anos do período imperial mostram que as concepções de tempo mexicas possivelmente incorporaram certos aspectos ocidentais, tais como a disposição dos anos em uma espécie de linha do tempo.

2.3.3 O período colonial

O terceiro e último período narrado nas histórias mexicas é o colonial, cuja narrativa está presente nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*. Esse período é iniciado em 1522, ano seguinte à conquista castelhana de México-Tenochtitlan e termina em distintos anos.¹⁹⁰ Durante a narrativa do período colonial são representados diversos eventos nas histórias, tais como: a continuidade das conquistas após a queda de México-Tenochtitlan, a chegada de missionários europeus e autoridades castelhanas no *altepetl* mexica, a evangelização, as epidemias, a construção de igrejas, mercados e canais, entre outros. Devido à escolha de representar acontecimentos tão diversificados, cada uma das histórias que narram o período colonial termina através de eventos diferentes, de acordo com a necessidade e visão de cada códice.

Nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*, a narrativa termina nos anos cristãos 1608, 1573 e 1562, respectivamente. As histórias dos códices *Aubin* e *Vaticano A*, contudo, não relacionam nenhum evento a esses anos finais. Já o *Manuscrito 40* narra como último acontecimento a ida de castelhanos para a China. Os eventos que marcam o fim dessas narrativas demonstram que as marcações calendárias provavelmente precediam a organização das narrativas históricas, tal como as histórias dos códices *Aubin* e *Vaticano A*, de forma que os acontecimentos eram incluídos ao longo de sua produção. De acordo com Eduardo Natalino dos Santos, trata-se, talvez, de uma precedência epistemológica na concepção nahua de história e de passado, isto é, narrar algo era, antes de tudo, situá-lo na conta dos anos¹⁹¹.

¹⁹⁰ O ano inicial é o mesmo nas três histórias: 4 *tochtli* (4 coelho). Já o ano de término varia em cada uma das três histórias. No códice *Aubin* o ano final da história é 12 *tecpatl* (12 punhal de pedernal), correspondente ao ano 1608 do calendário cristão. No *Manuscrito 40*, por sua vez, o ano de término da história é 3 *calli* (3 casa), ou o ano cristão de 1573.

É preciso destacar que, de acordo com os estudiosos do *Manuscrito 40*, há um ou mais fólhos perdidos que deveriam estar entre os fólhos 17v e 18r, nos quais estariam representados outros 6 anos. Xóchitl Medina González indica a falta desses fólhos, tal como faz Günter Vollmer, afirmando que elas se perderam ou foram subtraídas antes que Joseph Marius Alexis Aubin obtivesse o manuscrito. Cf: MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*; e KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Op. cit.*. Entretanto, Medina González se equivoca ao mencionar a falta de 4 anos (1559-1563) entre os fólhos 17v e 18r no capítulo “Análisis formal” (p. 34); no capítulo “Paleografía y version castellana”, no qual a autora refaz a correlação dos anos do xiuhpohualli com o calendário cristão, a sequência de anos é corrigida e a lacuna de anos faltantes passa a ser entre 1559 e 1565. O mesmo erro da quantidade de anos desses fólhos faltantes entre os fólhos 17v e 18r foi cometido anos antes por Vollmer no capítulo “Einleitung” (p. XXVIII).

Finalmente, o ano final da história do códice *Vaticano A* é 5 *tochtli* (5 coelho), correspondentes ao ano 1562 do calendário cristão. Há um fólho sem representações pictográficas entre os fólhos 94r e 95v, os quais conteriam os 6 anos que interrompem a sequência entre os dois fólhos mencionados. Cf: ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten, *Religión, costumbres e historia...*, p. 369.

Dessa forma, as histórias imperiais dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Mendoza* narram um período total de 87, 52 e 41 anos, respectivamente.

¹⁹¹ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 199-201.

A seguir, serão realizadas as análises da quantidade e disposição dos anos nos fólios e do sentido de leitura das representações dos anos do *xiuhmolpilli* nas histórias dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A* durante o período colonial.

Ao longo da história do período colonial, as representações de anos são organizadas por meio de sequências com uma mesma quantidade de anos por fólio ao longo de quase todo o período nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*. Assim como ocorre na narrativa do período imperial, a representação de blocos uniformes nos três códices mostra que essas histórias organizavam o tempo do período colonial de forma contínua, como uma espécie de linha do tempo. Tanto o *Manuscrito 40* quanto o *Vaticano A* mantêm a quantidade e disposição dos anos que ocorre durante o período imperial. O *Manuscrito 40* continua representando colunas, embora, dessa vez seja apenas uma por fólio, contendo de 5 a 7 representações de anos por fólio. A história do códice *Vaticano A*, por sua vez, segue representando faixas de anos, formadas por 3 representações de anos. Por fim, o códice *Aubin* mantém a disposição de anos em colunas nos primeiros sete fólios, tal como ocorria no período imperial. No entanto, a partir do fólio 94, cada fólio passa a representar um único ano, o que é repetido em 40 ocasiões durante a narrativa do período colonial¹⁹². Dessa forma, as representações dos anos são dispostas de diferentes maneiras ao longo do período colonial nos fólios das histórias, seguindo sempre o sentido de leitura geral dos manuscritos, que é ocidental, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo. A Figura 2.32 exemplifica os padrões de disposição das representações dos anos durante a narrativa do período colonial nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*.

¹⁹² A estrutura de colunas é retomada nos últimos fólios desse período, 133 a 135. De forma excepcional, o fólio 134 não contém representações pictográficas dos anos. Nesse fólio os anos são referenciados por meio dos nomes dos signos portadores dos anos, sem os numerais, e pelos anos do calendário cristão.



Figura 2.32 – Exemplo dos padrões de disposição das representações de anos durante a narrativa do período colonial nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*. *Aubin*, fl. 100. *Manuscrito 40*, fl. 16v. *Vaticano A*, fl. 92r.

Em suma, as análises realizadas sobre a quantidade, disposição e sentido de leitura dos anos do *xiuhmolpilli* durante a narrativa do período colonial nos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Mendoza* mostram que, assim como vimos nas análises sobre o período imperial, as concepções de tempo dos mexicas provavelmente incorporaram certos aspectos ocidentais, tais como a disposição dos anos em uma espécie de linha do tempo. Dessa forma, a marcação do tempo não é representado de forma desdobrada ou comprimida, mas é padronizada por meio da disposição fixa de uma quantidade de anos por fôlio, sendo que praticamente todos os anos estão relacionados a eventos.

À guisa de conclusão desta terceira seção, retomo os resultados das análises realizadas sobre a quantidade, disposição e sentido de leitura protagonizado pelos anos do *xiuhmolpilli* de acordo com os períodos da migração, imperial e colonial nas histórias dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A*, *Boturini* e *Mendoza*. Em primeiro lugar, as análises realizadas mostram que os mexicas concebiam suas histórias a partir da utilização do ciclo *xiuhmolpilli*, que poderia ser manuseado com o objetivo de dispor os anos de maneiras padronizadas, com ocasionais sentidos de leitura diferentes e, que formavam períodos dentro dos ciclos do *xiuhmolpilli*. Dessa forma, é possível inferir que a sincronia protagonizada pelos sucessivos

ciclos do *xiuhmolpilli* era complementada pela diacronia dos períodos narrados nas histórias mexicas¹⁹³.

Em segundo lugar, vimos que, em algumas partes das narrativas, a marcação do tempo poderia se desdobrar para alocar detalhes de acontecimentos, como é o caso da passagem por Colhuacan, a fundação de México-Tenochtitlan e a conquista castelhana. Nesses casos, a conta dos anos é interrompida e dá mais espaço para as representações de lugares e agentes detalharem os eventos, que funcionam como marcos históricos. Isso mostra que não eram apenas os acontecimentos mais recentes que eram pormenorizados nessas narrativas, mas também os que estavam mais distantes temporalmente dos produtores das histórias. Por outro lado, as análises também evidenciaram que o tempo poderia ser cumprido quando nenhum acontecimento era relacionado ao ano representado. Em suma, a marcação do tempo empregado nas histórias por meio das representações de calendário era elástica e desdobrável, de acordo com as necessidades dos períodos narrados e dos eventos que tornavam essa história coesa.

Em terceiro lugar, por fim, a disposição dos anos nas histórias mostrou que o sentido de leitura *bustrofédon*, presente em códices mixtecos pré-hispânicos, também utilizado no códice *Boturini*, e em alguns fólios *Vaticano A*, foi gradualmente substituído por uma espécie de linha do tempo nas narrativas. Tanto no *Vaticano A*, quanto nos códices *Aubin*, *Mendoza* e *Manuscrito 40*, essa linha do tempo é segmentada por meio de faixas ou colunas de anos, e é mais utilizada durante as narrativas dos períodos imperial e colonial. Dessa forma, é possível afirmar que a lógica de tempo cristã foi gradualmente moldando as concepções de tempo e história dos mexicas ao longo do século XVI. Isso foi demonstrado por meio da mudança do sentido de leitura geral dos manuscritos coloniais, que perde sua flexibilidade e orientação recorrente da direita para a esquerda, como ocorria nos códices mixtecos pré-hispânicos, e torna-se mais fixo e da esquerda para a direita, seguindo o modelo ocidental. Ao mesmo tempo, o sentido de leitura interno aos fólios deixa de empregar o *bustrofédon* e passa a ser representado por meio de uma linha do tempo.

2.4 Conclusões

Neste capítulo procurei analisar as representações de tempo contidas nas histórias mexicas coloniais, explicitando a função estruturante das representações nas narrativas. Para

¹⁹³ Cf. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 196-204.

isso, antes de iniciar as análises, apresentei as características gerais do sistema calendário mesoamericano, por meio de exemplos de representações pré-hispânicas em códices mixtecos, e monumentos em pedra mexicas. Essas explicações gerais trataram dos três ciclos calendários utilizados com maior frequência nas histórias coloniais mexicas, isto é, o *tonalpohualli*, *xiuhpohualli* e *xiuhmolpilli*.

Como vimos, o *tonalpohualli* contava os dias ao longo de um ciclo de 260 dias, que era utilizado como base para outros ciclos e séries calendárias e também servia para nomear pessoas e deidades. Já o *xiuhpohualli* contava o ciclo de 365 dias que compunha o ano sazonal, dividido por meio de 18 vintenas e 5 dias adicionais. Por fim, o *xiuhmolpilli* era o ciclo formado por 52 anos sazonais, que coincidia com 73 ciclos do *tonalpohualli*. Ao longo das explicações vimos que, segundo os povos do centro do México, ao final de cada ciclo de 52 anos do *xiuhmolpilli*, o mundo poderia sofrer catástrofes que acabariam com a idade atual. Além disso, vimos também que, além das funções de datação e contagem do tempo, a sucessão das representações dos dias do *tonalpohualli* e dos anos *xiuhmolpilli* também poderiam servir como condutores do sentido de leitura das histórias. Com base explicações apresentadas desses três ciclos calendários, retomo agora os resultados das análises das outras seções, com o objetivo de entender suas possíveis relações com continuidades e transformações nas concepções de tempo e de história dos mexicas durante os séculos XVI e início do XVII.

Na segunda seção, vimos as continuidades e transformações nos traços e formas das representações dos anos do *xiuhmolpilli* nas histórias mexicas coloniais em relação aos padrões pré-hispânicos. Por um lado, as unidades desse ciclo calendário continuaram sendo representadas por meio da escrita pictográfica, ainda que com modificações. Por outro, os glifos de numerais e dos portadores dos anos perderam alguns de seus atributos, e ficaram relegados à função de contar o tempo. Contudo, a manutenção dos glifos do *xiuhmolpilli*, que representavam a passagem de um ciclo de 52 anos a outro por meio da cerimônia do Fogo Novo, mostrou que o tempo narrado nas histórias mexicas ainda era provavelmente relacionado de forma intrínseca à manutenção do mundo em que os mexicas viviam ou, pelo menos, ainda eram necessários para definir sua identidade nas narrativas produzidas ao longo do século XVI e início do XVII.

As análises do calendário cristão, realizadas na última parte da segunda seção, mostraram que essa introdução não significou a supressão do calendário mesoamericano nas histórias mexicas, mas o relegou à função de quantificação do tempo. As datas cristãs foram integradas ao calendário mesoamericano, criando soluções tais como as que são encontradas

nas narrativas do período colonial no *Manuscrito 40* e no códice *Aubin*, formadas pela sequência da representação pictográfica de um ano do *xiuhmolpilli*, seguida pelo mês e dia cristãos escritos em nahuatl e castelhano. As análises das correlações entre os anos do *xiuhmolpilli* e os anos cristãos, por sua vez, evidenciaram que o calendário cristão estava submetido ao calendário mesoamericano nas narrativas mexicas, já que nem todos os anos foram correlacionados nas narrativas e, em alguns casos, sua ordenação é equivocada. Dessa forma, as menções e correlações dos anos do *xiuhmolpilli* com os do calendário cristão significaram a gradual introdução da concepção de tempo cristã nas narrativas, ainda que estas fossem ordenadas de forma imprescindível por meio do *xiuhmolpilli*.

Já na terceira seção deste capítulo, vimos como as histórias analisadas configuram as representações dos anos do *xiuhmolpilli* com o objetivo de definir três períodos históricos. Dessa forma, o período da migração, narrado nas histórias dos códices *Boturini*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A* representa geralmente blocos de anos associados às estadias dos mexicas em vários lugares políticos e da paisagem. É também no período da migração dos códices *Boturini* e *Vaticano A* que os anos são representados de acordo com o sentido de leitura *bustrofedon*, ainda que submetido ao sentido de leitura ocidental dos manuscritos, da esquerda para a direita. Durante o período imperial, narrado nas histórias dos códices *Mendoza*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*, vimos que o sentido de leitura em *bustrofedon* é abandonado e amplia-se a utilização da linha do tempo segmentada por faixas ou colunas. Por fim, as análises do período colonial mostraram certa continuidade da disposição dos anos e sentido de leitura em relação ao período imperial dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*. Além disso, vimos que, em algumas partes das narrativas, a marcação do tempo poderia se desdobrar para alocar detalhes de acontecimentos, como é o caso da passagem por Colhuacan, a fundação de México-Tenochtitlan e a conquista castelhana. Especificamente relacionado a esse último caso, vimos que o tempo é detalhado nas narrativas dos códices *Vaticano A* e *Aubin*, que representam ou mencionam as vintenas do *xiuhpohualli* e, hipoteticamente, os dias do *tonalpohualli*. Essas análises evidenciaram que os mexicas tinham grande preocupação de datar e quantificar o tempo, concebido por meio de ciclos calendários, que atuavam de forma complementar e que davam conta de lapsos temporais mais curtos ou mais longos, acionados nas histórias conforme a necessidade de inclusão de trechos mais específicos nessas narrativas. Em outras palavras, as análises mostraram que os mexicas tinham grande preocupação em desdobrar e comprimir a marcação do tempo nas narrativas, de acordo com os eventos narrados.

Por fim, a terceira parte evidencia que os mexicas constroem três diferentes temporalidades que estruturam as narrativas a partir da disposição e sentido de leitura dos anos do *xiuhmolpilli* seguindo formas minimamente padronizadas. Essas três temporalidades definem as partes constitutivas da história mexica, ainda que a disposição dos anos seja semelhante entre dois ou três períodos, indicando forte padronização narrativa. Por isso, penso que é possível afirmar que as concepções de história mexicas eram definidas por meio desses três conjuntos narrativos compostos por suas temporalidades específicas, que poderiam ser acionados nas narrativas de acordo com os objetivos de seus produtores e conforme os destinatários dos manuscritos. Essas ideias concordam, portanto, com a identificação dos *cronotopos* definidos por Federico Navarrete Linares. De acordo com o autor, os *cronotopos* se configuravam como uma construção narrativa que conferiam historicidade própria e identidade às histórias produzidas por um *altepetl*¹⁹⁴. Embora as análises desse capítulo se restrinjam a entender as concepções de tempo plasmadas nas narrativas mexicas, elas são intimamente relacionadas às concepções de espaço, cujas análises serão realizadas no próximo capítulo.

Em suma, as análises das representações de tempo nas histórias coloniais mexicas resultam em continuidades e transformações nas concepções de tempo mexicas. Por um lado, o calendário mesoamericano permanece conduzindo as narrativas, sobretudo por meio do ciclo *xiuhmolpilli*, o qual continua marcando os ciclos de 52 anos que o compunham. Por outro lado, o calendário foi perdendo alguns de seus atributos e empregos, tal como o sentido de leitura empregado em tempos pré-hispânicos, que se transforma em uma linha do tempo, acompanhada pela gradual introdução do calendário cristão por meio de correlações com os

¹⁹⁴ Federico Navarrete Linares utilizou o conceito de *cronotopo* a partir das definições estabelecidas pelo teórico russo Mikhail Bakhtin. De acordo com Navarrete, os códices pictográficos mexicas coloniais compartilhavam o *cronotopo da migração* e o *cronotopo dos tlatoque* em suas estruturas narrativas. De acordo com o autor, o *cronotopo da migração* tem uma estrutura que conta com pegadas de pés e glifos toponímicos dos lugares onde se estabeleceram os migrantes, representando o espaço percorrido pelos mexicas em sua migração, enquanto os signos dos anos, agrupados sempre junto aos glifos toponímicos, marcam o tempo que durou a estadia em cada lugar. Já o *cronotopo dos tlatoque* é estruturado pelo espaço de México-Tenochtitlan, o qual é representado como o centro do cosmos, e pelos glifos toponímicos dos lugares conquistados pelos mexicas, enquanto o tempo é marcado pelo governo dos sucessivos *tlatoque* mexicas. Cf. BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo, Editora UNESP, 1998 (1ª ed. em russo, 1975). NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 203-206. *Idem*. “¿Dónde queda el pasado? Reflexiones sobre los cronotopos históricos”. In: GUEDEA, Virginia (coord.). *El historiador frente a la historia: el tiempo en Mesoamérica*. México: UNAM, 2004. Minerva Colin Miranda sugeriu, ainda, a existência de um *cronotopo colonial* com base nos estudos de Navarrete e com o objetivo de caracterizar a relação espaço-temporal no período colonial do códice *Aubin*. De acordo com a autora, o *cronotopo colonial* projeta o sentido de continuidade entre a narrativa pré-hispânica e colonial, tendo seu espaço definido pela praça central de México-Tenochtitlan, e o tempo marcado pelos acontecimentos políticos e religiosos relacionados aos nahuas e aos castelhanos. COLIN Miranda, Minerva. *Un tiempo, un espacio, un pueblo: los mexicas - Análisis del Códice Aubin*. Trabalho de conclusão de curso em História. México: UNAM, 2007, p. 83.

anos do calendário indígena. Dessa forma, o pensamento cristão e ocidental foi, aos poucos, moldando as narrativas mexicas coloniais e construindo novas concepções de tempo e de história nos códices *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40*.

CAPÍTULO 3 – AS REPRESENTAÇÕES DE ESPAÇO, SUAS CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES DURANTE O PERÍODO COLONIAL INICIAL

O objetivo do terceiro capítulo é analisar as representações de espaço nas histórias contidas nos códices mexicas coloniais, explicitando a função estruturante que tais representações ocupam nestas narrativas. Também apontarei diferenças das representações espaciais presentes nas cinco histórias mexicas coloniais analisadas, e suas possíveis relações com continuidades e transformações nas concepções de história dos mexicas durante os séculos XVI e início do XVII. Nesse sentido, as análises realizadas evidenciam que, dentre as representações de espaço encontradas nos códices, as de topônimos continuaram ocupando uma função estrutural nas cinco histórias coloniais mexicas, como ocorria em tempos pré-hispânicos nos códices mixtecos ou até mesmo nos monumentos mexicas em pedra com inscrições. Ao mesmo tempo, algumas das qualidades dos espaços e dos lugares foram diminuídas ou, até mesmo, suprimidas em relação ao período anterior à conquista castelhana, tais como aquelas relacionadas às deidades e à religiosidade mesoamericanas. Nesse sentido, também houve uma gradual simplificação às menções toponímicas, em função dos objetivos e destinatários das histórias.

O terceiro capítulo está dividido em três partes e as conclusões. Primeiramente serão apresentadas as características gerais das representações de espaço nos códices mexicas coloniais como parte de um sistema cosmográfico mesoamericano. O percurso seguido trata das representações do macro-cosmos, isto é, os rumos do universo e, em seguida, das representações do micro-cosmos, ou seja, os topônimos de paisagem e de *altepetl*¹⁹⁵. Com base em exemplos dos códices mixtecos e dos monumentos mexicas produzidos nos séculos XV e início do XVI, destaco a manutenção das representações de espaço pré-hispânicas nas histórias mexicas coloniais¹⁹⁶.

Na segunda parte, irei analisar as diferenças das representações dos quatro rumos e centro do mundo em relação às características gerais apresentadas na primeira seção deste capítulo. Apesar dessas diferenças nas representações dos códices *Mendoza* e *Aubin*, serão mostradas continuidades e transformações nas concepções de espaço dos mexicas ao longo dos séculos XVI e início do XVII.

¹⁹⁵ *Altepetl* é uma unidade sócio-política mesoamericana, que será descrita mais adiante no capítulo. Seu plural é *altepeme*.

¹⁹⁶ Como mencionado na Introdução, foram selecionadas amostras de gravados em pedra mexicas e de códices mixtecos pré-hispânicos conforme a relação temática com as representações de tempo e espaço e a disponibilidade ao longo da bibliografia consultada.

A terceira parte do capítulo apresentará análises das representações de espaço de acordo com três períodos primordialmente contemplados nas histórias mexicas coloniais – 1) período da migração, 2) período imperial e 3) período colonial. A cada período da história mexica, serão realizadas análises sobre os topônimos de paisagem e de *altepetl*, destacando a coincidência de topônimos e fornecendo exemplos de lugares que são destacados nas histórias de cada período narrado. O objetivo dessa parte é mostrar quais tipos de lugares diferentes são acionados nas histórias segundo com seus diferentes contextos narrativos, ou seja, qual função o topônimo desempenha na narrativa do manuscrito¹⁹⁷. São eles: lugares de origem, lugares de passagem, o lugar fundacional de México-Tenochtitlan, o lugar implícito de México-Tenochtitlan, lugares de conquista e lugares exteriores ao centro do México. Concluo a terceira parte destacando as continuidades e transformações ocorridas nas concepções espaciais mexicas ao longo da produção das histórias durante o próprio período colonial, com base nas diferenças de representação destes seis lugares nas histórias mexicas.

Apresento, por fim, as conclusões deste capítulo, retomando as análises sobre as representações espaciais contidas nos *xiuhamatl* dos cinco códices coloniais mexicas produzidos entre os anos de 1530 e 1608. Procuo sintetizar a relação das análises com possíveis continuidades e transformações pelas quais as concepções de espaço passaram ao longo desses quase oitenta anos.

3.1 Características gerais das representações de espaço em tempos pré-hispânicos e sua continuidade nos *xiuhamatl* coloniais mexicas

As representações de espaço nas histórias mexicas coloniais são formadas por glifos e/ou desenhos, que configuram topônimos, paisagens, composições arquitetônicas e esquemas espaciais. Tais representações eram parte de um sistema cosmográfico organizado por meio de uma série de conceitos compartilhados por vários povos mesoamericanos em tempos pré-hispânicos. Nas histórias coloniais mexicas, estes elementos sofreram transformações graduais devido à introdução das características iconográficas europeias e da escrita alfabética, como será exemplificado posteriormente neste capítulo. Para entender essas mudanças, é necessário primeiramente, apresentar as características gerais da cosmografia mesoamericana em tempos pré-hispânicos para, assim, observar os aspectos de continuidade nos *xiuhamatl* mexicas coloniais.

¹⁹⁷ Utilizo contexto narrativo com base na metodologia presente na dissertação de Ana Cristina de Vasconcelos Lima. *Os agentes nas histórias mixtecas...*

O sistema cosmográfico mesoamericano era composto pela divisão do espaço em regiões e sub-regiões. Esses diversos âmbitos eram caracterizados pela presença de variados seres, como deidades, animais, plantas, humanos, unidades e ciclos calendários e, além disso, podiam ser qualificados por meio de episódios cosmogônicos. Embora os seres mencionados tivessem lugares característicos no sistema, sua circulação, trânsito e movimento poderiam ocorrer entre as diversas regiões, cujos limites eram graduais e transponíveis¹⁹⁸.

Esse sistema cosmográfico pode ser analisado através da disposição dos conjuntos arquitetônicos, do formato de edifícios das cidades, dos registros gravados em pedra e das pinturas cerâmicas e murais produzidas nos períodos Clássico e Pós-Clássico da Mesoamérica. Além disso, as características desse sistema também são representadas nos manuscritos pictográficos pré-hispânicos de diversas regiões mesoamericanas que tratam de forma mais explícita dos conceitos que compõem a cosmografia mesoamericana¹⁹⁹. Nas histórias mexicas coloniais, dois dos diversos conceitos que compunham tal sistema são representados de forma mais recorrente: a divisão do universo em quatro rumos e um centro e os topônimos de paisagem e políticos.

A divisão do universo em quatro rumos e um centro era característica de uma das regiões horizontais concebidas pelos povos nahuas, entre os quais estavam os mexicas. De acordo com nahuas, o espaço horizontal era dividido por três regiões nomeadas *Topan* (Sobre Nós), *Tlalpan* (No Solo) e *Mictlan* (Região dos Mortos). Como mencionado, entre essas três regiões estavam distribuídos, circulavam e interagiam de forma constante astros, deidades, animais, plantas, homens, mortos, entre outros entes. Além disso, cada uma dessas três regiões possuíam subdivisões ou níveis específicos, que podiam configurar-se como o local ou destino de entes e elementos específicos. Dentre as três regiões do espaço horizontal, *Tlalpan* era o local privilegiado nas histórias mexicas coloniais, pois designava a superfície terrestre, onde se localizavam os lugares de paisagem e os *altepeme*. *Tlalpan* era dividida em cinco partes formadas por quatro quadrantes ou rumos e um centro.

A divisão entre os quatro rumos e o centro de *Tlalpan* se relacionava às qualidades distintas de cada parte, de acordo com a presença de deuses, árvores, animais, cores e elementos do calendário. Tais qualidades podem ser exemplificadas por meio da representação dos rumos que está presente no primeiro fólio do códice pré-hispânico *Fejérváry-Mayer* (Figura 3.1). Este fólio exemplifica os entes e elementos associados a cada uma das cinco regiões, por meio do sistema de notação pictográfico. Nessa página, cuja leitura

¹⁹⁸ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 314-318.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 228

segue o sentido anti-horário, é possível notar a presença de oito portais, sendo quatro trapezoidais e outros quatro arqueados, dispostos de forma intercalada. Compondo, ou sob esses portais, encontram-se elementos que caracterizam os quatro rumos do mundo horizontal, entre os quais estão: os vinte signos do *tonalli*, presentes em grupos de cinco entre as junções de cada um dos quatro pares, formados por um portal trapezoidal e um portal arqueado; faixas contínuas, que mudam de cor conforme o portal; deidades, árvores e aves sob os portais trapezoidais; plantas combinadas com animais sob os portais arqueados; e os signos portadores dos anos, destacados no topo dos portais arqueados; envolvido pelos portais, encontra-se a deidade Xiuhtecuhtli, ou *Senhor do Fogo e do Tempo*, no centro²⁰⁰.

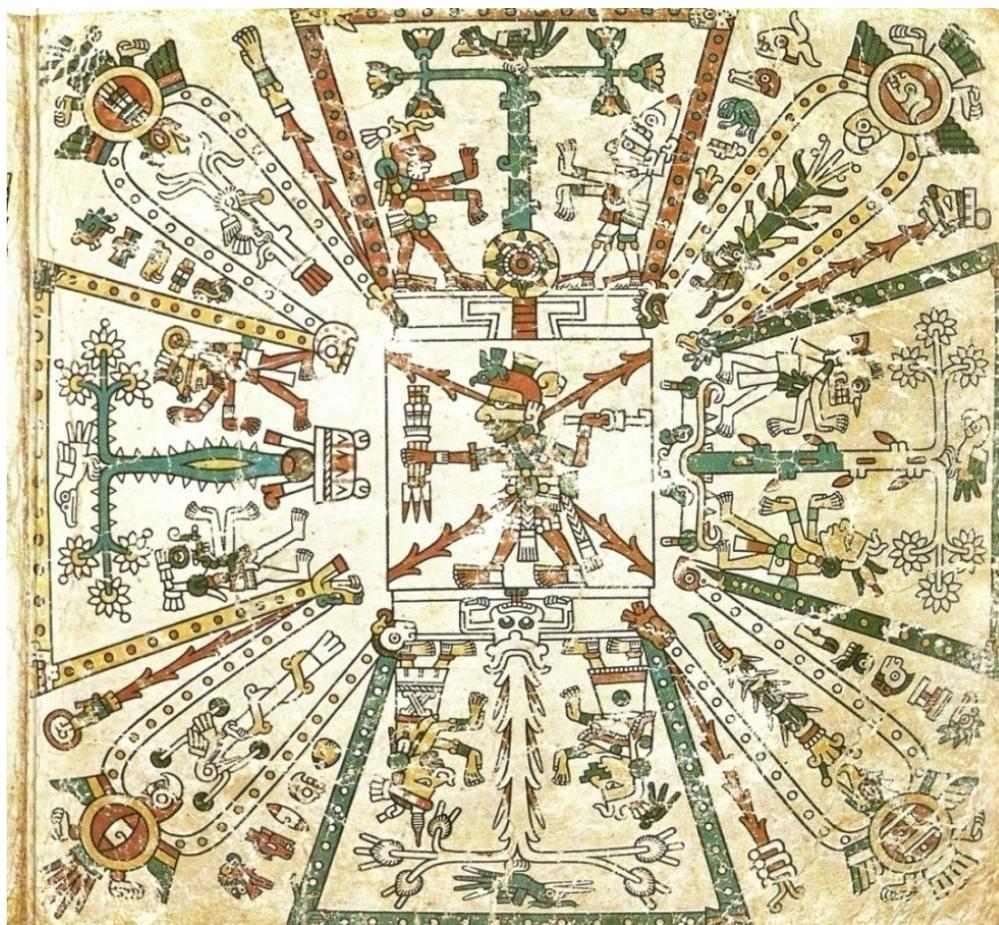


Figura 3.1 – Representação dos quatro rumos do espaço horizontal mesoamericano e seus elementos e entes qualificadores. *Fejérváry-Mayer*, fl. 1.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 231. O códice *Fejérváry-Mayer* foi produzido com peles de veado e dobrado em forma de biombo. É composto por dois lados, divididas em dezessete seções. Sua procedência é desconhecida, embora seus aspectos estilísticos e iconográficos remontem ao estilo-horizonte Mixteca-Puebla do período pós-clássico (ca. 1250-1521). Segundo Miguel León-Portilla, esse manuscrito era um *tonalamatl* que pertenceu aos *pochteca*, ou mercadores, e era utilizado para o planejamento de viagens e negociações, por exemplo. Já Anders, Jansen e Pérez Jiménez afirmam que o códice era um *tonalamatl* utilizado por sacerdotes especializados e que, por conta das várias referências a outras atividades, esse manuscrito tinha relevância para outros grupos sociais para além dos mercadores. ANDERS, Ferdinand, JANSEN, Maarten e PÉREZ JIMÉNEZ, Gabina Aurora. *El Libro de Tezcatlipoca, señor del tiempo. Libro explicativo del llamado códice Fejérváry-Mayer*. Graz/México: ADV/FCE, 1994, pp. 13-17, 73-74 e 163-164.

Além dessas características apresentadas no fôlio 1 do códice *Fejérváry-Mayer* referentes aos signos do *tonalli*, às cores e às árvores, muitos estudiosos propõem, ainda, outras características específicas para cada um dos rumos, com base em outros manuscritos. Dessa maneira, o rumo oriente ou nascente é geralmente relacionado à deidade Tezcatlipoca Vermelho, tendo *acatl* (junco) como signo portador do ano; este rumo, inclusive, era geralmente representado na parte superior dos fôlios de códices ou dos registros escultóricos²⁰¹. O rumo norte ou setentrional, por sua vez, era associado a Tezcatlipoca Preto e ao signo portador do ano *tecpatl* (punhal de pedernal). Quetzalcoatl era a deidade do rumo ocidente ou poente, cujo signo portador do ano era *calli* (casa). O rumo sul ou meridional tinha como deidade Huitzilopochtli e era associado ao signo portador do ano *tochtli* (coelho). Por fim, o centro era relacionado às deidades Xiuhtecuhtli ou Huehuetatl.

No que se refere às cores relacionadas aos rumos, não há um padrão único ou que seja consenso entre os estudiosos. De forma mais frequente, há representações que empregam uma cor para cada um dos rumos, mas também encontram-se representações que usam um modelo cromático dual ou, ainda, apenas uma cor para todos os rumos. Segundo Eduardo Natalino dos Santos, a associação mais estável ocorre entre o rumo oriental e a cor vermelha; já o rumo ocidental pode ser relacionado às cores preta, vermelha-preta ou verde-azulada. O autor afirma que, a dificuldade de estabelecer relações totalmente fixas e acabadas entre os rumos e as cores talvez mostre que o sistema cosmográfico mesoamericano era flexível e permitia variações locais ou acomodações de acordo com as necessidades de aplicação e de uso²⁰².

Além disso, as regiões eram conhecidas por meio de vários nomes, dispostos no quadro a seguir (Quadro 3.1).

²⁰¹ O rumo oriente ocupava, de forma comparativa, a posição Norte de acordo com os pontos cardeais ocidentais. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 239.

²⁰² *Ibidem*, pp. 243-244.

Quadro 3.1 – Nomes dos quatro rumos e do centro²⁰³

Rumo	Nomes em nahuatl	Nomes em português
Oriente ou nascente	<i>Tonatiuh Iquizayampa</i>	<i>Para Onde Sai o Sol</i>
	<i>Tonatiuh Ixco</i>	<i>Na Face do Sol</i>
	<i>Tonatiuhichan</i>	<i>Casa ou Morada do Sol</i>
	<i>Tlapcopa / Tlahucampa</i>	<i>Lugar de Luz</i>
	<i>Tonayan / Tonayampa</i>	<i>Lugar do Tona</i>
	<i>Tonatiuh Inemayan</i>	<i>Lugar Próprio do Sol</i>
Sul ou meridional	<i>Tlapallan</i>	<i>Lugar Vermelho</i>
	<i>Huitztlampá</i>	<i>Lugar dos Espinhos</i>
	<i>OPOCHPA Tonatiuh</i>	<i>À Esquerda do Sol</i>
Ocidente ou poente	<i>Tonatiuh Icalaquian</i>	<i>Lugar Onde o Sol se Mete</i>
	<i>Tonatiuh Iaquian</i>	<i>Lugar da Morte de Sol</i>
	<i>Cihuatlampá</i>	<i>Lugar das Mulheres</i>
	<i>Cincalco</i>	<i>Casa do Milho</i>
Norte ou setentrional	<i>Teotlalpan</i>	<i>Região dos Deuses</i>
	<i>Iyecampa Tonatiuh</i>	<i>À Direita do Sol</i>
	<i>Mictlampá</i>	<i>Região do Inframundo</i>
Centro	<i>Tlalxicco</i>	<i>Umbigo da Terra</i>
	<i>Tlallinepantla</i>	<i>Em Meio à Terra</i>

Entre os mexicas, por exemplo, a configuração de regiões que articulam quatro rumos e o centro estava refletida na utilização de cores no Templo Mayor de México-Tenochtitlan. O Templo Mayor é uma pirâmide constituída por quatro lados que abriga dois templos dedicados às deidades Tlaloc e Huitzilopochtli. De acordo com Leonardo López-Luján e outros pesquisadores, é possível notar relações entre as cores associadas aos cinco rumos de *Tlalpan* e o cromatismo das esculturas e pinturas murais localizadas em determinadas partes do Templo Mayor²⁰⁴.

²⁰³ Quadro adaptado com informações de SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Idem*, pp. 237-240, e MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. *Vida y muerte en el Templo Mayor*. México: FCE, 1998 (3ª ed. - 1ª ed. em 1986), pp. 44-45. Quanto às denominações dos rumos, é importante destacar o referencial do próprio Sol para o pensamento mesoamericano.

²⁰⁴ LÓPEZ LUJÁN, Leonardo; CHIARI, Giacomo; LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; CARRIZOSA, Fernando. "Linea y color en Tenochtitlan. Escultura policromada y pintura mural en el recinto sagrado de la capital mexicana" in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. Vol. 36. México: UNAM-IIH, 2005, pp. 15-45. Disponível em: <<http://www.mesoweb.com/about/articles/Linea-y-color.pdf>>. Acessado em 12/08/2017, 15:00.

Para além desses esquemas complexos de associação, apresentados anteriormente, os quatro rumos e o centro podiam também ser representados de maneira mais esquemática e simplificada por meio de uma flor de quatro pétalas, nomeada *nacxitl xochitl* ou *quincunce*²⁰⁵.



Representações do *quincunce* são encontradas em períodos muito antigos de locais como Teotihuacan, datadas do período Clássico (200 a 900 d. C.)²⁰⁶ (Figura 3.2), mas também entre os mexicas, produtores dos códices coloniais analisados nessa pesquisa.

3.2 – Exemplo de representação do *quincunce* em alto relevo no Palácio de Quetzalpapalotl, em Teotihuacan (México). Foto: Wolfgang Sauber (Wikicommons), 2008.

A escolha e designação do centro dos quatro rumos não era unanimidade entre os povos nahuas. Ao contrário, cada *altepetl* ou cidade se considerava o centro do universo, isto é, como uma espécie de microcosmo que reproduzia mimeticamente o macrocosmo²⁰⁷. Assim, as histórias mexicas coloniais aqui analisadas narram eventos que ocorrem na região de *Tlalpan*, antes e depois da fundação do *altepetl* de México-Tenochtitlan, que é o próprio centro do universo mexica.

Passemos, então, à segunda característica que compunha a cosmografia mesoamericana e que estava presente de forma recorrente nas histórias mexicas, isto é, às representações de topônimos de paisagem e políticos. Em estudos realizados durante os séculos XIX e XX, por exemplo, alguns dos lugares mencionados nas narrativas da migração mexica foram associados a sítios arqueológicos que corresponderiam aos topônimos citados nos manuscritos produzidos durante o período colonial. Aztlán e Colhuacan, lugares fundamentais para as histórias mexicas como locais de origem ou de passagem durante a migração, foram alvos de longas polêmicas quanto à localização geográfica, uma vez que

²⁰⁵ BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura...*, pp. 119-140. O autor também descreve expressões da divisão do mundo em quatro rumos e um centro em outros povos da América, destacando a conotação política que essa divisão quadripartite tem para cada uma dessas populações. No caso dos povos mesoamericanos, essa divisão quadripartite estaria relacionada, por exemplo, à divisão territorial e administrativa das cidades. Para os mexicas, tal divisão foi utilizada na organização tributária das cidades sujeitadas nos séculos XVI e XVII.

²⁰⁶ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*, pp. 299-306.

²⁰⁷ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 229 e 316.

vários lugares poderiam corresponder às descrições desses dois topônimos²⁰⁸, definidos por meio de características de paisagem. De acordo com Federico Navarrete Linares, tais tentativas de identificação toponímicas procuravam qualificar as narrativas mexicas de forma excludente, como históricas ou míticas. Seguindo a proposta de Navarrete, o objetivo desta dissertação é entender as histórias mexicas como narrativas nas quais as representações de tempo e espaço constroem diferentes historicidades²⁰⁹ que não são totalmente históricas ou totalmente míticas.

Isso porque as histórias mexicas contemplam nomes de lugares que referem-se fundamentalmente a lugares de duas naturezas: os de paisagem e os políticos. Ambos os tipos de lugares eram nomeados por meio de características físicas do espaço, como a presença de um rio, de uma colina ou da presença abundante de um tipo de planta. Os lugares de paisagem eram representados por terem relação com a história mexicana, ainda que não fossem compostos por aglomerações urbanas. Os lugares políticos eram centros cerimoniais reconhecidos entre diversos povos e geralmente nomeados *altepetl*.

O *altepetl* era uma organização sociopolítica, mas também concebida territorialmente e espacialmente. Do ponto de vista sociopolítico, o *altepetl* era, em tempos pré-hispânicos, composto por um grupo social pluriétnico e estruturado sob o mando de um governante dinástico ou *tlatoani*²¹⁰. Os *altepeme* também eram caracterizados por terem uma deidade patrona, uma identidade étnica comum e reconhecível entre seus pares e uma tradição histórica própria²¹¹. Dessa forma, as histórias coloniais mexicas contavam, portanto, a história do *altepetl* de México-Tenochtitlan e sua relação com outros *altepeme* e seus povos.

Do ponto de vista territorial e espacial, o *altepetl* tinha geralmente um templo principal como símbolo de soberania, além de um mercado central²¹². O *altepetl* não se limitava a um

²⁰⁸ Alfredo Chavero apresenta algumas propostas que foram feitas sobre a localização de Aztlan, local originário dos mexicas, entre cronistas indígenas e missionários do século XVI e XVII e estudiosos dos códices dos séculos XVIII, XIX e XX. As propostas indicam localidades nos estados de Wisconsin e Califórnia (nos Estados Unidos da América), na península da Califórnia, ao norte de Sonora e ao norte de Jalisco (no México); Chavero termina concordando com Orozco y Berra com a localização de Aztlan na ilha de Mexcalla, no lago Chapalla, em Jalisco (México). CHAVERO, Alfredo. *Historia antigua y de la conquista* in: RIVA PALACIO, Vicente. *México a través de los siglos*. T. 1, v. 2. México: Editorial Cumbre, 1967, p. 460. José Corona Núñez, por sua vez, aponta duas localidades nos estados de Sinaloa e Guanajuato (México) que corresponderiam a Colhuacan, local pelo qual os mexicas passam em sua migração. CORONA NÚÑEZ, José. “Códice Boturini” in: *Antigüedades de México...*, p. 8.

²⁰⁹ NAVARRETE LINARES, Federico. “Las fuentes indígenas más allá de la dicotomía entre historia y mito.” In: *Estudios de Cultura Náhuatl* v. 30. México: UNAM-IIIH, 1999.

²¹⁰ O plural de *tlatoani*, em nahuatl, é *tlatoanime*. Outro sinônimo de governante é *tlatoqui*, cujo plural é *tlatoque*. Seguindo a historiografia, utilizo nesse trabalho os termos *tlatoani* (singular) e *tlatoque* (plural), como proposto na Introdução desta dissertação.

²¹¹ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 24-28.

²¹² FERNÁNDEZ CHRISTLIED, Federico; GARCÍA ZAMBRANO, Ángel Julián (coord.). *Territorialidad y paisaje en el altepetl del siglo XVI*. México: FCE, Instituto de Geografía - UNAM, 2006, p. 20.

centro urbano compacto, mas se estendia sobre vastos territórios de diferentes dimensões; as terras se organizavam de forma dispersa e decrescente, desde um núcleo densamente povoado, passando por espaços entremeados de casas-habitação e terras de cultivo, até a periferia, a qual poderia formar parte deste tecido ainda que fosse escassamente habitada²¹³. Os *altepeme* eram, ainda, divididos em cinco parcialidades, correspondentes aos quatro rumos e o centro da cosmografia mesoamericana. Tais parcialidades eram, ainda, subdivididas em vários *calpulli* ou *tlaxilacalli*, isto é, em unidades territoriais baseadas no parentesco e em uma origem comum. O termo *altepetl* designa, portanto, um centro político-cerimonial ou a totalidade territorial da cidade (incluindo seus *calpulli*) e foi, em geral, identificado como *pueblo*, em castelhano, no período colonial²¹⁴.

O termo nahua *altepetl* significa “colina água” e é pictoglificamente formado pelo logograma de uma colina de cuja base brota água²¹⁵. Entretanto, os lugares citados nas histórias coloniais mexicas nem sempre são identificados por meio de um glifo de *altepetl*, isto é, nem todos os locais presentes nas narrativas são, de fato, representados como um *altepetl*. Por conta disso, um termo mais adequado para a análise dos lugares citados nas histórias é o topônimo - o “nome próprio do lugar”. As representações de topônimos são abundantes nas narrativas coloniais mexicas, tanto por meio de glifos ou de palavras em alfabeto latino, e representam diversos lugares além de México-Tenochtitlan, com os quais entabulavam-se diversas relações políticas, econômicas e culturais. Por isso mesmo, dependendo do contexto em que está registrado, um topônimo pode ser interpretado também como um etnônimo ou gentílico, isto é, como qualificador dos habitantes de um local. Um exemplo de glifo toponímico que pode ser interpretado como etnônimo está presente no fôlio 4v do códice *Mendoza*. Esse fôlio narra a conquista dos *altepeme* Tequixquiac e Chalco durante o governo do *tlatoani* mexica Chimalpopoca. A parte inferior do fôlio trata mais detalhadamente da conquista de Chalco, indicando, do lado direito, a morte de cinco mexicas – cujas representações foram destacadas na Figura 3.3. A representação dos mortos é realizada por meio de uma linha que une cinco cabeças com os olhos fechados, indicando sua morte, ao glifo toponímico de México-Tenochtitlan que, nesse caso, pode ser lido como um glifo etnonímico – circulado em vermelho na figura.

²¹³ BERNAL GARCÍA, María Elena; GARCÍA ZAMBRANO, Ángel Julián. "El *altepetl* colonial y sus antecedentes prehispánicos: contexto teórico-historiográfico" in: FERNÁNDEZ CHRISTLIED, Federico; GARCÍA ZAMBRANO, Ángel Julián (coord.). *Op. cit.*, pp. 48-96.

²¹⁴ CARRASCO, Pedro. *Estructura político-territorial del Imperio tenochca. La Triple Alianza de Tenochtitlan, Tetzcoco y Tlacopan*. México: COLMEX y FCE, 1996, pp. 27-30.

²¹⁵ BERNAL GARCÍA, María Elena; GARCÍA ZAMBRANO, Ángel Julián. *Op. cit.*, p. 96. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, p. 24.

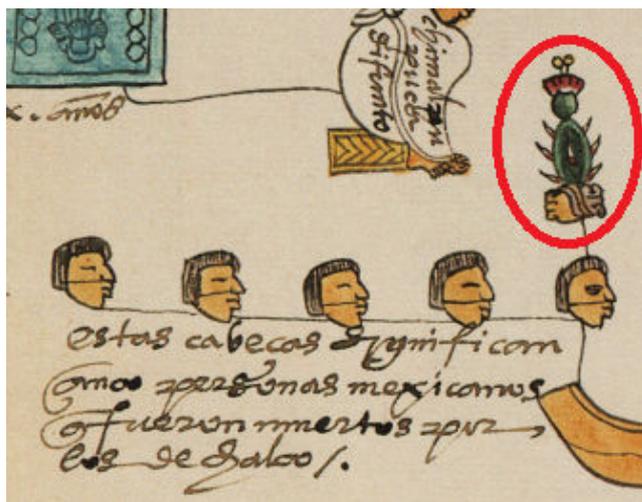


Figura 3.3 – Exemplo de glifo toponímico de México-Tenochtitlan com função etnonímica. Mendoza, fl. 4v.

Como mencionado anteriormente, tanto os *altepeme* quanto os locais da paisagem são representados por meio de seus topônimos, isto é, pelos seus nomes de lugar. Ao realizar um estudo sobre os mixtecos pré-hispânicos, Mary Elizabeth

Smith afirma que a composição de topônimos ocorria da mesma forma entre estes povos e os do centro do México – entre os quais estão os mexicas. Segundo a autora, os topônimos são constituídos de duas partes: um substantivo geográfico e um elemento qualitativo. Os substantivos geográficos são poucos e têm sempre características paisagísticas ou sociais; já os elementos qualitativos são muitos e podem se referir a cores, tamanhos, deidades, numerais ou signos calendários, animais, plantas, objetos domésticos, armas, entre outros²¹⁶. Além disso, outros glifos poderiam ser combinados aos topônimos, com o objetivo de relacionar lugares a determinadas ações, como a conquista de um local.

Exemplos de utilização de glifos toponímicos nos códices mixtecos pré-hispânicos ocorrem no códice *Zouche Nutall*. O lado 1 deste manuscrito trata da vida de um senhor mixteco, Oito Veado Garra de Jaguar (1063-1115 d.C), que conquistou uma série de senhorios nas Mixtecas Alta e Baixa entre o final do século XI e início do XII. Nos fólhos 71 a 73 deste manuscrito há uma sequência de 31 glifos toponímicos combinados, ainda, com um glifo de flecha fincada (Figura 3.4). Essa associação de glifos representa as conquistas de 31 locais por Oito Veado.

²¹⁶ SMITH, Mary Elizabeth. *Picture writing from ancient southern Mexico...*, pp. 38-41.



Figura 3.4 – Sequência de glifos toponímicos representando 31 conquistas do governante mixteco Oito Veado Garra de Jaguar (acima), com destaque para o primeiro glifo toponímico representado na sequência – localizado no fólio mais à direita, no canto direito inferior (abaixo). *Zouche Nuttall*, fls. 71-73.

A sequência desses três fólios apresenta glifos toponímicos com tamanhos semelhantes entre si e, por isso, demonstra que os lugares poderiam ser representados de forma seriada, isto é, de maneira padronizada segundo uma finalidade temática. Nesse caso, o glifo de flecha fincada indica que cada um dos 31 lugares representados nos fólios 71 a 73 do códice *Zouche Nuttall* foram conquistados. Dessa forma, a proporção entre os lugares representados e a presença de outros elementos qualificadores, tais como o glifo de flecha fincada, são dois aspectos importantes para se entender o papel das representações de lugares pré-hispânicas, e, como veremos adiante, para entender as concepções mexicas de espaço. Isso porque os lugares de conquista continuaram sendo representados nas histórias coloniais mexicas de forma seriada, embora estas utilizassem outros elementos qualificadores.

Além disso, os lugares de conquista do códice *Zouche Nuttall* podem ser comparados à representação do lugar que inaugura a narrativa do lado 1 desse manuscrito, Tilantongo (ou Ñuu Tnoo, em mixteco). Essa comparação tem como objetivo exemplificar a proporção e a importância dos topônimos nos códices mixtecos pré-hispânicos. Dessa forma, no fólio 42 (Figura 3.5, à direita) está destacada a representação do Templo do Céu de Tilantongo, lugar que inaugura a história de Oito Veado Garra de Jaguar no códice *Zouche Nuttall* – que é representado no fólio seguinte. A representação de Tilantongo apresenta tamanho ligeiramente maior do que as representações antropomorfas contidas no mesmo fólio. Contudo, se comparada aos lugares de conquistas exemplificados anteriormente (Figura 3.5, à esquerda), a representação de Tilantongo apresenta quase o dobro do tamanho desses glifos

toponímicos. Essa comparação mostra que, embora houvesse diferenças de tamanho entre as representações de lugares com diferentes funções no códice *Zouche Nuttall*, as representações de lugares e de personagens tinham uma proporção semelhante entre si. Mais adiante, esse exemplo será retomado em comparação com a proporção entre os glifos toponímicos e de outros tipos nas narrativas mexicas coloniais.



Figura 3.5 – Comparação do tamanho dos lugares de conquista com a representação de Tilantongo. *Zouche Nuttall*, fls. 71 e 42.

Apesar de não existirem exemplos de códices mexicas pré-hispânicos, os topônimos de paisagem e de *altepetl* podem ser analisados através de suas representações pictográficas nos monumentos em pedra mexicas. Um exemplo é a *Pedra de Tizoc*, que foi datada com base na identificação do glifo do nome deste governante, que exerceu seu mandato entre os anos de 1481 e 1486 – uma vez que não contém glifos calendários. Trata-se de uma pedra sacrificial cilíndrica, cuja lateral apresenta quinze pares de representações antropomorfas, sendo que cada um delas é formada por um guerreiro mexica segurando um cativo pelos cabelos (Figura 3.6). Cada cativo é identificado por um glifo toponímico diferente: Matatlan, Tochpan, Ahuilizapan, Axocopan, Colhuacan, Tetenanco, Xochimilco, Chalco, Xaltocan, Acolhuacan, Tecaxic, Tlatelolco, Tonatiuhco, Mixtlan e Cuextlaxtlan²¹⁷. Os glifos representam as principais conquistas dos mexicas no tempo de Tizoc, evidenciando o poder

²¹⁷ De acordo com Esther Pasztory, apenas catorze conquistas são atribuídas a Tizoc no códice *Mendoza*. PASZTORY, Esther. *Aztec Art*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998 (1ª ed. 1983), pp. 147-150. Emily Good Umberger sugere, ainda, que os glifos não seriam toponímicos, mas sim etnonímicos. UMBERGER, Emily. *Aztec Sculptures, Hieroglyphs and History*, pp. 136-138.

que este *tlatoani* tinha na época de seu governo, utilizando a história das conquistas com fins propagandísticos²¹⁸.



Figura 3.6 – *Pedra de Tizoc*, exemplo de monumento mexicana com representações toponímicas – destacadas em vermelho, abaixo (INAH – MNA)²¹⁹.

Nesse caso, os quinze glifos toponímicos também são representados de forma seriada e com tamanhos aproximados entre si, como no exemplo do códice *Zouche Nuttall*. Contudo, enquanto o códice *Zouche Nuttall* representa somente os glifos toponímicos e marca as conquistas por meio de uma flecha, na *Pedra de Tizoc*, as conquistas são relacionadas a representações antropomorfas de um guerreiro mexicana e de um cativo de cada um dos lugares que foram submetidos durante o governo de Tizoc. Além disso, os glifos toponímicos apresentam tamanho menor em relação às representações antropomorfas, de forma que sua importância na representação é dada, portanto, pelo conjunto de lugares. Apesar dessas diferenças, os lugares eram reiteradamente mencionados e, tanto no exemplo da *Pedra de Tizoc*, quanto no exemplo do códice *Zouche Nuttall*, essas representações de topônimos tinham como principal função identificar lugares políticos que foram conquistados. Essa era

²¹⁸ MARCUS, Joyce. *Mesoamerican writing systems. Propaganda, myth and history in four ancient civilizations*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

²¹⁹ PIEDRA DE TÍZOC. In: *INAH LUGARES*. México: Secretaría de Cultura, sem data. Disponível em: <<http://lugares.inah.gob.mx/museos-inah/museo/museo-piezas/7433-7433-10-1162-piedra-de-t%C3%ADzoc.html>> Acessado em: 13/08/2017, 10h.

uma das funções que as representações de topônimos podiam desempenhar nos manuscritos e gravados em pedra pré-hispânicos.

Além dos lugares de conquista, outra função das representações toponímicas pré-hispânicas eram os lugares fundacionais, como o que está presente no monumento em pedra mexicana *Teocalli de la Guerra Sagrada*. Como mencionado no Capítulo 2, esse monólito em forma de templo foi produzido durante o governo do *tlatoani* Moctezuma Xocoyotzin e apresenta relevos que celebram o poder militar dos mexicas. Na parte posterior do monumento é representado o topônimo de México-Tenochtitlan (Figura 3.7). O glifo toponímico do *altepetl* mexicana é formado por um cacto sobre uma pedra, que remete etimologicamente a Tenochtitlan²²⁰. Contudo, acima desse glifo há, ainda, a representação de uma águia, o glifo *atl-tlachinolli*, localizado abaixo do bico da águia, que representa a guerra e, por fim, uma deidade localizada na parte inferior desse lado do monumento²²¹. Dessa forma, a representação do glifo toponímico de Tenochtitlan é a que apresenta maior tamanho na parte posterior, talvez ligeiramente menor que a deidade, demonstrando seu destaque em relação às datas e personagens representados na parte frontal do monumento. Além disso, outros elementos adicionados ao glifo toponímico de Tenochtitlan, tais como a águia e o glifo *atl-tlachinolli*, qualificam a representação e demonstram sua função de lugar fundacional, pois se trataria, segundo as histórias mexicas coloniais, do lugar onde Huitzilopochtli, sua deidade patrona, teria destinado a construção de seu templo, e, conseqüentemente, do *altepetl* mexicana²²².

²²⁰ Isto é, Te(tl)-noch(tli)-ti-tlan, palavra formada pelos substantivos *te(tl)* (pedra) e *noch(tli)* (nopal, tipo de cacto), a ligadura *ti* e o sufixo locativo *tlan* (lugar onde abundam). Cf. SIMEÓN, RÉMI. *Diccionario de la lengua náhuatl...*, p. 479.

²²¹ MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. “El México prehispánico y los símbolos nacionales” in: *Arqueología Mexica*. Ed. 100. México: Editorial Raíces, nov.-dez. 2009. Eduardo Matos afirma, ainda, que o glifo toponímico de Tenochtitlan está representado sobre Tlaltecútl, deidade que representa a terra. Emily Umberger, por sua vez, afirma que a deidade representada tinha sido interpretada por Alfonso Caso como Chalchiuhtlicue. UMBERGER, Emily. *Op. cit.*, pp. 173-185.

²²² Trata-se de uma das ordens dadas por Huitzilopochtli aos mexicas durante a migração, segundo muitas histórias coloniais, tais como as analisadas nesta dissertação.

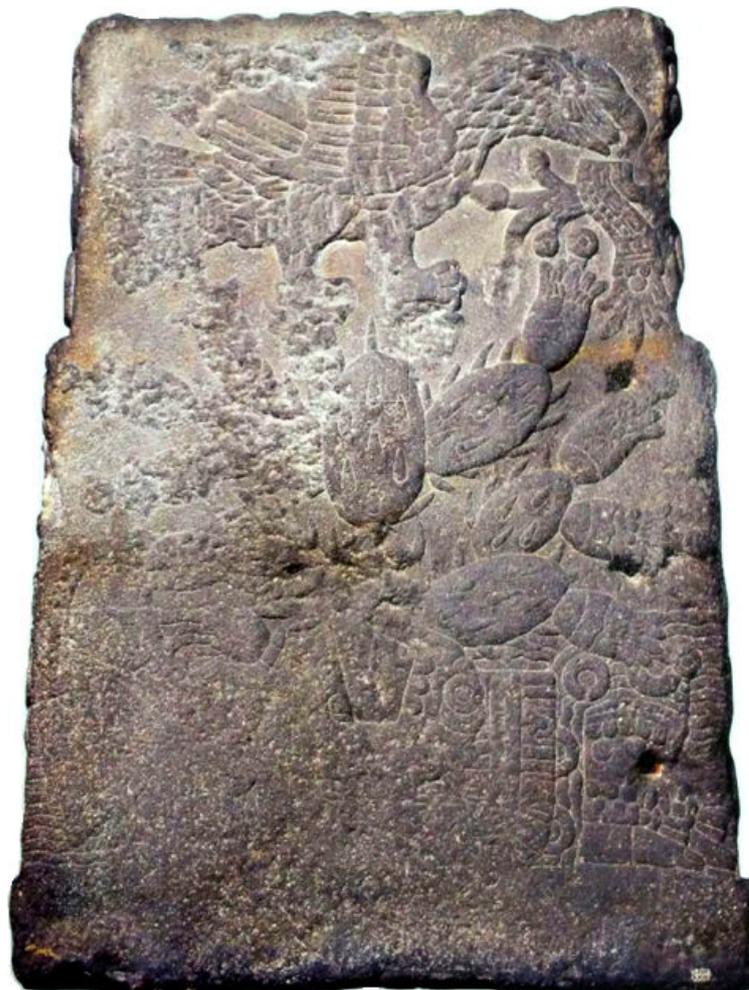


Figura 3.7 – Exemplo de representação toponímica com a função de lugar fundacional de México-Tenochtitlan em um monumento em pedra mexicana pré-hispânico. *Teocalli de la guerra sagrada* (MNA, México).

Os exemplos acima evidenciam algumas funções que as representações de topônimos podiam desempenhar nas tradições históricas pré-hispânicas mixtecas e mexicas.

No período colonial os topônimos também foram utilizados nas histórias mexicas, embora em outros contextos narrativos. As narrativas mexicas também compartilhavam lugares de origem ou passagem com outros povos nahuas, como é o caso de Chicomoztoc, ou o *Lugar das Sete Cavernas*. O exemplo de representação desse lugar na *História Tolteca-Chichimeca*, demonstra que esse lugar tinha destaque na narrativa, uma vez que ocupa mais da metade da área do fólio e apresenta tamanho maior do que os personagens representados²²³

²²³ De acordo com as informações de diversos estudiosos reunidas por Carla de Jesus Carbone, a *Historia Tolteca-chichimeca*, também recebe outros nomes, tais como *Anales de Cuauhtinchan*, *Historia Tulteca*, *Anales Tolteca Chichimeca* ou *Codex Gondra*. Trata-se de um manuscrito produzido em Cuauhtinchan (Puebla) entre 1547 e 1560, composto por 52 folhas de papel que tratam da história dos cuauhtinchantlacas ao longo de 429

(Figura 3.8). Segundo Carla de Jesus Carbone, esse lugar é recorrente nas histórias colhuas, texcocanas e cuauhtinchantlacas como um local de origem ou passagem, no qual diferentes grupos nahuas se encontram e adquirem determinadas características identitárias, antes de iniciarem suas migrações. A passagem por este local é, nas histórias nahuas, uma forma de garantir a legitimidade dos governantes, a aliança entre povos e até mesmo a posse de terras²²⁴. Nas histórias mexicas esse lugar também é representado ou, ao menos, sucedem acontecimentos similares associados aos relatos em que Chicomoztoc é incluído.



Figura 3.8 - Representação de Chicomoztoc ou o Lugar das Sete Cavernas. *História Tolteca-Chichimeca*, fl 16r.

Levando em consideração os topônimos em contextos pré-hispânicos, a seguir apresento como são compostos os topônimos nas histórias mexicas coloniais. As funções dos topônimos nas histórias mexicas coloniais e suas relações com os períodos narrados serão analisadas mais detidamente na terceira seção deste capítulo.

Nas cinco histórias analisadas nesta dissertação, os topônimos de paisagem e de *altepetl* são representados por meio de glifos ou em alfabeto latino, ou por meio de ambos os tipos de escrita pictográfica e alfabética. Os glifos são compostos por representações logográficas, ideográficas e/ou fonéticas que, como mencionado anteriormente, são

anos, entre 118 e 1547. Esse manuscrito foi provavelmente parte de um pleito de terras que, contudo, nunca foi apresentado à Real Audiencia. CARBONE, Carla de Jesus. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial inicial (1540-1630)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2014, pp. 33-38.

²²⁴ *Ibidem*. Carbone fez uma extensa pesquisa sobre este local e suas representações nas histórias nahuas coloniais, mostrando como este lugar continuou sendo importante para a busca de legitimidade das linhagens governantes dos *altepetl* até pelo menos o início do século XVII, durante o regime colonial. Outro autor que analisa as representações de Chicomoztoc nas histórias nahuas é Federico Navarrete Linares. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 259-342.

compostas por um substantivo geográfico e um elemento qualitativo – essa composição também forma as palavras em nahuatl que designarão os lugares, com adição de um sufixo locativo²²⁵. Os nomes de lugares são associados aos locais no qual os eventos históricos ocorrem ou aos personagens representados, indicando sua proveniência.

A seguir, destaco alguns exemplos de topônimos de paisagem e de *altepetl*, isto é, de lugares da paisagem ou entidades políticas, nas narrativas mexicas coloniais. É preciso destacar que os lugares da paisagem poderiam também ter usos políticos, como é o caso de Chicomoztoc, o *Lugar das Sete Cavernas*, representado no códice *Vaticano A*, que não era necessariamente uma entidade política, tal como os *altepeme* (Figura 3.9, à esquerda). Já Tula, *Entre os Juncos*, no códice *Boturini*, cujo glifo toponímico remete à atributos da paisagem, também se refere a um *altepetl* eminente durante o período Pós-Clássico no altiplano central mexicano (Figura 3.9, à direita).

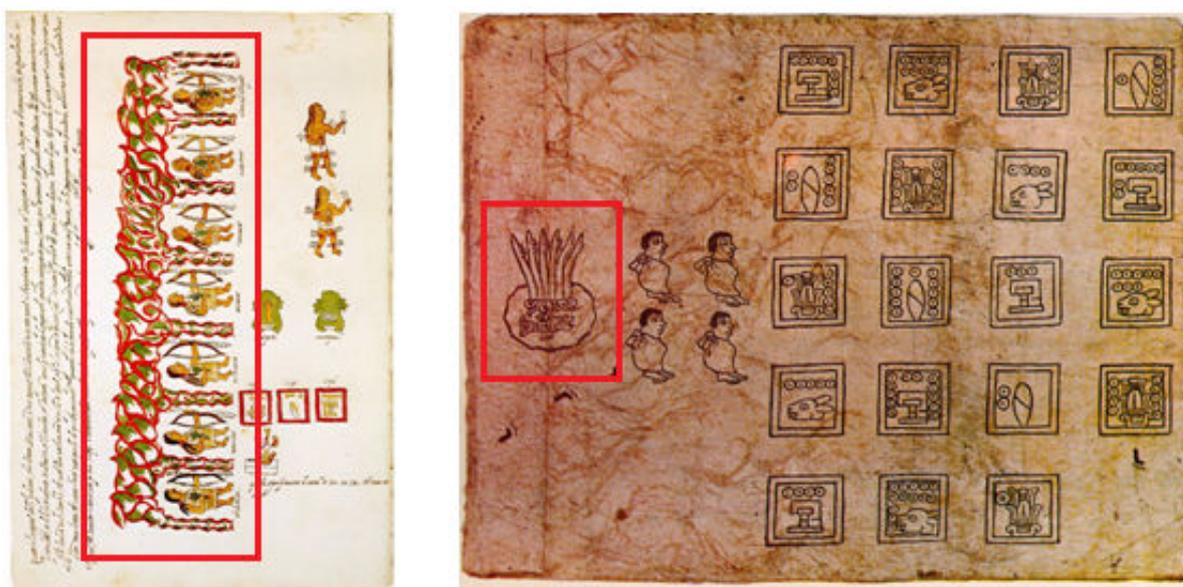


Figura 3.9 – Representações de Chicomoztoc e Tula. *Vaticano A*, fl. 66v. *Boturini*, fl. 7.

Nas histórias coloniais mexicas, as representações de espaço privilegiam, portanto, os nomes de lugares, ou topônimos, relacionados diretamente aos mexicas e a México-Tenochtitlan, sem evocar frequentemente outros fundamentos cosmográficos mesoamericanos mais gerais, com exceção da representação do *quincunce*, que será analisada na segunda parte do capítulo. Alguns desses fundamentos tiveram sua importância diminuída ao longo da reescrita das histórias mexicas após a conquista castelhana porque envolveriam deidades e a

²²⁵ Os topônimos de outros lugares do mundo, que são mencionados nos acontecimentos pós-conquistas e serão analisado adiante, seguem características da grafia castelhana e não são representados por meio de glifos.

religiosidade pré-hispânica, que foram combatidas pelos missionários, que buscavam converter os indígenas ao cristianismo. Ao mesmo tempo, os próprios mexicas, já cristianizados, poderiam ter assumido esse passado como idolátrico e, por isso, suprimiram alguns elementos relacionados à religiosidade pré-hispânica.

Os lugares, portanto, identificados como topônimos ou categorias espaciais mais amplas, constituem as representações espaciais que serão analisadas de forma mais central neste capítulo, a fim de se entender aspectos das concepções de espaço dos mexicas nas suas histórias produzidas ao longo do período colonial inicial.

3.2 As representações de *quincunce* nas histórias mexicas coloniais

Nesta segunda parte, irei analisar as semelhanças e diferenças do *quincunce*, isto é, do esquema formado por quatro rumos e um centro, que é representado no início das histórias dos códices *Mendoza* e *Aubin*. O objetivo dessa seção é destacar as semelhanças e as diferenças entre as representações contidas nas duas histórias mexicas coloniais e, em seguida, relacioná-las à permanência de fundamentos pré-hispânicos quanto às concepções de espaço.

O *quincunce* é representado no códice *Mendoza*, no fôlio 2r, dando início à narrativa (Figura 3.10). Esse fôlio contém uma grande quantidade de informações representadas por meio de textos pictográficos e glosas em texto alfabético, entre as quais se destacam: a fundação do *altepetl* de México-Tenochtitlan no centro do fôlio, o transcurso de 51 anos a partir de sua fundação na borda, e a conquista de dois *altepeme* pelos mexicas na parte inferior. Dessa forma, a fundação de México-Tenochtitlan é inserida na representação dos quatro rumos e centro.



Figura 3.10 – Representação do *quincunce* na fundação de México-Tenochtitlan. *Mendoza*, fl. 2r.

Na região central do fólio 2r, há uma forma retangular com uma espécie de “X” inscrito, semelhante a uma borda com faixas cruzadas, preenchida na cor azul turquesa. Essa borda com faixas internas contém, assim, quatro triângulos internos cujos vértices internos convergem para o glifo toponímico de México-Tenochtitlan²²⁶. Os quatro triângulos corresponderiam aos quatro ramos do *quincunce*, cujo centro, nessa representação, é o próprio *altepetl* mexica. A delimitação de quatro partes e um

centro a partir de formas geométricas semelhantes a essas era recorrente em representações pré-hispânicas, como as do fólio 1r do códice *Fejérváry-Mayer*, e do gravado em pedra de Teotihuacan, brevemente mencionados na primeira seção deste capítulo, ainda que estejam em contextos, suportes e períodos distintos²²⁷.

A permanência das formas geométricas contrasta, por sua vez, com a caracterização cromática dos quadrantes do *quincunce*, isto é, enquanto os portais representados no códice *Fejérváry-Mayer* tinham preenchimento nas cores vermelha, amarela, branca, verde e azul-turquesa, os quadrantes representados no códice mexica colonial foram separados por faixas e uma borda preenchidas unicamente na cor azul-turquesa e foram, de certa maneira, homogeneizados. Talvez este seja um dos indícios utilizados na interpretação de vários

²²⁶ Acima do glifo de México-Tenochtitlan, há uma águia; abaixo, há o glifo da guerra, formado por um escudo e flechas na posição horizontal, e uma glosa em texto alfabético com o nome do *altepetl*.

²²⁷ Gordon Brotherston faz comparações entre o fólio 2r do códice *Mendoza* e o fólio 1r do códice *Fejérváry-Mayer*, sugerindo que o fólio da história mexica colonial adiciona elementos históricos à representação cosmográfica do códice pré-hispânico, em termos gerais de desenho das representações. BROTHERSTON, Gordon. *Painted books from Mexico*, pp. 150-153.

estudiosos que consideram os quadrantes do fólio 2r do códice *Mendoza* como uma representação das quatro parcialidades de México-Tenochtitlan como uma espécie de espaço cartográfico. Essa interpretação enfatiza que o *altepētl* mexica era dividido por meio de canais e, assim, as faixas entre os triângulos preenchidas em azul-turquesa significariam a água dos canais, enquanto a borda retangular evocaria as águas do lago Texcoco²²⁸.

De forma complementar, penso que essa representação poderia corresponder à divisão entre quatro rumos e um centro que caracterizava a região de *Tlalpan*, de acordo com as concepções espaciais dos povos do centro do México. Um indício que poderiam contribuir para essa hipótese é a representação de dois glifos portadores de ano em dois dos quadrantes do *quincunce* do códice *Mendoza*. Como vimos anteriormente, em tempos pré-hispânicos, cada um dos quatro rumos do universo era associado a um dos quatro glifos portadores do ano. Dessa maneira, a representação de uma casa no quadrante superior pode remeter ao glifo *calli*, embora seu estilo não corresponda à forma usual de representação deste glifo²²⁹. De forma complementar, Gordon Brotherston afirma que há um glifo portador de ano no centro do quadrante inferior: trata-se do glifo *acatl* (junco)²³⁰, localizado entre outras representações de vegetação deste fólio. Tal glifo poderia estar associado, então, ao rumo oriente, oposto do rumo ocidente²³¹. As representações desses dois glifos portadores de ano em quadrantes opostos indicariam que o sentido de leitura dos rumos seria anti-horário, isto é, da mesma forma que eram lidos em tempos pré-hispânicos²³². Contudo, a diferença de estilo dos supostos glifos mencionados e a ausência de outros dois glifos que seriam relacionados aos

²²⁸ ROBERTSON, Donald. *Mexican manuscript painting...*, pp. 65 e 98. BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Riel (ed.). *The Essential Codex Mendoza*, p. 4. BROTHERSTON, Gordon. *Op. cit.*, pp. 55-57. Gordon Brotherston também afirma que, em grande escala, a representação poderia aludir ainda às quatro províncias do império tributário dos mexicas.

²²⁹ De acordo com Frances Berdan e Patricia Anawalt, o glifo *calli* foi identificado como um *tecpan* (edifício de governo pré-hispânico), um *cabildo* (edifício de governo colonial) ou um templo de Huitzilopochtli. BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Riel (ed.). *Op. cit.*, p. 4.

²³⁰ O autor acredita que tanto os glifos *calli* quanto *acatl* estão relacionados à sequência dos anos do *xiuhmolpilli* que emolduram a representação do *quincunce* no fólio 2r do códice *Mendoza*. A sequência dos anos é iniciada pelo ano 2 *calli* (2 casa) e termina no ano 13 *acatl* (2 junco). BROTHERSTON, Gordon. *Painted books from Mexico*, p. 57.

²³¹ No quadrante direito, há um glifo de *tzompantli*. *Tzompantli* era o local no qual se expunham publicamente os crânios das pessoas que eram sacrificadas nas festas e rituais dos mexicas e de outros povos do centro do México. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*, p. 203. Pode-se especular, assim, que o glifo *tzompantli* estaria associado ao rumo *Mictlampa*, lugar dos mortos. Dessa forma, esse rumo corresponderia ao rumo norte.

²³² Como foi apresentado na primeira seção, o glifo portador de ano geralmente associado ao quadrante superior é *acatl*. No *quincunce* do códice *Mendoza*, entretanto, este quadrante é ocupado pelo glifo *calli* enquanto o glifo *acatl* é representado no quadrante oposto, isto é, o inferior.

quadrantes não permitem afirmações rígidas, ainda que remetam de forma sugestiva ao modelo cosmográfico mesoamericano²³³.

Ainda assim, tal como ocorre no fólio 1r do códice *Fejérváry-Mayer*, o fólio 2r do *Mendoza* apresenta uma relação entre representações de espaço e de tempo. Enquanto no manuscrito pré-hispânico os rumos são representados em conjunto com um ciclo completo dos dias do *tonalpohualli*, a história mexicana colonial representa o *quincunce* envolvido em uma espécie de moldura retangular, na qual há uma sequência de 51 anos do *xiuhmolpilli*²³⁴. Esta sequência de anos está preenchida na cor azul-turquesa e está orientada no sentido anti-horário. Assim, as características de cor e do sentido de leitura dos anos coincidem com as do *quincunce* descrito acima²³⁵. Penso que a coincidência entre a cor e o sentido de leitura do *quincunce* somado à sequência de anos tinha como objetivo tornar pressuposta a relação entre tempo e espaço ao longo da narrativa, na qual os rumos estão dispostos em sentido anti-horário, e, de forma que os anos percorreriam os quatro rumos ao longo da história mexicana.

Com base nas análises acima, é possível notar, portanto, a manutenção de uma característica pré-hispânica na representação do *quincunce* no fólio 2r do códice *Mendoza*, que é a delimitação de quatro quadrantes por meio de formas geométricas quadrangulares. Tomando como base as interpretações de Gordon Brotherston sobre o *quincunce* no códice *Mendoza*, mencionadas hipoteticamente acima, também pode-se inferir outras duas características pré-hispânicas, que seriam a representação de glifos portadores dos anos nos quadrantes e a orientação da leitura dos rumos seguindo o sentido anti-horário. Há também a manutenção da relação entre o *quincunce* e as representações de tempo – nesse caso, os anos do *xiuhmolpilli* – destacada pela utilização da mesma cor nas representações e mesmo sentido – anti-horário – de leitura.

Mas, ao mesmo tempo que ocorre a manutenção de características pré-hispânicas, a representação do *quincunce* também é modificada, a fim de adaptar-se ao contexto de escrita do códice *Mendoza*. A primeira seção deste manuscrito, cujo primeiro fólio com textos pictográficos é o 2r, tem como objetivo narrar a história das conquistas mexicanas realizadas durante o governo de cada um de seus nove *tlatoque*. Essa seção inicia-se com o relato da fundação de México-Tenochtitlan inserido em um *quincunce*. A representação dos quatro

²³³ Ana Guadalupe Díaz Álvarez afirma que os dois possíveis glifos portadores de ano mencionados seriam apenas elementos iconográficos associados à representação de México-Tenochtitlan. Comunicação pessoal em 20 de março de 2018.

²³⁴ Essa moldura, porém, apresenta um espaço no lado superior direito esquerdo.

²³⁵ Quanto ao sentido de leitura, refiro-me à hipótese levantada com base nas interpretações de Gordon Brotherston, considerando a possível representação de dois glifos portadores de ano em dois dos quadrantes do *quincunce* do códice *Mendoza*.

rumos e do centro, portanto, inaugura o mundo nessa história mexicana, representando espacialmente os rumos do universo plasmados nas quatro parcialidades de seu *altepetl*. Ou seja, no período colonial, quando o códice *Mendoza* foi produzido, México-Tenochtitlan ainda era representada mimeticamente como o centro do cosmos, cuja concepção de divisão em quatro partes possivelmente continua a existir.

A seguir, analisarei o códice *Aubin*, produzido cerca de cinquenta anos depois do códice *Mendoza*, e que também representa um *quincunce* na parte inicial do manuscrito (Figura 3.11). O fólio 2 deste manuscrito apresenta textos alfabéticos e pictoglíficos cujas informações diferem: as cinco linhas escritas em castelhano sintetizam a história narrada nos fólhos seguintes. Os textos pictoglíficos, por sua vez, representam o *quincunce* e uma sequência de 52 anos.

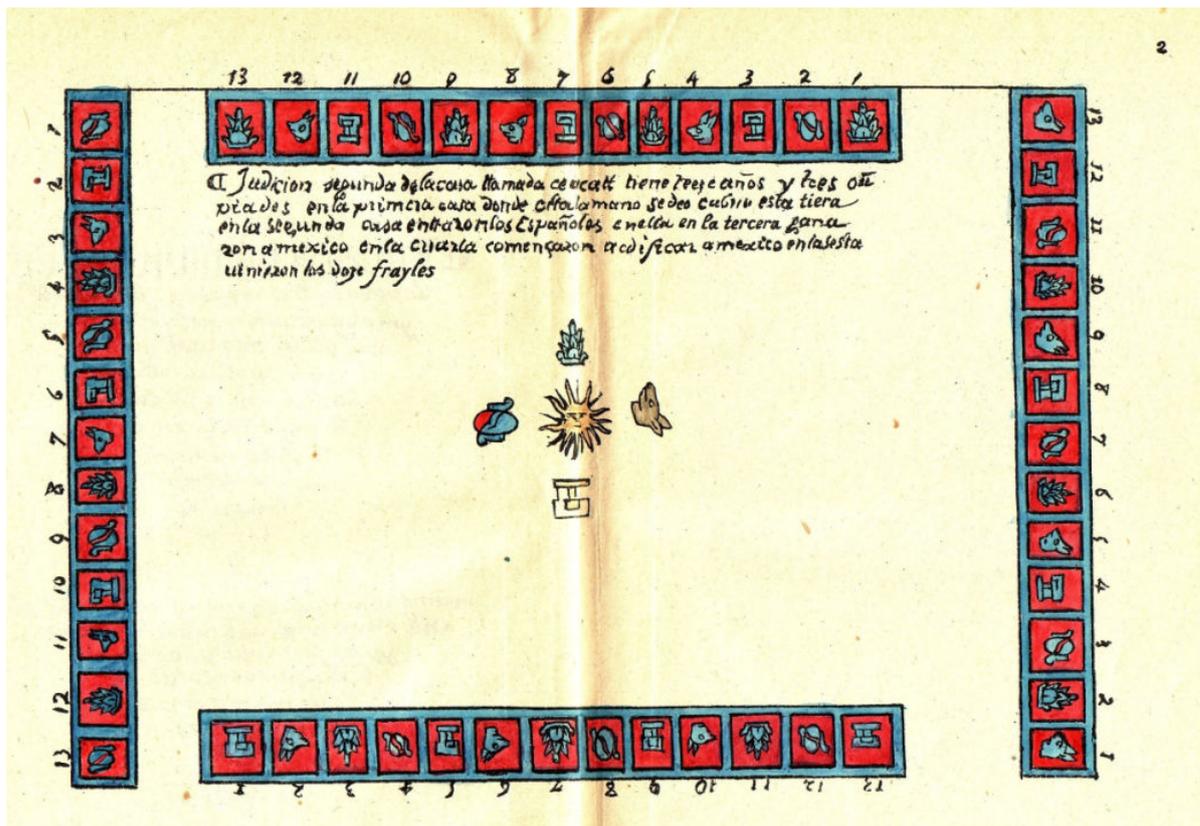


Figura 3.11 – Representação do *quincunce*. *Aubin*, fl. 2.

O *quincunce* do códice *Aubin* está localizado na parte central do fólio 2 por meio de cinco representações: um Sol e os quatro glifos portadores dos anos à sua volta. O Sol ocupa a posição central, enquanto os glifos *acatl* (junco), *tecpatl* (punhal de pedernal), *calli* (casa) e *tochtli* (coelho) são dispostos ao redor do Sol, respectivamente nas posições superior, esquerda, inferior e direita. Tal disposição dos glifos, portadores dos anos, caracteriza o

sentido de leitura dessa composição central do fólho como anti-horário. Dessa forma, os quatro glifos portadores dos anos corresponderiam aos quatro rumos do *quincunce*, cujo centro seria ocupado pelo Sol. Isto é, o espaço é evocado por meio do tempo.

A descrição acima evidencia, a princípio, uma diferença e duas semelhanças entre as representações de *quincunce* do códice *Aubin* e a dos códices *Mendoza* e *Fejérváry-Mayer*. A diferença está na inexistência de formas geométricas quadrangulares para a delimitação dos quadrantes; as semelhanças são as representações de glifos portadores dos anos correspondentes aos quatro rumos e a orientação destes no sentido anti-horário. Apesar dos glifos portadores dos anos não estarem dispostos em quadrantes, a configuração do *quincunce* tampouco ocorre a partir do modelo circular utilizado por outros povos mesoamericanos ou plasmados nas rodas calendárias representadas nas obras de Bernardino de Sahagún, Toribio de Motolinía e Diego Durán, produzidas com informantes indígenas e contemporâneas às histórias mexicas analisadas²³⁶. Por isso, mais do que um esquema cronológico, trata-se de uma representação cujos indícios apontados evocam concepções espaciais intimamente relacionadas às de tempo, e cuja configuração pode ser cotejada com outros exemplos produzidos por indígenas em tempos coloniais e pré-hispânicos, como vimos no códice *Mendoza* e *Fejérváry-Mayer*.

Nas margens do fólho 2 do códice *Aubin*, ainda, há uma sequência de 52 anos do *xiuhmolpilli*, que compõe uma espécie de moldura retangular com espaços. Tais espaços delimitam a divisão dos 52 anos em quatro grupos de 13 anos. Nesse fólho, os cartuchos dos anos contém um dos quatro glifos portadores, mas sem representar os glifos numerais²³⁷ – que são substituídos por algarismos arábicos, posicionados fora do cartucho, de 1 a 13. A sequência dos cartuchos dos anos e dos numerais evidencia que o sentido de leitura dos anos é anti-horário – o mesmo sentido dos rumos representados pelos quatro glifos portadores dos anos, como vimos acima. Os anos do *xiuhmolpilli* que emolduram o *quincunce* do fólho 2 do códice *Aubin*, portanto, mostram que as representações de espaço evocam as representações de tempo.

Diferentemente do que ocorre no fólho 2r do códice *Mendoza*, a sequência de anos do fólho 2 do códice *Aubin* não está associada a nenhum acontecimento da história mexica. Dessa forma, trata-se de um fólho explicativo e prévio à narrativa, cujo objetivo seria formular o

²³⁶ Cf. DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *Las formas del tiempo...*, pp. 201-231.

²³⁷ Nos fólhos seguintes do códice *Aubin*, os anos são representados por meio de um cartucho dentro do qual há um dos glifos portadores de anos (*acatl*, *tecpatl*, *calli* e *tochtli*) e glifos numerais (1 a 13 representações de contas).

funcionamento do *xiuhmolpilli*, relacionando-o com os quatro rumos representados pelos glifos portadores dos anos²³⁸.

As análises realizadas acima mostram, portanto, que a representação do *quincunce* do fólio 2 do códice *Aubin* manteve algumas características pré-hispânicas, com poucas diferenças. A primeira é a representação de glifos portadores dos anos como identificadores dos rumos, isto é, da correlação entre tempo e espaço; a segunda é a orientação da leitura do *quincunce* no sentido anti-horário. Apesar disso, os rumos não são delimitados por meio de formas geométricas, como ocorre nas representações do fólio 2r do códice *Mendoza* ou do fólio 1r do códice *Fejérváry-Mayer*.

Em suma, apesar da representação do *quincunce* ocorrer somente em duas das cinco histórias, as análises realizadas acima permitem a realização de inferências relacionadas a continuidades das concepções de espaço mexicas durante o período colonial inicial – ou, pelo menos, ao longo das cinco décadas que distanciam o códice *Mendoza* do códice *Aubin*.

As análises mostram que a utilização do *quincunce* nas histórias dos códices *Mendoza* e *Aubin* têm finalidades diferentes. No fólio 2r do códice *Mendoza*, a representação dos quatro rumos, cujo centro é México-Tenochtitlan, é parte da narrativa de fundação do *altepetl* mexica; os anos do *xiuhmolpilli* representados às margens do fólio contam o tempo da história mexica. Já o *quincunce* do fólio 2 do códice *Aubin* é representado previamente à história mexica, em um fólio cujo tema se diferencia do restante da narrativa; os anos representados às margens desse fólio não contam o tempo da história mexica, mas servem de modelo para entender como funcionava o ciclo de 52 anos do *xiuhmolpilli*.

Por outro lado, apesar das representações de *quincunce* não estarem presentes em outras histórias mexicas coloniais, o conceito no qual se baseia o *quincunce* continuou a ser representado nos códices mexicas coloniais por meio dos glifos portadores dos anos orientados em sentido anti-horário. A associação dos quatro rumos aos glifos *acatl*, *tecpatl*, *calli* e *tochtli* em torno de um centro era uma das várias qualidades às quais a representação do espaço horizontal de *Tlalpan* poderia ter em tempos pré-hispânicos, tal como foi explicado na primeira parte do capítulo com o exemplo do fólio 1r do códice *Fejérváry-Mayer*. Essa continuidade ocorre, ainda que parcialmente, nas histórias dos códices *Mendoza* e *Aubin*

²³⁸ O texto alfabético em nahuatl presente no fólio 1 do códice *Aubin*, analisado no Capítulo 2, corrobora essa inferência; nesse texto, o ciclo calendário é explicado brevemente por meio de quatro partes de 13 anos que totalizam 52 anos. Além disso, há correspondência das posições do glifo portador de ano do *quincunce* e do primeiro e último glifo de ano do conjunto disposto na margem. Por exemplo: o glifo portador de ano *acatl* (junco) está localizado na posição superior do *quincunce*, no centro página, acima do Sol; o mesmo glifo está presente no primeiro e último ano do conjunto de anos localizado na margem superior do fólio, que são, respectivamente, os anos 1 *acatl* (1 junco) e 13 *acatl* (13 junco).

porque inauguram o mundo mexica na narrativa e explicam onde se passa a narrativa que virá adiante.

Dessa forma, pode-se concluir que as diferenças das representações pictográficas do *quincunce* nos códices *Mendoza* e *Aubin* não seriam suficientes para inferir uma transformação total das concepções de espaço mexicas pré-hispânicas. Pelo contrário, ocorre a manutenção da divisão do universo em quatro rumos e um centro, ainda que de maneira flexibilizada nas histórias. E, ao mesmo tempo, os rumos perdem algumas de suas qualidades próprias, com exceção de sua relação com os glifos portadores dos anos²³⁹. A diminuição das características do esquema cosmográfico podem ser notadas, por exemplo, na homogeneização dos rumos por meio da utilização de uma mesma cor para designá-los, como ocorre no códice *Mendoza*, ou pela ausência das formas de quadrantes, como vimos no códice *Aubin*.

3.3 As representações dos topônimos de paisagem e de *altepetl* nas histórias mexicas

Como mencionado na primeira seção deste capítulo, os topônimos de paisagem e *altepetl* são abundantes nas histórias mexicas coloniais. Essas representações de lugares de paisagem e *altepetl*, ou seja, de lugares da paisagem e entidades políticas, estão registradas nas histórias mexicas coloniais tanto por meio da escrita pictográfica, quanto da escrita alfabética. No primeiro capítulo da dissertação vimos que a presença desses dois tipos de escrita ocorre de forma desigual nas histórias mexicas, devido à gradual introdução dos textos alfabéticos ao longo do século XVI. Assim, os glifos toponímicos, inicialmente predominantes, vão dando gradualmente dando espaço às representações em alfabeto latino. Esse processo de substituição pode ser detectado a partir da tendência da introdução de glosas e gradual substituição das representações pictográficas pelos textos alfabéticos que ocorreu ao longo do século XVI e que foi consolidado no início do século XVII. De modo que, os topônimos de paisagem e de *altepetl* são representados de três maneiras nas histórias mexicas coloniais: a) unicamente por meio de glifos; b) por meio de glifos e em alfabeto latino, com glosas próximas ao glifo ou com palavras citadas ao longo de uma frase; e c) unicamente em alfabeto latino, por meio de palavras incluídas em textos mais longos, os quais mencionam e, até mesmo, descrevem os lugares.

²³⁹ Com base na hipótese mencionada anteriormente, considera-se a possibilidade de que os glifos portadores dos anos estejam representados no *quincunce* do códice *Mendoza*.

As representações pictográficas ou alfabéticas de topônimos de paisagem ou de *altepetl* ocorrem ao longo dos três períodos narrados nas histórias mexicas, isto é, no período da migração, no período imperial e no período colonial. Contudo, nem todos os períodos são contemplados em todas as narrativas, uma vez que cada uma delas foi produzida com objetivos e destinatários distintos. Dessa forma, os códices *Boturini* e *Mendoza* tratam, respectivamente, do período da migração mexica e do período dos sucessivos governos dos *tlatoque* mexicas – também conhecido como período imperial. As outras três histórias contidas no *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Aubin* narram os dois períodos citados anteriormente e o período colonial.

Em cada um desses três períodos, os topônimos de paisagem e de *altepetl* são acionados nas histórias para narrar temáticas específicas. Dessa forma, as funções dos topônimos foram analisadas nas histórias mexicas coloniais conforme os personagens e eventos relacionados à representação dos lugares²⁴⁰. No período da migração mexica há topônimos com a função de lugar de origem e de lugar de passagem. Já no período imperial as principais funções são as do lugar fundacional de México-Tenochtitlan e os lugares de conquista. Por fim, o período colonial contempla topônimos que são exteriores à Mesoamérica, e cuja função seria integrar o mundo hispânico às histórias mexicas.

Dessa maneira, irei analisar as representações toponímicas quanto a seus tamanhos, comparados entre si e a outras representações pictográficas, e quanto aos tipos de topônimos acionados nas narrativas. A partir das diferenças e semelhanças levantadas entre as representações toponímicas nos códices, e em relação ao panorama pré-hispânico, exemplificado na primeira parte do capítulo, irei inferir as continuidades e transformações que caracterizam a concepção de espaço mexica durante o período colonial.

3.3.1 O período da migração: os lugares de origem e os lugares de passagem

O primeiro período narrado nas histórias mexicas é o da migração. Esse período é iniciado pela saída dos mexicas de Aztlán ou Chicomoztoc. Imediatamente em seguida, passam por locais reiteradamente citados em outras histórias nahuas, como Colhuacan, e,

²⁴⁰ Utilizo contexto narrativo com base na metodologia presente na dissertação de Ana Cristina de Vasconcelos Lima. Em sua pesquisa sobre os códices mixtecos pré-hispânicos, a autora analisa as deidades mixtecas através de suas ações, ou seja, a função que exercem nas narrativas dos manuscritos, enfatizando, portanto, o contexto narrativo em que participam as deidades e não apenas sua iconografia ou simbologia. Nessa pesquisa, analiso as características formais dos topônimos, com o intuito de mapear possíveis mudanças e continuidades nessas representações desde tempos pré-hispânicos, mas também compreender a função narrativa das representações toponímicas, para, assim, inferir características que compõem as concepções de espaço presentes nos códices mexicas coloniais. Cf. LIMA, Ana Cristina de Vasconcelos. *Os agentes nas histórias mixtecas...*

depois passam por vários outros lugares até fundarem seu *altepetl*. Durante esse caminho, as narrativas registram a saída e chegada dos mexicas em vários locais de paisagem ou políticos, indicando quanto anos durou sua estadia. O fim desse período é marcado pela fundação do *altepetl* de México-Tenochtitlan²⁴¹.

O período da migração é narrado nas histórias dos códices *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Boturini*²⁴². Apesar das diferenças que essas histórias apresentam em relação aos topônimos recorrentemente mencionados, as quatro narrativas acionam as representações de topônimos de paisagem e de *altepetl* de maneira temática, com a finalidade de identificar lugares de origem e de passagem.

Por isso, a seguir, serão analisados os lugares de origem e de passagem representados durante o período da migração nas histórias mexicas coloniais. Os lugares de origem mencionados nas narrativas são Aztlán e Chicomoztoc, que são seguidos imediatamente pelo primeiro lugar de passagem ao longo da migração, que é Colhuacan. Esses lugares serão analisados em conjunto, pois configuram lugares de origem sequenciais, a partir dos quais passam a ser representados lugares de passagem de forma seriada, que serão analisados em seguida e exemplificadas por meio de Tolpetlac. As representações desses topônimos são analisadas a seguir, com o objetivo de exemplificar como esses lugares são acionados nas narrativas por meio do contexto em que aparecem nas histórias mexicas coloniais.

²⁴¹ Exceto o códice *Boturini*, que termina sua narrativa antes da fundação do *altepetl* mexica.

²⁴² A narrativa do códice *Mendoza* não trata desse período. Durante esse período, são mencionados 46, 40, 31 e 25 topônimos, respectivamente, nas narrativas dos códices *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Boturini*. Entre as histórias contidas nos códices *Boturini*, *Aubin* e *Manuscrito 40* há 21 lugares recorrentemente mencionados, no percurso entre Colhuacan e Amallinalpan. O códice *Aubin* apresenta outros 8 lugares não mencionados no *Boturini* e *Manuscrito 40*. A partir dessa recorrência dos lugares e de outros tipos de representações coincidentes nessas três histórias, tais como os textos alfabéticos, alguns estudiosos classificaram as narrativas da migração mexica dos códices *Boturini*, *Aubin* e *Manuscrito 40*. Para Patrick Johansson, o códice *Aubin* e o *Manuscrito 40* teriam copiado a história da migração narrada no códice *Boturini*, também presente no *Manuscrito 85*. JOHANSSON K., Patrick. *La palabra, la imagen y el manuscrito...* Já María Castañeda de la Paz afirma que a narrativa da migração mexica presente nos três manuscritos teria como base um protótipo comum pré-hispânico ou colonial, chamado *Códice Y*. CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. *Conflictos y alianzas en tiempos de cambio...* Walter Lehmann trata os manuscritos como aparentados e adiciona o *Manuscrito 85* e o *Manuscrito 217* ao grupo. KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Geschichte der azteken...* Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1981.

O códice *Vaticano A*, por sua vez, menciona apenas 8 dos lugares recorrentes nas outras três narrativas, além de outros topônimos não recorrentes. De acordo com Donald Robertson, o relato da migração no códice *Vaticano A* tem origem diferente da que está presente nas histórias dos códices *Boturini*, *Aubin* e *Manuscrito 40*: trata-se de uma tentativa de adaptação de formato de informações que provavelmente estavam contidas em um mapa produzido de acordo com as tradições de Texcoco. ROBERTSON, Donald. *Op. cit.*, pp. 109-110. As inferências de Robertson são feitas à seção histórica do códice *Telleriano-Remensis*, cujo conteúdo é quase idêntico ao da história narrada no *Vaticano A*, de acordo com autor.

3.3.1.1 Lugares de origem e os primeiros lugares de passagem: Aztlan e Chicomoztoc e Colhuacan

De acordo com as histórias analisadas, os mexicas iniciam a migração a partir de um local de origem e se deslocam, em seguida, por vários lugares, com o objetivo de se assentar e fundar seu próprio *altepetl*. O local de origem da migração, entretanto, não é coincidente em todas as histórias mexicas coloniais. Dois lugares são representados nas histórias analisadas de forma sequencial: Aztlan e Chicomoztoc. As histórias dos códices *Boturini*, *Aubin* e *Manuscrito 40* representam Aztlan como lugar de origem dos mexicas, enquanto a história do *Vaticano A* representa Chicomoztoc como local de início para a migração.

Independente do local de origem da migração, Aztlan e Chicomoztoc são representados por meio composições de glifos e características figurativas ou por meio de palavras em alfabeto latino. Além disso, são lugares associados a representações de paisagem, personagens e eventos, isto é, os topônimos são contextualizados na narrativa. Esses outros tipos de representação compõem-se com Aztlan e Chicomoztoc formando um conjunto de textos pictográficos e alfabéticos que ocupa até mesmo um fôlio inteiro dos manuscritos. Dessa forma, os locais são qualificados por meio de elementos que evocariam atributos de seu ambiente, personagens e eventos – e não por seus glifos toponímicos, como geralmente ocorre nas representações de lugares nas histórias mexicas coloniais. Por isso, as análises das representações pictográficas e em alfabeto latino de Aztlan e Chicomoztoc tratarão do destaque dado a esses dois lugares por meio do tamanho das representações pictográficas em relação aos personagens e datas que, por sua vez, também serão analisados como elementos qualificadores dos lugares, demonstrando a primazia desses lugares nas narrativas.

Aztlan²⁴³ é representada nos códices *Boturini* e *Aubin*, e também é citada no *Manuscrito 40*. De acordo com essas histórias, Aztlan é um local de origem e início da história mexica. Ao sair deste local, os migrantes teriam o nome de astecas, por serem, até então, habitantes de Aztlan. Seu gentílico muda para mexicas por ordem de sua deidade patrona, Huitzilopochtli, depois de determinado momento da migração, após a passagem por

²⁴³ O topônimo Aztlan apresenta uma série de significados contraditórios entre as fontes, tal como Federico Navarrete Linares afirma, explicando as cinco etimologias do nome do local. As possíveis traduções seriam “lugar das garças”, “lugar da brancura”, “junto às formigas” (no códice chamado *Azcatitlan*), “lugar dos caniços” e como nome derivado de uma árvore chamada *azcuahuitl*. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 93-113.

lugares, tais como Chicomoztoc e Colhuacan, e da realização de sacrifícios e recebimento de armas, como o arco e a flecha, como veremos adiante²⁴⁴.

No códice *Boturini*, a representação de Aztlan divide o primeiro fólio do manuscrito com outro lugar, Colhuacan. Aztlan é representada do lado esquerdo do fólio e ocupa cerca de metade de sua área gráfica, delimitada por uma linha ondulada na forma aproximada a um retângulo, cuja aresta esquerda não é desenhada (Figura 3.12). No interior desse retângulo encontram-se uma forma aproximada de retângulo oval, também composta por uma linha ondulada do lado esquerdo. Trata-se da representação de um lago, dentro do qual está uma ilha, ambos vistos de cima. O retângulo oval, ou a ilha, contém o glifo de um templo, rodeado por seis glifos de casas, estando três de cada lado do glifo de templo. No cume do templo encontra-se um glifo, provavelmente composto por uma flecha ou pelo signo *acatl* (junco) e o signo *atl* (água)²⁴⁵. Na parte inferior da ilha há, por fim, duas representações antropomorfas, sendo que, ao lado de uma delas, está representado seu glifo antroponímico²⁴⁶. Do lado direito da ilha, há uma representação antropomorfa sobre uma canoa, em vista lateral, segurando um remo, com o corpo preenchido ou sombreado de preto – o que leva os estudiosos desse manuscrito a identificarem tal representação como um sacerdote. Dessa forma, a representação pictográfica de Aztlan ocorre por meio de um conjunto de glifos e características figurativas, cuja identificação, no códice *Boturini*, é realizada por meio da ilha lacustre com a presença de um templo e casas²⁴⁷. Esse conjunto de representações é maior que os personagens, que são, até mesmo, representados dentro das linhas que formam a ilha e, portanto, apresenta destaque na narrativa, sendo maior, até mesmo, que a representação de

²⁴⁴ Há outros manuscritos do período colonial, contudo, que não associam os mexicas a Aztlan. Os estudos de Federico Navarrete Linares e María Castañeda de la Paz, por exemplo, tratam das diferentes versões sobre os lugares originários dos mexicas e outros povos do altiplano central mexicano. *Ibidem*. CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. *Op. cit.*

²⁴⁵ JOHANSSON K., Patrick. *Arqueología Mexicana...*, p. 18-19. Esse glifo é associado a Aztlan de maneira polêmica à Aztlan por Patrick Johansson. Segundo Federico Navarrete Linares, o estudioso Eduard Seler identificou esse glifo como um topônimo que poderia ser lido como Aztapillan, ou “lugar dos juncos”, mas que parece distante de Aztlan em termos fonéticos. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 103-113. Além disso, Ana Díaz Guadalupe Álvarez destaca que o mesmo glifo que aparece sobre o templo no fólio 1 do códice *Boturini*, está presente também nos fólios 3 e 4 (Figura 3.15, na região centro superior no fólio 3 e na região direita no fólio 4, respectivamente), relacionado a personagens. A recorrência desse glifo em outro contexto mostra, segundo a autora, que este glifo não é toponímico, mas estaria possivelmente relacionado a atividades cerimoniais – já que encontra-se associado a um templo, no fólio 1, e está relacionado a um personagem que faz um sacrifício, no fólio 4. DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. Comunicação pessoal em 20 de março de 2018.

²⁴⁶ O nome dessa personagem é identificado pelos estudiosos como Chimalma, devido ao glifo antroponímico de escudo. JOHANSSON K., Patrick. *Arqueología Mexicana...*, *loc. cit.*

²⁴⁷ De acordo com Elizabeth Hill Boone, há lugares nas histórias que não são geralmente representado por meio de glifos toponímicos, mas sim por suas características físicas – como é o caso de Aztlan e Chicomoztoc. BOONE, Elizabeth Hill. *Stories in red and black...*, p. 54. De forma semelhante, María Castañeda de la Paz deduz que Aztlan era em si mesmo um topônimo descritivo que aludia a uma paisagem. CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. *Op. cit.*, pp. 64-66.

Colhuacan, no lado direito do mesmo fólio. Além disso, a representação de Aztlan antecede a primeira representação de ano do *xiuhmolpilli*, o que evidencia sua primazia na narrativa. E, por fim, Aztlan é caracterizada também pelos personagens e eventos, que são os mexicas dando início à migração pela travessia do lago.

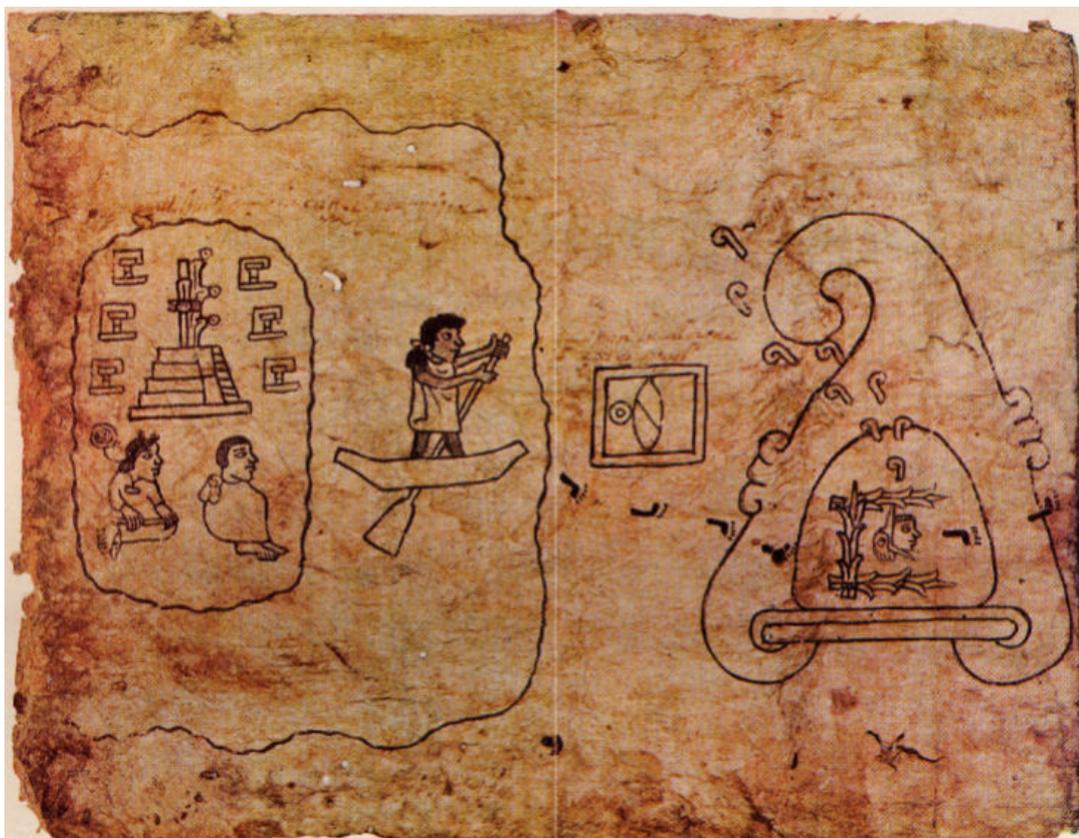


Figura 3.12 – Representação de Aztlan. *Boturini*, fl. 1.

A representação de Aztlan como lugar de origem dos mexicas também ocorre no códice *Aubin* (Figura 3.13). Assim como ocorre no códice *Boturini*, Aztlan é apresentada em tamanho maior do que qualquer outra representação contida no fólio 3 e também precede a representação do primeiro ano do *xiuhmolpilli*, que ocorre somente no fólio 5. Nessa narrativa, Aztlan também é caracterizada por sua paisagem lacustre, tanto por meio de representações pictográficas, no fólio mencionado, quanto por meio dos textos em nahuatl, no fólio 4. O texto em nahuatl menciona, ainda, que os mexicas estavam divididos em quatro *calpulli*²⁴⁸.

²⁴⁸ “Nican ycuiliuhtica yn itlatollo yn ompa huallaque y mexica yn itocayocan Aztlan. Ca anepantla yn ompa vallevaque ca nauhcalpoltin”, isto é, “aqui está escrita a que é sua história; de lá vieram os mexicas, de um lugar chamado Aztlan, que está no meio da água, de onde partiram os quatro calpulli”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol realizada por Charles E. Dibble e Minerva Colin Miranda. DIBBLE, Charles E. *Codex Aubin...*, p. 18. COLIN Miranda, Minerva. *Un tiempo, un espacio, un pueblo...*, p. 116. Como mencionado no Capítulo 1, os *calpulli* são unidades territoriais baseadas no parentesco e em uma



Figura 3.13 - Representação de Aztlan. *Aubin*, fl. 3.

Já no *Manuscrito 40* Aztlan é mencionada no fôlio 2r e apenas no texto alfabético em nahuatl. A citação apresenta Aztlan como local de partida e também fornece características sobre a paisagem lacustre, representada pictoglificamente nos códices *Boturini* e *Aubin*²⁴⁹.

Em suma, as representações pictográficas ou alfabéticas de Aztlan demonstram que esse lugar tinha destaque nas narrativas dos códices *Boturini* e *Aubin* por meio do destaque dado por seu tamanho ampliado nos fôlios iniciais das narrativas, e por anteceder a conta dos anos do

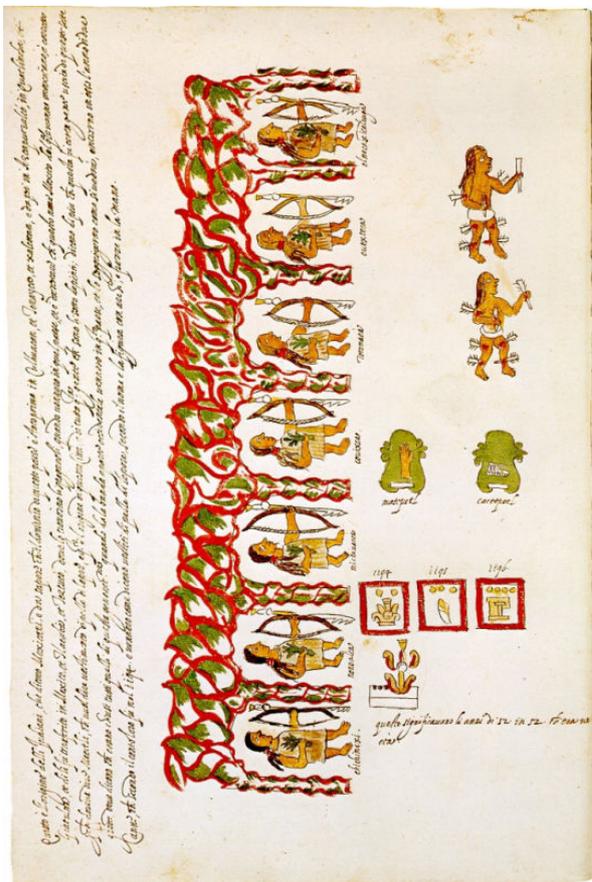
xiuhmolpilli. No entanto, no *Manuscrito 40*, esse destaque é diminuído, de forma que as descrições e qualidades do local são fornecidas apenas por meio dos textos alfabéticos. Apesar das diferenças que cada história apresenta, Aztlan é representada como um local exclusivo de início da migração mexicana.

Contudo, Aztlan não é o único local de origem representado nas histórias mexicas. Como mencionado anteriormente, o códice *Vaticano A* inicia a narrativa por meio de outro local, que é Chicomoztoc. As representações pictográficas ou em alfabeto latino de Chicomoztoc tratam do encontro dos mexicas com outros povos, da realização de sacrifícios e do recebimento de armas.

origem comum, traduzidos como *barrios* pelos castelhanos ao longo do período colonial. De acordo com alguns estudiosos, como Benjamin Johnson, a tradição de se referir ao *calpulli* como *barrio* perdurou entre os pesquisadores dos séculos XIX e XX, ainda que muitos estudos tenham sido realizados a fim de caracterizar melhor as especificidades de tal unidade territorial. JOHNSON, Benjamin D. "Introduction: history and tlaxilacalli" in: *Pueblos within Pueblos: Tlaxilacalli Communities in Acolhuacan, Mexico, ca. 1272–1692*. Boulder: University Press of Colorado, 2017.

²⁴⁹ "Nican hiecuiliuhtoc yn itla(to)lo yn onpa hulaque yn mexica yn itocayocan yn aztlan Ca huehiah anepantla yn onpa hualaque", ou seja, "Aqui está escrita a história de quando vieram os mexicas de um lugar chamado Aztlan; assim, vieram em meio à água". Tradução minha com base na paleografia e tradução ao espanhol realizada por Xóchitl Medina González. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Histoire mexicaine depuis...*, pp. 65-66.

No códice *Vaticano A*, Chicomoztoc é representada no centro do fólio 66v (Figura 3.14) por uma espécie de recinto quadrangular visto de cima e em corte²⁵⁰, com uma faixa larga e vertical do lado esquerdo, da qual saem oito faixas estreitas e horizontais, originando uma composição unificada com sete aberturas do lado direito. Tal composição é definida por meio de linhas onduladas na cor vermelha. Já os espaços formados pelas linhas são deixados sem preenchimento ou então na cor verde. Dentro das sete aberturas há sete representações antropomorfas em perfil, orientadas para a parte superior do fólio, portando ervas em uma mão e um arco com flecha na outra. Abaixo de seus pés constam sete glosas, indicando que cada uma dessas personagens antropomorfas representaria um povo; são eles: olmecaxicaldunga (olmecas xicalancas), cuexteca (huastecas), totonaca (totonacas), couixca (couixcas), michiuacca (michoacanos), nonoalca (nonoalcas) e chichimexi (chichimecas)²⁵¹.



Trata-se, assim, da maior representação presente neste fólio, o que evidencia o destaque dado para esse lugar de origem na narrativa do códice *Vaticano A*. A primazia de Chicomoztoc em relação aos personagens e datas, ocorre, ainda, de forma semelhante à representação desse local na *História Tolteca-Chichimeca*, como vimos no início do capítulo²⁵². Além disso, à semelhança do que ocorre com Aztlán nos códices *Boturini* e *Aubin*, Chicomoztoc é representada antes da primeira representação de ano do *xiuhmolpilli*.

Figura 3.14 – Representação de Chicomoztoc. *Vaticano A*, fl. 66v.

²⁵⁰ A vista em corte é uma das soluções figurativas presentes nos códices mexicas coloniais. Cf. SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Os códices mexicas: soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica”...

²⁵¹ Indo além da representação central que foi descrita, Federico Navarrete Linares também relaciona Chicomoztoc com as duas representações antropomorfas, presentes no lado superior direito do fólio 66v. Segundo o autor, trata-se de representações de auto-sacrifício, isto é, um dos tipos de rituais que ocorriam com a passagem de migrantes nesse local. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, p. 140.

²⁵² Outro exemplo de história mexica colonial que apresenta Chicomoztoc de forma destacada é o códice *Azcatitlan*, no qual esse local é representado com tamanho grande e atributos de paisagem. Além disso, embora o códice *Vaticano A* apresente praticamente o mesmo conteúdo do códice *Telleriano Remensis*, este não representa Chicomoztoc em sua narrativa.

Ferdinand Anders e Maarten Jansen afirmam que essa composição seria uma grande parede de rocha, cujas aberturas seriam as sete cavernas, citadas em outros manuscritos²⁵³. Chicomoztoc é representada no códice *Vaticano A*, no fólio 66v, como um local de início da migração de sete povos. Entretanto, as glosas em italiano presentes no fólio não indicam que o nome do local é Chicomoztoc e, tampouco, esclarece se os mexicas teriam saído ou passado por este local. De qualquer forma, a representação pictográfica de Chicomoztoc é o primeiro lugar representado na história mexicana do *Vaticano A* e é definida por meio de atributos da paisagem²⁵⁴, assim como ocorre com Aztlán nos códices *Boturini* e *Aubin*. No caso da história do códice *Vaticano A*, Chicomoztoc é representada por meio de uma parede rochosa com aberturas e personagens. Chicomoztoc também não é um local de origem exclusivamente mexicana, já que outros povos se encontram lá e iniciam suas próprias migrações.

Em suma, as análises do tamanho dos lugares de origem nos fólhos e da relação com outras representações demonstram que esses locais tinham destaque nas narrativas mexicas e antecediam, até mesmo, as representações dos anos do *xiuhmolpilli*. Isso demonstra a primazia que os lugares de origem tinham nas narrativas, e que, no *Manuscrito 40*, é diminuída por meio da ausência de representações pictográficas. Esse destaque dado às primeiras representações de lugares das narrativas também ocorria na narrativa histórica do anverso do códice *Zouche Nuttall*. Embora, naquele caso, Tilantongo não seja um lugar de origem, é o primeiro lugar representado na narrativa do lado anverso e, tal como Aztlán e Chicomoztoc, apresenta tamanho maior em relação a outras representações. No decorrer das análises de outros tipos de lugares representados nas histórias, veremos que esse destaque ocorria somente em relação a alguns tipos de lugares, representados juntamente com seus personagens e eventos, que, por isso, são mais importantes do que outros.

Embora Aztlán e Chicomoztoc, sejam dois lugares que parecem inicialmente distintos, as histórias dos códices *Boturini*, *Manuscrito 40* e *Aubin* também mencionam eventos semelhantes àqueles relacionados a Chicomoztoc no códice *Vaticano A*, como o encontro dos mexicas com outros povos²⁵⁵. Contudo, nessas três histórias, esses eventos ocorrem em outros lugares, como Colhuacan, que é os primeiros lugares pelos quais os mexicas passam, após

²⁵³ ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religión, costumbres e historia...*, p. 288.

²⁵⁴ De acordo com Elizabeth Hill Boone, Chicomoztoc é um exemplo de local que não é geralmente representado por meio de glifos toponímicos, mas por suas características físicas. BOONE, Elizabeth Hill. *Stories in red and black...*, p. 54.

²⁵⁵ Além do encontro dos mexicas com outros sete o oito povos, outros acontecimentos relacionados a Chicomoztoc, Colhuacan nas histórias são: A) o carregamento de Huitzilopochtli, deidade patrona dos mexicas, por quatro pessoas, B) o recebimento de armas e insígnias, C) A Mudança do gentílico astecas para mexicas, e E) a separação entre a migração mexicana e a migração dos outros povos após a passagem por esses locais.

terem saído de Aztlan. Por isso, analiso, a seguir, as representações de Colhuacan, que pode ser entendido como um lugar de passagem sequencial aos lugares de origem.

No códice *Boturini*, a representação de Colhuacan ocorre logo após a representação de Aztlan e do ano 1 *tecpatl* (1 *punhal de pedernal*), no primeiro fôlio do manuscrito (Figura 3.15, acima e à esquerda). Trata-se de uma composição de glifos localizada ao lado direito do fôlio e que ocupa tamanho semelhante à representação de Aztlan, localizada do lado esquerdo do fôlio. O glifo toponímico de Colhuacan é representado por uma espécie de gancho ou curvatura na parte superior do glifo de montanha, referindo-se ao nome do lugar, traduzido como “lugar dos avós” ou “lugar encurvado”²⁵⁶. Além disso, o glifo toponímico apresenta vista em corte²⁵⁷, produzindo uma forma oval, dentro da qual se encontram a cabeça da deidade Huitzilopochtli e volutas de palavra, além de representações de vegetação²⁵⁸. Por fim, as volutas de palavra indicam que Huitzilopochtli teria dado ordens aos mexicas desde o interior desta caverna – e que o resultado de suas ordens estariam nos fôlios seguintes. Dessa forma, comparando o tamanho da representação de Colhuacan com os personagens e outros tipos de representações, nota-se o destaque que esse local tem juntamente com Aztlan no início da narrativa do códice *Boturini*.

No fôlio 2 (Figura 3.15, acima e à direita), os mexicas se encontram com outros oito povos, identificados por seus glifos etnonímicos posicionados ao lado de glifos de casas²⁵⁹. Em seguida, são representadas quatro pessoas que seriam os *teomama* ou *carregadores do deus*, isto é, os encarregados de levar Hutzilopochtli ao longo da migração mexica. Tais representações são acompanhadas de glifos antroponímicos, de forma que seus nomes eram Quauhcoatl, Apanecatl, Tezacacoatl e Chimalman²⁶⁰.

²⁵⁶ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 113-116. Colhuacan também é o nome de um *altepetl* que foi contemporâneo a México-Tenochtitlan, do século XIV em diante, localizado ao sul do Vale do México e com o qual os mexicas tiveram uma relação complexa, pois foram primeiramente dominados e pagavam tributos aos colhuas e, posteriormente, a relação se inverteu com as conquistas bélico-tributárias dos tenochcas.

²⁵⁷ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*

²⁵⁸ Acxoyatl ou abeto, segundo Patrick Johansson. JOHANSSON K., Patrick. *Arqueología Mexicana...*, p. 20. Esta forma oval, por sua vez, é associada a Quinehuayan Oztotl por Patrick Johansson, transpondo a relação entre Colhuacan e Quinehuayan, mencionada no códice *Aubin* e o *Manuscrito 40*.

²⁵⁹ Cf. JOHNSON, Benjamin. *Op. cit.* Benjamin D. Johnson afirma que a ligação de um glifo etnonímico a um glifo de casa poderia se tratar da unidade política conhecida como *tlaxilacalli*. De acordo com o autor, *tlaxilacalli* – que é um pseudo-cognato de *calpulli* – designa um centro comunal com demarcação de terras, uma paisagem sagrada local, uma minoria étnica, uma unidade de trabalho ou tributo, um assentamento coletivo de terra e uma hierarquia política local. As representações pictográficas deste trecho do códice *Boturini* também ocorrem no códice *Aubin* associadas, ainda, a textos alfabéticos em nahuatl, que registram, por sua vez, a palavra *calpolli*.

²⁶⁰ JOHANSSON K., Patrick. *La palabra, la imagen y el manuscrito...*, pp. 341-350.

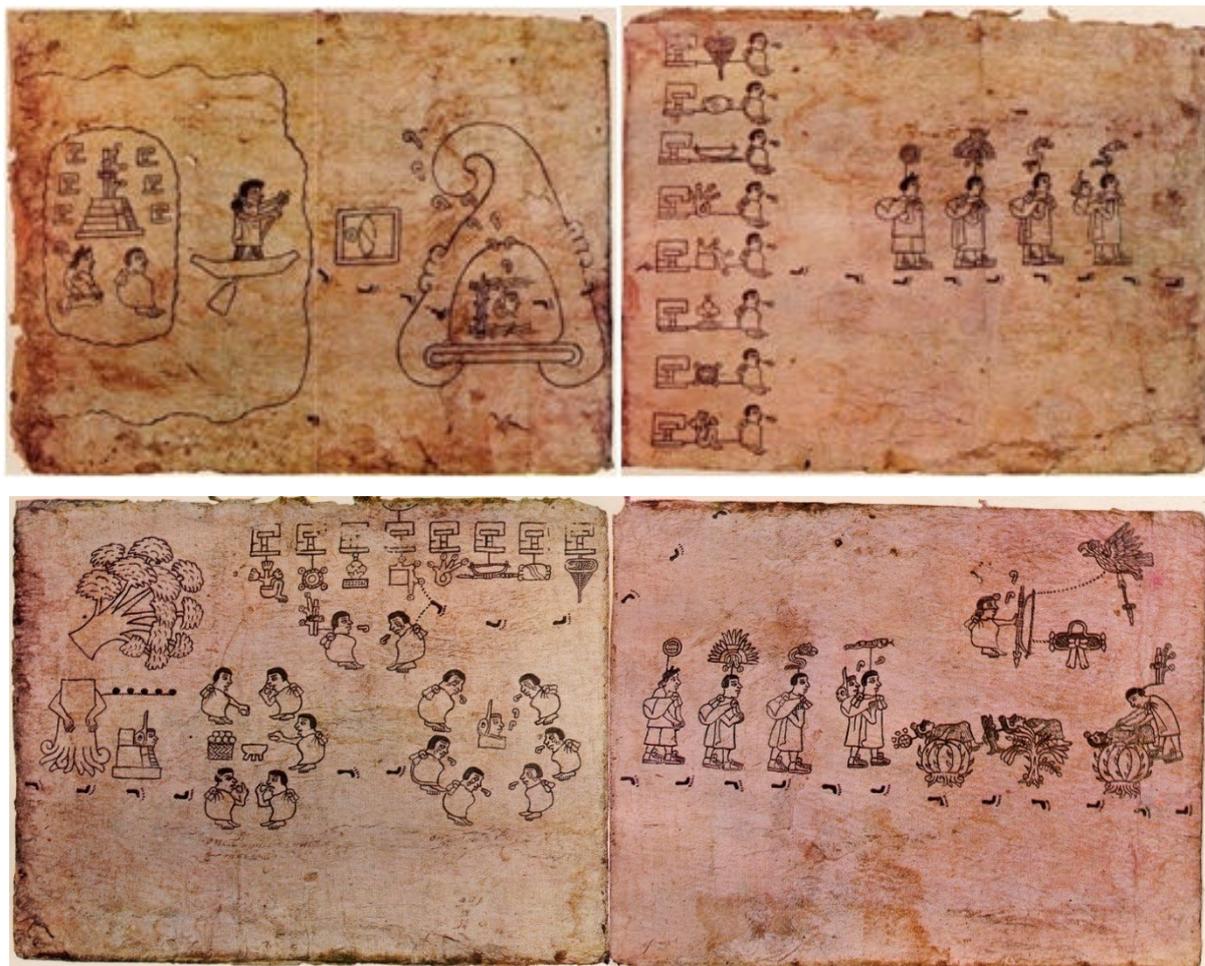


Figura 3.15 – Representação do encontro dos mexicas com outros povos e de outros eventos após a passagem em Colhuacan. *Boturini*, fls. 1-4.

As pegadas de pés, *icxipetlalli* ou *xocpalli*, denotam a ação de caminhar ou se deslocar e mostram que a narrativa avança para os fólhos 3 e 4 do códice *Boturini* (Figura 3.15, abaixo). Assim, na parte superior do fólho 3 do *Boturini* ocorre a separação entre a migração mexica e a migração dos outros povos por ordem de Huitzilopochtli, enquanto, no fólho 4, a deidade mexica presenteia os mexicas com objetos, dentre os quais estavam armas, isto é, o arco e a flecha²⁶¹.

²⁶¹ Embora a glosa do fólho 66v do códice *Vaticano A* não mencione Huitzilopochtli, os mexicas saíram de Chicomoztoc com arcos e flechas: "dicono di piu che questa fu certa gente uscita di queste sete grotte [...] e vennero come dicono [...] con archi, e frezze in la mano", isto é, "Dizem, ademais, que esta foi certa gente gente que saiu destas sete cavernas [...] e vieram, como dizem, [...] com arcos e flechas na mão". ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religión, costumbres e historia...*, pp. 290-291. Segundo o *Manuscrito 40*, esses objetos teriam sido dados pela deidade mexica em Chicomoztoc. "En donde se les aparecio el ydolo puso las señales y dio el arco y la flecha y el chymale/red en q guardan sus jicaras dycen qu era chicomostoc", ou seja, "onde apareceu-lhes o ídolo [Huitzilopochtli] pôs os sinais e [lhes] deu o arco e a flecha, e o chimale/rede na qual guardam suas vasilhas, dizem que era Chicomoztoc". Tradução minha feita com base na paleografia e tradução de Xóchitl Medina González. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*, p. 64.

De acordo com Carla de Jesus Carbone o recebimento de armas e a separação das migrações são importantes para anunciar a superioridade que os mexicas irão alcançar mais adiante em sua narrativa histórica em relação a outros *altepeme*²⁶². Dessa forma, os acontecimentos que ocorrem em Colhuacan, ou após a passagem por esse lugar, são fundamentais para definir a identidade histórica mexica, diferenciando sua migração da que outros povos nahuas fizeram, sobretudo por meio das ordens da deidade Huitzilopochtli.

Contudo, o destaque dado à representação de Colhuacan no códice *Boturini* não é o mesmo nas narrativas dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*. No códice *Aubin*, por exemplo, esse lugar não é mencionado por meio de glifos²⁶³. Já no *Manuscrito 40*, Colhuacan é representada por meio de seu glifo toponímico, mas com tamanho semelhante ao do ano 1 *tecpatl* (1 junco) ou na mesma proporção dos personagens (Figura 3.16, à esquerda). Além disso, tanto no códice *Aubin*, quanto no *Manuscrito 40*, menciona-se o nome Quinehuayan, juntamente à Colhuacan, designando uma caverna ou uma qualidade de Colhuacan²⁶⁴. Por fim, no códice *Vaticano A*, Colhuacan tem o mesmo tamanho de outras representações de lugares (Figura 3.16, à direita) – isso porque é Chicomoztoc que é destacada nessa narrativa (ao invés de Colhuacan), tanto pelo tamanho se sua representação, quanto pelos personagens e acontecimentos relacionadas.

²⁶² CARBONE, Carla de Jesus. *Op. cit.*, pp. 209-215.

²⁶³ Apesar disso, os acontecimentos narrados no *Boturini* são mencionados nos textos em nahuatl. Ao descrever o recebimento do arco, flecha e rede, o códice *Aubin* também cita que Huitzilopochtli mudou o nome dos astecas para mexicas. “In axcan aocmo amotoca in amazteca ye am mexica”, isto é, “De hoje em diante já não se chamam mas astecas, vós sois já mexicas”. Tradução minha feita com base na paleografia e tradução de Charles Dibble. DIBBLE, *Op. cit.*, p. 22. A mudança do gentílico de asteca para mexica também é mencionada no *Manuscrito 40*.

²⁶⁴ Quinehuayan ou Quinehuayan Oztotl significa a “caverna da saída iminente”, que poderia estar localizada em Colhuacan. Federico Navarrete Linares afirma que o nome também pode ser traduzido como “lugar do golpe falho” ou “lugar da equivocação”. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos indígenas...*, pp. 139-141.



Figura 3.16 – Representações de Colhuacan sem grande destaque narrativo (em vermelho). *Manuscripto 40*, fl. .
Vaticano A, fl. 67r.

Dessa forma, as análises mostram que Colhuacan tem maior primazia na narrativa do códice *Boturini*, enquanto primeiro lugar pelo qual os mexicas passam em sua migração. Já nas histórias dos códices *Aubin*, *Vaticano A* e *Manuscripto 40*, esse lugar tem seu destaque diminuído em relação ao que é dado às representações pictográficas de outros lugares.

Em suma, as análises das representações de Aztlán, Chicomoztoc e Colhuacan mostram que esses três lugares são qualificados por atributos da paisagem, eventos e personagens, e têm a finalidade de narrar a origem dos mexicas. Por isso, Aztlán, Chicomoztoc e Colhuacan podem ser entendidos como lugares de origem sequenciais, embora o último seja o primeiro lugar de passagem nas narrativas em que é mencionado. Além disso, as narrativas mexicas coloniais concebiam seu início por meio de lugares destacados por seu tamanho e por serem acionados como lugar de origem, ou, ainda, por ser o primeiro lugar de passagem ao longo da migração mexicana. Esses lugares tinham, portanto, relevância maior em relação aos lugares posteriormente mencionados ao longo da narrativa da migração mexicana. Isso ocorre de maneira semelhante à que vimos no códice mixteco pré-hispânico *Zouche Nuttall*. Nesse caso, Tilantongo, primeiro topônimo representado no lado anverso, tinha maior

tamanho e, conseqüentemente, maior importância na narrativa em relação às outras representações de lugares. Esse exemplo pré-hispânico mostra que há certa continuidade entre a importância de certos lugares em relação a outros nas narrativas históricas mesoamericanas. Assim, penso que Aztlán, Chicomoztoc e Colhuacan tinham relevância maior em relação aos lugares posteriormente mencionados ao longo da narrativa da migração mexicana. Esse é um primeiro indício de que os mexicanos concebiam o espaço de forma hierarquizada, de forma que certos lugares teriam mais importância do que outros em sua história, e portanto, nas representações de suas narrativas.

3.3.1.2 Lugares de passagem: o exemplo de Tolpetlac

Após a representação dos lugares de origem sequenciais, as narrativas mexicanas coloniais representam os lugares de passagem que configuram a migração. Como explicado na primeira parte do capítulo, essa função era recorrente em outras histórias nahuas produzidas durante o período colonial, tais como as de Cuauhtitlán e Texcoco, por exemplo, que também narravam migrações anteriores à fundação de seu *altepetl*²⁶⁵. A seguir, analiso o exemplo do topônimo Tolpetlac nas narrativas dos códices *Boturini*, *Vaticano A*, *Aubin* e *Manuscrito 40*, com a finalidade de mostrar a proporção aproximada entre o tamanho desse glifo toponímico e outros tipos de representações dos fólhos, como personagens e datas, que também qualificam Tolpetlac como lugar de passagem.

No códice *Boturini*, a representação de Tolpetlac²⁶⁶ ocorre no fólho 12r, juntamente com outro lugar de passagem, Ehecatepec (Figura 3.17, à esquerda). Nesses dois casos, a composição do lugar de passagem é dada pelas mesmas representações e de forma padronizada: a) glifo toponímico, b) representação de quatro figuras antropomorfas, c) pegadas de pés, orientando a passagem de um lugar ao outro, e d) agrupamento dos anos do *xiuhmolpilli* em blocos, indicando a estadia por uma quantidade de anos. Comparando-se o tamanho das representações, os glifos toponímicos são ligeiramente maiores que os de datas, mas são menores que as representações de grupo de personagens, de maneira que os lugares não ocupam o mesmo destaque desempenhado por Aztlán ou Colhuacan nessa narrativa. Já no fólho 69r do códice *Vaticano A*, alguns elementos se repetem na representação de Tolpetlac, como os glifos toponímicos e as pegadas de pés (Figura 3.17, à direita). Contudo, nesse caso,

²⁶⁵ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 259-341.

²⁶⁶ *Tolpetlac* ou *Tulpetlac* significa, em nahuatl, “Na esteira dos juncos”. Cf. JOHANSSON K., Patrick. *Arqueología Mexicana...*, p. 48-49.

os personagens portam arcos e flechas e parecem guerrear com os habitantes dos lugares. Novamente, o tamanho do glifo toponímico de Tolpetlac e de outros lugares é ligeiramente maior do que representações dos anos, e menor do que os personagens. Além disso, os lugares representados apresentam tamanho proporcional entre si, o que demonstra que nenhum dos sete lugares possui a mesma importância que Chicomoztoc para essa história.



Figura 3.17 – Representações de Tolpetlac, lugar de passagem na migração mexicana. *Boturini*, fl. 12. *Vaticano A*, fl. 69r.

No códice *Aubin*, Tolpetlac é representado no fólio 22 apenas por meio de seu glifo toponímico (Figura 3.18, à esquerda). Nessa narrativa, cada um dos lugares de passagem é disposto geralmente, em um único fólio, juntamente com a representação dos anos do *xiuhmolpilli*, que marcam o tempo que durou a estadia dos mexicas nesse local – o que já demonstra certa padronização no que se refere à representação dos lugares de passagem. Além disso, o tamanho do glifo toponímico de Tolpetlac é praticamente o mesmo de cada ano representado no fólio 22 e, conseqüentemente, não destaca esse lugar de passagem na narrativa. Por fim, o *Manuscrito 40* apresenta Tolpetlac no fólio 6r apenas por meio de seu glifo toponímico, localizado ao lado da sequência de anos do *xiuhmolpilli* de estadia dos mexicas nesse lugar (Figura 3.18, à direita). Justamente esse fólio 6r do *Manuscrito 40*

demonstra a padronização existente no tamanho dos glifos toponímicos e dos glifos de anos do *xiuhmolpilli*, os quais são agrupados em conjuntos formados por um glifo toponímico e uma sequência de anos dispostos em linhas. Dessa forma, nenhum desses lugares de passagem é destacado individualmente na narrativa, mas sim, o seu conjunto enquanto parte da temática de migração.



Figura 3.18 – Representações de Tolpetlac, lugar de passagem na migração mexicana. Aubin, fl. 22. *Manuscrito 40*, fl. 6r.

Em suma, apesar do topônimo de Tolpetlac estar relacionado a diferentes elementos nas narrativas analisadas, essa representação tem o mesmo tamanho de outros lugares que são acionados como lugares de passagem nas narrativas. Isso mostra que os lugares de passagem eram geralmente representados de forma padronizada e seriada nas narrativas, de maneira a comporem um conjunto coeso e relacionado à temática da migração. Trata-se de mais um indício de que os mexicas concebiam o espaço de forma hierarquizada, de forma que certos lugares teriam mais importância do que outros em sua história.

À guisa de conclusão deste sub-item, a análise das representações de topônimos de paisagem e *altepetl* nos códices mexicas coloniais demonstrou que alguns lugares poderiam

ser mais destacados, como é o caso dos lugares de origem, que evocavam sua primazia nas narrativas, juntamente com outros atributos da paisagem e representações de personagens e eventos. Contudo, outros lugares, tais como os de passagem, eram mais esquemáticos e, por isso, eram agrupados em um conjunto coeso de acordo com a temática da migração mexicana. Essa primeira parte das análises das representações de topônimos de paisagem e de *altepetl* demonstra, portanto, que as concepções de espaço mexicas acionavam e hierarquizavam os lugares conforme seus temas, que poderiam ser representados de maneira mais ou menos detalhada, de acordo com o contexto narrativo das histórias.

3.3.2 O período imperial: a fundação de México-Tenochtitlan e os lugares de conquista

Dando continuidade as análises, o próximo período narrado na história mexicana é o dos sucessivos governos dos *tlatoque* de México-Tenochtitlan ou período imperial. Esse período é iniciado pela fundação de México-Tenochtitlan, como se, a partir desse momento, os mexicas estivessem destinados a subjugar uma série de povos²⁶⁷. A partir desse acontecimento, a história passa a narrar os eventos ocorridos durante os anos que cada um dos *tlatoque* mexicas governaram, de forma que as conquistas de outros *altepeme* são um dos tipos de eventos que estão presentes de forma mais abundante durante esse período. Seu fim é marcado pela conquista castelhana – que é relatada de forma detalhada nas histórias do códice *Aubin* e *Manuscrito 40*.

O período imperial é narrado nas histórias dos códices *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Mendoza*²⁶⁸. Apesar das diferenças que essas histórias apresentam em relação aos topônimos recorrentemente mencionados, as quatro narrativas acionam as representações de

²⁶⁷ Como mencionado no Capítulo 2, esse período é chamado de imperial por diversos autores, como Elizabeth Hill Boone e Federico Navarrete Linares. BOONE, Elizabeth Hill. *Op. cit.* NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*

²⁶⁸ Neste período, a quantidade de topônimos de *altepetl* mencionados para as histórias é de 51, 29, 20 e 214, respectivamente, no *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Mendoza*. O códice *Mendoza* apresenta um número entre quatro e dez vezes maior do que as quantidades de topônimos de *altepetl* representados nas outras três histórias. Contudo, enquanto o *Mendoza* somente trata das conquistas realizadas, as outras três histórias também representam lugares onde ocorreram rituais envolvendo sacrifícios, construções de templos e locais de extração de pedras, além de acontecimentos ocorridos em México-Tenochtitlan, como terremotos, eclipses, pragas e fomes. Dessa forma, a diferença da quantidade de topônimos estaria relacionada à ênfase ou foco dessas histórias.

Por outro lado, o destaque que os topônimos de *altepetl* ocupam na história do códice *Mendoza* pode estar relacionado à influência que as autoridades castelhanas podem ter tido durante a confecção deste manuscrito. Em outra oportunidade apresentei mais detalhadamente como a organização da história do códice *Mendoza*, em fólios alternados de escrita pictográfica e alfabética, poderia contribuir para a construção de uma história cujo objetivo era mostrar as potencialidades do Vice-Reino de Nova Espanha, por meio da projeção das conquistas mexicas como conquistas castelhanas. MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. “Conquistas mexicas, conquistas castelhanas...”

topônimos de paisagem e de *altepetl* de maneira temática, com a finalidade de identificar lugares relacionados a México-Tenochtitlan, por meio de conquistas ou outros eventos. Essa função parece ser parte integrante da concepção de espaço mexica, uma vez que os lugares mencionados são sempre relacionados a México-Tenochtitlan, que ocupa o centro da narrativa mimeticamente como o centro do universo.

Por isso, dentre os lugares representados durante o período imperial, serão analisados, a seguir, o lugar fundacional de México-Tenochtitlan e seu espaço implícito nas narrativas e, por fim, os lugares de conquista. As representações de topônimos serão analisadas a seguir, com o objetivo de demonstrar como esses lugares são definidos por meio do contexto narrativo nas histórias mexicas coloniais para configurar a história imperial.

3.3.2.1 México-Tenochtitlan: a fundação do *altepetl* mexica

As representações da fundação de México-Tenochtitlan são recorrentes nas histórias mexicas coloniais, tanto por meio de textos pictográficos, quanto de textos alfabéticos. Com exceção do códice *Boturini*, cuja narrativa termina ainda no período das migrações, os outros quatro manuscritos analisados nessa pesquisa narram a fundação de Tenochtitlan, ou “Lugar do nopal sobre pedra”²⁶⁹.

O glifo toponímico de México-Tenochtitlan acompanha as representações da fundação do *altepetl* mexica nas histórias dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Mendoza*. Juntamente a esse glifo toponímico estão representadas características físicas do local escolhido para o assentamento e a narrativa de acontecimentos que relacionam a fundação desse *altepetl* com os mexicas e suas deidades. Uma exceção a essa estrutura é o *xiuhamatl* do códice *Mendoza*, que suprime as representações relacionadas à suposta idolatria identificada pelos missionários, como veremos a seguir.

Dessa forma, analisarei centralmente a fundação de México-Tenochtitlan no códice *Aubin*, que será cotejada com os exemplos das narrativas do códices *Vaticano A* e *Manuscrito 40* e, finalmente, com a representação do códice *Mendoza*. As análises terão como eixo principal a proporção do glifo toponímico de México-Tenochtitlan em relação a outros tipos de representações que compõem o evento da fundação, com a finalidade de demonstrar a centralidade que a fundação do *altepetl* mexica tem nas narrativas, funcionando como um marco histórico. Para isso, também serão retomadas características do *Teocalli de la Guerra*

²⁶⁹ O nopal é um tipo de cacto, cuja fruta, chamada de *tuna* no México, tem o nome de figo-da-índia no Brasil.

Sagrada, monumento mexica pré-hispânico com gravados em pedra, cuja parte posterior representa a fundação do *altepetl* mexica. Por fim, serão destacados, ao longo das análises, os glifos ou elementos figurativos associados a deidades e à religiosidade mexica, cuja presença ocorre com maior ou menor frequência nas representações da fundação de México-Tenochtitlan, conforme os objetivos dos produtores das narrativas produzidas ao longo dos séculos XVI e início do XVII.

No fólio 48 do códice *Aubin*, a fundação de México-Tenochtitlan é representada por um conjunto de glifos e representações de paisagem inscritos em um retângulo tracejado em preto e realçado em azul (Figura 3.19, acima e à esquerda). Dentro do centro superior do retângulo se encontra o topônimo de México-Tenochtitlan, composto por um cacto (*nopal*) sobre uma pedra. Essa representação é a que tem maior tamanho no fólio, sendo representada com grande destaque e é composta, ainda, por outros elementos, que serão analisados adiante.

Comparando-se o glifo toponímico de Tenochtitlan do códice *Aubin* com as representações nas outras narrativas, vemos que o topônimo do *altepetl* mexica é geralmente representado com grandes proporções em relação às datas e personagens que compõem o evento da fundação. No *Manuscrito 40*, a proporção é a mesma que ocorre no códice *Aubin* (Figura 3.19, acima e à direita). Já no códice *Mendoza*, o glifo toponímico só é menor que a águia que está acima de sua representação (Figura 3.19, abaixo e à esquerda). Dessa forma, a representação do cacto sobre a pedra, que define o glifo toponímico de Tenochtitlan, apresenta, nessas narrativas, proporção semelhante à que ocorre no *Teocalli de la Guerra Sagrada*, que, como vimos, também representa o glifo toponímico de forma destacada.

Contudo, no códice *Vaticano A*, o glifo toponímico de México-Tenochtitlan apresenta o mesmo tamanho do glifo de Colhuacan, representado no mesmo fólio, no lado direito superior, ou, até mesmo, das datas e personagens neste fólio (Figura 3.19, abaixo e à direita). Essa diferença do *Vaticano A* é um indício de que, nesse manuscrito, o destaque dado à fundação do *altepetl* mexica é diminuído em relação às outras histórias mexicas e, até mesmo, à representação pré-hispânica contida no monumento mexica denominado *Teocalli de la Guerra Sagrada*.

cinza, localizada acima do glifo toponímico do *altepetl* mexica (Figura 3.20, à esquerda). Trata-se do único exemplar analisado em que a cobra é representada juntamente com a águia. Nos códices *Mendoza* e *Manuscrito 40*, somente a águia é representada sobre o topônimo e, no códice *Vaticano A*, por sua vez, o glifo toponímico de Tenochtitlan não é acompanhado por esses animais (Figura 3.20, à direita). Segundo outras histórias mexicas, as representações da águia e cobra são os elementos de identificação do local onde o *altepetl* mexica deveria ser fundado, de acordo com as ordens de Huitzilopochtli. Isto é, os mexicas deveriam assentar-se em um lugar no qual encontrassem uma águia com uma cobra no bico, posicionada sobre um cacto enraizado em uma pedra.



Figura 3.20 – Representação da fundação de México-Tenochtitlan no códice *Aubin*. Ao lado, glifos toponímicos do *altepetl* mexica nos códices *Manuscrito 40*, *Mendoza* e *Vaticano A*. *Aubin*, fl. 48. *Manuscrito 40*, fl. 8r. *Mendoza*, fl. 2r. *Vaticano A*, fl. 73v.

Ainda no códice *Aubin*, ao lado do topônimo, há representações de vegetação na cor verde e duas casas, sendo uma de cada lado; as casas estão em perspectiva e têm preenchimento na cor amarela, isto é, são distintas das representações do glifo *calli* (casa), e

exemplificam a introdução da pictografia mais realista, possivelmente europeia, nas representações espaciais das histórias. Na parte inferior do retângulo também há representações de vegetação e de um ambiente lacustre – preenchido em azul e com detalhes semelhantes ao glifo *atl* (água) – com três representações antropomorfas que interagem entre si por meio de gestos, sendo que uma está completa, localizada à esquerda, e as outras estão registradas apenas por meio de suas cabeças.

Já as glosas em nahuatl registradas neste fólio do códice *Aubin* sintetizam os textos alfabéticos presente nos três fólhos anteriores, citando a) o sacrifício de um personagem chamado Axolohua, b) a união das deidades Tlaloc e Huitzilopochtli em um altar que daria origem, posteriormente, ao Templo Mayor de México-Tenochtitlan, e c) os elementos de identificação do local onde o *altepetl* mexica deveria ser fundado – uma águia com uma cobra na boca pousada em um cacto sobre uma pedra²⁷⁰.

Dentre os acontecimentos citados na glosa em nahuatl do códice *Aubin*, o sacrifício de Axolohua e a construção de um altar para Huitzilopochtli também são citados no *Manuscrito 40*, que, ainda, representa figurativamente um templo ao lado do glifo toponímico de México-Tenochtitlan. Já o códice *Vaticano A* não representa por meio de glifos o sacrifício de Axolohua e a construção de um altar para Huitzilopochtli²⁷¹.

Além disso, ainda no *Manuscrito 40*, as glosas em nahuatl localizadas na parte inferior do fólio 8r, que narram a fundação do *altepetl* mexica, explicam que os mexicas foram

²⁷⁰ "Ini quhovatl ono(c) teavchil [tenochtli] tic(pac) quauh(tli) (y)e huatl ini cova(tl) (axo)loua atica y[n] tonacayo yn o topa omoch(iuh) yn axo llova tley ye nopa mochiva in axollova tley ye n oqmihiyovilti in tlacatl y vitzillopochtli ca o maxitico ca yehuatl ontlaçotiz", ou seja, "Este é Quauhcoatl. Estava o nopal sobre a pedra; sobre ele uma águia (com) uma serpente. Axolohua estava na água. Nossa carne foi feita sobre nós. Axolohua (disse): 'o que é feito sobre mim?'. Axolohua diz: 'o que...? Os homens lutaram por Huitzilopochtli, ele chegou, ele amará". Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol de Minerva Colin Miranda. *Op. cit.*, p. 145. O texto em nahuatl foi modificado no que diz respeito à palavra *tenochtli*, identificada por Kutscher e Miranda, uma vez que a palavra não coincidiu com minha leitura. Charles E. Dibble, por sua vez, não registra as glosas deste fólio. KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Op. cit.*, p. 18. COLIN MIRANDA, Minerva. *loc. cit.* Além disso, a glosa na parte superior do fólio tem a função dar uma espécie de título para o conjunto de representações que marcam a fundação de México-Tenochtitlan, e já enuncia a relação futura deste *altepetl* com o Vice-Reino da Nova Espanha: "Mexica (t)laca ciudat noeva espana", isto é, "Povo mexica, cidade da Nova Espanha (ou novohispana)". Tradução minha ao português com base na paleografia de Minerva Colin Miranda. *Ibidem*.

²⁷¹ Dentro da representação lacustre de Tenochtitlan, no códice *Vaticano A*, há cinco representações antropomorfas. Uma delas é o *tlatoani* mexica Acamapichtli, identificado por seu glifo onomástico. As outras quatro não foram identificadas, mas uma delas parece reforçar as características do lugar em que o *altepetl* foi fundado, uma vez que está representada sobre o que é provavelmente uma *chinampa*, ilha artificial que servia aos diversos povos nahuas que viviam à beira do lago Texcoco como terra para cultivo. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*, p. 240. Poderia se tratar também da representação do mesmo acontecimento narrado junto à fundação de México-Tenochtitlan no fólio 8r do *Manuscrito 40* – o qual descreve que os mexicas foram pescar em Tlatelolco.

divididos em dois grupos por ordem de Huitzilopochtli²⁷². Dessa forma, este outro grupo de mexicas teria ido pescar em Tlatelolco e, possivelmente teria fundado outro *altepetl* anos depois.

Por ora, o fato do códice *Vaticano A* não representar esses dois acontecimentos e, como mencionado anteriormente, os elementos que evocam a profecia de Huitzilopochtli junto ao glifo toponímico de México-Tenochtitlan, são alguns indícios de que algumas características identificadas pelos missionários cristãos como idolátricas foram diminuídas da narrativa de fundação do *altepetl* mexicana.

Dando continuidade às análises, passo para a análise da fundação de México-Tenochtitlan no códice *Mendoza*. No fólio 2r desse manuscrito há um esquema cosmográfico compartilhado por diversos povos mesoamericanos, formado pela divisão do espaço horizontal em quatro quadrantes e um centro, como vimos na segunda seção deste capítulo (Figura 3.21). Envolto por uma sequência de 51 anos do *xiuhmolpilli*, de 2 *calli* (2 casa) a 13 *acatl* (13 junco), está representado um retângulo com uma espécie de “X” inscrito, formando uma borda com faixas cruzadas e preenchidas na cor azul turquesa, tal como os anos, representando o lago Texcoco e a ilha com canais na qual México Tenochtitlan foi fundada. Dentro do retângulo há, ainda, quatro triângulos ocupados por glifos de representações antropomorfas nomeadas por meio de glifos antroponímicos²⁷³ e glosas em texto alfabético. Também há representações de vegetação, de uma casa²⁷⁴ e de um *tzompantli*²⁷⁵. No centro do “X” está presente o glifo toponímico de México-Tenochtitlan, formado por um cacto sobre uma pedra, sobre a qual uma águia está pousada – como mencionado anteriormente. Abaixo do glifo toponímico, há um glifo da guerra, formado por um escudo circular sobreposto a seis flechas alinhadas na horizontal. Como já vimos neste capítulo, os três triângulos poderiam representar as parcialidades do *altepetl* e, ao mesmo tempo, as quatro divisões do universo, cujo centro seria México-Tenochtitlan.

²⁷² “Auh ynic yaque yn mexica yn tlatilolco san tlatlamato yn quitlato yn tlatili ynic ompa moxeloque yn axolohua can tlatlamato nen tlamatito yn tlen quimocualtisque”, isto é, “E foi quando os mexicas foram a Tlatelolco, somente foram pescar; disse [Huitzilopochtli], do montículo, para que então se dividissem de Axolohua; somente [çan, ao invés de can] foram pescar; somente foram pescar, em vão foram conhecer o que comeriam”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*, p. 82-83.

²⁷³ De acordo com os textos alfabéticos em castelhano presentes no fólio 1r do códice *Mendoza*, estas representações antropomorfas são “caudillos” ou capitães” que teriam elegido Tenoch para ser senhor de México-Tenochtitlan.

²⁷⁴ De acordo com Frances Berdan e Patricia Anawalt, essa representação seria possivelmente o templo de Huitzilopochtli, também representado e mencionado no códice *Aubin e Manuscrito 40*. BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Rielf (ed.). *Op. cit.*, p. 4.

²⁷⁵ *Tzompantli* era o local no qual se expunham publicamente os crânios das pessoas que eram sacrificadas nas festas e rituais dos mexicas e de outros povos do centro do México. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*, p. 203.



Figura 3.21 – Representação da fundação de México-Tenochtitlan. *Mendoza*, fl. 2r.

O conjunto de representações pictográficas com glosas do fólio 2r do códice *Mendoza* é posterior a uma longa e detalhada explicação sobre a escolha do lugar de fundação de México-Tenochtitlan, presente no fólio 1r. O trecho de texto alfabético em castelhano afirma que os mexicas se autodenominavam *meçiti* e que, após a fundação do *altepetl*, passam a ser *mexicanos*²⁷⁶. Cita a migração dos mexicas sem mencionar a saída de Aztlán, ou a passagem por Chicomoztoc e Colhuacan, mas, afirma que fizeram paradas por alguns anos em alguns locais durante o trajeto – tal como outros manuscritos que narram o

período da migração o fazem. Também há uma descrição bastante pormenorizada do local em que foi escolhido para a fundação de México-Tenochtitlan: tratava-se de um lugar com canais de água limpa, com abundância de peixes, mariscos e aves, e que era protegido por matagais, canaviais e pela água – embora o texto não mencione explicitamente que o local escolhido para assentamento fosse uma ilha lacustre. O texto também menciona as dez representações antropomorfas do fólio 2r, que seriam dez senhores que elegeram Tenoch como senhor de México-Tenochtitlan. Por fim, é explicada a composição e tradução do topônimo Tenochtitlan, que é relacionado à ocasião em que os mexicas encontraram uma águia pousada sobre um cacto em cima de uma pedra²⁷⁷.

²⁷⁶ De acordo com Navarrete Linares, o etnônimo *mexitin* teria sido utilizado pelos mexicas entre a passagem por Chicomoztoc e a fundação de México-Tenochtitlan, como atestam outros textos dos séculos XVI e XVII, produzidos por missionários, como Bernardino de Sahagún, e por indígenas como Fernando de Alvarado Tezozómoc e Domingo Chimalpain. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 173-176.

²⁷⁷ "Comiença la ystoria y fundaçion de la çibdad de mexico fundada E poblada por mexicanos [...] En el año de mill y trezientos y veinte y quatro años despues del aduenimyento de nuestro señor y salvador Jesu Christo. los mexicanos llegaron Al asiento de çibdad de mexico. [...] y casi al Riñon y medio del espacio y encruçijada hallaron los meçiti vna piedra grande o peña florido ençima vn tunal grande en donde vn aguila caudal tenia su

Dessa forma, a representação da fundação de México-Tenochtitlan na história do códice *Mendoza* apresenta semelhanças e diferenças em relação à representação correspondente no *Teocalli de la Guerra Sagrada*. Os elementos semelhantes aos que estão na parte posterior monumento mexica pré-hispânico são a águia sobre o glifo toponímico do *altepetl* mexica e de um glifo relacionado à guerra, localizado abaixo do topônimo. Como vimos anteriormente, o *Teocalli* representa o glifo *atl-tlachinolli*, próximo ao bico da águia, que estava relacionado à guerra. Na representação do *Mendoza*, por sua vez, o glifo de guerra é formado por um escudo e flechas. Embora o glifo de guerra utilizado seja diferente, esse elemento continua presente na representação do códice mexica colonial. Outra diferença é que a fundação de México-Tenochtitlan no códice *Mendoza* não contém representações de deidades ou ações relacionadas a deidades, tais como o sacrifício de Axolohua e a construção de um altar para Huitzilopochtli. Assim como ocorre no códice *Vaticano A*, a ausência das representações de deidades ou ações relacionadas a deidades são possíveis indícios de que algumas características da narrativa de fundação do *altepetl* mexica foram suprimidas a mando dos missionários cristãos e autoridades castelhanas, ou, até mesmo, pelos próprios mexicas cristianizados, que identificaram esse passado como idolátrico.

Ainda, as análises da fundação de México-Tenochtitlan no códice *Mendoza* mostram, que, nessa história, há um nível de representação que não está presente nas outras narrativas analisadas. Trata-se do esquema cosmográfico composto pelo retângulo quadripartite, que está sob as outras representações relacionadas à fundação no fólio 2r. Esse esquema representa os quatro rumos do universo, no qual México-Tenochtitlan ocuparia o centro.

manida y pasto segun que en el espacio del estaua poblado de guesos de aves y muchas plumas de diuersas colores. y como todo el asiento obiesen andado y paseado y le hallasen fertil y abundante de caças de aves y pescados y cosas mariscas con que se poder sustentar y aprouechar en sus grangerias entre los pueblos comarcanos. [...] y dando principio e origen de su asiento y poblacion fue determinado por ellos nonbrar y dar titulo el lugar llamondole tenuchtitlan por Razon y causa del tunal produzido sobre piedra. porque tenuchtitlan ynterpretado en nuestro castellano dize tunal produzido sobre piedra. [...] Ansi mysmo fue nonbrada la çibdad mexico. Nonbrado y deriuado de los mexicanos. nonbrandose lugar e asiento de mexicanos". Isto é, "Começa a história e fundação da cidade de México, fundada e povoada por mexicanos [...] No ano de mil trezentos e vinte e quatro anos depois do advento de nosso senhor e salvador Jesus Cristo os mexicanos chegaram ao assento da cidade de México. [...] E quase no centro e meio do espaço e encruzilhada encontraram os meciti uma pedra grande ou rocha e em cima um tunal grande e florido, sobre o qual havia uma águia caudal que tinha ali seu bando e pasto, de forma que o espaço estava povoado de ossos de aves e muitas plumas de diversas cores. E como tinham em todo o assento andado e passeado e se encontrasse fértil e abundante de caças de aves, peixes e mariscos com que podiam se sustentar e aproveitar em seu comércio com povos vizinhos e pela dificuldade das águas, que impediriam seus vizinhos [...] E dando princípio e origem ao seu assento e povoamento, foi determinado por eles nomear e dar título ao lugar chamando-o Tenochtitlan pela razão e causa do tunal produzido sobre a pedra, porque Tenochtitlan interpretado em nosso castelhano significa tunal produzido sobre pedra. [...] Assim mesmo foi nomeada a cidade: México. Nomeado e derivado dos mexicanos, nomeando-se lugar e assento de mexicanos". Tradução e adaptação minha ao português com base na paleografia e tradução para o inglês realizadas por Frances Berdan e Patrícia Anawalt. BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Riel (ed.). *Op. cit.*, p. 7.

Além disso, essa representação é envolta, ainda, pela sequência de anos do *xiuhmolpilli*, relacionando, portanto, tempo e espaço em uma grande composição ou cena²⁷⁸. Assim, como mencionado na segunda seção do capítulo, a representação dos quatro rumos e do centro inaugura o mundo nessa história mexicana, representando espacialmente os rumos do universo plasmados nas quatro parcialidades de seu *altepetl*. Isso demonstra que, no período colonial, quando o códice *Mendoza* foi produzido, México-Tenochtitlan ainda era, talvez, concebida como o centro do cosmos.

Em suma, as representações da fundação de México-Tenochtitlan analisadas demonstram que esse acontecimento era um marco histórico nas narrativas, evidenciado pelo tamanho do glifo toponímico do *altepetl* mexicana em relação às outras representações, com exceção da representação contida na história do códice *Vaticano A*. Dessa forma, o destaque a esse acontecimento continua presente, assim como ocorria em representações pré-hispânicas, como é o caso do *Teocalli de la Guerra Sagrada*, no qual a representação de México-Tenochtitlan ocupa quase toda a área da parte posterior do monumento. Ao mesmo tempo, também vimos que algumas representações relacionadas às deidades mexicanas no relato da fundação de México-Tenochtitlan nos códices *Mendoza* e *Vaticano A* foram diminuídas ou suprimidas, ao contrário do que ocorre no códice *Aubin* e *Manuscrito 40*. Assim, nas representações dos códices *Mendoza* e *Vaticano A*, outros elementos que também faziam parte do relato de fundação de México-Tenochtitlan foram acionados.

Dessa forma, as análises da fundação de México-Tenochtitlan mostram que as histórias iniciavam o período imperial com uma sequência de personagens e eventos que, embora não sejam sempre coincidentes, designam um local acionado com o mesmo tema, isto é, de ser o lugar fundacional mexicana. Essas semelhanças podem ser interpretadas como a continuidade da concepção mexicana de seu lugar fundacional, no qual certos elementos fundamentais, tais como seu glifo toponímico destacado e composto a representações da paisagem lacustre estavam presentes, até mesmo, nas narrativas produzidas no fim do século XVI.

²⁷⁸ Como vimos anteriormente, no item que tratou sobre as representações do *quincunce*, a divisão quadripartite poderia se referir também às quatro parcialidades do *altepetl*.

3.3.2.2 México-Tenochtitlan e seu espaço implícito durante o período imperial

Como mencionado anteriormente, os códices *Vaticano A*, *Aubin* e *Manuscrito 40* tinham como objetivo expor as conquistas de México-Tenochtitlan e, também, apresentar outros acontecimentos ou eventos realizados no próprio *altepetl*. Esses eventos, ocorridos em México-Tenochtitlan, são representados nas histórias após a fundação e sem representar o topônimo próprio do *altepetl* mexica por meio de glifos ou em alfabeto latino. Dessa forma, após a fundação de México-Tenochtitlan, os eventos ocorridos são relacionados ao *altepetl* mexica de forma implícita ou subsumida²⁷⁹. Esse espaço implícito de México-Tenochtitlan será analisado em três representações exemplares, que tratam de eventos naturais ocorridos no *altepetl* mexica e presentes nos códices *Vaticano A*, *Aubin* e *Manuscrito 40*²⁸⁰.

O primeiro exemplo de espaço implícito ocorre no fôlio 82r do códice *Vaticano A*, durante o governo do *tlatoani* Axayacatl. No fôlio 82r são representados três anos, sendo que no ano 1 *tecpatl* (1 punhal de pedernal) houve um terremoto. Tal evento é representado pelo glifo *ollin* (movimento) sobre um retângulo, provavelmente o glifo *tlalli* (terra) (Figura 3.22, à esquerda). O glifo *ollin* está unido ao glifo de ano por uma linha, e não há nenhuma indicação do lugar onde teria ocorrido. Como este evento está representado nos anos que sucedem a fundação de México-Tenochtitlan, o terremoto teria ocorrido, portanto, no *altepetl* mexica. Outro exemplo do espaço implícito de México-Tenochtitlan ocorre no fôlio 67 do códice *Aubin*, durante o governo do *tlatoani* Moctezuma Ilhuicamina. Dentre os eventos representados ao longo dos cinco anos desse fôlio, no ano 13 *calli* (13 casa) representa-se a geada sobre plantações de milho tanto por meio de texto em alfabeto latino, quanto por meio de glifos. A representação pictográfica é formada por um conjunto de pontos acima de uma representação de vegetação, que está sobre um retângulo – ou o glifo *tlalli* (terra) (Figura 3.22, no centro). O texto em alfabeto latino relaciona a geada com a ocorrência de fome²⁸¹. Por fim, as representações de espaço implícito de México-Tenochtitlan também estão

²⁷⁹ Minerva Colin Miranda afirma que o espaço definido ao longo da história imperial do códice *Aubin* pode ser definido como um espaço implícito, pois se entende que é sempre México-Tenochtitlan. Concordamos com a concepção de espaço implícito, porém, o lugar mexica é intercalado a lugares de conquista, citados em menor ou em maior quantidade nas histórias mexicas coloniais durante o período imperial. COLIN MIRANDA, Miranda. *Op. cit.*, p. 75.

²⁸⁰ Embora os eventos de início de governo e da morte dos *tlatoque* também sejam relacionados de forma implícita a México-Tenochtitlan, sua presença é recorrente nas três histórias, cujas representações serão analisadas, e também no códice *Mendoza*. Como se tratam de representações de *tlatoque* que são reconhecidamente mexicas, irei analisar representações de eventos cuja localização não contém elementos que permitam identificá-los inicialmente como mexicas.

²⁸¹ “Nican cevechililoc in toctli oncan peuh ynic mayanaloc”, isto é “aqui se gelaram as plantações de milho, ali começou a fome.” Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol realizada por Charles E. Dibble. DIBBLE, Charles E. *Op. cit.*, p. 44-45.

presentes de forma exemplar no fôlio 11v do *Manuscrito 40*, também durante o governo do *tlatoani* Moctezuma Ilhuicamina. Dentre os eventos representados ao longo dos doze anos no fôlio 11v, o ano 6 *tochtli* (6 coelho) pode ser destacado pela ocorrência de pragas. Esse evento é representado pelo glifo de três plantas ou três espigas de milho (Figura 3.22, à direita). O texto alfabético em nahuatl especifica as pragas, como grilos, e, afirma que, por conta desse evento, houve fome²⁸². Mais uma vez, nenhum local é citado, mas subentende-se que essas pragas ocorreram em México-Tenochtitlan, uma vez que esse evento está representado nos anos que sucedem a fundação do *altepetl* mexica.



Figura 3.22 - Representação de acontecimentos relacionados de maneira subsumida ou implícita a México-Tenochtitlan (destacados em vermelho). *Vaticano A*, fl. 82r. *Aubin*, fl. 67. *Manuscrito 40*, fl. 11v.

Em suma, as três representações de eventos naturais presentes nos códices *Vaticano A*, *Aubin* e *Manuscrito 40* mostram que os acontecimentos descritos após a fundação de México-Tenochtitlan não eram especificados por meio de glifos toponímicos ou, até mesmo, por glosas ou topônimos escritos em alfabeto latino. Isso porque o local no qual os eventos ocorrem é o próprio espaço do *altepetl* mexica. Contudo, o período imperial não representa apenas eventos ocorridos em México-Tenochtitlan, mas, também, uma série de lugares de conquista, como veremos a seguir.

Dessa forma, após a fundação de México-Tenochtitlan, segundo os códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*, o espaço narrativo é o próprio *altepetl* mexica. Enquanto no

²⁸² “Nican chapolqualoc mayanaloc”, ou seja, “aqui [neste ano] os grilos devoraram [os alimentos], houve fome”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*, p. 88. Uma glosa em castelhano ao lado direito dos glifos afirma que a praga eram lagostas e também reitera que, por conta desse evento, houve fome: “langosta e y hubo hambre”, isto é “lagosta e houve fome”.

período de migração o espaço era definido e caracterizado por lugares de origem e de passagem, o período imperial desses códices é definido e circunscrito à México-Tenochtitlan, ainda que este não seja representado. Assim, a concepção de espaço mexica se transforma ao longo da narrativa por meio do lugar fundacional, que estabelece dois períodos históricos na narrativa, nos quais os lugares representados são acionados a partir de temáticas distintas.

3.3.2.3 Os lugares de conquista e México-Tlatelolco

Como mencionado anteriormente, as histórias mexicas coloniais representam uma série de locais conquistados ou relacionados a México-Tenochtitlan por meio de outros eventos no período imperial. A seguir, analiso como os mexicas representavam suas conquistas nas narrativas e, em seguida, apresento a conquista de México-Tlatelolco que, dentre as dezenas de lugares que os mexicas conquistaram, é detalhada nas narrativas.

Em tempos pré-hispânicos, as representações de lugares conquistados eram reproduzidas em diversos suportes e por diversos povos mesoamericanos. Os dois exemplos citados tratavam de representações de lugares conquistados em códices mixtecos ou em monumentos em pedra mexicas utilizando duas formas distintas para indicar conquistas. No códice mixteco *Zouche-Nuttall*, cada conquista era representada por meio de um glifo de flecha fincada em um glifo toponímico, formando a composição ou ideia de conquista. Já o monumento em pedra mexica, a *Pedra de Tizoc*, representa um lugar conquistado por meio de um guerreiro mexica segurando um cativo pelos cabelos, sendo que o cativo era ligado a um glifo toponímico. Nesse sentido, as histórias mexicas coloniais continuaram utilizando glifos para indicar que determinados locais foram conquistados. A Figura 3.23 apresenta os diferentes tipos de glifos de conquista que são compostos a glifos toponímicos nas quatro histórias coloniais que narram o período imperial.

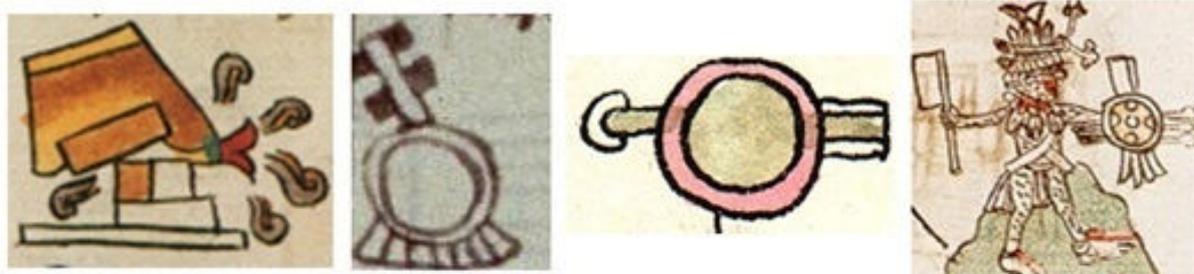


Figura 3.23 – Exemplos de glifos de conquista compostos por glifos toponímicos durante o período imperial nos códices *Mendoza*, *Manuscrito 40*, *Aubin* e *Vaticano A*, da esquerda para a direita. *Mendoza* (fl. 10r), *Manuscrito 40* (fl. 13r), *Aubin* (fl. 76) e *Vaticano A* (fl. 84v).

A figura mostra que no códice *Mendoza* o glifo de conquista é representado por meio de um templo com o teto caído, do qual saem volutas de fumaça. Já as representações do *Manuscrito 40* e códice *Aubin* são semelhantes entre si, e são compostas por um escudo e um *macuahuitl*²⁸³. Por fim, a representação do códice *Vaticano A* é composta por uma representação antropomorfa cujo corpo é preenchido pela cor branca com pintas pretas, exceto por partes do rosto e pescoço, preenchidas em vermelho. Este personagem carrega uma bandeira em uma das mãos, enquanto na outra segura um escudo e flechas ou um *atlAtl* (lança-dardos). A representação antropomorfa do *Vaticano A* e seus atributos indicam que ele era um guerreiro que foi sacrificado, mas, quando tal representação é associada a um glifo toponímico, indica que guerreiros de um determinado lugar foram sacrificados e, portanto, que o lugar foi conquistado. Em suma, apesar das diferenças, todas as representações têm em comum a ideia de lugares conquistados pelos mexicas. A recorrência dos glifos de conquista nas histórias demonstra que parte dos lugares mencionados ao longo do período imperial formava um conjunto coeso, que era qualificado por meio de quantidades de topônimos mencionados. Os lugares de conquista se diferenciavam, portanto, dos lugares de origem e do lugar fundacional de México-Tenochtitlan, que eram, por outro lado, qualificados por meio de atributos da paisagem, personagens e outros eventos relacionados.

Contudo, dentre as representações pictográficas de locais conquistados nas histórias mexicas coloniais, México-Tlatelolco é um dos poucos exemplos que não apresenta o glifo de conquista. Esse lugar é representado por meio de outros glifos, de forma menos esquematizada e, portanto, destaca-se nas narrativas em relação a outros lugares conquistados. Por conta dessa diferença em relação às representações pictográficas, analiso, a seguir, os glifos e textos alfabéticos que tratam da conquista de México-Tlatelolco.

México-Tlatelolco, ou simplesmente Tlatelolco, é traduzida como “Montículo redondo”²⁸⁴. Esse *altepetl* teria sido fundado por uma subdivisão de um grupo unitário mexica, que se separou durante a migração, ou por um grupo distinto dos mexicas de Tenochtitlan. Independente de sua origem, mexicas-tlatelolcas e mexicas-tenochcas possivelmente tiveram trajetórias históricas muito conectadas, pois ocupavam ilhas muito próximas no lago Texcoco²⁸⁵.

²⁸³ Espada de madeira cravejada de lâminas de obsidiana.

²⁸⁴ MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. “Breve historia de Tlatelolco” in: *Arqueología Mexicana. Tlatelolco. Su historia y arqueología*. Ed. 89. México: Editorial Raíces, jan.-fev. 2008, pp. 28-37.

²⁸⁵ CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. *Op. cit.*, pp. 82-91. LOCKHART, James. *Los nahuas después de la Conquista...*, p. 36. NAVARRETE LINARES. *Los orígenes de los pueblos...*, p. 216-218.

A seguir, analiso a representação da conquista de Tlatelolco no códice *Mendoza*, que será cotejada com os exemplos das narrativas do códices *Vaticano A*, *Manuscrito 40* e *Aubin*. As análises terão como eixo central a representação do glifo toponímico de México-Tlatelolco e dos glifos de conquista, com o objetivo de destacar, de forma amostral, os lugares que eram acionados com a finalidade de identificar lugares de conquista como parte integrante das concepções de espaço dos mexicas.

A conquista de Tlatelolco é representada no códice *Mendoza* no fólio 10r (Figura 3.24). Essa conquista é parte de um conjunto de lugares dominados pelos mexicas durante o governo do *tlatoani* tenochca Axayacatl, e ocupa uma área maior que a dos outros lugares conquistados. A representação de Tlatelolco está localizada na parte central superior do fólio, por meio de uma vista frontal de uma pirâmide com dois templos em seu cume; na parte de cima desta representação há glifos de fumaça com a forma de volutas nas cores vermelha e cinza. Logo abaixo da pirâmide está representado o glifo toponímico de Tlatelolco. A representação de um templo com glifos de fumaça é geralmente interpretada pelos estudiosos do códice *Mendoza* como a conquista de um *altepetl*. No códice *Vaticano A*, os mesmos elementos descritos estão presentes, com exceção dos glifos de fumaça. O códice *Aubin*, por sua vez, representa apenas o glifo de conquista, exemplificado anteriormente, embora Tlatelolco seja mencionada ao longo do texto alfabético em nahuatl. Por fim, o *Manuscrito 40* menciona a conquista de Tlatelolco apenas por meio dos textos em nahuatl, sem representações pictográficas²⁸⁶.

²⁸⁶ Trata-se, portanto, do relato mais sintético da conquista de Tlatelolco, entre os exemplos analisados: “Nican polihque yn tlatilolca yn monenequiya yn moquihuitli nehuã yn teconatl yntla Ca yehuatl. Yn Quaquauhtzin senca polihuizquia as huel popolosquia ça can achi tonatiuh quihualchihuquia ypan yn calli mochiuh”, isto é, “Aqui pereceram os tlatelolcas; aparentava [ser valente?] Moquihuix junto com Teconatl. Se não fosse por ele, Quaquauhtzin, [os tlatelolcas] teriam sido destruídos, muito teria destruído. Somente pouco antes de que saísse o sol, sucedeu o [ano] calli (casa)”. Tradução minha com base na paleografia e tradução ao espanhol realizada por Xóchitl Medina González. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*, p. 90-91.

sentido, isso difere esse evento do glifo de conquista que é geralmente utilizado no *Vaticano A*, ou do glifo do guerreiro sacrificado, como vimos anteriormente. Assim, tanto o guerreiro mexica, quanto Moquihuix são ajudados por aliados, representados em lados opostos do templo de México-Tlatelolco. Ao lado do *tlatoani* Moquihuix estavam Atapalca ou Tecuani e o *tlatoani* Xiloman, de Colhuacan. Já ao lado do guerreiro mexica estava Chimalpopoca, *tlatoani* de Tenayuca, que possivelmente apoiou os mexicas tenochcas²⁸⁷. Todos esses personagens são representados por meio de formas humanas e glifos onomásticos e, em alguns casos, toponímicos²⁸⁸. Em suma, a representação da conquista de Tlatelolco é representada com elementos bastante distintos de outras conquistas presentes no códice *Vaticano A*. Apesar dessas diferenças, Tlatelolco continua sendo acionado tematicamente como um lugar de conquista.

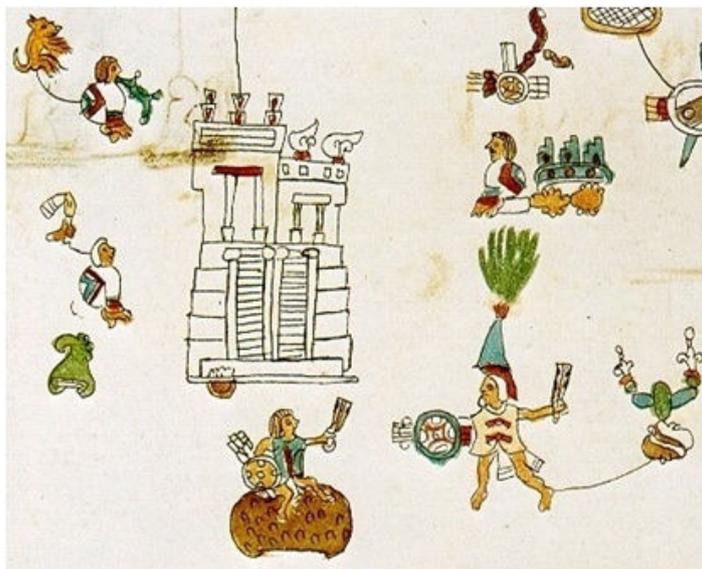


Figura 3.25 – Representação da conquista de México-Tlatelolco. *Vaticano A*, fl. 80v.

Em suma, as análises das quatro representações da conquista de México-Tlatelolco pelos mexicas tenochcas nas histórias mostram que houve uma substituição dos glifos

²⁸⁷ Suposição de Ferdinand Anders e Maarten Jansen. *Religión, costumbres e historia...*, p. 333.

²⁸⁸ De forma semelhante ao códice *Vaticano A*, o códice *Aubin* também menciona os aliados dos tenochcas e dos tlatelolcas, embora não os represente por meio de glifos. Segundo o texto em nahuatl do fólio 71, Teconal era aliado dos tenochcas, enquanto Quaquauhtzin intercedeu pelos tlatelolcas: “Nican polihq in tlatilolca amo huecauh in q’ompeuh axayacatzin Ca moquichnenequia y moq’vix nevan y teconal in tlaca yehuatl quaquauhtzin ça inpã tlatoca vel popolihvizquia”, isto é, “Aqui pereceram os tlatelolcas; não muito tempo [depois] Axayacatl os venceu [e] a Moquihuix, que aparentava ser valente, junto com Teconal. Se não fosse por ele, Quaquauhtzin, que falou por eles [os tlatelolcas], teriam sido destruídos.” Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol realizada por Charles E. Dibble e Minerva Colin Miranda. DIBBLE, Charles E. *Op. cit.*, p. 46. COLIN Miranda, Minerva. *Op. cit.*, p. 153.

toponímicos tlalolcas e das representações de sua conquista por glosas ou textos alfabéticos nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*. Nas outras duas representações, contidas nas histórias do códice *Mendoza* e *Vaticano A*, a conquista de Tlatelolco é integrada às conquistas dos mexicas tenochcas, destacadas por meio de representações pictográficas com dimensões maiores do que a de outros topônimos listados – tornando este acontecimento uma conquista exemplar ao longo da narrativa. Essa diferença evidencia, portanto, a esquematização que ocorreu em relação às representações da conquista de Tlatelolco nas histórias e, portanto, que esse lugar passa a ser mais um na série que compõe os lugares conquistados pelos mexicas nas narrativas do *Aubin* e *Manuscrito 40*.

Dessa forma, embora a conquista de México-Tlatelolco tivesse certa primazia em algumas narrativas, esse lugar era parte de um conjunto coeso de representações de lugares que foram conquistadas pelos mexicas durante o período imperial. Portanto, durante o período colonial, os mexicas continuaram representando lugares conquistados de forma agrupada, tal como ocorria em tempos pré-hispânicos, como apresentado nos exemplos do códice mixteco *Zouche Nuttall*, e no monumento em pedra mexica, *Piedra de Tizoc*.

À guisa de conclusão deste sub-item, a análise das representações de topônimos de paisagem e *altepetl* nos códices mexicas coloniais demonstrou que alguns lugares poderiam ser mais qualificados, como é o caso de México-Tenochtitlan em seu momento de fundação, que evocavam sua primazia nas narrativas por meio do tamanho maior e de destaque de seu glifo toponímico, juntamente com outros atributos da paisagem e representações de personagens e eventos. Dessa forma, vimos que México-Tenochtitlan continua sendo representado nas histórias mexicas coloniais com uma série de elementos semelhantes aos que são encontrados no *Teocalli de la Guerra Sagrada*, monumento mexica pré-hispânico. Ao mesmo tempo, durante o período colonial, algumas representações relacionadas às deidades mexicas no relato da fundação do *altepetl* mexica perderam sua primazia ou foram, até mesmo, suprimidas em algumas narrativas, como nos códices *Mendoza* e *Vaticano A*.

Vimos também que após a fundação de México-Tenochtitlan, os eventos ocorridos são relacionados e esse lugar de forma implícita ou subsumida, uma vez que o topônimo do *altepetl* mexica não é representado por meio de glifos ou em alfabeto latino. Assim, o espaço narrativo se transforma ao longo da narrativa por meio do lugar fundacional, que estabelece dois períodos históricos na narrativa, o da migração e o imperial.

Além disso, as análises demonstraram que outros lugares, tais como os lugares de conquista, eram mais esquemáticos e, por isso, eram agrupados em um conjunto coeso de

acordo com a temática da migração mexicana. Isso porque as narrativas mexicanas coloniais continuaram utilizando glifos específicos junto aos topônimos para demonstrar sua função narrativa, assim como ocorria nas representações pré-hispânicas. Embora a conquista de México-Tlatelolco fosse representada de forma diferente e mais detalhada em algumas narrativas, ela não apresentava a mesma primazia que a fundação de México-Tenochtitlan. Portanto, essa segunda parte das análises das representações de topônimos de paisagem e de *altepetl* demonstra, assim como a anterior, que as concepções de espaço mexicanas acionavam e hierarquizavam os lugares conforme seus temas, que poderiam ser mais ou menos detalhados, de acordo com o contexto narrativo das histórias.

3.3.3 O período colonial: México-Tenochtitlan e os lugares exteriores à Mesoamérica

Por fim, o último período a ser analisado nessa seção é o período colonial, narrado nas histórias dos códices *Vaticano A*, *Manuscrito 40* e *Aubin*. O período colonial é iniciado pelo relato ou citação da conquista castelhana e é seguido por eventos diversos, tais como: a continuidade das conquistas após México-Tenochtitlan, a chegada de missionários europeus e autoridades castelhanas no *altepetl* mexicana, a evangelização, as epidemias, a construção de igrejas, mercados e canais, entre outros. Tais eventos são relacionados à México-Tenochtitlan ou a outros lugares localizados no centro do México, em outras regiões mesoamericanas e até mesmo em outros continentes. O fim desse período varia nas três histórias. Os últimos anos relacionados a eventos são 1549, 1573, e 1607, respectivamente nos códices *Vaticano A*, *Manuscrito 40* e *Aubin*²⁸⁹.

Durante a narrativa do período colonial, México-Tenochtitlan continua sendo representado de forma implícita ou subsumida, uma vez que grande parte dos eventos ocorrem neste local. Além disso, o *Manuscrito 40* e o códice *Aubin* fazem referência, ainda, a topônimos de outros lugares mais distantes do centro do México, e que são apresentados nos textos alfabéticos em nahuatl. Por exemplo, Castela, Peru e China são citados em ambos os

²⁸⁹ Apesar das datas indicadas serem as últimas que apresentam eventos relacionados, as datas de término dos códices *Vaticano A*, *Manuscrito 40* e *Aubin* seriam, respectivamente, 1562, 1573 e 1608 (segunda parte – a primeira parte deste manuscrito teria sido concluída em 1596). Além disso, durante o período colonial, a quantidade de topônimos de paisagem e de *altepetl* mencionados para as histórias é de 12, 11 e 67, no *Vaticano A*, *Manuscrito 40* e *Aubin*. Embora as quantidades de nomes de lugares mencionados nos códices *Vaticano A* e *Manuscrito 40* sejam aproximadas, a quantidade de anos narrados após a conquista castelhana na história do *Manuscrito 40* é o dobro da quantidade do *Vaticano A*. O códice *Aubin*, por sua vez, representa pelo menos cinco vezes mais topônimos que as outras duas histórias em um período de 86 anos. Dessa forma, é possível afirmar que a narrativa do período colonial não esteve baseada em uma tradição histórica comum, como ocorria com as histórias do passado pré-hispânico mexicana. Em outras palavras, cada história elencava eventos que julgavam ser pertinentes, ainda que, sem dúvida, alguns eventos coincidiram nas três histórias.

manuscritos, e Flórida e Roma são citados apenas no códice *Aubin*. A representação destes nomes de lugares evidencia a incorporação de topônimos que não faziam parte do mundo mexica pré-hispânico e das tradições históricas mexicas, ao mesmo tempo em que México-Tenochtitlan e outros lugares nos arredores deste *altepetl* eram mencionados durante a narrativa do período colonial.

A introdução desses lugares exteriores à Mesoamérica implica em uma mudança em relação às tradições históricas presentes nos períodos da migração e imperial. Nos dois períodos que abarcam os tempos pré-hispânicos das histórias, as histórias apresentam lugares que fazem parte da Mesoamérica, e que, portanto, estariam localizados em *Tlalpan*. No período colonial, a introdução de lugares distantes como Castela e China, por exemplo, evidenciam que o espaço se torna mais amplo no relato dessa parte da história.

Penso que a inclusão dos nomes destes locais exteriores ao mundo mesoamericano pré-hispânico nas histórias do *Manuscrito 40* e códice *Aubin* pode ser decorrente do interesse das elites de México-Tenochtitlan em inserir outras partes do mundo em suas narrativas, tal como os europeus faziam, ao incluir relatos passados dos povos ameríndios em suas histórias produzidas ao longo do século XVI. Apesar disso, deve-se destacar também que esses topônimos exteriores ao mundo mesoamericano estavam, muitas vezes, relacionados à viagens de autoridades castelhanas ou missionários, e não propriamente a eventos relacionados às elites indígenas.

Dessa forma, a introdução de topônimos exteriores a *Tlalpan* por meio do alfabeto latino nas histórias dos códices *Aubin* e *Manuscrito 40* pode ser entendida como um novo grupo, que era acionado tematicamente com a finalidade de introduzir um mundo mais amplo nas histórias mexicas. Ao mesmo tempo, muitos eventos continuam sendo localizados em México-Tenochtitlan, ainda que sua representação esteja implícita, tal como ocorria com os lugares representados no período imperial das histórias mexicas. As três histórias coloniais apresentam eventos diferentes e períodos com durações desiguais, porém os lugares mencionados fazem parte, de alguma forma, da história mexica. Assim, embora os topônimos exteriores à Mesoamérica sejam representados na narrativa por meio do alfabeto latino assim como outros lugares mais próximos, sua presença implica em uma mudança na concepção de espaço mexica, que passa a incluir eventos ocorridos para além de *Tlalpan*, isto é, para além do mundo conhecido e narrado nos períodos de migração e imperial das histórias mexicas coloniais.

Assim, considero que dois tipos de lugares eram acionados para narrar a temática do período colonial nas histórias. O primeiro tipo é México-Tenochtitlan e sua representação

implícita junto aos eventos ali ocorridos. O segundo tipo é formado pelos lugares exteriores à Mesoamérica, cujos exemplos são Castela, Peru, China, Flórida e Roma, que estão representados nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*. Portanto, a seguir, serão analisadas as representações desses topônimos, com o objetivo de exemplificar como esses lugares são acionados para narrar a temática colonial por meio do contexto narrativo nas histórias mexicas coloniais.

3.3.3.1 México-Tenochtitlan: a continuidade do espaço implícito

Como vimos anteriormente, durante o período imperial, muitos eventos são relacionados a México-Tenochtitlan, ainda que esse lugar não seja mencionado. Isso ocorre porque, após a fundação do *altepetl* mexica, o espaço dos eventos é subentendido ou subsumido como sendo México-Tenochtitlan. Nas histórias dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A* essa concepção de espaço relacionada ao *altepetl* mexica se mantém nos eventos narrados após a conquista castelhana, ao mesmo tempo em que lugares exteriores ao centro do México são inseridos. A seguir, mostro como o espaço subsumido de México-Tenochtitlan é reiterado nas histórias a partir de representações da conquista castelhana. Em seguida, exemplifico como os eventos eram relacionados ao *altepetl* mexica durante a narrativa. Por fim, analiso dois exemplos, nos quais México-Tenochtitlan é referenciada de forma explícita, isto é, por meio de seu glifo toponímico ou de seu topônimo em nahuatl.

Assim como ocorre com a fundação de México-Tenochtitlan, a conquista castelhana reitera o espaço implícito de México-Tenochtitlan. Isso ocorre nas narrativas, sobretudo, pela representação pictográfica do templo desse *altepetl*, de forma mais destacada no códice *Aubin* e no *Manuscrito 40*, que apresenta tamanho maior do que as outras representações (Figura 3.26, à esquerda). Nessas duas narrativas, inclusive, o relato da conquista interrompe a conta dos anos do *xiuhmolpilli* por meio de representações pictográficas e textos em nahuatl que ocupam um fólio no *Manuscrito 40*, e cinco no códice *Aubin*. Além disso, no *Manuscrito 40*, o glifo toponímico do *altepetl* mexica é registrado acima da representação do templo (Figura 3.26, no centro). Contudo, no códice *Vaticano A*, o tamanho da representação de tempo é semelhante ao dos personagens, sem apresentar destaque, e, complementarmente, a conta dos anos do *xiuhmolpilli* não é interrompida para detalhar os relatos da narrativa do período pós-conquista castelhana, demonstrando menor ênfase dada nessa narrativa a esse episódio da história mexica (Figura 3.26, à direita).

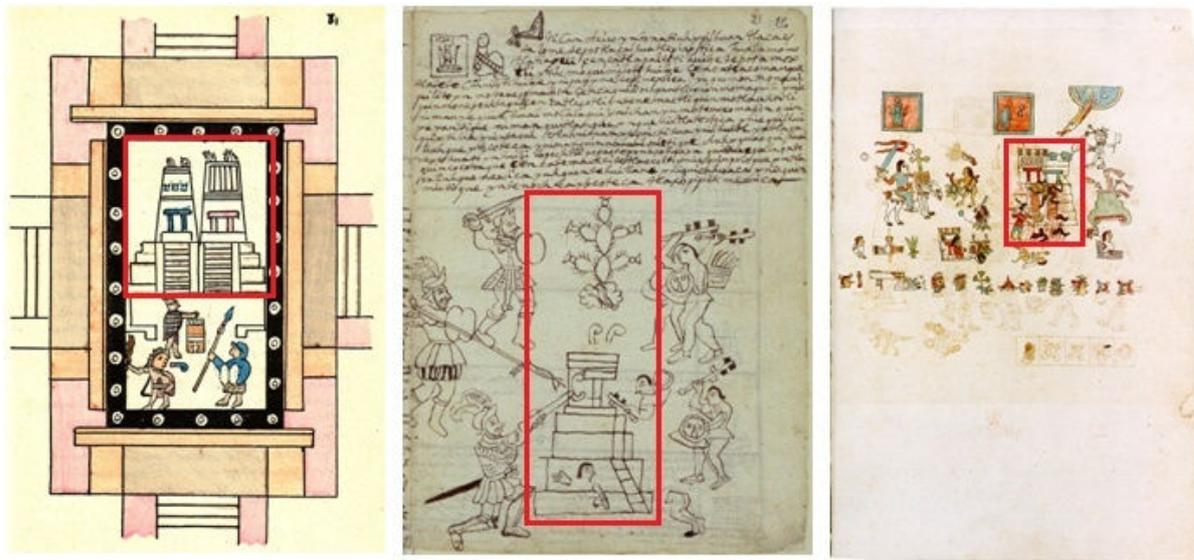


Figura 3.26 – Representação do templo de México-Tenochtitlan durante a conquista castelhana. *Aubin*, fl. 81. *Manuscrito 40*, fl. 15r. *Vaticano A*, fl. 89r.

Dando continuidade às análises, a sequência das representações implícitas de México-Tenochtitlan pode ser exemplificada no fólio 16r do *Manuscrito 40*. Nesse exemplo, o evento relacionado ao ano 11 *calli* (11 casa) ou 1530 é a realização do primeiro matrimônio cristão. Ao lado direito do ano, há representações de duas mãos e uma cruz sobre uma plataforma formada por três retângulos, todas com características iconográficas europeias (Figura 3.27). Ao lado, o texto alfabético em nahuatl faz referência à união de mãos, isto é, ao matrimônio²⁹⁰. Embora o texto utilize a palavra *nican* (aqui), nenhum lugar é referido por meio de um topônimo, pois, assim como ocorre com o exemplo do códice *Aubin*, está subentendido que o acontecimento ocorreu em México-Tenochtitlan.



Figura 3.27 – Representação de acontecimento relacionado de maneira subsumida ou implícita a México-Tenochtitlan (destacado em vermelho). *Manuscrito 40*, fl. 16r.

²⁹⁰ “Nican yancuican mochiuh nemanepanolistli nenamiclistli”, ou seja, “aqui [neste ano] houve, pela primeira vez, união de mãos, matrimônio [cristão]”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*, p. 101.

Por fim, apesar do *altepetl* mexica estar subentendido em relação aos eventos descritos nas narrativas, os códices *Vaticano A* e *Manuscrito 40* representam alguns eventos com a representação do glifo toponímico de México-Tenochtitlan. Por isso, analiso dois exemplos de eventos nos quais há a representação do glifo toponímico mexica, presentes no *Manuscrito 40* e no códice *Vaticano A*.

México-Tenochtitlan é mencionada no fólio 18r do *Manuscrito 40*, por exemplo. A citação do *altepetl* mexica ocorre por meio de um texto alfabético em nahuatl, no qual é narrada a ordem do imperador para que os mexicas começassem a pagar tributos, no ano de 1564. Como consequência, os mexicas repartiram a carga de trabalho²⁹¹. Em seguida a esse trecho, o texto continua, afirmando que os mexicas de Tlatelolco também teriam de pagar tributos, e que essa situação gerou uma rebelião na qual muitas pessoas foram presas. Assim, a citação de México-Tenochtitlan tem como objetivo enfatizar a ocorrência de um evento no qual participaram tanto os mexicas de Tenochtitlan, quanto os mexicas de Tlatelolco.

De forma semelhante ao exemplo do *Manuscrito 40*, o fólio 93r do códice *Vaticano A*, por exemplo, narra uma série de eventos que não são referenciados pelo topônimo de México-Tenochtitlan, embora tenham ocorrido lá. Contudo, um evento relacionado ao ano 11 *tochtli* (11 coelho), no centro do fólio, apresenta o glifo toponímico do *altepetl* mexica. Tal glifo está localizado abaixo do ano e é ligado por uma linha a uma representação antropomorfa em perfil, que carrega um utensílio em sua mão. Abaixo desse personagem, ainda, há quatro pegadas de pés (Figura 3.28). De acordo com Ferdinand Anders e Maarten Jansen, esse conjunto de representações mostra o retorno de trabalhadores indígenas a México-Tenochtitlan após sua estadia no Norte²⁹². Dessa forma, o glifo toponímico é representado com o objetivo de enfatizar o deslocamento desses personagens do Norte para o *altepetl* mexica.

²⁹¹ “Yhuan uquac huala ynn êperador yn ipâpa tlacalaquili y San nohuian mochihua yn *altepetl* ipan auh yn mexico tenochtitlan no yuh tetequimacaya”, isto é, “E então veio a ordem do imperador e por isso se deu o tributo. Somente se fez em todas as partes do *altepetl*. E, assim, em México-Tenochtitlan também se repartiu a carga de trabalho”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol. *Ibidem*, p.108.

²⁹² ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religión, costumbres e historia...*, p. 366.



Figura 3.28 – Representação de trabalhadores indígenas retornando a México-Tenochtitlan. Códice Vaticano A, fl. 93r.

Em suma, as análises realizadas exemplificam que o espaço de México-Tenochtitlan continuou sendo representado de forma implícita durante a narrativa dos eventos do período colonial. Além disso, o

altepetl mexica passou a ser referenciado nas narrativas em alguns casos, a fim de especificar esse local em relação a outros, ou qualificar pessoas de outros *altepeme*. Dessa forma, é mantida a concepção de espaço mexica na qual México-Tenochtitlan é representada de forma implícita ou subsumida na narrativa do período colonial, uma vez que o lugar foi referido por meio de sua fundação no início do período imperial. Ao mesmo tempo, as histórias também passam a narrar acontecimentos ocorridos em lugares exteriores à Mesoamérica, como será analisado a seguir.

3.3.3.2 Os lugares exteriores à Mesoamérica: Castela, Peru, China, Flórida e Roma

Além dos eventos que ocorrem em México-Tenochtitlan, o período colonial também registra acontecimentos em lugares mais distantes do centro do México. Como mencionado anteriormente, lugares como Castela, Peru, China, Flórida e Roma são citados nos textos alfabéticos em nahuatl no *Manuscrito 40* e no códice *Aubin*. Enquanto Castela, Peru e China são mencionados nos dois manuscritos, Flórida e Roma são mencionados apenas no códice *Aubin*. Dessa forma, os três primeiros lugares serão analisados de acordo com suas representações no *Manuscrito 40* e, os outros dois, de acordo com suas representações no códice *Aubin*. Tais lugares exteriores à Mesoamérica e, portanto, não indígenas, serão analisados a seguir, para mostrar a aproximação dos mexicas a outras formas de conceber o espaço, uma vez que esses lugares que não faziam parte do mundo mexica pré-hispânico.

O *Manuscrito 40* menciona Castela, Peru e China por meio de textos alfabéticos em nahuatl durante a narrativa do período colonial. Esses lugares, contudo, estão sempre relacionados a europeus. Castela é mencionada no fôlio 18r, por conta da chegada de dois ouvidores castelhanos em México-Tenochtitlan em 1566, que marca o fim da participação das elites no governo²⁹³. O Peru também é citado no *Manuscrito 40*, dessa vez no fôlio 17v, porque é o local da morte do vice-rei Antonio de Mendoza, ocorrida no ano de 1553²⁹⁴. O terceiro e último lugar exterior à Mesoamérica mencionado no *Manuscrito 40* é a China. Esse lugar é citado em três ocasiões nos fôlios 19r e 19v, sendo que todas elas são relacionadas aos castelhanos. A citação no fôlio 19r é mais precisa e afirma que trata-se de religiosos que foram à China em 1570²⁹⁵. Além desses três lugares, no códice *Aubin* são citados, ainda, Flórida e Roma nos textos alfabéticos em nahuatl que compõem a narrativa do período colonial. Flórida é mencionada no fôlio 100, pois era o destino de embarcações enviadas pelo vice-rei²⁹⁶. Roma, por sua vez, é citada como lugar de proveniência de uma cruz, que teria sido enviada para México-Tenochtitlan, e que foi recebida com uma procissão²⁹⁷.

Dessa forma, os lugares exteriores à Mesoamérica se relacionam com personagens ou, até mesmo, objetos não indígenas na história dos mexicas e, portanto, demonstram tentativas de aproximação ao novo mundo no qual México-Tenochtitlan fora inserida após a conquista castelhana. Por um lado, a introdução desses topônimos ocorre de forma semelhante à transcrição de glifos toponímicos mesoamericanos, presentes em outras partes dessas mesmas narrativas, que são substituídos por palavras em nahuatl. Por outro, tanto os topônimos mesoamericanos transcritos, quanto os topônimos exteriores à Mesoamérica, evidenciam o

²⁹³ “Yhuan iquac motalique oydores Doctor felanoban yhuan doctor vohoa teuctlasaloque niman ic opeuhque yn Castilan yn [o]meixtin yn tlatoque quinhuicac yn visitador”, ou seja, “e então se assentaram os ouvidores doutor Villanueva e doutor Vasco de Puga. Os nobres foram derrubados, logo começaram [a governar] os de Castela. Dois tlatoque (governantes) acompanharam o visitador”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol realizada por Xóchitl Medina González. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Op. cit.*, p. 110.

²⁹⁴ “Yhua machistico yn omomiquili visorey de mêdoça yn opa perun”, isto é, “E veio a saber-se [que] morreu o vice-rei [Antonio] de Mendoza lá no Peru”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol. *Ibidem*, p. 106.

²⁹⁵ “Yquac yaque teopixque china”, ou seja, “Então os religiosos foram à China”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol. *Ibidem*, p. 111.

²⁹⁶ “Yno ompeuh fisorrey teacallaquito lones a 24 días del mes de abril. Quimacallaquito in yaque alla forida”, isto é, “partiu o vice-rei, foi embarcar as pessoas na segunda-feira, 24 dias do mês de abril. Foi embarcar os que foram à Flórida”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol realizada por Charles E. Dibble. DIBBLE, Charles E. *Op. cit.*, p. 71-72.

²⁹⁷ “Ypan yn ilhuitzin sanctome yn otlayavalo sancta cruz quin ic valla Roma vel yehuatl yn itech momiquilli totemaqxticatzí”, ou seja, “no dia dos Santos foi levada em procissão a Santa Cruz. Há pouco que chegou de Roma. Sobre a mesma morreu nosso salvador”. Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol. *Op. cit.*, p. 86. Essa citação também evidencia que os produtores do códice *Aubin* eram cristãos.

acercamento a outra forma de conceber o espaço e a história, pois implica na ampliação do mundo no qual a narrativa do período pré-conquista das histórias estava até então inserida.

De acordo com James Lockhart entre 1540-50 e 1640-50, uma série de palavras foram emprestadas do castelhano para o nahuatl sem modificações e, aos poucos, converteram-se em parte fundamental do vocabulário nahuatl²⁹⁸. Algumas palavras de origem hispânica, ou que faziam parte do mundo castelhano, e foram emprestadas ao nahuatl são os nomes de lugares analisados acima, tais como Castela, Peru, China, Flórida e Roma. Dessa forma, segundo o autor, as mudanças no campo linguístico ocorridas ao longo desses cem anos, período no qual foram produzidas os códices *Aubin* e *Manuscrito 40*, implicavam na utilização de novas palavras que, por sua vez, transmitiam conceitos modificados. Além disso, os cinco lugares exteriores à Mesoamérica mencionados no *Manuscrito 40* e códice *Aubin* mostram que sua citação era sempre relacionada a personagens europeus, que teriam ido, passado ou saído de México-Tenochtitlan. Dessa forma, tais lugares podem ser entendidos como parte de um novo grupo de topônimos cuja finalidade era a introdução de um mundo mais amplo nas histórias mexicas, possivelmente cristão. A presença desses lugares nas histórias implica, portanto, em uma mudança na concepção de espaço mexica, que passa a incluir eventos ocorridos para além de *Tlalpan*.

À guisa de conclusão desse item, vimos que, em primeiro lugar, o espaço subsumido ou implícito de México-Tenochtitlan também é representado durante a narrativa do período colonial nas histórias mexicas. Além disso, o *altepetl* mexica passou a ser referenciado nas narrativas em alguns casos a fim de especificar esse local em relação a outros, ou a pessoas de outros *altepeme*. Em segundo lugar, as histórias dos códices *Aubin* e *Manuscrito 40* apresentam a introdução de lugares exteriores à Mesoamérica, o que implica na transformação de sua concepção de espaço, uma vez que esses lugares não faziam parte de *Tlalpan* e porque os personagens relacionados a esses lugares não são necessariamente mexicas.

Em suma, procurei analisar, nesta terceira seção, a coincidência entre as representações de topônimos de paisagem e de *altepetl* nos três períodos narrados nas histórias mexicas. As análises evidenciaram uma série de possíveis diferenças de tradições

²⁹⁸ Trata-se de uma das características do que Lockhart nomeia como Etapa 2, de um conjunto de três etapas da evolução geral dos nahuas depois da conquista. Nessa segunda etapa, os elementos castelhanos chegam a penetrar em todos os aspectos da vida nahua, mas com limitações. Esse processo ocorreu de forma distinta do período entre 1519 e 1540-1550, na Etapa 1, quando, segundo o autor, os textos nahuas faziam poucas inclusões de palavras castelhanas, incluindo, ao invés disso, uma série de palavras em nahuatl que procuravam descrever novidades de origem hispânica. Por fim, na terceira etapa, de 1640-50 até, pelo menos, 1800, os nahuas adotaram mais elementos castelhanos, de forma que se criou, em alguns casos, um amálgama entre as duas tradições. LOCKHART, James. *Op. cit.*, pp. 378-468 e 605-637.

históricas ou ênfases narrativas ao longo de cada período que compõem as histórias mexicas, ou até mesmo ao longo de uma mesma história. Tais diferenças, por sua vez, ajudaram na identificação das funções predominantes que os topônimos de paisagem e de *altepetl* têm em cada um dos três períodos da história mexica. Dessa forma, as concepções de espaço mexicas eram caracterizadas pela hierarquização dos lugares nas narrativas históricas. Assim, alguns lugares poderiam ser qualificados de forma mais detalhada, por meio de seus atributos de paisagem, além de personagens e eventos. Outros lugares, no entanto, apresentariam menos qualidades e seriam agrupados de forma padronizada, com a finalidade de representar um conjunto coeso e intimamente relacionado a uma temática. Essa caracterização está presente de acordo com os tipos de lugares representados em cada um dos períodos analisados.

Dessa forma, o período da migração, narrado nos nas histórias dos códices *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Boturini*, é caracterizado pela presença de topônimos cuja função é identificar os lugares de origem sequenciais, como Aztlán, Chicomoztoc e Colhuacan, e os lugares de passagem, como Tolpetlac, pelos quais os mexicas realizam sua migração até fundarem seu *altepetl*. O período seguinte é o imperial, presente nas histórias do *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Mendoza*, e é iniciado pelo lugar fundado pelos mexicas, México-Tenochtitlan, o qual é relacionado a eventos de forma implícita ao longo desse período. O período imperial também é marcado pela presença de lugares de conquista, ou seja, por topônimos de *altepetl* cuja função é identificar os lugares conquistados pelos *tlatoque* mexicas, como é caso singular analisado de México-Tlatelolco. Por fim, o período colonial é narrado nas histórias dos códices *Vaticano A*, *Aubin*, *Manuscrito 40*, e é caracterizado pela continuidade do espaço implícito de México-Tenochtitlan, ainda que esse lugar seja representado em algumas situações nas histórias. Nesse período também surgem os lugares exteriores à Mesoamérica, isto é, lugares que não faziam parte do mundo pré-hispânico mexica e que são referenciados nas histórias por sua relação com personagens europeus, como Castela, Peru, China, Flórida e Roma.

Nesse sentido, os lugares de origem e o lugar fundacional de México-Tenochtitlan são mais qualificados e detalhados por meio de atributos de paisagem, personagens e eventos. Já os lugares de passagem e os lugares de conquista, apresentam-se como uma espécie de série, padronizada e coesa como uma sequência de lugares relacionados às temáticas da migração e ao aumento dos domínios dos *tlatoque* mexicas durante o período imperial. Por fim, os lugares exteriores à Mesoamérica são incluídos de forma esporádica e sem destaque, e, talvez, se encaixando em uma nova lógica de representação dos espaços nas narrativas, relacionada às concepções históricas europeias.

3.4 Conclusões

Ao longo deste capítulo procurei analisar as representações de espaço contidas nas histórias mexicas coloniais, explicitando a função estruturante das representações nas narrativas. Antes de iniciar as análises, apresentei as características gerais do sistema cosmográfico mesoamericano por meio de exemplos de representações pré-hispânicas em códices mixtecos e monumentos em pedra mexicas. A partir dessas explicações gerais sobre as representações de espaço pré-hispânicos, contidas na primeira seção do capítulo, analisei dois grupos desiguais de representações nas histórias coloniais mexicas. O primeiro grupo analisado tratou das duas representações do *quincunce*, presente apenas nos códices *Mendoza* e *Aubin*, analisadas na segunda seção do capítulo. O segundo grupo analisado tratou das representações dos topônimos de *paisagem* e de *altepetl*, presentes de forma abundante nas cinco histórias mexicas, analisadas na terceira seção do capítulo. Retomo agora os resultados das análises com o objetivo de entender suas possíveis relações com continuidades e transformações nas concepções de história dos mexicas durante os séculos XVI e início do XVII.

As representações do *quincunce* presentes nas histórias códices *Mendoza* e *Aubin* evidenciaram a utilização do conceito espacial da divisão do universo em quatro rumos e um centro nas histórias de formas diferentes. As análises mostraram que a representação do *quincunce* no códice *Mendoza* foi adequada à narrativa de fundação de México-Tenochtitlan, transformando o *altepetl* mexica no centro do cosmos, cujas parcialidades poderiam corresponder aos rumos do universo. A representação do *quincunce* no códice *Mendoza* evidencia que, para os mexicas, assim como para outros povos nahuas, o *altepetl* e outros âmbitos cosmográficos se sobrepunham, como afirma Eduardo Natalino dos Santos²⁹⁹. Já no códice *Aubin*, por sua vez, a representação do *quincunce*, prévia à história, assume uma função temática ou explicativa, que esquematiza os fundamentos da divisão do universo em quatro rumos e um centro e os relaciona ao funcionamento do ciclo calendário *xiuhmolpilli*.

Como vimos, apesar dessas diferenças, o conceito espacial do *quincunce* continua a ser usado nessas duas histórias por meio de características comuns nas representações, tais como os quatro glifos portadores dos anos, correspondentes aos quatro rumos que partem do

²⁹⁹ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 316.

centro, e a orientação dos rumos em sentido anti-horário³⁰⁰. Essas duas características estavam presentes em representações pré-hispânicas do *quincunce*, como a do fólio 1r códice *Fejérváry-Mayer*, ainda que em um contexto narrativo diferente. Dessa forma, as representações de *quincunce* nas histórias mexicas dos códices *Aubin* e *Mendoza* sugerem que, ao longo do século XVI e início do século XVII, a concepção de espaço mexicana continuou sendo caracterizada por meio da divisão em quatro rumos e um centro, a qual era indissociável do sistema calendário, representado por meio dos glifos do ciclo *xiuhmolpilli*.

A terceira seção do capítulo demonstrou que as representações de topônimos de paisagem e de *altepetl* estavam presentes ao longo dos três períodos contemplados nas histórias mexicas coloniais – 1) período da migração, 2) período imperial e 3) período colonial. As análises mostraram que os lugares representados em cada um dos períodos eram acionados conforme determinadas temáticas, em decorrência de seu contexto narrativo e que algumas dessas funções estavam presentes em representações pré-hispânicas mexicas ou mixtecas, ou que, ainda, eram compartilhadas com outros povos nahuas durante o período colonial.

Dessa forma, foram identificadas cinco categorias de lugares com base nas análises dos topônimos de paisagem e de *altepetl* representados nas histórias mexicas coloniais: 1) lugares de origem, 2) lugares de passagem, 3) o lugar fundacional de México-Tenochtitlan, 4) lugares de conquista e 5) lugares exteriores à Mesoamérica. Esses lugares não serviam apenas para localizar acontecimentos, mas também eram qualificados nas histórias de acordo com os períodos históricos narrados. Em suma, essas cinco categorias podem ser entendidas como conceitos que faziam parte das concepções de espaço mexicana e que eram acionados tematicamente nas narrativas. A partir desse ponto, algumas considerações podem ser feitas sobre as transformações e continuidades relacionadas a cada um desses cinco conceitos presentes nas histórias mexicas produzidas durante os séculos XVI e início do XVII.

Foi possível constatar que os quatro primeiros conceitos apresentam forte continuidade em relação às representações pré-hispânicas ou coloniais de outros povos nahuas. Os lugares de origem e os lugares de passagem não estavam presentes somente nas narrativas mexicas. Embora somente os mexicas reivindicassem sua origem em Aztlan, outros povos nahuas também estabeleciam lugares de origem e de passagem obrigatória para suas migrações no

³⁰⁰ Conforme análise realizada anteriormente, reitero que quanto ao *quincunce* do códice *Mendoza*, a presença dos glifos portadores dos anos é inferida de maneira hipotética, com base nas interpretações de Gordon Brotherston.

início de suas histórias, como é o caso dos colhuas, cuauhtinchantlacas e texcocanos³⁰¹, que citavam Chicomoztoc e Colhuacan em suas narrativas. Dessa forma, é possível sugerir que os lugares de origem e os lugares de passagem eram conceitos amplamente compartilhados pelas tradições históricas mexicas e de outros povos nahuas, possivelmente desde tempos pré-hispânicos. Da mesma forma, o lugar fundacional de México-Tenochtitlan era representado nos monumentos mexicas em pedra pré-hispânicos, como o *Teocalli de la Guerra Sagrada*. No entanto, o *altepetl* mexica não era representado reiteradamente nas histórias mexicas. Isso porque, como vimos, a partir da fundação de México-Tenochtitlan, os eventos ocorridos são relacionados ao *altepetl* mexica de forma implícita ou subsumida, até mesmo durante a narrativa do período colonial. Por fim, o conceito de lugar de conquista era amplamente utilizado em tempos pré-hispânicos, como vimos pelos exemplos do monumento mexica *Pedra de Tizoc* e do códice mixteca *Zouche-Nuttall*, e também continuou utilizado de forma recorrente nas histórias mexicas coloniais.

As análises desses quatro primeiros conceitos também mostraram que as concepções de espaço mexicas eram caracterizadas pela hierarquização dos lugares nas narrativas históricas. Assim, alguns lugares poderiam ser qualificados de forma mais ampla, por meio de seus atributos de paisagem, além de personagens e eventos. Outros lugares, no entanto, apresentariam menos qualidades e seriam agrupados de forma padronizada, com a finalidade de representar conjunto coeso e intimamente relacionado a uma temática. Nesse sentido, os lugares de origem e o lugar fundacional de México-Tenochtitlan são qualificados e detalhados de forma detalhada por meio de atributos de paisagem, personagens e eventos. Já os lugares de passagem e os lugares de conquista apresentam-se como uma espécie de série, padronizada e coesa, como uma sequência de lugares relacionados às temáticas da migração e do aumento dos domínios dos *tlatoque* mexicas durante o período imperial.

Já o conceito de lugar exterior à Mesoamérica, representa uma transformação das concepções de espaço dos mexicas. Durante o final do século XVI e início do século XVII, os produtores das narrativas mexicas começam a introduzir alguns acontecimentos que envolvem personagens europeus que passaram, estiveram ou foram embora de México-Tenochtitlan, como ocorre nos códices *Aubin* e *Manuscrito 40*. Assim, tais lugares mostram que a narrativa colonial, ao menos, está inserida em mundo diferente do qual as concepções de espaço pré-hispânicas estabeleciam. Se antes da conquista os mexicas localizavam os lugares de paisagem e de *altepetl* na região de *Tlalpan*, ou até mesmo em outros âmbitos cosmográficos

³⁰¹ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 259-342.

nahuas, no fim do século XVI, a cosmografia indígena parece dar lugar a um mundo cristão ou hispânico. Mais adiante, no século XVII, essas primeiras tentativas de abordar as tradições históricas nahuas e as tradições históricas europeias em uma mesma história serão amadurecidas nas narrativas produzidas por Domingo de San Antón Muñón Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin, por exemplo, que trata de acontecimentos passados dos *altepeme* do centro do México em paralelo com acontecimentos da Ásia e Europa.

Finalmente, os cinco conceitos de lugares evidenciados ao longo das análises concordam com a forma que os espaços são estruturados nos *cronotopos* definidos por Federico Navarrete Linares. De acordo com o autor, os *cronotopos* se configuravam como uma construção narrativa que conferiam historicidade própria e identidade às histórias produzidas por um *altepetl*³⁰². Embora as análises desse capítulo se restrinjam a entender as concepções de espaço plasmadas nas narrativas mexicas, elas são intimamente relacionadas às concepções de tempo, cujas análises foram realizadas no capítulo anterior.

Em suma, as diferenças evidenciadas pelas análises do *quincunce*, dos lugares correspondentes em cada história e dos lugares representados por meio de glifos toponímicos e por meio do alfabeto latino demonstram continuidades e transformações nas concepções de espaço mexicas. Os mexicas continuaram concebendo seu mundo a partir de quatro rumos e um centro, no qual estava México-Tenochtitlan. Além disso, as funções de lugar fundacional de México-Tenochtitlan e de lugares de conquista continuaram presentes, tal como ocorria em tempos pré-hispânicos. Ao mesmo tempo, as concepções de espaço mexicas gradualmente se transformaram, por meio da introdução dos lugares exteriores à Mesoamérica. Esses lugares não faziam parte de *Tlalpan*, e mostram que os produtores das histórias estavam se aproximando de outras concepções de espaço e história, ainda que esses lugares fossem acionados apenas quando os acontecimentos envolviam europeus. Adicionalmente, algumas

³⁰² Assim como foi explicado no Capítulo 2, segundo Navarrete, os códices pictográficos mexicas coloniais compartilhavam o *cronotopo da migração* e o *cronotopo dos tlatoque* em suas estruturas narrativas. De acordo com o autor, o *cronotopo da migração* tem uma estrutura que conta com pegadas de pés e glifos toponímicos dos lugares onde se estabeleceram os migrantes, representando o espaço percorrido pelos mexicas em sua migração, enquanto os signos dos anos, agrupados sempre junto aos glifos toponímicos, marcam o tempo que durou a estadia em cada lugar. Já o *cronotopo dos tlatoque* é estruturado pelo espaço de México-Tenochtitlan, o qual é representado como o centro do cosmos, e pelos glifos toponímicos dos lugares conquistados pelos mexicas, enquanto o tempo é marcado pelo governo dos sucessivos *tlatoque* mexicas. NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos...*, pp. 203-206. *Idem*. “¿Dónde queda el pasado?...”. Minerva Colin Miranda sugeriu, ainda, a existência de um *cronotopo colonial* com base nos estudos de Navarrete e com o objetivo de caracterizar a relação espaço-temporal no período colonial do códice *Aubin*. De acordo com a autora, o *cronotopo colonial* projeta o sentido de continuidade entre a narrativa pré-hispânica e colonial, tendo seu espaço definido pela praça central de México-Tenochtitlan, e o tempo marcado pelos acontecimentos políticos e religiosos relacionados aos nahuas e aos castelhanos. COLIN Miranda, Minerva. *Op. cit.*, p. 83.

histórias também deixam de dar ênfase aos lugares de origem ou ao lugar fundacional de México-Tenochtitlan, caracterizando certa homogeneidade da narrativa. Dessa forma, ao mesmo tempo em que há uma forte permanência das concepções de espaço pré-hispânicas nas histórias mexicas coloniais, as histórias contidas nos códices *Aubin*, *Boturini*, *Mendoza*, *Vaticano A* e *Manuscrito 40* demonstram a introdução do pensamento cristão e ocidental em suas concepções de espaço e, conseqüentemente, de história.

CONCLUSÕES

Esta dissertação se dedicou a compreender quais eram as concepções de tempo e espaço dos mexicas, partindo do pressuposto de que essas duas categorias são integrantes das próprias concepções de história dos mexicas. Da mesma forma, essa pesquisa se dedicou a mapear continuidades e transformações dessas concepções nas narrativas produzidas durante o período colonial inicial, em relação às concepções pré-hispânicas de tempo e espaço. Para alcançar esse objetivo, foram analisadas representações, tanto em textos pictográficos, quanto alfabéticos, relativas à essas concepções em cinco histórias mexicas coloniais: os códices *Boturini*, *Mendoza*, *Manuscrito 40*, *Vaticano A* e *Aubin*. Nesta conclusão, sintetizarei as principais características das concepções de tempo e espaço dos mexicas, assim como suas transformações durante o período colonial.

No que diz respeito às características das concepções de tempo e espaço dos mexicas durante o período colonial, obtive que:

A – O calendário mesoamericano, ainda que influenciado pelo pensamento cristão, seguiu desempenhando o papel de quantificar o tempo e de conduzir e orientar as narrativas, sobretudo por meio do sentido de leitura dos anos do *xiuhmolpilli*. Isso significa que narrar algo era, antes de tudo, situá-lo na conta dos anos³⁰³. Além disso, embora a sequência dos anos manejadas nas histórias seja a mesma, os distintos modos pelos quais as representações de anos são dispostas e articuladas – entre si e com eventos e personagens – nos fólios dos manuscritos sugerem a configuração de três períodos nas histórias mexicas coloniais: o período da migração, o período imperial e o período colonial.

B – Nas narrativas mexicas, a marcação do tempo podia se desdobrar e se comprimir para acomodar os acontecimentos relatados. Ao se desdobrar, o tempo dos anos do *xiuhmolpilli* podia ser fracionado em vintenas do *xiuhpohualli* ou, até mesmo, em dias do *tonalpohualli*, com a finalidade de detalhar os acontecimentos relacionados aos lugares e personagens representados. Ao se comprimir, o tempo se relacionava a um único acontecimento, que é a própria passagem do tempo. Além disso, o ritmo da narrativa podia ser homogeneizado por meio do estabelecimento de uma espécie de linha do tempo, na qual não havia desdobramentos nem compressão.

C – A sincronia e a diacronia eram complementares na contagem do tempo. Dessa forma, por um lado, os ciclos de 52 anos se repetiam uns depois dos outros nas narrativas,

³⁰³ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 199-201.

enfatizando seu caráter sincrônico. Por outro lado, a sucessão desses ciclos e o estabelecimento de períodos distintos ao longo da narrativa marcava seu caráter diacrônico. Por isso mesmo, a ênfase na diacronia ou sincronia dependia dos episódios relatados e da intenção dos produtores do registro³⁰⁴.

D – O espaço era concebido pela divisão do nível terrestre em quatro rumos, no qual se localizavam os *altepeme* e os lugares de paisagem, e um centro – que, para os mexicas, era México-Tenochtitlan. Essa concepção espacial dos quatros rumos e um centro era, ainda, compartilhada por outros povos nahuas e mesoamericanos desde tempos pré-hispânicos, e estava intimamente relacionada ao calendário, com o objetivo de organizar as narrativas.

E – Os *altepeme* e lugares de paisagem mencionados nas histórias eram acionados nas narrativas de maneira articulada a acontecimentos e personagens. Dessa forma, embora as representações de lugares apresentem regularidades nas narrativas (tal como a conta dos anos), elas podiam ser acionadas conforme cinco temáticas históricas: lugares de origem, lugares de passagem, o lugar fundacional de México-Tenochtitlan, lugares de conquista e lugares exteriores à Mesoamérica.

F – Os *altepeme* e lugares de paisagem, que compunham as representações espaciais nas narrativas mexicas eram hierarquizados conforme suas funções narrativas e relevância representacional. Assim, Aztlan, Chicomoztoc, que são lugares de origem, e México-Tenochtitlan, que é um lugar fundacional e mais central nas histórias, eram mais qualificados e enfatizados do que outros lugares, e, portanto, suas representações definem marcos históricos compostos, ainda, com personagens e eventos. Por sua vez, os lugares de passagem e os lugares de conquista eram padronizados e seriados, com a finalidade de formar um conjunto coeso e temático.

Além de inferir características das concepções de tempo e espaço dos mexicas, também vimos, ao longo das análises, que as narrativas mexicas coloniais sofreram uma série de transformações em relação ao panorama pré-hispânico das representações temporais e espaciais contidas nos monumentos e gravados em pedra mexicas e nos códices mixtecos pré-hispânicos. Algumas dessas transformações foram:

A – A perda de qualidades e atributos não numéricos da conta do tempo, tais como seu caráter precioso e a vida ou animação dos signos dos anos. Sua qualidade de preciosidade foi destituída na transformação gradual da representação de conta dos glifos numerais dos anos, que ainda era representada no códice *Boturini*, até se tornar um simples círculo ou ponto, nas

³⁰⁴ *Ibidem*, pp. 388-389.

narrativas dos códices *Mendoza*, *Vaticano A* e *Aubin*. Essa transformação se tornou mais aparente ainda com a substituição dos glifos numerais em algarismos arábicos ou romanos nas representações de anos do *Manuscrito 40*. Já a qualidade de animação ou vida dos signos dos anos foi exemplificada pela análise do glifo *tecpatl* (punhal de pedernal), que deixou de ser uma espécie de ente animado para se tornar apenas uma representação abstrata de um punhal. A perda ou diminuição de qualidades e atributos ocorreu, ainda, em relação às representações pictográficas de topônimos de *altepetl* e de paisagem. Essas representações espaciais estavam presentes de forma abundante e com poucas palavras por meio de glosas nas histórias dos códices *Boturini* e *Mendoza*, produzidas durante as décadas de 1530 e 1540, e foram convertidas, cada vez mais, em palavras nos textos alfabéticos dos manuscritos confeccionados mais tardiamente, mas que ainda continham representações pictográficas, como o *Manuscrito 40* e o código *Aubin*.

B – Apesar da predominância do calendário mesoamericano, o calendário cristão foi introduzido em todas as histórias, com exceção do código *Boturini*, com o objetivo de correlacionar os anos do *xiuhmolpilli* aos anos cristãos, o que ocorreu de maneira pontual ou contínua ao longo das narrativas.

C – O relato dos acontecimentos pós-conquista foi introduzido nas narrativas mais tardias, produzidas a partir da década de 1570, tais como os códices *Aubin*, *Manuscrito 40* e *Vaticano A*. A introdução de um novo período estabeleceu uma temporalidade diferente em relação aos dois períodos pré-hispânicos, com a adição de novos personagens e, até mesmo, novas formas de contar o tempo, uma vez que, em alguns casos, os anos do *xiuhmolpilli* foram fragmentados em meses e dias do calendário cristão. É também no relato pós-conquista das narrativas do código *Aubin* e *Manuscrito 40* que foi introduzida a temática dos lugares exteriores à Mesoamérica, sempre relacionada a missionários e autoridades castelhanas, como forma de aproximação ou, até mesmo, de incorporação do mundo cristão ou hispânico nas histórias mexicas.

As transformações apontadas resultam na introdução gradual de conceitos do pensamento cristão nas representações de tempo e espaço contidas nas histórias coloniais mexicas, de maneira que é possível apontar em quais narrativas ocorrem menos mudanças e quais mais se transformam. Assim, o código *Boturini*, narrativa produzida provavelmente nas décadas de 1530 e 1540, apresentava menor introdução de conceitos cristãos do que as outras histórias. O *Manuscrito 40*, por sua vez, evidencia mais transformações do que as outras narrativas, ainda que não seja a história produzida mais tardiamente, dentre as que foram analisadas nessa dissertação. Por fim, as histórias dos códices *Mendoza*, *Vaticano A* e *Aubin*

apresentavam uma gradual a introdução do pensamento cristão, e estariam, portanto, como fontes intermediárias entre o códice *Boturini* e o *Manuscrito 40*. Essas três narrativas apresentam, portanto, mais influências hispânicas e cristãs do que o códice *Boturini*, mas, menos modificações do que as que ocorreram no *Manuscrito 40*, por exemplo.

As transformações detectadas nessa pesquisa apresentam dinâmica semelhante às etapas pelas quais o mundo nahua passou após a conquista castelhana, no que diz respeito à língua nahuatl, e que foram definidas por James Lockhart. De acordo com o autor, durante a primeira etapa, isto é, entre 1519 e as décadas de 1540 e 1550, os nahuas faziam poucas incursões de palavras castelhanas, de forma que seu repertório ainda era predominantemente nahua. Em comparação com essa primeira etapa, vimos dinâmica semelhante na utilização do sistema pictográfico entre os mexicas, o que é mais aparente, sobretudo, no códice *Boturini*. De acordo com Lockhart, na segunda etapa, ocorrida entre 1540-1550 a 1640-1650, as palavras castelhanas eram utilizadas com maior frequência pelos nahuas³⁰⁵. Essa ampliação do vocabulário castelhano foi notada, de maneira ressonante à proposta de Lockhart, nos exemplos de introdução do calendário cristão nas narrativas mexicas produzidas no fim do século XVI, como no códice *Aubin* e no *Manuscrito 40*. Dessa forma, as transformações apontadas por Lockhart na língua nahuatl se aproximam das análises das representações de tempo e espaço nas narrativas mexicas que foram realizadas ao longo dessa dissertação.

De forma complementar, é possível dizer que a reformulação de conteúdo e a reconfiguração das representações de tempo e espaço, e suas respectivas concepções, levaram a soluções diferentes em cada uma das narrativas, mas não significaram, necessariamente, descontinuidade histórica em relação ao passado pré-hispânico ou sequer ausência de conteúdos coincidentes entre todas as narrativas. Nesse sentido, apesar da diminuição ou desaparecimento de qualidades e atributos das representações da conta dos anos e dos topônimos de *altepetl* e de paisagem, esses dois conjuntos de registros continuaram, em grande medida, presentes nas histórias produzidas ao longo dos séculos XVI e início do XVII. As análises realizadas demonstram que as histórias coloniais mexicas passaram, portanto, por uma profunda transformação de sentido³⁰⁶, e, conseqüentemente, de uma reformulação de suas concepções de tempo, espaço e de história ao longo do período colonial. As continuidades e transformações nas concepções de tempo e espaço mexicas no período

³⁰⁵ O autor ainda define uma terceira etapa, que vai de 1640-1650 até, pelo menos, 1800, na qual os nahuas adotaram mais elementos castelhanos, de forma que se criou, em alguns casos, um amálgama entre as duas tradições. LOCKHART, James. *Los nahuas después de la conquista...*, pp. 605-637.

³⁰⁶ NAVARRETE LINARES, Federico. "The path from Aztlan to Mexico, on Visual Narration in Mesoamerican Codices" in: *Res. Aesthetics and Anthropology*, v. 37, 2000, p. 31-48.

colonial inicial não se tratam, portanto, do abandono total das tradições pré-hispânicas em direção a concepções estritamente europeias, mas sim, da construção de uma nova historicidade, que cumpria novas funções no cenário político da Nova Espanha.

As características das concepções de tempo mexicas e suas transformações apresentadas acima permitiram, ainda, algumas inferências sobre a concepção de história mexica durante o período colonial, entendendo, portanto, que tempo e espaço fazem parte dessa concepção, juntamente com os personagens e acontecimentos relatados. Dessa forma, o período da migração iniciava as narrativas com lugares de origem e, em seguida, apresentava lugares de passagem. A representação dos lugares de origem era acompanhada do desdobramento da marcação temporal, enquanto os lugares de passagem o comprimiam. Já o período imperial era iniciado pelo lugar fundacional de México-Tenochtitlan, de forma que seu espaço era implícito ou subsumido em relação aos acontecimentos, e também apresentava lugares de conquista. Ao relatar a fundação do *altepetl* mexica, a marcação do tempo se desdobrava em algumas narrativas e, posteriormente, era homogeneizado em uma espécie de linha do tempo. Por fim, o período colonial continuava apresentando eventos no espaço implícito de México-Tenochtitlan, mas também incluía acontecimentos ocorridos em locais circunvizinhos e lugares exteriores à Mesoamérica. Esse período era marcado pelo desdobramento da marcação do tempo na narração da conquista castelhana e, em seguida, o ritmo narrativo era homogeneizado por uma linha do tempo que, em algumas narrativas, desdobrava os anos do *xiuhmolpilli* em datas cristãs formadas por mês e dia.

Essas características que compõem as concepções de história mexica podem ser aproximadas com a ideia dos *cronotopos históricos*, definida por Federico Navarrete Linares³⁰⁷. Segundo o autor, os *cronotopos* se configuravam como uma construção narrativa de tempo e espaço que conferiam historicidades e identidades próprias às histórias produzidas por cada um dos *altepeme* nahuas, entre os quais estava o *altepetl* de México-Tenochtitlan. Dessa forma, o desdobramento, compressão e homogeneização da marcação do tempo e as categorias de lugares mencionados como características das concepções de história mexicas podem ampliar a caracterização do *cronotopo da migração*, do *cronotopo imperial ou dos tlatoque* e do *cronotopo colonial* – sendo que este último pode, até mesmo, ser repensado como se fosse um *cronotopo linear ocidental*³⁰⁸.

³⁰⁷ *Idem. Los orígenes de los pueblos...*, pp. 203-206. COLIN Miranda, Minerva. *Un tiempo, un espacio, un pueblo...*, p. 83.

³⁰⁸ NAVARRETE LINARES, Federico. “¿Dónde queda el pasado?...”

Acredito que pesquisas futuras poderiam avançar no entendimento das concepções de história mexicas, conjugando as conclusões obtidas nesta dissertação com o entendimento da atuação dos personagens representados ao longo das histórias, portanto, com a categoria de agentes. Assim, seria possível fortalecer ou comprovar a ideia de que há diferentes historicidades relacionadas a cada um dos três períodos narrados. Igualmente, seria apropriado analisar as concepções de tempo, espaço e história mexicas presentes em outras narrativas históricas pictográficas mexicas produzidas ao longo desse período.

Por fim, espero que essa pesquisa possa contribuir para a compreensão das concepções de tempo e espaço mexicas, bem como de suas continuidades e transformações ao longo dos séculos XVI e início do XVII nas histórias produzidas pelos habitantes de México-Tenochtitlan, ainda que em conjunto com missionários e autoridades castelhanas. Procurei, por meio dessa dissertação, entender os tipos de pensamento que se manifestavam nessas narrativas, visando contribuir, ainda, para a difusão dos estudos dos códices e textos coloniais mesoamericanos e, de maneira mais ampla, para o desenvolvimento da História Indígena no Brasil.

REFERÊNCIAS

1. Fontes

Códice Aubin. In: DIBBLE, Charles E. *Codex Aubin. Historia de la nación mexicana. Reproducción a todo color del Códice de 1576*. Colección Chimalistac, v. 16. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, 1963.

Códice Boturini – Tira de la peregrinación. In: CORONA NÚÑEZ, José. “Códice Boturini” in: *Antigüedades de México basadas en la recopilación de Lord Kingsborough*. V. 2. México: Secretaría de Hacienda y Crédito Público, 1967.

Códice Mendoza. In: BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Riel (ed.). *The Codex Mendoza*. Los Angeles: University of California Press, 1992.

Códice Vaticano A. In: ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religión, costumbres e historia de los antiguos mexicanos. Libro explicativo del llamado Códice Vaticano A*. Espanha: SEQC & Áustria: ADEVA & México: FCE, 1996 (Códices Mexicanos XII).

Manuscrito 40 - Historia Mexicana desde 1221 hasta 1594. Paleografia, tradução do nahuatl ao espanhol, introdução e notas por Elia Rocío Hernández Andón. In: *Proyecto Amoxcalli – CIESAS/CONACyT*. Projeto de microfilmagem, paleografia, tradução e estudo dos manuscritos do Fundo de Manuscritos Mexicanos da Biblioteca Nacional da França (2000-2010). Disponível em: <<http://amoxcalli.org.mx/>>. Acessado em: 08/12/2016, 15:00.

2. Obras de Referência

ADAMS, R. E. W. & MACLEOD, Murdo (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas*. V. II. Mesoamerica. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ALCINA FRANCH, José. *Códices Mexicanos*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

SIMEÓN, RÉMI. *Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana*. México: Siglo XXI, 1986 (1ª ed. em francês, 1885).

SULLIVAN, Thelma D. *Compendio de la gramática náhuatl*. Prefácio Miguel León Portilla. (1ª ed. 1976). México: UNAM-IIH, 1998.

WAUCHOPE, Robert (editor). *Handbook of Middle American Indians*. V. 14-15. Austin: UTP, 1975.

3. Obras historiográficas

ANDERS, Ferdinand. *Los templos del cielo y de la oscuridad. Oráculos y liturgia. Libro explicativo del llamado Códice Borgia*. Espanha: SEQC & Áustria: ADEVA & México: FCE, 1993.

_____. *Origen e historia de los reyes mixtecos. Libro explicativo del llamado códice Vindobonensis*. Graz: ADEVA & Madrid: SEQC & México: FCE, 1992.

_____; JANSEN, Maarten; PÉREZ JIMÉNEZ, Gabina Aurora. *El Libro de Tezcatlipoca, señor del tiempo. Libro explicativo del llamado códice Fejérváry-Mayer*. Graz/México: ADV/FCE, 1994.

_____; _____; REYES GARCÍA, Luis. *Crónica mixteca: El rey 8 venado, Garra de Jaguar, y la dinastía de Tezacualco-Zaachila. Libro explicativo del llamado códice Zouche-Nuttall*. Graz: ADEVA & Madrid: SEQC & México: FCE, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo, Editora UNESP, 1998 (1ª ed. em russo, 1975).

BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Rielf (ed.). *The Essential Codex Mendoza*. Los Angeles: University of California Press, 1997.

BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. "A Conquista do México" in: *História do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1997, pp. 313-353.

BOONE, Elizabeth Hill. *Stories in red and Black: Pictorial histories of the Aztecs and Mixtecs*. UTP: Austin, 2000.

BROWN, Betty Ann. *European Influences in Early Colonial Descriptions and Illustrations of the Mexican Monthly Calendar*. Dissertação (Doutorado em História da Arte). Albuquerque: University of New Mexico, 1977.

BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. México: FCE, 1997.

_____. *Painted books from Mexico*. Londres: British Museum Press, 1995.

- CARBONE, Carla de Jesus. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial inicial (1540-1630)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2014.
- CARRASCO, Pedro. *Estructura político-territorial del Imperio tenochca. La Triple Alianza de Tenochtitlan, Tetzaco y Tlacopan*. México: COLMEX y FCE, 1996.
- CASTAÑEDA DE LA PAZ, María. *Conflictos y alianzas en tiempos de cambio: Azcapotzalco, Tlacopan, Tenochtitlan y Tlatelolco (siglos XII-XVI)*. México: IIA-UNAM, 2013.
- CHAVERO, Alfredo. *Historia antigua y de la conquista* in: RIVA PALACIO, Vicente. *México a través de los siglos*. T. 1, v. 2. México: Editorial Cumbre, 1967.
- COLIN Miranda, Minerva. *Un tiempo, un espacio, un pueblo: los mexicas - Análisis del Códice Aubin*. Tese (Trabalho de conclusão de curso em História). México: UNAM, 2007.
- DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *El maíz se sienta para platicar. Códices y formas de conocimiento nahua, más allá del mundo de los libros*. México: Universidad Iberoamericana, 2016.
- _____. "La primera lámina del código Vaticano A. ¿Un modelo para justificar la topografía celestial de la antigüedad pagana indígena?" *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas*, v. XXXI, n. 95, pp. 1-44. México: UNAM-IIE, 2009.
- _____. *Las formas del tiempo. Tradiciones cosmográficas en los calendarios indígenas del México Central*. Tese (Doutorado em História da Arte). México: UNAM, 2011.
- ELLIOTT, John. "A conquista espanhola e a colonização da América". In: *História da América Latina: América Latina colonial*, v. I. Trad. Maria Clara Cescato, 2ª. ed., São Paulo: Edusp & Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998.
- FERNÁNDEZ CHRISTLIED, Federico; GARCÍA ZAMBRANO, Ángel Julián (coord.). "Introducción" in: *Territorialidad y paisaje en el altepetl del siglo XVI*. México: FCE, Instituto de Geografía - UNAM, 2006.
- FRANÇA, Leila Maria. "Cosmopolitismo, fluxo de bens e informação: o jade em Teotihuacan e as formas de interação na Mesoamérica" in: BERTAZONI, Cristiana; SANTOS, Eduardo Natalino dos; FRANÇA, Leila Maria (org.). *História e*

- arqueologia da América Indígena. Tempos pré-colombianos e coloniais.* Florianópolis: Editora UFSC, 2017.
- GALARZA, Joaquín. “Los códices mexicanos”. In: *Arqueología Mexicana: Códices Prehispánicos*. N. 23. México: Editorial Raíces, jan.-fev. 1997.
- _____; LIBURA, Krystyna M. *Para leer: La tira de la Peregrinación*. México: Ediciones Tecolote, 1999.
- GIBSON, Charles. *Los aztecas bajo el dominio español, 1519-1810*, 11ª ed. (1ª ed. em inglês, 1964). México: Siglo XXI, 1991.
- GONZALBO ESCALANTE, Pablo. *Los códices mesoamericanos antes y después de la conquista española. Historia de un lenguaje pictográfico*. FCE: México, 2010.
- GRAULICH, Michel & BARLOW, Robert H. (Introdução e comentários) *Códice Azcatitlan*. (trad. espanhol Leonardo López Luján). Paris: Société de Americanistes, 1995.
- GRUZINSKI, Serge. *A colonização do Imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol – Séculos XVI-XVIII*. (trad. Beatriz Perrone-Moisés; 1ª ed. em francês, 1988). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HAMANN, Byron Ellsworth. *The translations of Nebrija: Language, culture, and circulation in the early modern world*. Amherst & Boston: University of Massachusetts Press, 2015.
- HASSIG, Ross. *Time, history and belief in Aztec and Colonial Mexico*. Austin: UTP, 2001.
- HERMANN LEJARAZU, Manuel A. *Arqueología Mexicana. Códice Nuttall*. Ed. especial n. 23. México: Editorial Raíces, 2007.
- _____. *Códice Colombino: una nueva historia de un antiguo gobernante*. México: INAH, 2011.
- HERNÁNDEZ ANDÓN, Elia Rocío. *Manuscrito 40 - Historia Mexicana desde 1221 hasta 1594*. Paleografia, tradução do nahuatl ao espanhol, introdução e notas. In: *Proyecto Amoxcalli – CIESAS/CONACyT*. Projeto de microfilmagem, paleografia, tradução e estudo dos manuscritos do Fundo de Manuscritos Mexicanos da Biblioteca Nacional da França (2000-2010). Disponível em: <<http://amoxcalli.org.mx/>>. Acessado em: 08/12/2016, 15:00.

- HERREN, Angela Marie. *Portraying the Mexica past: A comparison of sixteenth-century pictorial accounts of origin in Codex Azcatitlan, Codex Boturini, and Codex Aubin*. Tese (Doutorado em História da Arte). City University of New York, 2005.
- JOHANSSON K., Patrick. *Arqueología Mexicana: Tira de la Peregrinación (Códice Boturini)*. Ed. especial n. 26. México: Editorial Raíces, dez. 2007.
- _____. *La palabra, la imagen y el manuscrito: lecturas indígenas de un texto pictórico en el siglo XVI*. México : UNAM, 2007 (2ª ed.).
- JOHNSON, Benjamin D. "Introduction: history and tlaxilacalli" in: *Pueblos within Pueblos: Tlaxilacalli Communities in Acolhuacan, Mexico, ca. 1272–1692*. Boulder: University Press of Colorado, 2017.
- KEBER, Eloise Quiñones. *Codex Telleriano-Remensis: ritual, divination and history in a pictorial Aztec manuscript*. Austin e Hong Kong: UTP, 1995.
- KUBLER, George & GIBSON, Charles. "The Tovar Calendar" in: *Memoires of the Connecticut Academy of Arts & Sciences*. V. XI. New Haven: Yale University Press, 1951.
- KUTSCHER, Gerdt; LEHMANN, Walter; VOLLMER, Günter. *Geschichte der azteken. Codex Aubin und verwandte Dokumente*. Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1981.
- LEÓN PORTILLA, Miguel. *Códices. Los antiguos libros del Nuevo Mundo*. México: Aguilar, 2003.
- _____. *Códices – os antigos livros do Novo Mundo*. (Trad. Carla de Jesus Carbone). Florianópolis: Editora UFSC, 2012.
- _____. *Historia de México*. T. 4. México: Salvat Mexicana de Ediciones, 1978.
- _____. *Literaturas indígenas de México*. Madrid, Editorial Mapfre: 1992.
- LIMA, Ana Cristina de Vasconcelos. *Os agentes nas histórias mixtecas pré-hispânicas e coloniais*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo, FFLCH-USP, 2017.
- LOCKHART, James. *Los nahuas después de la Conquista. Historia social y cultural de los indios del México central, del siglo XVI al XVIII*. (Trad. Roberto Ramón Reyes Mazzoni; 1ª ed. em inglês, 1992). México: FCE, 1999.
- LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *Hombre-dios: religión y política en el mundo náhuatl*. México: UNAM – IAH, 1973.

_____; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: FCE, COLMEX e FHA, 2001 (2ª ed.).

_____; _____. CHIARI, Giacomo; CARRIZOSA, Fernando. "Línea y color en Tenochtitlan. Escultura policromada y pintura mural en el recinto sagrado de la capital mexicana" in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. V. 36. México: UNAM-IIH, 2005. Disponível em: <<http://www.mesoweb.com/about/articles/Linea-y-color.pdf>>. Acessado em 12/08/2017, 15:00.

MARCUS, Joyce. *Mesoamerican writing systems. Propaganda, myth and history in four ancient civilizations*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

MARTÍNEZ MARIN, Carlos. "Historiografía de la migración mexicana" in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. V. 12. México: UNAM-IIH, 1976.

MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. "Conquistas mexicas, conquistas castelhanas: a construção de uma crônica castelhana alternada com textos pictográficos indígenas na seção histórica do códice *Mendoza*" in: *I Congresso de História Colonial. Anais Eletrônicos*. Campinas: UNICAMP, 2017. Disponível em: <<https://leunicamp.files.wordpress.com/2017/12/eduardo-henrique-gorobets-martins.pdf>>. Acessado em 23/04/2018, 17:00.

_____. "Produção, usos e transformações das histórias coloniais mexicas (séculos XVI e início do XVII)" in: *XXIX Simpósio Nacional de História. Anais eletrônicos*. Brasília: ANPUH, 2017. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1506011583_ARQUIVO_EduardoHenriqueGorobetsMartins-Producao,usosetransformacoesdashistoriascoloniaismexicas.pdf>. Acessado em 08/11/2017, 16:30.

MATHES, W. Michael. *The America's First Academic Library Santa Cruz de Tlatelolco*. Sacramento: California State Library Foundation, 1985.

MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. "Breve historia de Tlatelolco" in: *Arqueología Mexicana. Tlatelolco. Su historia y arqueología*. N. 89. México: Editorial Raíces, jan.-fev. 2008, pp. 28-37.

_____. "El decir de las piedras. Discurso de ingreso a la Academia Mexicana de la Lengua" in: *Arqueología Mexicana*. N. 134. México: Editorial Raíces, 2015.

- _____. "El México prehispánico y los símbolos nacionales" in: *Arqueología Mexica*. N. 100. México: Editorial Raíces, nov.-dez. 2009.
- _____. *Vida y muerte en el Templo Mayor*. México: FCE, 1998.
- _____; SOLIS OLGUIN, Felipe (org.). *Aztecs: exhibition catalogue*. London: Royal Academy of Arts, 2002.
- MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Histoire mexicaine depuis 1221 jusqu'en 1594. Manuscrito núm. 40 del Fondo de Manuscritos Mexicanos, Biblioteca de Francia*. México: INAH, 1998.
- MENGIN, Ernest. "Commentaire du Codex Mexicanus n° 23-24 de la Bibliothèque Nationale de Paris" in: *Journal de la Société des Américanistes*. T. 41, n. 2. Paris, 1952.
- MONTERO, Paula. "Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural" in: *Idem* (org.). *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.
- MONTORO, Gláucia Cristiani. *Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis. Estudo codicológico*. Tese (Doutorado em História). Campinas: UNICAMP, 2008.
- MORENO DE LOS ARCOS, Roberto. "El Códice Aubin: una revisión necesaria." In: *Primer Coloquio de Documentos Pictográficos de Tradición Náhuatl*. México: UNAM-IIH, 1989.
- NAVARRETE LINARES, Federico. "¿Dónde queda el pasado? Reflexiones sobre los cronotopos históricos". In: *El historiador frente a la historia: el tiempo en Mesoamérica*. Coord. Virginia Guedea. México: UNAM, 2004.
- _____. "La conquista europea y el régimen colonial". In: MANZANILLA, Linda & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México*. V. III. 2ª ed., México: INAH & IIA – UNAM & Miguel Ángel Porrúa, 2001.
- _____. "Las fuentes indígenas más allá de la dicotomía entre historia y mito." In: *Estudios de Cultura Náhuatl* v. 30. México: UNAM-IIH, 1999.
- _____. "Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana", en DALLAL, Alberto (ed.), *La abolición del arte. XXI Coloquio Internacional de Historia del Arte*. México: UNAM, IIE, 1998.

- _____. *Los orígenes de los pueblos indígenas del valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM, 2011.
- _____. "The path from Aztlan to Mexico, on Visual Narration in Mesoamerican Codices" in: *Res. Aesthetics and Anthropology*, v. 37, 2000.
- NEURATH, Johannes. "Los libros de piel de venado" in: *Artes de México. Códices Prehispánicos*. N. 109, 2013.
- NOWOTNY, Karl Anton. *Tlacuilolli: Style and contents of the mexican pictorial manuscripts with a catalog of the Borgia group*. (trad. George A. Everett e Edward B. Sisson; 1ª ed. em alemão, 1961). Norman: University of Oklahoma Press, 2005.
- PASZTORY, Esther. *Aztec Art*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998 (1ª ed. 1983).
- RAMÍREZ, José Fernando. *Códice Boturini*. México: Editor Vargas Rea, 1952.
- RESTALL, Matthew, SOUSA, Lisa e TERRACIANO, Kevin (ed.). "Mesoamericans and Spaniards in the Sixteenth Century" in: *Mesoamerican Voices. Native-Language Writings from Colonial Mexico, Oaxaca, Yucatan, and Guatemala*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- ROBERTSON, Donald. *Mexican manuscript painting of the early colonial period*. New Haven: Yale University Press, 1959.
- ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM, 2011.
- RUIZ, Ethelia. *Mexico's indigenous communities: their lands and histories. 1500 to 2010*. Boulder: University Press of Colorado, 2011.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. "Conquista do México ou queda de México-Tenochtitlan? Guerras e alianças entre castelhanos e *altepeme* mesoamericanos na primeira metade do século XVI." In: *Os índios na História do Brasil*. Dir. John Manuel Monteiro. Disponível em: <http://www.usp.br/cema/images/stories/Conquista_do_Mexico.pdf> Acessado em 17/11/2014, 15:00.
- _____. *Deuses do México indígena: estudo comparado entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- _____. "Os códices mexicas: soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica". In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etonologia da USP*. São Paulo: Editora 14, 2004, pp. 241-258.

- _____. *Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.
- SMITH, Mary Elizabeth. *Picture writing from ancient southern Mexico. Mixtec place signs and maps*. Norman: University of Oklahoma Press, 1973.
- TENA, Rafael. *El calendario mexicana y la cronografía*. México: INAH, 1992 (1ª ed. em 1987).
- _____. "La cronología de la 'Tira de la Peregrinación'." in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. V. 40. México: UNAM-IIIH, 2009.
- THOUVENOT, Marc; VILLEJUIF, Celia. "Escrituras y lecturas del *xiuhtlalpilli* o ligadura de los años" in: *Estudios de Cultura Náhuatl*. V. 34. México: UNAM-IIIH, 2003.
- UBELAKER, Douglas. "North American Indian Population Size: Changing Perspectives". In: VERANO, John W., e UBELAKER, Douglas H. *Disease and demography in the Americas*. Washington e Londres: Smithsonian Institution Press, 1992.
- UMBERGER, Emily. *Aztec Sculptures, Hieroglyphs and History*. Tese (Doutorado em História da Arte). New York: Columbia University: 1981.
- VALLE, Perla. "Códices coloniales" in: *Arqueología Mexicana: Códices Prehispánicos*. N. 23. México: Editorial Raíces, jan.-fev. 1997.
- VELA, Enrique. *Arqueología Mexicana. Los Tlatoanis Mexicas*. Ed. especial n. 40. México: Editorial Raíces, out. 2011.